00083135

Por
913.54
Mou/Ins
83135

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from
Hermès India
a project facilitated by the Rotary Club of Bombay
on 10 August, 2018

INSCRIPÇÕES INDIANAS

EM

CINTRA

NOTULAS DE ARCHEOLOGIA HISTORICA E BIBLIOGRAPHIA

ÁCERCA DOS TEMPLOS HINDÚS

83135

DE

SOMNÁTH-PATANE E ELEPHANTA

POR

J. Herculano de Moura

Primeiro Tenente da Armada Real, Governador de Diu,
Socio correspondente da Real Associação dos Archeologos Portuguezes,
Membro da Real Sociedade Asiatica, Ramo
de Bombaim, etc. etc. etc.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

11. C-50

NOVA GOA

IMPRENSA NACIONAL

1906

PJC913.54
Mou/9ns
83135

00083135

A

Ex.mo Sr. Conselheiro

FRANCISCO FELISBERTO DIAS COSTA

Ministro e Secretario d'Estado Honorario;
Digno Par do Reino;
Tenente-coronel de Engenheria;
Lente da Escola do Exercito e do Instituto
Industrial e Commercial de Lisboa;
Director Geral do Ultramar
E
Gran-cruz, Commendador, Official
e Cavalleiro de varias ordens
nacionaes e extrangeiras,
etc. etc. etc.

O. C. e D.

O Autor.

A peça de Diu e as estelas que se conservam na quinta da Penha Verde, em Cintra, sobretudo estas ultimas, são objectos que mais despertam a attenção dos orientalistas.

Dr. Sousa Viterbo—O Orientalismo em Portugal.

Pro captu lectoris habent sua fata libelli.

Terentianus Maurus — Carmen Heroicum.

PALAVRAS NECESSARIAS

No decurso de um longo e minucioso estudo, sobre a acção guerreira e civilisadora de Portugal no Kathiawar, chegámos ao conhecimento de interessantes particularidades que, intimamente, se prendem com a solução de uma antiga duvida historico-archeologica, entre nós: — a significação e origem das inscripções orientaes actualmente existentes em Cintra, na historica quinta da Penha Verde. Vamos condensal-as aqui; não com pretensões a dizer a ultima palavra sobre o assumpto, mas antes com a mira de chamar para elle a attenção de outros, mais competentes, a fim de se resolver, de vez, o problema que tem dado logar a mais de uma interpretação erronea, e pode

e deve ser esclarecido por algum orientalista portuguez, como contribuição nacional para o estudo da vasta e importantissima epigraphìa indiana.

Estamos longe de bibliothecas publicas, de professores e de sanskritólogos a que nos possamos recorrer, para esclarecimentos elucidativos; trabalhamos com a nossa livraria particular e com uma serie de apontamentos, pachorrenta e persistentemente colligídos, durante rapidas passagens por Bombaim; por isso esta pequena monographia conterá incorrecções de fórma, que o cansaço de seis annos de trabalho extenuante n'este clima não pode já supprir. E, antes de mais nada, devemos tambem dizer que somos um curioso e não um orientalista encartado, nem sanskritólogo erudito.

Durante muitos annos não se deu importancia ás *pedras orientaes* de Cintra e depois estabeleceu-se uma lastimavel confusão com ellas: uns chamaram-n'as mouriscas; outros citaram só uma das inscripções ignorando que fossem duas; houvé quem confundisse o assumpto da pedra que davam como existente, com o que resava justamente aquella que mostravam desconhecer. Ainda ha bem pouco tempo, esta confusão se patenteava em uma publicação de certa importancia e isso mais nos convenceu a escrever esta memoria.

É extensa já a bibliographia epigraphica da India Occidental—de Bombaim a Cutch-Mandvi—e

entre os sabios cultores d'esse pacientissimo estudo, entre alguns d'elles pelo menos, não é desconhecido o paradeiro das duas preciosidades archeologicas, mandadas para Portugal por um d'esses Vice-Reis, que alliava ao enthusiasmo das victorias militares o culto das Bellas-Artes e das Bellas-Letras. Infelizmente, tirante o valioso estudo do sr. professor Vasconcellos Abreu, que citaremos adiante, são os extrangeiros que se teem dedicado a conjecturar, de longe, sobre o valor das inscripções orientaes de Cintra e a um extrangeiro se deve a descoberta da pedra já hoje traduzida.

De tempos a tempos, apparecem tentativas nacionaes para resolver a questão; mas tão pouco, é o apreço que essas historicas pedras parece terem tido entre nós, que nenhum impulso decisivo tem sido dado a esse interessante estudo, apezar de se referir a *monumentos da mais alta importancia*, no dizer conceituoso do sr dr. Sousa Viterbo, o erudito e incansavel professor portuguez, a quem, ha pouco, se acabou de prestar uma merecida apotheose scientifica. A essas estelas e á *peça de Diu* se refere elle em um curioso estudo sobre a acção scientifica e artistica, exercida entre nós pela conquista da India e suas continuas relações com a metropole (1). Sobre a *peça de Diu* já se tem

(1) *O Orientalismo em Portugal no seculo XVI*, no *Bol. Soc. Geographia de Lisboa*, 12.ª serie, n.os 7 e 8.

escripto alguma cousa (1), e quando publicarmos a nossa «Historia de Diu», em preparação, teremos occasião de nos referirmos largamente a ella; agora temos opportunidade de tratar das estélas (2) de Cintra que, por mais de um motivo, se ligam á historia da acção portugueza no Guzerathe.

Com este estudo pretendemos despertar novo interesse por essas pedras; resolver os problemas historicos e archeologicos que a ellas se ligam; chamar para ellas, emfim, a definitiva attenção dos nossos compatriotas, que, ao extasiarem-se perante a exuberante vegetação da Cintra poetica, se vão esquecendo que—a dois passos da formosa Pena—

(1) É valioso o estudo dos srs. Esteves Pereira e David Lopes — A *Peça de Diu* —, pub. em 1892, como contribuição para o Congresso internacional dos Orientalistas.

(2) Diremos indistinctamente *estéla* ou *lápida*, se bem que estes termos não sejam rigorosamente synonimos. *Estéla* do grego *Stèllê*, do latim *Stella* (*ae*) ou *Stelle* (*es*) significa, é certo, pedra quadrangular com letreiro; mas propriamente representa a chapa de cobre ou rectangulo de pedra onde se gravavam as leis, decretos de assembléas populares, etc., e que continham esculpturas representando usos e costumes dos tempos antigos, e animaes domesticos venerados pelos egypcios, gregos e romanos. *Lapida*, deriva, do latim *Lapis* (*idis*), significa precisamente — «a pedra» — e tambem se emprega com a significação de pedra tumular com inscripção. Á lápida de Somnath-Patane fica bem o nome de estella, pois é ella uma *Sasana*, cuja significação adiante daremos. O mesmo não sabemos se succede á outra pedra de Cintra. Temos, porém, a abalisada opinião do sr. professor Sousa Viterbo, que assim classificou ambas as inscripções.

ainda existe uma preciosidade, a qual tem passado quasi totalmente dispercebida de tantos forasteiros, que annualmente se vão deleitar em frente d'esses soberbos restos architectonicos da civilisação arabe na Lusitania os quaes, ha bem pouco tempo ainda, mereceram a cuidadosa attenção do genial lapis da Rainha, collaborando ao lado da artistica penna de um erudito fidalgo portuguez (1).

Para melhor salientarmos o valor d'essas inscripções daremos noticia dos templos hindús em cujas paredes primitivamente estiveram esculpidas; depois faremos, longe d'essas pedras e sem conhecimento visual d'ellas, as considerações que nos suggerir tudo que a seu respeito temos lido. Será um pequeno subsidio para o estudo d'essas inscripções, e onde falhar a originalidade da exposição ou peccar a justeza da critica, encontrar-se-ha a boa vontade de querer tirar algum pratico resultado de

(1) No magistral livro do sr. Conde de Sabugosa — *O Paço de Cintra*—que, além de ser uma erudita monographia historica, encerra muitas noticias archeologicas, nenhuma referencia encontramos acerca d'estas duas lápidas orientaes. Nas citas das paginas preciosas d'esse livro não lobrigamos sequer uma accidental referencia a ellas. Não é a lacuna que salientamos aqui, o que seria descabido, pois o assumpto do livro é diverso; mas o pezar de não termos a autorisada opinião do estudioso fidalgo e elegante estilista portuguez sobre essas estéllas da Penha Verde. A' quinta se allude a pg. 104, 119, 160, 166 e 205. Adiante nos serviremos d'este livro com relação ao presente estudo.

tanto labutar em velhos alfarrabios das bibliothecas de Bombaim e nos livros, relatorios, memorias, etc. de que aqui nos temos cercado, n'este solitario e banal retiro jesuitico, ensombrado pelas cantantes folhagens de esguias e tortuosas palmeiras, continuamente acurvadas aos impetos teimosos do sudoeste benefico, unico estimulante ao alcance de quem em Diu queira escrever!

Malála (Diu), julho de 1906.

J. Herculano de Moura

SUMMARIO

CAPITULO I

Somnáth-Patane

Pag.

Viravol e a antiga cidade de Anhilvará Patane. Krisna e a lenda de Somnath no *Mahábarátha*. Os Chaulukyas do Guzerathe. O primitivo pagode de Somnáth e as suas transformações na epocha puranica. As invasões mahometanas. Mahmude Ghaznivéda e o idolo de Somnáth. As reconstrucções do pagóde. Questões etymologicas. O Kathiawár e os antigos escriptores arabes. As ruinas de Somnath 1

CAPITULO II

Elephanta

A ilha de *Puri* é a *pory* de Simão Botelho. D. João de Castro e a ilha do *Alifante*. A origem verdadeira do nome *Elephanta*. Garcia da Orta e a ilha. Os outros possuidores portuguezes. Diogo do Couto e o templo subterraneo. A descripção das *capellas* do pagode. A Amazona dos antigos escriptores europeus é a imagem de *Ardhanari*, o Siva hermaphrodita. As ruinas archeologicas da ilha e a dominação portugueza. A origem das grutas e as versões portuguezas e extrangeiras. As modernas hypotheses. A lenda chineza e os geographos antigos. As classificações dos templos indianos excavados em rocha. A Elephanta é uma gruta brahmanica do seculo VIII. Opinião do dr. Gerson da Cunha e a moderna theoria de H.

Cousens. A bibliographia elephantina e Garcia da Orta. Escriptores portuguezes. Escriptores extrangeiros. O choque das religiões na costa do Concão. Nuno da Cunha e Bahadur. O desleixo dos primeiros possuidores christãos da ilha e gruta de Elephanta. Os inglezes em Diu e os portuguezes na Elephanta. Parallelo historico. A lenda dos vandalismos portuguezes á face de opiniões insuspeitas de criticos cosmopolitas. Os autores lusophobos e a imparcialidade historica. Os guias de Bombaim. Critica azeda de um archeologo-tasqueiro. Uma reivindicação patriotica 37

CAPITULO III

A Adoração do Linga

Somnáth-Patane e Elephanta são templos hindús da seita sivaita. Opiniões de Diogo do Couto e D. João de Castro ácerca do *linga*. Os nossos chronistas e o hindúismo. Duarte Barbosa e a orthodoxia brahmanica. Os *Védas* e o *Codigo de Manú*. O bhudismo e a dissidencia hindú. A theodicéa brahmanica e o gnosticismo indiano. Siva e Parvati. A lenda do *linga* e os *Puranas*. A encarnação pornographica de Siva. O culto naturalistico e o transformismo darwiniamo. O desgraçado Ashavérus hindú. Os doze *lingas* principaes e o templo de Somnáth. O *linga* e o culto phallico do Occidente. O *yoni* e os mysterios eleusinos. O *linga* venerado em Somnáth e o da Elephanta. O *Maha-Sivarátri*. Exoterismo e esoterismo brahmanico. O langotim e o lingaismo. O sensualismo greco-romano e a licença indiana 114

CAPITULO IV

As Estélas de Cintra

A quinta da Penha Verde. D. João de Castro e o orientalismo em Portugal. O Monte das Alviçaras em

Cintra e a victoria de Diu. Os portuguezes em Somnáth Patane. As pedras orientaes de Cintra foram levadas ou mandadas da India por D. João de Castro. Diogo do Couto origina a confusão ácerca das duas inscripções orientaes. Murphy e a versão de Wilkins. Os escriptores portuguezes que se occuparam das inscripções de Cintra. A nossa pista e o trabalho do dr. Vasconcellos Abreu. O Visconde de Santarém e o décalque de Murphy. As duas inscripções. A versão de Bühler. A nossa traducção, *in extenso,* é feita sobre a versão, em guzerathe, de um *pandita* de Diu. Commentarios ácerca da inscripção de Somnáth. Importancia histórica da lápida. Restabelece-se a verdade ácerca da pedra maior da Penha Verde. Prova-se que a inscripção menor é que deve ser de Elephanta. Couto e o imperador Asóka. Os escriptores inglezes e as pedras de Cintra. O processo geometrico do coronel Fernando Leal. O methodo que propomos e a archeologia em Diu 139

CAPITULO V

Conclusões — Alvitres

Affirmações categoricas. Probabilidades historicas. A genése do presente estudo. As citações bibliographicas. As lápidas de Diu. O abandono da epigraphia indo-portugueza. A possivel acção scientifica e patriotica do padroado no Oriente. O governo e as lápidas africanas. Um appello á Sociedade de Geographia para a salvação das inscripções orientaes. A Direcção Geral do Ultramar e a epigraphia luso-africana. Agradecimentos do autor. A razão da offerta d'este estudo. 225

INDICE

	Pag.
Palavras necessarias	IX
Summario	XV
Somnath-Patane	1
Elephanta	37
A adoração do *linga*	114
As Estélas de Cintra	139
Conclusões. Alvitres	225
Appendice I	241
Appendice II	247
Advertencia final	255
Corrigenda	257

Collocação da gravura — entre a pg. 46 e pg. 47

I

SOMNÁTH-PÂTAN

É dos templos hindús aquelle que foi mais venerado na antiguidade. Ainda se notam as suas ruinas em Pâṭan (1), proximo de Viravol (2), a uns 80 kilometros de Diu. Quem viaja por terra para este districto deixa em Viravol os modernos processos de transporte e faz

(1) Seguimos a graphia aconselhada pelo sanskritólogo R. Gopal Bhandarkar, professor em Poona e illustre publicista indiano, em opposição á forma *Pâthan* usada por Bühler. A palavra é derivada do sanskrito *Pattana*. Cf. *Report on the search for Sanskrit Manuscripts, for 1883-84*, pag. 1, nota.

(2) Viravol é a estação de caminho de ferro mais proxima de Diu. E' a antiga e romantica *Velávan* dos Puranas. Kosmas Indikopleustes na sua *Topographia Christiana*, escripta no meado do seculo VI, menciona este porto com o nome de *Orrhotha*, na provincia de Surashtra, e Al. Birúni (seculo X) chama-lhe B'arwi. A imaginação poetica dos hindús ainda lhe deu os nomes de *Velákul*, porto de Ormuz (pelo muito commercio com este porto), *Verával*, de Veralgi, seu fundador e *Vilayasthal*, — «logar encantador» —. Foi porto de frequen-

o resto da travessia em machila, camelo ou *sigrame* (1); começa então a parte incommoda, e ás vezes perigosa, da viagem. Pouco depois de deixar esse porto de Junaghad, e a bella estrada que serpentea alguns kilometros perto da costa, passa pelas seculares muralhas da antiga Pâtan. Dentro d'ellas ha ainda muito que admirar e o itinerario deve ser combinado de fórma a passar de dia por Pâtan; isto é, sahir de Viravol para Diu pela manhã cedo ou chegar áquelle porto antes do sol posto (2).

A cidade que consideramos aqui, não é a antiga capital do Guzerathe, edificada por Vánarája, da dynastia

cia obrigatoria de hindús e mahometanos;— nas peregrinações d'estes para Méca e d'aquelles para Somnáth.

Ahi foi morto Krishna e Rukiminí, acompanhada das outras viuvas dos bravos Jadavas, suicidou-se em gigantesco *sáti*, suffocando assim os seus amorosos lamentos. Desde então se chamou a Viravol o *campo das lamentações*. Ainda se mostra ahi o sagrado *Tanque das Gopis*, as encantadoras pastorinhas do Apollo hindú, do lendario heroe dos Puranas, que falleceu 1100 annos antes de Christo. — Cf. Tod, *Travels in Western India*, 353; *Rajasthan*, I, 533; Forbes, *Râs Mâla* (edição de 1878), 252; Balfour, *Cyclopaedia of India* (1885), II, 610, III, 454; *History of Gujarát, in Bombay Gazetteer*, I, Part. I, 521, 534; *Kathiawár*, Ibid. VIII, 686-687; Elphinstone, *History of India*, 99.

(1) Carro de molas, com duas rodas altas, puxado por bois. Proprios para travessias de regiões arenosas ou cortadas de ribeiros. Der. do sanskrito *s'ighra* (em maratha *s'ighr*) «rápido» ou «de forma rápida.» São muito usados no Kathiawár.

(2) De machilla gastam-se 18 horas (viagem seguida, com *boiás* de sobrecellente para mudas). De sigrame pouco menos.

dos Chavarás, no anno 765 (A. D.), conhecida antigamente por *Anahilapúra* ou *Anahilavará*—Pâtan (em guzerathe *Anahilaváda*, com *d* cerebral) do sanskrito *Anahilaváta*, logar de Anahila (1). A palavra *Pattan* em hindú significa—«cidade escolhida»—ou melhor «logar escolhido» (2) e d'ahi o nome que começou a usar-se para a capital do antigo Guzerathe no local escolhido por Anahila (3). Vamos occupar-nos da não menos celebre *Pâtan-Somnath*, tambem conhecida por: *Prabhás-Pâtan* (4), *Div* ou *Deo-Pâtan* (5) e actualmente por Viravol-Pâtan, situada por 23.°63' lat. *N.* e 70.°24' long. *E.* Green., á pequena distancia, por tanto, de Diu. Esta cidade figura nas lendarias narrações dos Puranas, mas ainda não se fixou a éra exacta da sua edificação. Não

(1) O pastor que indicou a Vanarája (ao tempo um aventureiro) o local para a edificação da famosa cidade.

(2) E' a versão do *Mirat-i-Ahmadi*, trad. por Bayley; mas melhor lição será talvez derivar do sanskrito *patna*, qualquer villa ou cidade. Cf. *Hobson — Jobson*, verb. *Patna;* Balfour, *Cyclopaedia of India,* verb. *Pattana*; Bayley, *History of Gujarát*, 26; Edolgy Dósabhay, *Hist. of Gujarát,* 10–11.

(3) Os inglezes corromperam a palavra para *Anhilwár-Pátan,* ou simplesmente *Nalwará*, *Narhrwâra, Nahrwála-Patán.* Em todas estas fórmas a emprega Elliot, transliterando os auctores orientaes. Além d'estas variantes graphophoneticas, Tod ainda emprega outra: *Anhulpoor* ou *Anhulnyr* de *Anhul* + *nyr*, significando *Anhul* o nome do pastor (*Anahila*) e *nyr* do pracrito — *nagárá* — «uma cidade fortificada». Cf. *Hist. of India as told by its Historians*, VIII, *Geographical India*, XXIX, *Travels in Western India,* 144, 145, 153.

(4) Ou melhor *Prabhasa*, que significa — «extremamente brilhante» —. Um dos capitulos de *Skand-Purana* explica em alguns *shlokas* esta designação. Vid. *Kathiawár* cit., 608–609.

(5) *Dio* ou *Deo* é a nossa *Diu.*

ha, porem, razão para se confundir com a antiga capital politica do Guzerathe, se bem que foi a sua capital religiosa, sendo contemporanea d'aquella e talvez mais antiga em fundação. O que se conhece de mais positivo dáta do começo da acção mahometana no Guzerathe, pois então começam as narrações historicas dos escriptores arabes e persas e pode-se estabelecer uma rigorosa successão chronologica nos fastos d'esta parte do Hindostão. Antes d'isso, ou o synchronismo com os successos narrados pelos escriptores gregos que vieram á India com Alexandre, ou a profusa e valiosa epigraphia do Guzerathe, são as fontes aonde ir buscar os elementos de um estudo consciencioso. As proprias chronicas jainistas não merecem fé absoluta, pois são muitas vezes eivadas de parcialidade religiosa, e sabe-se que foi este espirito theocratico do hindú que prejudicou fundamentalmente a Historia: os indios nunca tiveram o verdadeiro sentimento historico, pois, absorvidos com abstracções pantheistas e entretidos com especulações mythologicas, sobre as genealogias dos seus deuses interminaveis, deixaram de parte o estudo do mundo real, amedrontados com as tetricas possibilidades d'um futuro, que a velhacaria dos sacerdotes lhes mostrava sempre aterrador (1).

(1) Em umas das substanciosas conferencias feitas pelo sr. professor Consiglieri Pedroso na *Sociedade dos Jornalistas e Escriptores Portuguezes,* ha 20 annos, é este assumpto muito bem desenvolvido. Ainda ha poucos dias, relemos com palpitante interesse esse magistral estudo sobre a India antiga. Cf. *O Mundo Oriental* (1884), 214; M'Crindle, *Ancient India* (1901), pag XII; Elphinstone, *Hist. of India* (1905), pag. VI.

No *Mahabarátha* vêmos Krishna fundar a sua capital em Dwarkan, no extremo *NW* da peninsula do Kathiawár, 1400 annos antes de Christo. A sua historia liga-se intimamente com a de Pâtan-Somnath, pois foi perto do famoso templo de Somnath que morreu o lendario semideus hindú, atravessado por venenosa setta despedida, por engano, por um desastrado caçador Yadava. Aínda hoje se mostra um frondoso *pimpôl* (1) no proprio local da morte do apaixonado raptor da formosa e fiel Rukumini. E', porém, depois da celebre expedição á India de Mahmude Ghazni, em 1025–1026 A. D., que se falla mais detalhadamente do templo de Somnath-Pâtan. Antes d'isso ha a narração lendaria dos Puranas, não fixando a data exacta da sua edificação; ha as noticias da fundação da capital do Guzerathe em Anahilvará-Patan (2) e da dynastia dos Chavarás por Vanarája (3), mas sem referencia directa ao templo; ha, emfim,

(1) *Ficus religiosa* (L.), que os inglezes escrevem *peepul* do sanskrito *pippala*. Arvore sagrada dos hindús.

(2) A antiga *Patan* ficava por 23.°48' lat. N. e 72.°2' long. E. Gr., na margem sul do rio Saraswati, a 64 milhas ao *NW.* de Ahmedabad e 18' a *W.* de Shiddhapura (estações do caminho de ferro da linha Bombaim — Barodá). No fim do seculo XV nada restava já da antiga cidade que D'Anville confundiu com a actual Ahmedabad, assim como o geographo inglez Rennell. Foi Tod quem descobriu e localisou a primitiva capital do Guzerathe, em 1822. Cf. *Éclaircissemens sur la carte de l'Inde*, 74; *Memoir of a Map of Hindustan*, 227 (ed. de 1793); *Travels in Western India*, 144–145; *Bombay Gazetteer*, I, Part. 1, 229; Burgess, *Archaeological Survey of Western India*, VI, 3–4. etc.

(3) Cf. Mabel Duff, *The Chronology of India* (1899), 65 e 282.

as vagas allusões á santidade do logar aonde morreu Krishna, que passa a ser um local de peregrinação, sem comtudo se fallar de determinado edificio para a adoração de qualquer divindade que encarnasse Krishna. Com a extincção da dynastia dos Chavarás do Guzerathe e subida da dos Solankis ou Chaulukyas, de 941–1243, A. D.(1), começa uma éra de prosperidade para o jainismo, cuja fé é abraçada pelos ultimos monarchas d'esta dynastia guzerathina. Os sacerdotes guardam a relação dos factos historicos passados na peninsula e os seus escriptos começam a fornecer alguma luz sobre a detalhada evolução politica e religiosa do Kathiawár. A epigraphia e a numismatica completam as chronicas jainistas.

O primeiro rei da dynastia Solanki é Mularája I, um sivaíta convicto que vae adorar o *linga* a Somnath, assim que termina a victoria decisiva sobre os pretendentes hostis á sua governação; mas, espirito liberal e tolerante, consente que os sacerdotes jainas edifiquem alguns templos no Kathiawár e entre elles um na propria capital — Patan. A isto se deve a circumstancia das chronicas jainistas serem mais minuciosas a partir do estabelecimento dos Solankis em Patan. Apparece, pois, o templo edificado em *Prabhasá-Patan* no seculo X. Mas quando e por quem foi elle construido? E' o que ainda hoje se não pode dizer ao certo, não obstante os precisos dados fornecidos pelas inscripções de Vira-

(1) Ibid, 89, que diverge de Jackson o qual, no *Bombay Gazetteer* citado (pag. 156), marca o periodo de 961–1242, A. D.

vol, pelas do proprio templo, d'outros visinhos, e dos de Girnar (1).

Da antiga e em grande parte lendaria historia do Guzerathe se conclue que o primitivo templo de Somnath foi feito de ouro no tempo de Somráj, depois de prata pelo monarcha de nome Ravána, em seguida de madeira por Krishna (Krishna I, o 7.º rei da dynastia dos Rástrakutas) e mais tarde em pedra por Bhimadeva I (o 5.º rei dos Chaulukyas). Ora Krishna I governou em 760 A. D. e Bhimadeva I de 1022 a 1064; portanto já então o templo existia, depois de ter passado por uma serie de transformações architectonicas (2). Sobre ellas é bom notar a opinião de Bhagvanlál Indragi, em quem adeante fallaremos mais detidamente, que affirma ter sido a dynastia dos Solankys, a primeira que no Guzerathe começou a edificar em pedra. Antes eram as construcções em madeira ou tijolo (3).

Sobre estas transformações do templo ha uma preciosa e insuspeita indicação, descoberta por Tod nas

(1) Monte sagrado dos budhistas, a 40 milhas ao *N.* de Somnath, perto da cidade de Junaghad, capital do estado nativo do Kathiawár, d'esse nome. N'elle existem esculpidos os famosos *Edictos de Asóka* (262-206 A. C.), do nome do grande imperador budhista da India. A distancia entre as estações de caminho de ferro de Viravol a Junaghad é de 24 milhas (linha de Bhaunagar — Porbandar). *Girnár* significa propriamente: — «o diadema do Kathiawár». — As *stupas* budhistas ficam no cume da montanha.. — São dignas de se vêr.

(2) Cf. *Kathiawár* (no *Bomb. Gazeteer*), 608; *Hist. of Gujarát*, (Ibid.), 79; *Chronology of India*, 282-300; *Archaeology* (1899), 8.

(3) *Bombay Gazeteer*, I, Part. I, nota a pag. 167.

suas infatigaveis e proveitosas pesquizas archeologicas no Kathiawár. E' a inscripção que encontrou no pequeno templo *(mundum)* de Bhadrakáli (1), em Somnath-Patan, e que pertencêra primitivamente ao templo de Somnath. Foi Tod quem primeiro traduziu e publicou esta inscripção (2) Tem a data de Valabhi-Samvát 850 ou 1169, A. D., e menciona as reparações feitas no templo de *Deo-Puttun* (graphia de Tod) por Kunwar (Komar)—Pál, dizendo que o templo fora feito em honra ou louvor da deusa *Somésa* (3): primeiro de ouro por Soma (4), depois de prata por ordem de Ravana (5), em seguida de madeira por Krishna e, finalmente, de pedra por Bhimadeva. Isto é, repete a tradição lendaria, que ha pouco demos, e trata depois das reparações ordenadas por Kumarapála e de que adeante trataremos. N'esta inscripção fallou depois Forbes (6), affirmando

(1) A deusa Kali (do sansk. *bhadra*, deusa). E' uma das encarnações de Parvoti, a consorte de Siva.

(2) Os seus importantes trabalhos, que serviram de base ás modernas investigações de Bühler, Bhagvanlal, Fleet etc., podem-se vêr no *Rajast'han* (ed. de 1873), I, 705-706, e *Travels in Western India*, 352, 419, 504-507.

(3) Deve ser *Someswárá*, synonimo de *Somnat* — «o senhor da lua» —, um titulo de Siva na mythologia hindú.

(4) Aqui se refere á mythologica personagem do *Mahabaratha* de nome Soma, o progenitor da grande raça lunar de *Baratha*, e não ao liquido sagrado -- *soma* — que se sacrificava a Indra (Deus) no antigo rito aryano.

(5) Divindade hindú, symbolisando o dominio e representado por um idolo com muitas cabeças e mãos. E' um dos heroes do *Ramayana*. Adeante tratamos d'ella.

(6) *Râs Mâla* (ed. de 1856), I, 190-191. O extenso e algum tanto confuso capitulo intitulado: *The fall of Som-*

com Tod que ella pertencera primitivamente ao templo de Someshwur (Someswára). Adeante trataremos desenvolvidamente das inscripções de Somnath-Patan e aqui frisámos já a importancia para o nosso estudo da lápida de Bhadrakáli.

Se as duas primeiras reparações pertencem ao periodo lendario, as duas seguintes são feitas já em epoca caracteristicamente historica e firmam a convicção de que o templo, ou melhor o local escolhido em Somnath-Patan para a adoração popular de uma divindade brahamanica, remontava a uma éra seguramente anterior ao seculo VIII.

Agora outra questão subsidiaria. Na chronologia indiana aparece, em 760 A. D., o rei do Guzerathe Krishna I (da dynastia Rashtrakuta) fundando um templo a Siva, em Elapura (Elûr). É o celebre templo de *Kailasa* em Ellora (1). Qual a relação entre este templo sivaíta e o nosso? Segundo a etymologia da palavra Viravol (em que atraz fallamos), o porto da antiga cidade de Patan-Somnath, tudo nos leva a crêr que se trata do templo de Somnath quando construido de madeira (2). Aqui consignamos mais esta valiosa referencia

nâth é escripto com os materiaes de Tod e de Kittoe. D'aquelle no cit. *Travels* etc. e d'este no *Journal Bengal Branch Asiatic Society*, VII, 865, art. intitulado — *Notes on a Journey to Girnár*.

(1) Fleet, no *Bombay Gazetteer*, I, Part. II, 390-391 (*History of Konkan*); *Indian Antiquary*, XII, 228.

(2) O general Cunningham, a quem a archeologia indiana deve as mais importantes das suas modernas descobertas, e que foi um profundo investigador da toponymia indiana, identifica a construcção do forte de *Elapura* por Krishna, em 720

chronologica respeitante á terceira phase do templo, ou, pelo menos, á primeira phase historica como consta de varias inscripções *donativas* (1).

Com respeito á sua existencia no começo da dominação da dynastia dos Solankis do Guzerathe não temos a mais pequena duvida:— a epigraphia, as narrações historicas dos mussulmanos e os recentes trabalhos dos orientalistas inglezes, francezes e allemães, dão amplas informações satisfatorias a este respeito. Estabelecida a dynastia dos Chavarás em Patan (2) (746 A. D.) um principe tributario da mesma casa governava em Somnath-Patan (3), em quanto o chefe da dynastia era o soberano principal da peninsula guzerathina com a ca-

A. D., com o de *Viravol.* A este porto se chamava *Elapura* ou *Erawal* que os inglezes corromperam pará *Virawal* ou *Verawal,* assim como *Varul* é a moderna *Ellur* ou *Ellora.* N'esse forte collocou Krishna a imagem de Siva. Na traducção do *Mirat-i-Ahmadí* de Bayley se chama ao porto de Somnath *Bálával* (*Virawál*). Bird tambem identifica *Billawál-Patan* com Patan-Somnath e mais adeante com *Patín Diú.* Bayley, *History of Gujarát*, 18; Bird, *The Political and Statical History of Gujarát,* 37, 111, 115.

(1) E' ao que os inglezes chamam *grants*, do sanskrito *grantha*, propriamente — «um nó» —. Refere-se a folhas atadas por um fio; em geral laminas de cobre gravadas aonde se fazia a historia da instituição de certos templos, rendas que lhe eram votadas etc.. E' uma das fórmas da primitiva epigraphia indiana. Cf. Vincent Smith, *Early History of India* 13; *Hobson-Jobson,* verb. *Grunth, Cycolopaedia of India,* II, 1245.

(2) Sempre que assim escrevermos, nos referimos a Anahilvará-Patan.

(3) Devemos aqui salientar um facto importante. A capital do principado *Chavará* de Somnáth era a ilha de *Deo* (Diu), aonde essa casa continuou a governar até ao seculo

pital em Anahilvará. Alguns autores confundem estas duas cidades tomando ambas como capitaes do antigo Guzerathe; mas sem fundamento, como atraz já dissemos (1). A capital politica do Guzerathe desde o seculo VIII até ao XIII (1298) foi Patane e a religiosa foi Somnath, aonde frequentemente vinha o dominante da peninsula fazer as suas orações ao templo sivaita, que foi

XIV, portanto muito tempo depois de extincta a dynastia em Anahilvará, que fôra substituida por outras duas hindús (*Solankis* e *Vaghelás*), depois pelos governadores mahometanos de Ahmedabad e mais tarde pelos sultões do Guzerathe (os reis de Cambaya dos nossos chronistas). As inscripções de de Somnáth interpretadas modernamente por Tod, Forbes, Bühler, Indragi, Fleet etc. forneceram-nos dados interessantissimos para a historia antiga de Diu (seculo IV a XIII) de que tratámos mais de espaço em outro trabalho que temos entre mãos ha tres annos. A tradição romantica dos bardos do Kathiawár casa-se em mais de um ponto com a veracidade historica. Tinha razão Tod, quando escreveu: «*Deobandar... the ancient capital of the Chaoras, where I had determined to land, in order to hunt for inscriptions relative to this race, the founders of Anhulwarra*». — (*Travels in Western India*, 494). Essa caçada ás primitivas inscripções de Diu, projectada em 1822, impunha-se effectivamente, pois nas que temos aqui feito, ás do seculo XVI, temos descoberto verdadeiros vandalismos! E' possivel, porém, que nas inscripções orientaes que aqui encontrámos, e de que em breve tratará um catálogo que ha pouco se remetteu ao Governo Geral da India para se imprimir, se encontre alguma cousa de util. Por emquanto nada podemos affirmar sobre o valor historico d'ellas, porque foram infructiferas as tentativas de traducção por nós feitas junto de sanskritólogos benevolentes de Bombaim, Lisboa e París.

(1) Vide pag. 3.

tido na maxima veneração pelos hindús. Durante a primeira dominação mussulmana (a começar no imperador de Delhi Ala-ud-din) os governadores do Guzerathe fixaram a residencia em Patan, em seguida passaram-na para Asawál (1403), quando Muhamad I declarou-se independente de Delhi, até que, em 1413, Ahmed I édificou Ahmedabad, junto de Asawál, que fortificou e proclamou a capital do seu reino (1).

Vejamos agora a segunda phase historica do templo. Estamos no seculo X, o ultimo rei da dynastia dos Chavarás (2) é deposto por Mularája I (942 A. D.) que funda a dynastia dos *Chaulukyas* de Anahilvará. É Mularaja um ardente sectario orthodoxo de Siva, a quem dedica templos na capital, e tem em grande veneração o de Somnáth, aonde faz peregrinações votivas. É n'isto imitado pelos seus successores desde Chámundarája (996-1009) até Bhima I ou Bhimadeva (3) (1022-1063), subindo o templo de importancia e augmentando em riquezas (4). Dá-se então a 16.ª expedição (5) de

(1) Outros dizem 1410. Cf. Dosábhai, *A History of Gujarát*, 65; Watson, no *Bombay Gazetteer*, I, Part, I, 235, Burgess, *Muhammadan Architecture in Gujarat*, 10.

(2) Só ha poucos annos é que se conseguiu completar chronologicamente a dynastia dos Chavarás, que mais de perto se prende com a historia de Diu. Cf. *Indian Antiquary*, VI, 180, 191, 193 e 213; Bhandarkar, *Report* cit., 10, 150; *Chronolog. of India*, 282.

(3) Genealogia de Bühler, no *Indian Antiquary*, VI, 213.

(4) *Bombay Gazetteer*, I, part. I, 164.

(5) Os autores inglezes seguem os mahometanos na contagem do numero de *raids* feitos por Mahmude na India, e divergindo esta muito, são tambem contradictorias as versões inglezas. Seguimos Elliot que discute bem esta questão e con-

Mahmude de Ghazni, que atravessando o Guzerathe vae á sua capital — Patan — e d'ahi a Somnáth, o seu objectivo n'esta invasão, destruindo no caminho tudo que diga respeito á religião hindú e tomando, orgulhosamente, o epitheto de *Destruidor de idolos* ou de *Iconoclasta.* A fé islamica é imposta á força; a orthodoxia hindú foge espavorida ante tal forma de crear proselytos para uma religião que, simplificando os problemas da vida mundana, ainda offerecia aos secretarios de Bhrama um paraizo de *houris* no *au delà* da existencia. Não mais o receio da metempsychose, não mais os *satis* impostos a viuvinhas ainda impuberes, extincta radicalmente a leitura incomprehensivel dos Védas; mas a par d'esses atractivos o dilemma brutal do islamismo: — ou crêr no Alcorão ou morrer como um reprobo vilissimo. Tal o lemma hasteado pelas hostes intolerantes dos de Mafoma.

Este *raid* famoso de Mahmude, que firmou o começo da influencia islamica na India, deu-se no anno 416 da Hegira (1025–1026) (1). Ha d'elle variadas descripções

ta ao todo 17 expedições ou *raids,* emquanto outrós contam 12 (seguindo Dow), outros 11 e alguns nem limitam o numero nem guardam a relação chronologica entre ellas. Cf. Elliot, *The History of India as told by its own historians,* II, 434–435; A. Dow, *The History of Hindostan,* I, 65; *Bombay Gazetteer,* I, Part. I, 164; Elphinstone, *The History of India,* 318–332; Vincent Smith, *The Early History of India,* 301–313; Lane Pool, *Mediaeval India,* 18 e nota (1).

(1) Data exacta discutida por Bird que combate a versão hindú de Ferishta. Cf. *History of Gujarát,* 144; Elliot, IV, 180, *Rás Mála* (ed. de 1879), 161; Bayley, *Hist. of Gujarát),* 28.

em que se mistura o real com o fabuloso; mas não é difficil de se obter hoje uma narração isenta dos exaggeros com que alguns correligionarios de Mahmude inçaram as suas descripções apaixonadas. O sultão (1) ghaznivéda dirigiu-se primeiro a Patan, que tomou sem grande esforço, tendo fugido o seu rajah, Bhimadeva I, para um ponto fortificado proximo da capital (2), e em seguida marchou sobre Somnath, aonde se tinha concentrado o nucleo mais destemido dos hindús, com o fim de implorar a Siva a energia necessaria para expulsar os mahometanos. Foi rude o ataque á capital sagrada do Guzerathe e desesperada a resistencia defensiva; mas no fim de tres dias de incessante batalhar foi a cidade tomada, e cincoenta mil hindús encontraram a morte em volta do templo sivaita. A guerra santa declarada pelos de Mafoma ao culto, ainda então ingenuo, de Siva encontrava a sua étape decisiva n'esse recanto do Guzerathe. Abria-se ahi, definitivamente, as portas da India ao culto islamico. Os poucos guzerathinos que escapa-

(1) Foi o primeiro rei mahometano que recebeu o titulo de *Sultão* e só depois da conquista de Somnáth. Cf. Elliot, II, 269; Campbell no *Bomb. Gazetteer*, I, Part. I, 522.

(2) A que Ferishta chama *Gundába* e Dosábhai escreve *Gundábá*, a 68 milhas de Patan (Anahilvará), no actual local deserto de Ghandvi. Esta questão está hoje esclarecida por Jackson, no *Bomb. Gazetteer* cit., 167, nota 4.— Gerson da Cunha, o sabio orientalista portuguez, suggere que Bhimadeva fugira de Anahilvará para o sul do Guzerathe continental até Mahim, confirmando essa sua maneira de vêr por uma inscripção em cobre que cita. Isto porém, quanto a nós, teria sido mais tarde, e não logo depois da tomada de Patan. Cf. Bird, 145; Dosábhai, 22; Dow, I, 71; e *The Origin of Bombay*, (por G. da Cunha), 39, 49 e 50.

ram, fugiram por mar para Diu, e d'esses mesmo muitos foram perseguidos e mortos, ao embarcarem (1).

Quando Mahmude entrou no famoso templo, ficou maravilhado perante a sua grandeza architectonica e magnificencia de ornamentações. O altar principal era sustentado por seis preciosas columnas lavradas, de téca, e ornadas de joias de subido valor: ahi estava o *linga* tão venerado pelos sivaítas, coberto de ouro e pedras preciosas. Ao todo tinha o templo 56 columnas e grossas correntes de prata suspendiam custosos candelabros de ouro. A corrente do sino de ouro que chamava os fieis á oração, e estava na capella do *linga*, pesava 200 mãos de ouro (2). Os sacerdotes brahmanes revesavam-se de dia e de noite nos quartos de vigia ao idolo, chamados pelos sons argentinos de um harmonioso carrilhão. Grandes thesouros se guardavam no templo, representando os obolos piedosos de milhões de hindús que constantemente acorriam a esse logar de peregrinação.

Depois do primeiro deslumbramento de admiração ordenou Mahmude que se destruisse o templo e o idolo. Elle proprio desembainhou o régio alfange e partiu o *linga* aos bocados, na frente de alguns brahmanes, que se tinham conservado no seu posto de honra, confiados no valimento do grande e misericordioso Siva.

(1) Vid. Elliot. IV, 182, nota 3.

(2) A actual *mão* indiana pode computar-se em 37 kilogr. ou 40 ceiras. Mas os chronistas mahometanos referiam-se ou á *mão* de Tabrizi, ou a *mão* arabe. No primeiro caso a corrente valeria £. 100.000 e no segundo £. 2.000. Vid. Elphinstone, 326, nota 19.

Não é para aqui a descripção detalhada dos vandalismos praticados pelos mussulmanos (1); basta que se diga que o templo foi incendiado, as joias roubadas, o *linga* derrubado e despedaçado, arrombadas a golpes de picaretas as formosas portadas, saqueados os thesouros fabulosos que se ocultavam nos cofres, havia perto de seis seculos. Conta-se que Mahmude, antes de sacrificar ao seu furor a imagem de Somnáth, ouviu alguns sacerdotes brahmanes que lhe supplicaram poupasse o idolo sagrado dos seus antepassados e que, em troca d'essa sua régia clemencia, lhe dariam uma valiosa quantia em dinheiro. Mahmude hesitou, a principio; mas depois considerou que seria mais honroso ser conhecido — na posteridade — com o nome de *destruidor de idolos* (2), do que de *vendedor* dos mesmos. Elle proprio partiu-o e do seu interior jorraram montanhas de ouro e de pedras preciosas, no valor de um milhão de libras (3); isto é, cem vezes o que os brahmanes lhe tinham offerecido, n'um mixto de religiosa economia. O desinteresse austero do mouro castigava assim a piedade sórna do hindú.

(1) Cf. qualquer historia do Guzerathe com as versões arabes e persas de Elliot, *Hist. of India,* I, 98,— II, 269-270, 468-476, 500, 524,— IV, 180-186.

(2) *Batshikan,* litteralmente — «o quebrador de idolos» — Vid. Lane Pool, *Mediaeval India,* 21.

(3) «*Vicies millena millia*», na versão latina de Al Kazwini feita por Gildemeister. O auctor do *Tarikh-i-Alfi* affirma que de dentro do idolo sahiram soberbas joias e rubis. Seguiu esta versão Ferishta e outros copiaram este; mas o *linga* não tinha estomago para tanto, como bem diz W. Hunter. Cf. Lane Pool, loc. supracit.; Elliot I, 98 e II, 472; *Indian Empire,* 327 e nota 2; Briggs, *Firishta,* I, 72-73.

Mahmude ainda pensou em alli fixar a capital do seu novo imperio; mas, dissuadido pelos seus generaes entregou o governo da provincia de Sorath (Kathiawár) a um dos brahmanes da região (Dabshilin) (1) e retirou-se para Ghazni, depois de ter reprimido os passageiros assomos de revolta dos hindús circumvisinhos. O *linga* de Somnath foi dividido em quatro partes:—uma foi para o palacio de Ghazni, outra para a porta da principal mesquita da capital ghazniveda *(Jamma Masjid)*, a terceira foi para Méca e a quarta para Medina (2). As formosas portas de Somnath foram tambem para Ghazni e oito seculos depois passeavam, hypotheticamente, pelo norte da India como trophéu de victoria ingleza (3)!

(1) Cf. Dow, I, 73; Elliot, II, 500-504.

(2) Ibid. 69 e 527.

(3) Lord Ellenborough nas suas campanhas no norte da India, como Governador Geral, foi a Ghazni, destruiu o tumulo de Mahmude e trouxe de lá as suppostas portas de Somnath que passeou triumphalmente até Agra, aonde chegaram a ser adoradas por alguns fanaticos hindús. Na sua bombastica proclamação dizia Ellenborough: — «Irmãos e amigos: as nossas tropas victoriosas trouxeram do Afghanistan, em triumpho, as portas de Somnath; o templo de Mahmude jaz em ruinas e profanado em Ghazni. Está vingado o insulto ha 800 annos feito á India». — Era uma forma altisonante de conquistar o coração hindú; mas as portas não eram de Somnath, como provam os modernos autores inglezes! Adeante mostraremos que, tres seculos antes de Ellenbourgh chrismar as celebres portas de Agra (*Fathepur-Sikri*), já os portuguezes as tinham levado de Somnath-Patane. Hunter diz que ellas eram de sandálo, quando, na verdade, o eram de deodar (*cedrus-deodara*). Cf. Madows Taylor, *A History of India* (ed. 1904), 658-659; L. Pool, *Mediaeval India*, 27; W. Hun-

É esta, em resumo, a historia da primeira destruição de Somnath pelos mussulmanos. Desapareceu o templo de madeira e de tijolo e no seu logar ergueu-se uma mesquita. Siva foi substituido por Mahomet.

*
* *

Mas a fé hindú não se deu por vencida. O insólito proceder mussulmano redobrou-lhe o ardor (1).

Pouco tempo depois, erguia-se em Somnath-Patane, no logar do antigo templo, outro de não menor grandeza, construido de alvenaria, no reinado de Bhimadeva, segundo resa uma lapide, ainda existente (2). Os mussulmanos não tinham feito a occupação militar do Guzerathe e a dynastia do Chaulukyas continuou a governar em Anahilvará-Patan até 1242. A Bhimadeva I succede seu filho Karnadeva (1063-1093), a este Jayasimha (3) (1093-1143) e em 1143 sobe ao throno Kumarapála (4), sobrinho do anterior.

Estamos na segunda phase historica do templo. Kumarápala é completamente dominado por um sacerdote

ter, *The Indian Empire,* 327; Elliot, *History of India,* II, 476; Balfour, *Cyclopaedia of India*, III, 705; Cousens, *Archaeology Progress Report*, 1899, 11.

(1) Na sua retirada foi Mahmude enganado nos caminhos pelos guias, que eram brahmanes de Somnath disfarçados. Os horrores d'essa penosa retirada são mencionados em Elphinstone, 330–331.

(2) *Bombay Gazetteer,* I, Part. I, 169.

(3) Ou Sadharo Jesingh, Jayasimhadeva, Jayasimha Sidharaja.

(4) *Chronology of India,* de Mabel Duff, 282.

jaina e sob sua inspiração resolve-se a completar a reedificação iniciada por Bhimadeva Esse sacerdote, que desempenha um papel preponderante na governação publica, chamava-se Hemachandra, era um *acharya* (1) de Dhanduká, filho de paes da casta *vaniá* (2), e por abreviatura é chamado pelos chronistas orientaes Hémacharya. O templo foi edificado em dois annos e durante elles guardou o rajá de Anahilvará uma rigorosa abstenção jainista a conselho de Hemachandra e com manifesto desagrado dos brahmanes da côrte, que viam com máus olhos a apostasia do seu rei e a crescente influencia politica e religiosa de Hemacharya. Concluido o templo e solemnemente inaugurado por Kumarapála em pessoa, abjurou este da orthodoxia hindú e filiou-se abertamente no jainismo (3). Firmava-se assim no Guzerathe a renovação da escola philosophica de Mahavira, se bem que a religião popular continúa a ser o brahmanismo. Ao lado dos templos brahmanicos erguem-se os *viháras* jainas (4).

Os sacerdotes jainistas escrevem com methodo as chronicas da epocha e até nós chega a celebre historia

(1) Derivado do sanskrito. Propriamente um prégador religioso e por extensão um brahmane versado nos Védas, um conhecedor da religião do paiz.

(2) Ou *wania*, *banya* (graphía ingleza), d'onde provem o actual baniane. Vid. adiante.

(3) Vincent Smith marca a era de 1159 para esta conversão e cita a obra de Bühler — *Ueber das Leben des Jaina Mönches Hemachandra* (Vienna, 1889)— sobre o jainismo. Cit *Early History of India,* 161.

(4) Propriamente mosteiros, em que adeante fallaremos largamente.

do reinado de Kumarapála (1), escripta por Hemachandra, que é, afinal, a chronica da dynastia dos Chaulukyas até Kumarapála, cuja descoberta foi uma completa revolução no estudo da historia medieval da India; nos templos do Guzerathe gravam-se milhares de inscripções (2), muitas das quaes chegam até nós fornecendo preciosas indicações genealogicas; é por esta epocha que o celebre geographo arabe El-Edrisi visita o reino de *Balhará* e faz uma das primeiras descripções da parte oriental do Guzerathe peninsular (3). Á grande restauração de Somnath ligam-se, pois, factos importantissimos da historia do Guzerathe; em cada linha de algumas das suas inscripções encontram os sanskritólogos assumpto para dezenas de brochuras eruditas; a traducção de algumas d'essas seculares pedras faz revolução completa

(1) *Kumárapálacharita*, ou annaes de Kumarapála. Foi James Tod que descobriu e annotou este precioso manuscripto jainista, assim como o *Vans-Rajá Charita,* e d'elles concluiu as genealogias dos antigos reis do Guzerathe julgadas inteiramente perdidas. D'elles, e de outros manuscriptos por elle tambem descobertos, sahiram as preciosas paginas do seu *Rajasthan* e *Travels in Western India.*

(2) Só no reinado de Kumarapála se levantaram no Guzerathe, ao todo, 1444 templos, muitos d'elles jainas. *Early Guzerathe*, no *Bomb. Gazetteer*, 190.

(3) A ella se socorrem todos os geographos e historiadores modernos. Balhará é o nome da dynastia, ou melhor talvez tribu, que reinou na antiguidade em Anahilvará-Patane, até ao golpho de Cambaya. El-Edrisi fallou de Diu a que chamava *Avi Caman*.. Cf. *Nuzhatul Mushtak*, no Elliot, I, 74-98; Vincent, *The Periplus of the Erythrean Sea* (ed. 1805), I, 356-357; Yule, *Cathay*, I, 183 (cit. de Balfour, I, 248); Tod, *Travels in Western India*, 147-148.

no que ha escripto em centenas de livros. D'ahi os monumentaes trabalhos de Burgess, Bühler, Cunningham, Fleet, Forbes, Indraji, Tod, etc.

Mas, continuemos.

Não durou muitos annos a paz em volta do novo templo de Somnath. Nas successivas incursões mahometanas no Kathiawár é sempre para a antiga capital sagrada do Guzerathe que se encaminham os seus generaes. São quatro os grandes saques que o templo soffre, desde a restauração de Kumarapála até ao começo da acção portugueza na costa do Guzerathe, no reinado do sultão Mahmude I (*Bégará*) no seculo XV.

Em 1297 mandou o imperador de Delhi Alaúd-dín invadir e conquistar o Guzerathe por seu irmão o general Ulugh Khan, que saqueou o Kathiawar, tomou Somnath Patan e destruiu o seu templo, que continha preciosidades artisticas de grande valor, muitas das quaes foram mandadas para Delhi, para a grande mesquita *(Jamma-Masjid)*. A destruição do templo foi em 1298 (1). N'essa epocha firma-se a dominação politica effectiva do islamismo no Kathiawar, e são os governadores mandados de Delhi que dão a lei no antigo reino

(1) D'esta destruição ha varias narrações mahometanas, entre ellas citaremos o *Tarikh-i-Wassáf,* de Abdullah Fazlu, escripto em 1300,—o *Tarikh-i-Alái,* de Amir Khusrú,—e o *Tarikh-i-Firóz* de Ziand-din Barni, obra historica importante do seculo XIV, (vid. Keene, *Oriental Biographical Dictionary,* 428) de que muito se serviu Ferishta. E' tambem valiosa a narração do poema historico de Khusrú intitulado *Ashika* («A enamorada»). Cf. Elliot, *History of India*, III, 42-43, 74, 163, e 549; Burgess, *Tarikh-i-Sorath,* 71; *Bombay Gazetteer,* I, Part. I, 190 e 229; VIII, 67.

do Guzerathe. A dynastia dos Chaulukias acabára em Patane com Tribhuvanapála, filho de Bhima II (1242); no Guzerathe sustentava-se uma guerra civil entre o ramo principal dos Chaulúkias e o dos Vaghelás, acabando este por usurpar o throno de Anahilvará, em 1242 (1), sendo proclamado rei Visaladeva. N'essa occasião dá-se o *raid* mahometano e o ultimo rei hindú do Guzerathe foi um *Vaghelá*: — Karnadeva II filho de Sarangadeva. Assim acaba a dominação brahmanica, civil e militar, no Kathiawar; não se extingue, porém, a fé religiosa, e o islamismo não consegue implantar o seu crédo com a mesma facilidade com que impoz o seu poderio militar. O templo de Somnáth renasce das suas cinzas e é o platonico baluarte da passiva resistencia brahmanica.

Passado pouco mais de um seculo, os intolerantes olhares mahometanos convergem, de novo, para Somnath-Patan, e no tempo do ultimo governador mussulmano do Guzerathe, Zafar-Khan, reinando em Delhi Tuglak II, dá-se novo assalto ao templo famoso. Foi em 1394. O edificio brahmanico é destruido, em seu logar fica uma mesquita, e na cidade estabelece-se uma *tanadaria* (2). Poucos annos depois, em 1398, os hinhús tentam expulsar os mouros, mas são derrotados por

(1) M. Duff, *The Chronology of India*, 189, 282.

(2) *Thaná*, um posto policial. Derivado do sanskrito *sthāna*, ou do hindustani *thāna*. Foram os portuguezes que estabeleceram este regime de soberania nas terras de Goa, após a conquista, seguindo o systema dos mahometanos. D'ahi as nossas *tanadarias*, que João de Barros tão bem descreveu. (*Decadas*, II, p. I, 440-442).

Zafar-Khan, que n'esse anno voltou a Somnath (1). É esta a segunda destruição mourisca.

Em 1490 é o Guzerathe uma monarchia mussulmana, independente e prospera. Reina o sultão Mahmude I, *o Bégará,* e dá-se o terceiro saque a Somnath-Patane. No local do templo hindú, ou talvez melhor proximo das suas ruinas (2), construiu-se uma mesquita. Poucos annos depois, no governo de Muzaffar II, filho de Mahmude I, foi de novo assaltado Somnath (3).

A cada uma d'estas destruições iconoclastas correspondia uma reconstrucção piedosa e artistica: primeiro por Bhimadeva I (1022–1063), depois por Kumarapála (1143–1172), em seguida por Sarangadeva (1274–1296), reis do Guzerathe da dynastia dos Chaulukyas. D'estas reparações fallam desenvolvidamente as inscripções de Somnath-Patane e de Viravol. De algumas d'ellas trataremos adiante, sendo uma a de Cintra.

Depois da ultima incursão mahometana ao templo de Somnath começa a influencia portugueza na costa do Kathiawár. O dominio mussulmano na orla maritima é constantemente ameaçado pelas esquadras portuguezas que exercem a policia dos *cartazes*, perseguem as náus de Méca e fazem desembarques nos portos do Guzerathe (o reino de Cambaya dos nossos chronistas), para obrigarem o dominante de Ahmedabad a ceder Diu

(1) Cf. Burgess, *Tarikh-i-Sorath*, 73; Bayley, *History of Gujarat*, 76–79; *Bombay Gazetteer*, I, Part. I. 233; Bird, *History of Gujarath*, 177–179.

(2) Cousens desenvolve muito bem esta questão sob o ponto de vista archeologico. Cit. *Report*, pag. 10.

(3) Cf *Tarikh-i-Sorath*, 71; *Bombay Gazetteer*, I, Part. I, 190.

a Portugal. Antes e depois da posse d'esta ilha dão-se assaltos a Patane e Pôr- Patane (1), que são respectivamente os actuaes portos de Viravol e Porbandar (2). Não fallam os nossos autores do templo, nem em destruições ahi feitas por nós, e a este respeito guardam o mesmo significativo silencio tanto os escriptores orientaes como os inglezes (3). E' certo, porém, que as nossas forças desembarcaram mais de uma vez em Viravol, e lançaram contribuições de guerra nos portos da costa

(1) O primeiro escriptor portuguez que fallou de Somnath Patan foi Duarte Barbosa em 1516, chamando-lhe *Patenexey*. João de Barros descreve bem a cidade de *Patan*. Os assaltos portuguezes no seculo XVI podem-se ler em Barros, Couto e Jacintho Freire. Os do seculo seguinte em Bocarro e Balsemão. Cf. *Livro de Duarte Barbosa*, nas *Noticias das Nações Ultramarinas*, etc., II, 274; *Decadas*, IV, Part. I, 491, 593; Ibid. (*Couto*), VI, Part. I, 399-400; *Vida de D. João de Castro*, IV, 54; *Decada 13.ª da Historia da India*, I, 207-208; *Os Portuguezes no Oriente*, II, 3-6.

(2) No novo trabalho sobre Diu mostraremos o dominio que tivemos em Porbandar, Daremos curiosos documentos inéditos ácerca d'essa dominação effectiva e da forma lenta e passiva como a perdermos.

(3) No *Tarikh-i-Soráth* se diz: — «The Portuguese of Diva (sic) also made some attacks, but retired disappointed» — (pag. 66). Não é bem assim. Nós só castigámos a insolencia dos *raids* dos de Somnath na costa de Diu, ou vingavamos affrontas dos mouros feitas nas visinhanças portuguezas. Dado o castigo, retiravam as forças a quarteis e voltavam os navios aos portos de armamento. E' ao que o autor hindú chama insuccessos guerreiros. Por se não ter seguido a posse effectiva do terreno batido? Naturalmente. Tod tambem falla de uma cruz de St.º André que vio esculpida em uma pedra do templo de Somnath (em 1822) em um nicho aonde antigamente existia o idolo de *Sookha Mata* (represen-

SW do Kathiawár, proximos de Diu. Os marathas e os piratas arabes de Mascate tambem desembarcaram na costa de Somnath, mas, á parte roubos e destruições de barcos e propriedades em terra, parece que nada attentaram contra o templo, que successivamente ia sendo reparado pelos hindús aproveitando a trégua que os mussulmanos lhes davam, visto terem as attenções distrahidas com os portuguezes e mogóes de Delhi, que ameaçavam continuamente o seu poderio continental e maritimo (1).

A ultima grande reparação hindú foi feita em 1783 pela viuva do rajah de Holkar (Malhâr Ráo Bhâdur) de nome Ahilyá Bái, que governou por morte do marido e foi autora de importantes edificações religiosas. No tempo da dominação no Kathiawár do *gaekwar* de Barodá tambem se fizeram reparações no templo, no principio do seculo XIX, de que ainda hoje restam vestigios (2).

tação da Fome) e que attribue aos portuguezes, «who once possessed all this coast, and proved greater foes than Mahmoud himself to the ancient glories of Saurastha». (*Travels in Western India,* 335). Tambem é injusta esta apreciação do illustre publicista inglez, como adiante provaremos.

(1) Devemos aqui mencionar que o imperador mogol de Delhi, Aurangzeb, ordenou em 1706 a destruição do templo, e, segundo o autor do *Mirat-i-Ahmadi*, parece que a ordem se cumpriu,—*Bombay Gazetteer*, VIII, 609-610.

(2) Patane pertence hoje ao estado de Junaghad, que é mahometano, mas o culto hindú é mantido pelo gaekwár de Barodá. As mesquitas e pagodes funccionam ao lado um dos outros em regime de completa tolerancia religiosa, garantida pela supremacia politica ingleza. Desde 1899 o governo de Junaghad tomou a seu cargo a conservação das ruinas de Somnath e procede ahi a pesquizas archeologicas, segundo

Aqui temos a evolução historica do mais venerando templo hindú da parte occidental do Hindostão e um dos mais celebres da India inteira. Acabada a intransigencia religiosa entre mahometanos e hindús, só restam do famoso templo ruinas profanadas, constituindo reliquias preciosas a evocar datas notaveis dos annaes jainistas, das chronicas mussulmanas dos seculos XIII e XIV, e mencionadas em um ou outro trabalho moderno de epigraphia indiana, ou livros de viagem cheios de impressões pessoaes e eivados de erros historicos, filhos de erudição barata, bebida em *hand-books* de Murray, ou *guides* de caminhos de ferro. Ha dois seculos e meio que o templo deixou de estar aberto ao culto (1).

Vejamos agora a origem da palavra *Somnath*. É assumpto interessante ao nosso presente trabalho.

*
* *

Ha uma questão prévia a resolver: saber se a palavra *Somnáth* refere-se ao idolo adorado no historico templo, ou á terra onde este primeiro se edificou. Ha opiniões, e, sendo muitos os alvitres, só aqui daremos as indicações consagradas por escriptores autorisados.

Segundo Ferishta, cuja historia da India foi traduzida do persa por Briggs, a palavra Somnáth deriva do principe hindú *Soma*, em cuja memoria se ergueu o idolo chamado *Nath*, significando *Nát* «o senhor» ou «o

Cousens, o actual inspector de archeologia da presidencia de Bombaim, informa minuciosamente todos os annos. Cit. *Reports*, 1898, 1899, 1900, a pag. 12, 21 e 7.

(1) *Archaeologia*, 1899, pag. 10.

chefe» (1). Não nos parece isto exacto. É uma confusão etymologica como passamos a mostrar.

Al Birúni, o celebre viajante e chronista arabe da côrte de Mahmude Ghaznivéda, que acompanhou este na historica expedição a Somnath, diz expressamente, no seu *Tarikh-i-Hind*, escripto de 1030 a 1033 (2), que *Somnát é o nome do idolo d'aquelle logar* (Somnath-Patan (3), se bem que sabe ser o *linga* o idolo que ali se adorava no seu tempo. Bird que traduziu e commentou a celebre historia mahometana do Guzerathe, intitulada *Mirát-i-Ahmádi* (4) deriva o nome de tres palavras sanskritas: *Swayam*, «por si mesmo», *Bhú*, «existente», *Náth*, «Senhor» — isto é de *Swayam Bhú Náth*, que correntemente se escreve e pronuncía, sem a radical média, pela fórma — *Swayam Náth*, e que posteriores corrupções phoneticas e graphicas dos mussulmanos teriam alterado para *Sómnáth* (5). Assim explicava facilmente a adoração do *linga* desde a primitiva do templo. Ora, veremos que isto tambem não pode ser muito exacto. O proprio Bird, e no mesmo livro, dá mais adiante a versão de Khondamir, o celebre autor persa

(1) Briggs, *History of the rise of the Mahomedan Power in India* (ed. 1829). Não marcamos a pag. da cita, que se pode ver em Elliot, II, 476.

(2) Beale, *An Oriental Biographical Dictionary*, 29, 53.

(3) Pode-se vêr esta affirmação em um extracto, ácerca da geographia da India antiga, do livro do escriptor persa Rashidud-din, intitulado *Jama-ut-Tawarikh* (collecção de historias) extrahido de Al-Birúni, em Elliot, I, 67.

(4) Vid. o nosso artigo no *Oriente Portuguez*, II, 567.

(5) Bird, *Hist. of Gujarát*, 38, nota *b*.

do *Habibus-Siyar* (1), que n'esta sua historia da India no seculo XVI dedica um capitulo á tomada de Somnath-Patane por Mahmude, e diz que ahi se adorava *o idolo cujo nome era Lát*, fazendo um synchronismo entre o idolo arabe *Lát* e o hindu *Náth* (Lua) (2). Bird rasteja aqui a verdade quando deriva a palavra de *Soma+Nath*, do sanskrito Senhor e Lua, e assim *Somanath*== «o templo da lua»==.

Antes de continuarmos, devemos salientar uma notavel confusão que aqui registamos. Bird identifica *Lát* com o idolo arabe que Herodoto menciona com o nome de *Alilát*; porém melhor nos parece acceitar *Lát* (3) como simplificação graphica de *Láta*, o nome sanskritico do antigo Guzerathe peninsular. De facto *Láta*, *Larike*, ou *Lár* são as fórmas geographicas de *Láta-desa* que em sanskrito significava a região índica desde o Narbada (rio) a Patane e d'ahi para o poente até ao oceano; isto é, o actual Kathiawár e uma pequena parte do Guzerathe continental. Assim encontramos escripto nas antiquissimas inscripções do seculo V e nos geographos arabes e gregos que foram seguidos por D'Anville e Tod (4). Ibn-Said colloca o templo de Somnáth na região

(1) Beale, *Biogr. Dictionary*, 217; Elliot, *Hist.*, IV, 154.

(2) Bird, loc. cit., 154; Elliot IV, 181 e II, 476.

(3) *Lât* e *Lât Sâhib* são palavras hindús significando «o senhor», «o grande senhor». Emprega-se para designar o Governador Geral (Vice-Rei). Do portuguez ficou o *Lat Pâdré Sâhib* para designar o Bispo. N'esta accepção vej. o *Hobson-Jobson*, verb. *Lât*.

(4) Fleet, *Corpus Inscriptionum Indicarum*, III, 80, 84; Massudi, *Les Prairies d'Or*, I, 381 (trad. franceza de 1861-1877); Al Birúni, no Elliot, I, 61; Vincent, *Periplus of the*

chamada *Lár* (1); o mesmo faz Al Birúni (chamando á provincia de Sanrashtra —*Lárdes*— corrupção do sanskrito *Láta-desa*) (2). D'Herbelot escreve: *Cette Ville de Soumenat* (sic) *a donné le nom à une grande Province, qui fut conquise l'an 416 de l'Hegire, par Mahmoud, fils de Sebekteghin, premier Sultan des Gaznevides* — e mais adiante: *Cette Idole étoit différente de celle que portoit le nom de Sanam Soumenat, l'Idole de Soumenat.* (3) Este autor, que durante muito tempo foi o arbitro europeu de muitas questões geographicas orientaes, é menos exacto na historia de Somnáth confudindo a cidade do Kathiawár com Visapur no Dekan! Parece, pois, que leu Khondamir, mas não o interpretou bem. Em outro logar escreve o orientalista francez: *Quelques historiens disent, que Soumenat est le nom d'une Idole que les Habitans de ce pays-là* (le Royaume de Soumenat) *adoroient, à qui il avoit donné son nom; mais Ferideddin Atthar n'est pas de ce sentiment quand il dit: Les soldats de Mahmoud trouverent dans le pays de Soumenat une Idole, que l'on nommoit Lát.* (4)

Erythrean sea, II, 354 e seguintes; D'Anville, *Éclaircissements sur la Carte de l'Inde*, 69; Tod, *Travels in Western India*, 187; *Indian Antiquary*, XIII, 157, 196–199.

(1) Balfour, II, 681.

(2) Elliot, I, 61.

(3) D'Herbelot, *Bibliothèque Orientale* (ed. 1777–1779) III, 355.

(4) D'Herbelot, loc. cit. II, 519. Já dissemos que este autor é confuso. Na sua geographia do Guzerathe encontramos mais de um erro indesculpavel em trabalho da cathegoria da sua Encyclopedia oriental. A respeito de Diu, por exemplo, a que chama *Deibul,* cita o nome de Abdelmoal (?), di

Portanto, temos *Lât* como nome proprio do idolo e como designação do local em que elle se adorava. Continuemos agora.

Elliot na sua monumental historia da India, em 8 volumes que condensam todas as chronicas e relações de autores mahometanos, faz uma pequena digressão etymologica a respeito de Somnath Patane e conclue por firmar esta opinião: no templo adorava-se o *linga*, o *náth*, ou divindade consagrada a *Soma*, a lua, e em sua honra erigido por Siva (1). Ora é seguindo este raciocínio que parece termos topado, talvez, com a verdadeira origem do nome do templo celebrado.

Dos Puranas e das lendas guzerathinas conclue-se que na remota antiguidade a costa SW. do Kathiawár foi governada por uma dynastia solar *(Gohilas)* mais tarde supplantada por um chefe da raça lunar *Somraj* ou *Rajah Soma*, como hoje se dizia, o qual ergueu no seu reino um templo a *Mahadev* (Siva) que se chamou *Somnath*. A lenda puranica, ainda que confusa, é largamente explicada pelos orientalistas modernos que assim deduzem a etymologia de *Prabhás Patan* ou *Siva-Patan* com que era antigamente conhecida a cidade de Somnáth-Patan, ou melhor a provincia de Sanrashtra, fundada pela tribu dos *Sauras* ou *Chavarás*, cuja capital foi Diu *(Deobundar)*, no seculo IV. Por esta versão o

zendo que se escreve melhor assim do que «*Diul ou Diu par abréviation*»! Confunde simplesmente Diu com *Debal*, o nome antigo de Karachi, na fóz do Indo. Cf. *Bibliothèque Orientale*, I, 573; D'Anville, *Eclaircissements sur la carte de l'Inde*, 40; Elliot, *Geographical Appendix*, ao vol. I, 374-378.

(1) Loc. cit., II, 476.

templo tomou o nome da terra em que se ergueu ou da lua, em cuja honra se edificou, e não do idolo que n'elle se adorava (1).

Quanto a nós, suppomos a derivação do nome mais remota e filiada em outra razão. Antigamente, no começo do periodo védico, dizia-se *Somanath* e podemos desdobrar a palavra em *Soma+Nath*. *Soma* era a ambrosia por excellencia dos deuses gentilicos, á qual se destinou todo o nono *mandalá* (capitulo, divisão do livro) do *Rig-Véda*. *Nath*, como vimos, significa —«o senhor»—. Assim temos o templo do Deus Soma para a boa etymologia védica de *Somanáth*, depois corrompido para *Somnáth* (2). Desde a mais remota antiguidade hindú encontramos a designação de *Soma-Deva* como a de um deus poderoso, que completava a triade védica:—*Agni*, *Indra* e *Soma*. A deificação do Soma é anterior aos Védas; mas representava então o sumo extrahido de uma planta (3) que se fermentava produzindo um liquido alcoolico, com o qual se activava a combustão do fogo sagrado que se adorava nos templos hindús. Mais tarde, passaram os sacerdotes brahmanes a usar o liquido para libações, em cerimonias importantes do culto védico, sendo secreta e sagrada a prepa-

(1) Cf. Tod, *Rajasthan*, I, 92: Forbes, *Rás Mála*, 276; Mc. Crindle, *Ancient India*, pag. XV, 8; *Bombay Gazetteer*, I, Part. I, 86, 217, 452 e 534; VII, 610.

(2) Na mythologia hindú (epocha puranica) uma das designações de Siva é *Swayambhu*, «o existente por si mesmo», isto é o *linga*. Vid. Wilkins, *Hindu Mythology*, 127.

(3) *Asclepias acida*, ou a *Sarcostemma viminale* de Balfour, que é a *Asclepias* sem folhas,— *Cyclopaedia*, III, 703.

ração da divina beberragem (1). A veneração da planta d'onde se extrahia o *Soma*, e do proprio liquido depois, não foi precedida da adoração da lua ou qualquer outro astro, pois nos Vedas só se considerava sagrado o sol (2). Os antepassados brahmanes eram até conhecidos por *Soma-pa*, —«os bebedores da planta da lua»— (3). No final do *Rig-Véda*, porém, apparece o liquido *Soma* tomado pela propria lua: o amarello brilhante da lua representa no céu *o visivel e divino Soma*, como a planta d'onde se extrahe o nectar brahmanico representava na terra a mesma divindade, e em muitos dos hymnos entoados em louvor de *Soma* se fica em duvida se se trata da planta ou da lua. Assim encontramos tambem explicação racional á confusão entre os termos *Deva*, «Deus», e *deva*, «brilhante», «resplandecente», que frequentemente se encontra no estudo dos antigos templos do Kathiawár (4): n'estes se adorou primeiro o fogo, depois o *soma* (liquido combustivel) e mais tarde a lua.

Houve tambem duvidas sobre a identificação entre o *Soma* (adoração de lua) e *Pushan* (adoração do sol), que foi afinal feita por Bergaigne, representando um avan-

(1) Cf. Bergaigne, *La Religion Védique*, I, 148; Hopkins, *The Religion of India*, 112–126.

(2) Foi o celebre orientalista allemão Alfredo Hillebrandt que esclareceu este assumpto, na sua obra «*Vedische Mythologia*, I, 450», constantemente citada por Hopkins quando se trata do culto do *Soma*.

(3) Balfour, III, 703. O *Soma* dos Vedas corresponde ao *Hom* ou *Homa* do Zend Avesta, e muito se parece o seu culto com o de Bacho.

(4) *Deva* significa litteralmente «brilhante» (deus); *Surya* significa o mesmo (em grego «o sol»).—Hopkins, loc. cit., 40.

ço notavel no estudo comparativo da adoração do fogo terrestre (brilho) e da luz celeste (sol e lua). (1)

Com o decorrer do tempo, como melhor veremos adeante, o culto de Siva transmudou-se em repugnante obscenidade, em desenfreada licença. Se o paganismo hindú representava a divindade como insexual, seguindo a primitiva orientação grega e figurando o seu *Soma-deva* como o *Dyaus* (*Zeus*), cae depois na adoração naturalista do *Linga*, como a figuração divina do *Phallus*, a potencia creadora activa ou masculina, e do *Sakti*, a potencia passiva ou feminina. O fogo da pyra primitiva, em que se adorava uma divindade abstracta, passa a significar o resultado da união d'esses dois principios ou energias da natureza. (2) D'ahi as orgias bachanaes nas festas religiosas dos hindús; o naturalismo licencioso a substituir as especulações philosophicas da theodicéa brahmanica. A adoração do *Soma* passa a ser a disfarçada apologia da embriaguez, do incesto, do deboche na sua forma mais repugnante, como a do *Linga* continua a ser hoje. O polythesimo hindú cae, pois, na mais lastimavel aberração do pensamento.

Pelo que acabamos de expor, parece-nos acceitavel derivar o nome do templo de Patan da adoração do *Soma* na sua primitiva significação; isto é *Soma-Náth*, ou *Somanáth* ou *Somnáth* = templo de *Soma* (nectar divino, brilho do fogo terrestre, brilho resplandecente da lua, e

(1) *La Religion Védique*, II, 428.

(2) «The sexual antithesis, so unimportant in the earliest Aryan nature-hymns, becomes more and more pronounced in the lithurgical hymns of the Rig-Véda, and may be especially a trait of the older fire-cult in opposition to *soma*-cult.» Hopkins, 490.

em seguida, concretamente, a propria lua) =. Mais tarde ligou-se outra significação ao *Soma* que passou a ser representado pelo *Linga*. D'ahi o apparecimento do culto phallico nos templos sivaitas; a substituição do *Soma* pelo *Linga*. Mas a origem primitiva do templo continúa ligada ao seu nome e ao da terra em que ainda hoje se admiram as ruinas seculares do templo famoso.

E' esta a nossa maneira de pensar sobre a origem da palavra *Somnáth*.

Para as derivações dos outros nomes proprios com que o templo é conhecido tambem ha faceis explicações. Chama-se *Prabhás-Patane*, por estar na provincia que nas Puranas se designava pelo nome de *Prabâsa* (inexcedivelmente brilhante) (1); *Devá-Patane*, por estar na terra sagrada em que morreu Krishna; *Deo-Pattan* ou *Div-Patan* por estar perto da ilha de Diu, a antiga capital da provincia, no tempo dos Chavarás; *Shiv-Patan*, por ser dedicado a Shiv (Siva) o templo em questão.

Demoramo-nos n'esta primeira parte do presente trabalho porque a historia de Somnath-Patan liga-se de perto com a de Diu, e de ambas pouco se tem escripto, além de notulas vagas e dispersas. Suppomos mesmo ser a primeira vez que se falla sobre o templo pela forma desenvolvida como aqui o fizemos. As suas inscripções são importantissimas, repetimos, e uma d'ellas existe ha

(1) O seguinte verso do *Skanda-Purana* o diz:

— «Oh Deusa! dos esplendidos logares da terra este é o mais brilhante.

— «Este é o primeiro dos logares de peregrinação, e por isso se chama Prabhás». Vid. *Kathiawár*, 608.

mais de tres seculos em Portugal. D'ellas se conclue a certeza da edificação de Somnat em 1024 A. D. e pode-se ter como seguro que já existiria um seculo antes d'esta data. (1) Das lendas puranicas deviamos concluir a sua existencia a partir do seculo VI, data da acção dos Gohilas no Kathiawár.

Do antigo templo pouco resta em virtude das successivas destruições mussulmanas e das alterações modernas em que predominou o estilo mourisco sobre o hindú. A cupula central e os minaretes lateraes são evidentes vestigios de reconstrucções mahometanas. Da adoração do *Linga* mal restam vestigios e da magnificente amplitude do templo ficaram os embasamentos e um ou outro resto de preciosas columnas que o governo de Junaghad tomou a peito conservar. (2)

(1) Vid. Alberúni (*in* Sachau II, 105), cita do *Bombay Gazetteer*, I, Part I, 167.

(2) H. Cousens, o sabio superintendente archeologico da presidencia de Bombaim, visitou, na sua campanha scientifica de 1898-1899, Somnáth-Patan e d'essa inspecção se occupa no seu relatorio referente a esse anno que temos presente. Em virtude da crise faminea d'esse anno no Kathiawár, o programma da inspecção foi alterado. N'elle não se comprehendia o porto de Diu: de Kodinar passava-se para Delvará e Unã, seguindo por toda a costa ao *NE.* de Diu até ao golpho de Cambaya. Cf. *Archaeology* (*Progress Report*) 1898 pag. 12,—1899, pags. 7-13, 22—e mappa do «*Tour of the Archaeological Survey Party, during the season 1898-1899*», no frontespicio d'esse numero. D'estes trabalhos se occupa um curioso artigo do *Times of India* de 22 de Janeiro de 1904, com o titulo *Gujarat in the Olden Time*.

Aqui recommendamos a sua visita aos compatriotas que vierem por terra para Diu, os quaes se demoram de preferencia em Ahmedabad e passam por Viravol sem pararem, na viagem para aqui, em Patane, aonde podiam admirar as ruinas de um dos mais famosos templos da India. (1)

(1) Os ultimos portuguezes que, a nosso conselho, visitaram Somnath-Patane foram os snrs. dr. F. Peixoto Vieira, secretario geral do governo, a 23 de fevereiro de 1905, e general J. E. de Sant'Anna Castel-Branco, a 30 de março do mesmo anno, por occasião das suas visitas a Diu. Ambos nos testemunharam a satisfação que tiveram com essa digressão artistica.

II

ELEPHANTA

São mais conhecidos os dados historicos-archeologicos a respeito d'este templo brahmanico, na visinhança de Bombaim. A portuguezes são devidas as primeiras noticias a seu respeito publicadas. A portuguezes se têm attribuido injustamente todas as depradações iconoclastas por elle soffridas. Interessam-nos por isso sempre as referencias ao celebrado *pagode do Elefante* (1).

(1) Conservamos a designação generica de *pagodes* dada pelos nossos chronistas aos templos hindús e chinezes, se bem que se trata de construcções religiosas excavadas em rocha. Melhor se lhes daria o nome de «grutas» ou «cavernas», como os inglezes fazem, designando esse conjuncto de antigos templos hindús, jainas e budhistas com o nome *Cave-temples*. A etymologia da palavra *pagode*, na sua triplice accepção de templo, idolo e moeda, e da sua origem portugueza, pode-se ver no excellente Glossario de Yule e Burnell, que citam como a mais antiga autoridade consultada o nosso Duarte Barbosa, quando escrevendo, em 1516, sobre os oleiros do Malabar (Cuianem) diz: *a cujas casas de oração chamão Pagodes*. Mas devemos aqui notar que Barbosa, o qual tão bem estudou os usos e costumes hindús no seu tempo, emprega a phrase

Não se trata aqui de um unico edificio monumental, mas sim de excavações profundas em rocha que se impõem ao visitante pela symetrica disposição das suas galerias e maravilhosa ornamentação das paredes e columnas das *capellas* (1). Como, porém, só nos interessa

— «casas de oração» — para os *pagodes, mesquitas* e *egrejas,* fallando de templos caracteristicamente hindús. Cf. *Hobson-Jobson,* 652-657; Balfour, *Cyclopaedia,* III, 324, 333; *Livro de Duarte Barbosa, na Collecção de Noticias Ultramarinas,* II, 270, 324 e 333.

(1) Tambem não queremos fugir aqui da terminologia dos nossos chronistas. Os antigos templos hindús tinham um compartimento maior para a oração em commum «o *chaitya*» e outros mais pequenos, aonde se veneravam determinadas reliquias, certas encarnações das divindades brahmanicas — «os *dhagobas*». Ora a estas divisões do templo é que os nossos chronistas chamavam *capellas,* não sem alguma propriedade etymologica, pois que *dhagoba* deriva do sanskrito *dhatu-gharba,* «o receptaculo de uma reliquia». O Conde de Ficalho falla n'isto escrevendo *chaytia* e dando equivalencia ao *dhagoba* e á *stupa*. Não é bem assim. As *stupas* são monumentos bhudistas em forma de pequenas columnas ou torres aonde se guardam as cinzas de Sakya Muni ou dos seus mais afamados adeptos. Foram tambem usadas pelos jainas e têem hoje significação mais lata. As *stupas* (do sanskrito *st'hupa,* em inglez *tope,* corrupção do hindustáni *top*) foram os mais antigos monumentos commemorativos, em terra solta, tijolo ou pedra, usados na India. A sua evolução architectonica seria o *dhagoba*. Cf. *Garcia da Orta e o seu tempo,* 251; Couto, *Decadas,* VII, Part I, 251 e seguintes; E. Charton, *Voyageurs Anciens et Modernes,* I, 359-360; Balfour, *Cyclopaedia of India,* I, 639, 875 — e III, 910, 1014; Burnell, *Glossary,* 291, 934, 967; Cunningham, *Corpus Inscriptionum Indicarum,* I, 30, nota 1.

a gruta maior da ilha do Elephante, a ella nos cingiremos aqui em especial.

O templo fica na ilha de *Purì* (1), no porto de Bombaim, a qual faria parte da antiga divisão administrativa de Baçaim, conhecida por Caranjá, comprehendendo o *cassabé* (2) da ilha de Caranjá, a terra de Bendolac e as tres ilhotas de Nevem, Seveon e Elephante (3). Hoje pertence ao governo da presidencia de Bombaim e constitue um dos attractivos d'este soberbo porto. A ilha chamava-se *Purì* — «a cidade principal» — por ahi estar edificada a capital d'este nome da dynastia dos Manryas e Silháras que dos seculos VI a X dominaram na costa norte do Concão (4). Garcia da Orta e Simão Bo-

(1) «A Ilha de pory, que he do alyfante», no *Tombo do Estado da India,* por Simão Botelho, pub. nos *Subsidios para a Historia da India Portugueza,* por Lima Felner, pag. 157.

(2) *Cassabé*, do arabe *kasba* ou hind. *kasaba,* significa o logar principal de uma *praganã* (do sanskrito *pragan,* litteralmente — «considerado acima de» —). No livro de Antonio Nunes, *Pesos da India,* vem: «*caçabees, que sam remdas meudas*», confundindo as *cassabés* de Baçaim com as moedas ahi em vigor. Vid. *Subsidios* cit., I, 29.

(3) Filippe Nery Xavier, *Diccionario Historico-Explicativo,* em appendice ao livro de Lagrange — *Huma Viagem de Duas Mil Legoas* — verb. «Baçaim»; Rivára *O Chronista de Tissuary,* I, 32, 57.

(4) E' interessante a intima relação entre a antiga historia de Elephanta e do Kathiawár no seculo XII. Kumarapála mandou (1143–1172) o general Ambádá bater o rei Mallikarjuna do Concão, sendo este derrotado perto de Balsar. A capital de Mallikarjuna era Shatananpûra — «cercada pelo mar»,— que parece indicar a ilha de Sopára, a moderna Sal-

telho chamaram — á ilha *Pory* ou *Pori* (1), mais tarde, porém, o nome vernaculo corrompeu-se para *Gharâpuri*, *Gárpuri* e *Giripuri*, para designar respectivamente «cidade das excavações», «uma casa na cidade» (capital), «a cidade do monte» (2). Estas versões são posteriores á entrada dos portuguezes na India, e melhor andaram estes em lhe conservarem a primitiva forma vernacula (3).

cete, ou talvez a ilha do Elephante, antigamente *Shatananpûra* ou *Santapûra*. O dr. Gerson da Cunha suggere esta versão que fundamenta. Em uma recente inspecção archeologica á Elephanta, H. Cousens repelle essa identificação, dizendo que a ilha na antiguidade nunca teria passado de uma colonia religiosa (*settlement*), primeiro bhudista e depois brahmanica. Parece-nos, porém, que as razões adduzidas pelo sabio archeologo indo-portuguez são ainda de receber, pois ficam de pé as suas suspeitas de que a actual aldeia de *Moreth*, ao *NE.* da ilha, seja uma corrupção de Manrya e a de *Shetbandar*, ao *NW.* seja a de *Shatanandpûra*. Estas aldeias podem-se notar no mappa que acompanha o relatorio de Cousens. Sobre este assumpto não ha ainda opinião assente. Cf. Gerson da Cunha, *The Origin of Bombay*, 20–22, 49–50; *Indian Antiquary*, V, 70, 277; VII, 184; IX, 44; *Asiatic Researches*, I, 361; *Bombay Gazetteer*, XIII, Part II, 61 e 426; *Journal of the Bombay Branch of the Royal Asiatic Society*, XIV, pag. XXXV; *Archaeology Progress Report for 1901*, pag. 9.

(1) *Coloquios*, II, 341; *Subsidios*, loc. supracit.

(2) *Ghárapuri* é o nome da pequena aldeia ao sul da ilha e d'ahi talvez *Giripuri*, «a cidade» ou «aldeia na montanha». Cf. *Bombay Gazetteer*, XIII, Part II, 59; *Map of the Island of Elephanta*, *in Archaeologia* cit.

(3) Gerson da Cunha, *History and Antiquities of Chaul and Bassein*, 13; *The Origin of Bombay*, 20–21.

O nome de *ilha do Elephante* foi dado por causa de um elephante de pedra, em tamanho natural, que existia ao sul da ilha, no bico de pato que ella ahi forma voltado para o porto de Bombaim. Parece que seria ahi o desembarcadouro (1), quando os portuguezes tomaram posse da ilha e deram com o magnifico pachiderme, cujo nome passaram depois a usar para designar a propria ilha. Assim se exprime D. João de Castro, quando visitou a ilha em 1538: *Chama-se esta ilha do Alifante porque dentro de hum mato está hum grande alifante de pedra muito semelhante aos vivos, na côr, grandeza e feição* (2). Doze annos depois viu Diogo do Couto o elephante de pedra e sessenta e dois depois assim escrevia: *Chama-se* (a Ilhêta pequena) *assim, por hum Elefante de pedra grande, que se vê entrando pelo rio dentro*; mais adiante parece esquecer-se d'isto quando escreveu: *Ao lado esquerdo deste idolo grande está outro .....*, *e a cabeça de Elefante, de quem eu cuido que a Ilha tomou o nome.* (3) Da designação portugueza conservaram os inglezes a fórma feminina, escrevendo *The caves of Elephanta*, *Elephanta-caves*, *Island of Elephanta*, ou simplesmente *The Elephanta.* (4) A corrupção gram-

(1) O antigo *Rajbandár* da ilha. Vid. cit. *Map of Elephanta.*

(2) *Roteiro desde Goa até Dio*, pub. por Diogo Kopke, 65.

(3) *Decadas*, VII, Parte I, 250 e 252.

(4) Este elephante, que media $4^{m},012$ de comprimento e $2^{m},235$ de altura, soffreu varias mutilações, separando-se a cabeça do tronco em 1814. Em 1864 foram estes destroços removidos para Bombaim, por sir Birdwood, e conduzidos para o Jardim Botanico de Bombaim (*Victoria Gardens*). Aqui se vê logo á entrada do portão, do lado direito, a cabeça com a tromba partida, por signal pouco cuidada, como obser-

matical ingleza creou já fóros de cidade e, por isso, a adoptaremos dizendo *a Elephanta*, concordando com «a gruta», «a caverna» e não a ilha; pois assim teriamos sempre a forma masculina:—*a ilha do Elephante.*

Quando os inglezes tomaram posse de Bombaim, a 18 de fevereiro de 1665, a ilha do Elephante continuou a ser portugueza e fazendo parte da provincia de Baçaim. Deram-se em seguida os ataques dos marathas ás nossas possessões da costa do Malabar, e em 1739 tomaram Baçaim, depois de um violento cerco de tres mezes e de uma desesperada defeza dos nossos. A ilha do Elephante já nos não pertencia então: os inglezes tinham-se apoderado d'ella, por traição, em 4 de julho de 1724. Alguns annos depois, em 1818, foram os marathas expulsos de Baçaim pelos inglezes e estes ficaram senhores, definitivamente, de quasi todo o territorio da nossa antiga *côrte do Norte* (1).

vámos ainda ha quatro mezes. Lopes de Lima marca mal o logar em que viu, na ilha, os destroços do elephante: *uma quebrada no monte do lado do Norte.* Ora o local era ao sul, como dissemos acima, e H. Cousens verificou em 1901, fallando com um operario que ajudára a remover os fragmentos em 1864; isto é, 22 annos depois de Lopes de Lima escrever aquillo. Cf. Burgess, *Elephanta or Gharapuri*, 1; Douglas, *Bombay and Western India*, II, 211; Lopes de Lima, *De Goa para Lisboa*, 37; Maclean, *Guide to Bombay*, 358; Pearse, *Guide to Elephanta*, 7; Cousens, *Archaeology* (Report for 1901), pag. 9; Pinder, *Visitor's Guide to Bombay*, 97.

(1) Era assim conhecido Baçaim que, sob a administração do *General do Norte*, formava uma provincia com jurisdicção militar de Bombaim até Diu. Sobre a entrega de Bombaim, feita aos inglezes, em virtude do celebre tratado de 23 de junho de 1661, e perda de Baçaim, veja-se: Gerson da Cunha,

No começo da nossa dominação, a ilha de Bombaim fôra dada em aforamento a Garcia da Orta; isto pouco depois da posse de Baçaim (1534) a cuja jurisdicção pertencia (1), e é possivel que tambem a ilha do Elephante em que elle tão bem falla nos seus *Coloquios* (2). O que se sabe ao certo é que ella estava aforada em 1548 a João Pires, pela quantia de 105 pardáus, em virtude de uma provisão do governador D. João de Castro (3); depois passou, tembem por aforamento, para o dominio de Manoel Rebello de Almeida, que a trespassou a sua filha D. Rosa Maria Manoel d'Almeida ao casar com Lopo de Mello Sampayo, em 22 de abril de 1616 (4). Em 1634 era senhor da ilha o capitão do

The Origin of Bombay, 239-268; Ismael Gracias, nota *B* no *Resumo da Historia de Goa*, pelo Pe. Gabriel Saldanha, 293-303; Gerson, *Antiquities of Bassein*, 147-150; F. N. Xavier, cit. *Diccionario Historico-Explicativo*, verb. «Baçaim», «Bombaim» e «Ilha de Elephante»; e os modernos artigos de Ismael Gracias e Jeronymo Quadros no *Oriente Portuguez*, II, 219 e III, 1, 77 e 147.

(1) No contracto de cedencia de Baçaim (23 de dezembro de 1534), entre o sultão Bahadur e Nuno da Cunha, se diz textualmente: *daa a el Rey de portuguall d'oje pera todo sempre baçaim, com todas suas terras asy firmes comõ Ilhas, e maar, com toda sua jurdição, mero, misto Imperio* etc. Felner, *Subsidios*, II, 134; Biker, *Tratados da India*, I, 63.

(2) Cf. Conde de Ficalho, *Coloquios*, II, 341-342; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 259-277.

(3) *Tombo do Estado da India*, por Simão Botelho, *in Subsidios*, 157-158.

(4) Ainda ha poucos annos viviam em Baçaim os descendentes d'esta familia, — cit. *Diccionario Historico-Explicativo*, 52.

forte de Caranjá Fernão de Sampayo da Cunha, como menciona Bocarro (1).

Do começo da dominação ingleza pouco sabemos a não ser que em 1778 foi posta a ilha em leilão *(public outcry)* pelo residente de Caranjá e cedida por 716 rupias (2). Depois devia ter voltado para a posse da corôa britannica, quando se extinguiu a Companhia das Indias, constituindo d'ahi até hoje parte integrante da cidade e porto de Bombaim (3).

(1) Antonio Bocarro, *Livro das plantas das Fortalezas da India*, MS. eborense publicado por Cunha Rivara no *Chronista de Tissuary*, III, 261.

(2) *Selections from the Letters, Despatches, and other State Papers preserved in the Bombay Secretariat*, by G. W. Forrest, (Bombay, 1887), vol. II, 228.

(3) Não nos interessa aqui a historia do regime de terras adoptado pelos inglezes no Concão; mas não podemos deixar de chamar a attenção do leitor estudioso para dois pontos interessantes: a historia dos aforamentos portuguezes nas terras do Norte e a extraordinaria confusão que abalisados escriptores inglezes fizeram da palavra portugueza *fôro*. O primeiro assumpto é magistralmente tratado pelo conde de Ficalho no *Garcia da Orta e o seu tempo*, 259 a 277. E' um resumo historico primoroso. O segundo pode-se ver no livro de Gerson da Cunha, *Origin of Bombay*, 228-229. E' tambem uma erudita annotação á incomprehensivel trapalhada que os inglezes fizeram sobre a significação do termo portuguez *fôro*. Esta confusão foi até introduzida na legislação ingleza da India e justamente por causa dos aforamentos portuguezes de Bombaim, tomando *fôro* por *fóra* (adverbio) e *fóros* por *fóras* (do latim *foris*). Até se arranjou uma terminologia anglo-indiana, com todos os matadores de derivações etymologicas e forenses: o *fóras-lands* e *forasdárs!* Deve-se isto ao juiz de Bombaim, sir Michael Westropp, que em um trabalho notavel de jurisprudencia começou a fazer explana-

Assim temos resumido a historia da ilha. Vejamos agora a do templo.

A respeito da sua origem houve as mais extravagantes theorias e escreveram-se centenares de artigos e bastos folhetos, illustrados de gravuras e de tolices! Foi durante o seculo XVIII e começo do XIX o problema palpitante da archeologia anglo-indiana. Mas hoje não restam a respeito d'elle as mesmas duvidas que ficam ácerca de Somnáth. Antes de tratarmos d'este assumpto, sob o nosso ponto de vista especial, faremos uma rapida descripção do pagode, como subsidio interessante ao presente trabalho. Em seguida aos monumentaes trabalhos de Erskine, Wilson, Stevenson, Burgess e Fergusson (1), pouco ficou por dizer das famosas grutas; mas, á parte a feição archeologica, ainda hoje é notavel, sobre todas, a descripção do nosso Diogo do Couto. A ella nos soccorreremos quando fizermos o rapido passeio pelo templo maior, que é o que nos interessa. Faremos assim porque os autores portuguezes que têm seguido Couto, ou o copiaram mal, ou não descreveram Elephanta como se vê hoje.

ções glottologicas filiadas na sua ignorancia de lingua portugueza, mais tarde perfilhadas impensadamente por outros compatriotas. A este respeito cf. *Indian Act*, VI de 1851; *Bombay High Court Reports*, IV, 87–88; *Selections* etc. de Forrest, acima citadas, I, pag. XVI e 51 (nota); *Hobson-Jobson*, verb. *Fóras-Lands*.

(1) *Transactions of the Literary Society of Bombay*, I, 214–270 (reimpressão de 1877); *Journal Bombay Branch of the Royal Asiatic Society*, III, Part. II, 41–42 e IV, 261–275, 341–342; *Rock-cut temples of India*, 54–55; *The Cave-Temples of India*, 465–475; *The Rock-Temples of Elephanta*, com photographias.

A gruta maior está situada na collina *W* da ilhota com a entrada principal voltada para o *N* (1). É toda cavada em rocha viva, com o tecto aguentado por columnas e meias columnas formosamente lavradas: — as primeiras, mais damnificadas que estas, vão até ao tecto formando com este e o chão um unico corpo, as segundas vão do sólo até ás ogivas dos porticos dos diversos compartimentos e estão mais bem conservadas. Couto ainda viu cincoenta columnas (1595–1601), Lopes de Lima (1842) contou quarenta e duas, mas algumas já derrocadas, e James Pearse (1897) marcando o numero de dezoito em bom estado, diz que eram ao todo 26 desde a primitiva (2). Nem o pavimento, nem o tecto do templo são perfeitamente horisontaes e porisso as columnas variam em altura de $4^{m},57$ a $5^{m},18$, no corpo da gruta. De comprimento tem o templo $39^{m},62$ e outro tanto de largura de léste a oéste (3).

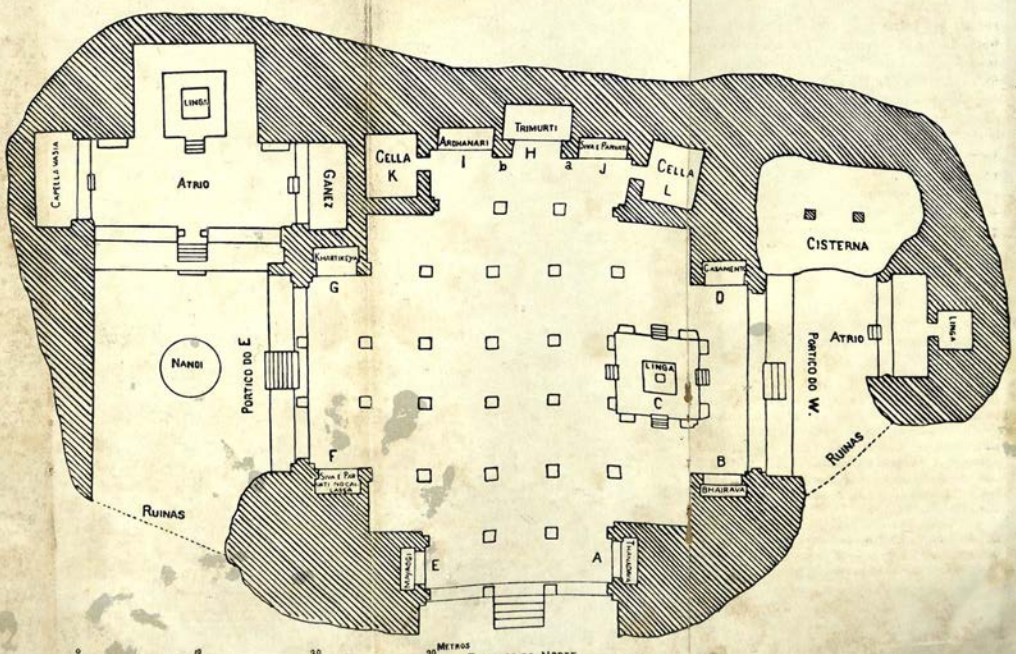
As columnas têm um aspecto magestoso, inspirando, na verdade, admiração pela gravidade do talhe no bloco rochoso, symetria geometrica e lavores que, como os dos

(1) Mappa da ilha no *Archaeology* (1901), planos no *Elephanta* de Burgess, e *Cave-temples* de Fergusson e Burgess.

(2) D. João de Castro menciona ao todo 42 esteios, *que parece sosterem o ceo de cima*. Este numero concorda com o dado por Burgess e Fergusson, *The columns..... were originally twenty-six in number with sixteen attached ones*. Isto é; 26+16=42. Cf. *Roteiro de Goa até Diu*, 66; *Cave-Temples of India*, 466.

(3) Couto dá-lhe 80 passos de comprimento por 60 de largo; D. João de Castro dá as seguintes medidas: — 35 braças de comprido, 25 de largo e pouco menos de 4 de altura; e Bocarro falla em «200 passos de roda».

CROQUIS DO TEMPLO DE ELEPHANTA



idolos, *nem em prata, nem em cera se podia fazer, nem esculpir com mais primor, nem com mais lindeza e perfeição,* como escreveu Diogo do Couto ao descrever o *muito notavel e espantoso pagode do Eelefante.* (1) Essas fiadas columnarias, assemelhando-se a collossaes stalactytes, dividem o corpo do templo em 7 naves, de léste a oéste, como se vê no *croquis* que damos na escala de $1^{m} : 0^{m},0033$, conforme a planta de Burgess (2). Assim se formam as dez *capellas* de Couto, ou doze, como contou D. João de Castro (3), fazendo incluir n'esta designação as duas camaras quadradas escuras no fundo do templo (*K* e *L*) a que Bocarro chamou *retretes de camara* (4).

Façamos um rapido passeio pelo templo, seguindo Diogo do Couto, modernisando technicamente as suas expressões duvidosas e localisando as capellas. É o que nos interessa para completar essa antiga descripção que, durante tanto tempo, servia de guia unico aos inglezes nos seus primeiros estudos elephantinos.

Entrando pelo portico principal do norte ficam-nos á direita (oeste) quatro capellas, contando com a do *Linga (C)*, e á esquerda (léste) tres. No fundo (sul) a capella da *Trimurti (H)* com mais duas, uma a cada lado; e ao pé d'estas, respectivamente para o nascente e poente, as cellas quadradas dos guardas do templo. São as doze capellas de D. João de Castro.

A primeira capella da direita *(A)* é a de Siva dançando o *Tandáva*, ao pé de Parvati, e assistidos de Brah-

(1) *Decadas,* VII, Parte I, 250 e 251.
(2) *Elephanta,* plano no frontispicio.
(3) *Roteiro de Goa até Dio,* 67.
(4) *Chronista de Tissuary*, III, 261.

ma, Vishnú e Ganez. Siva tem 8 mãos, mas só a quarta do lado esquerdo está hoje inteira, das outras restam os côtos. A altura de Siva é de 3m,25 e de Parvati 2m. Os lavores de ambos os idolos são finissimos; mas, infelizmente, o rosto e peitos estão bastante damnificados. A figura de tres cabeças é Brahma, que tem um braço para cada cabeça *salvo a do meio, que tem dous, e na esquerda tem hum livro* (1). Este braço não existe hoje, nem signal, portanto, do livro que devia significar os Védas (2). Ainda se conhece a significação mythologica de muitos dos idolos secundarios d'esta capella, apezar de bastante deteriorados pelo tempo.

A segunda capella d'este lado *(B)* é a que Couto tão bem localisa. É a de *Bhairavá*, ou Siva na forma aterradora de Rudra, que a phisionomia do idolo bem representa, com os olhos abertos de raiva e os beiços em commissura. É uma das mais soberbas esculpturas de todo o templo e, como naturalidade de expressão, talvez a melhor obra de arte que n'elle se admira. Rudra tem oito braços, quasi todos partidos; mas ainda se vê um da direita com uma espada erguida, ameaçando a victima, e um da esquerda com uma campainha para indicar o momento de se dar começo á funebre operação (3). A altura do idolo, que está sentado, é de 3m,50. O

(1) Opus cit. 252.

(2) Burgess, *Elephanta*, 20 e 39.

(3) Trata-se de uma forma vulgar de adoração dos marathas, quando Rudra immola a sua victima, uma creança. E' *o idolo pequeno pendurado pelos pés,* a que se refere Couto. A controversia que tem havido sobre este idolo, e a que se referiu Kopke, não tem razão de ser; pois ainda se vê a taça para amparar o sangue, tendo desapparecido o *idolosinho* de

sobrecéu com as finissimas esculpturas, a que se refere Couto, está em regular estado, assim como se distingue ainda bem a faxa de cabecinhas das suas victimas, que Rudra traz a tiracóllo, e a que os hindús chamam *mundamála*. É esta ainda a forma commum de se adorar Siva entre os marathas; isto é, o degolador de creanças offerecidas como victimas para apaziguar as iras de Rudra ou de sua mulher, a feroz deusa Kalí. Nas grutas de Elora e Amboli encontram-se ídolos de *Bhairavá* ou *Kapálàbhrit* analogos ao da Elephanta e em perfeito estado de conservação.

O terceiro compartimento de oéste, e proximamente a meia extensão do templo, é a celebre capella do *Linga*, de que tanto fallaram todos os escriptores portuguezes que visitaram Elephanta. Foi o mais venerado *gharbá* do templo (1). Tem seis metros quadrados de superficie, é aberto aos quatro lados, com um lanço de seis degráus para serventia de cada portico, ficando o plano da capella elevado de $1^{m},10$ em relação ao piso do templo. A cada um dos lados do portico estão formidaveis gigantes de pedra, admiravelmente trabalhados, com $4^{m},60$ de altura, a maioria dos quaes muito mutilada. No centro da capella está o altar

Couto, que estava por cima. Cf. *Roteiro*, 67; *Decadas* cit. 253–254; Lopes de Lima, 32–33; *Elephanta*, 18; *Cave-Temples*, 473.

(1) *Gharbá* sign., á letra, o zimborio ou cupula de um templo subterraneo bhudista e assim parece mal empregado o termo usado por Fergusson e Burgess. Talvez seja melhor graphia o *gharbí*, do hindú «guarda», ou «relicario» do templo. Cf. Burgess, *Elephanta*, 8; *The Cave-Temples*, 469; Balfour, *Cyclopaedia*, I, 1175; *Hobson-Jobson*, 365 (ed. de 1903).

(vêdi) tendo de base 3^{m2} e de altura $0^{m},90$. É lavrado com motivos semelhantes aos das bases dos idolos das restantes capellas e do seu centro ergue-se uma pedra de forma quasi cylindrica de $0^{m},86$ de base por $0^{m},91$ de altura, terminada na parte superior por forma arredondada. A excavação do *vêdi*, da qual emerge esta pedra é o *Yoni* (1) e o pequeno cylindro o *Linga* (2), cujas significações no culto sivaíta veremos adiante, em capitulo especial. A affirmação de Couto — de que as quatro portas d'esta capella, cujas couceiras ainda se viam no seu tempo, *não se abriam pera mór veneração, senão huma vez no anno no dia de sua maior festa* (3), — parece confusão de Couto, por ser justamente o *Linga* o idolo de corrente e diaria veneração de presença entre os sivaítas. Talvez elle se quizesse referir á capella da *Trimurti*, como suggere Burgess. (4)

Ao *SW.* d'esta capella, e em frente da de *Bhairavá*, está a quarta d'este lanço que representa o casamento de Siva e Parvatí (*D*). E' *a outra capella com hum formoso portal de obra Mosaica*, a que, com justificada admiração, se refere o continuador das *Decadas*. Parvatí está á direita do marido, o que só succedeu no dia do divino consorcio. Sivá tem $3^{m},30$ de altura e Parvatí $2^{m},47$; ambos de pé; ambos cheios de joias, usando Siva a caracteristica *mukuta*, a tiára dos nossos autores. O marido devia ter quatro braços mas hoje só está inteiro um do lado esquerdo (da frente), e do da

(1) Pudendum muliebre.
(2) Membrum virile.
(3) Op. cit., 254.
(4) *Elephanta*, 10.

direita (extremo) vê-se ainda até um pouco abaixo do cotovello e em posição de receber o da esquerda de Parvatí. A' esquerda de Siva está Brahma com as tres cabeças, a que se refere tambem Couto. As figuras decorativas da capella estão em regular estado de conservação e o motivo artistico da capella é tirado do celebre Kalidása que cantou os amores de Siva e Umá (Parvatí). Os vestigios dos mosaicos já se não notam. Ao sul da capella ainda existe a cisterna *de agua excellentissima* e da qual disse Lopes de Lima: *Excellente e summamente fresca é na verdade a agoa da chamada cisterna, — a que eu antes chamaria mina, — cuja bocca fica ao lado esquerdo d'esta Capella, e de que se não conhece a origem nem a profundidade, que deve ser muito grande pelo susurro repercutido em eccos, que forma dentro da immensa caverna, esta agoa que na sua bocca jaz tão placida como se nascesse ali mesmo* (1). Parte do tecto do compartimento aonde está esta cisterna desabou já e está sendo reconstruida pelos inglezes.

São estas as quatro capellas ou compartimentos da ala de *W.* Para *E.* ha mais tres.

A primeira, logo á esquerda do portico do norte, é a de *Mayaógi* ou *Mahâyog*, isto, é Siva considerado como o *Grande Asceta,* e que, pela posição do idolo, foi durante muitos annos considerado como a estatua de Bhuda. Siva está sentado no *padmâsana* ou throno formado pelo sagrado lotus (exactamente como se costuma representar Bhuda), com ambos os braços partidos. A expressão do rosto devia de ser contemplativa, como ainda hoje se pode notar, apezar de ser esta a capella

(1) *Jornal da Viagem* cit., 33–34.

mais deteriorada do templo. E' a capella *E* da nossa planta.

Em *F* está a capella de *Rávana*, rei de Ceylão, como hoje se lhe chama em vernaculo. Representa-se ahi Siva sentado no seu paraiso — *Kailássa* — ao lado de Parvatí e tendo em baixo o *idolo de cinta pera cima agigantado com cinco rostos proporcionados ao corpo, com suas tiáras na cabeça e com doze braços, e com as mãos sostenta hum assento de pedra sobre quem está outro idolo Gigante de hum só rosto com seis braços* (1). O primeiro d'estes idolos é Rávana que se representa com dez caras e não cinco, que se notam na face da capella voltada para o observador. O idolo gigante é Siva que tambem não tem seis braços mas sim oito, dos quaes ainda estão bons dois que assentam sobre as cabeças dos idolos lateraes, em forma protectora. Uma das mãos da direita segurava o tridente sivaíta *(trisúlá)* cuja parte superior ainda se vê distinctamente por cima da cabeça de um dos idolos da direita de Siva. Na parte superior da capella estão muitos idolos representando a côrte celeste de Siva, pois a scena da capella passa-se, como dissémos, no Kailássa.

Ao sul d'este compartimento, e symetrica em relação ao portico de léste, está a capella *G* que representa Siva e Parvatí com o filho mais velho *Kártikeya*, o deus da guerra em que falla o *Linga-Purãna*. Os idolos d'este compartimento estão horrivelmente mutilados: — os quatro braços de Siva, que Couto viu inteiros, estão todos partidos, a cara e a tiára tambem estão muito gastos. Os quadros esculpidos nas paredes symbolisam scenas no Kailássa.

(1) Couto, loc. cit., 256.

No fundo do templo, em frente do portico do norte, e a 29^{m} de distancia de limiar a limiar, está a capella da *Trimurti*, a mais importante esculptura elephantina. A capella tem 3^{m},20 de fundo por 6^{m},55 de largo, elevando-se de 0^{m},84 em relação ao nivel do templo. O idolo de tres faces representa a trindade hindú: — Brahma, o Creador; Vishnu, o Conservador e Siva, o Destruidor. Não é para aqui o resumo das controversias a que tem dado logar este idolo da Elephanta; mas o que parece assente é que as tres creações — e não manifestações divinas — representadas pela *Trimurti* significam tres encarnações de Siva: — a do centro é Siva-Creador (Brahma), a da direita (do espectador) é Siva-Destruidor (Rudra), e a da esquerda é Siva-Conservador (Vishnu). Na theodicéa hindú coexistem as formas de Siva com as tres creações brahmanicas, e no templo de Elora se vê a imagem da *Trimurti* parecida com a da Elephanta (1). Ha até quem sustente, e com bons fundamentos, que a cabeça da direita do idolo é a de Parvati, a *sakti* (esposa) de Siva, e não a de Vishnu (2).

A figura central tem de altura 5^{m},43, do peito ao cimo da tiára *(mukuta)*, e é a mais agigantada de todo o templo. A cada rosto correspondem dois braços dos quaes alguns estão partidos. A mão direita de Brahma segura uma cobra de que ainda se vê a cabeça e a esquerda tinha uma cabaça representando a taça divina de Brahma, a que Couto chamou *hum grande Globo*, naturalmente pela forma quasi circular que teria a cabaça. O rosto da esquerda segura na sua mão direita

(1) Fergusson and Burgess, *The Cave-Temples of India*, grav. LXXV.

(2) Burgess, *Elephanta*, 7.

uma formosa cobra de capello que Rudra fita com um sorriso diabolico, muito bem representado na bella esculptura. O rosto da direita segura na sua mão direita a flôr de lotus, um dos emblemas de Vishnu (1). Todas as tres figuras tem lavores finissimos no pescoço, orelhas e cabeça, constituindo estas joias, na opinião de Erskine, um dos mais artisticos specimens da estatuaria hindú (2). Não se enganou, pois, Couto quando se referiu ás admiraveis subtilezas d'esses lavrados e com propriedade disse tambem Lopes de Lima:—*esta capella só por si é uma portentosa maravilha* (3). O visitante extasia-se, na verdade, á vista do arrojo do lançamento gigantesco do idolo principal,— das expressões diversas dos tres rostos, representando as significações peculiares da theodicéa brahmanica,— da minucia dos lavrados dos collares e joias das *mukutas*,— do bem proporcionado de toda a esculptura.

(1) Ha confusão em Couto e L. de Lima quando fallam na *rosa*, *a que chamam Golfo*, *que nasce nas alagoas grandes*. Essa flôr é o *padma* (lotus, *Nelumbium speciosum*) que nasce effectivamente nas lagoas e symbolisa entre os hindús o typo de caracter androgyno na Natureza e do qual emergem os deuses. E' o symbolo da reproducção; a flor do segredo, da noite, do silencio e do mysterio, que se reproduz por si mesma. E', emfim, o *Yoni* fecundado e fecundante. Cada parte da flor representa um dos mysterios physiologicos da criação animal, que a theogonia brahmanica se encarregou de explicar a seu modo, e em proveito das cerimonias occultas desempenhadas pelos seus lascivos sacerdotes, como se pode ver em E. Sellon, *Annotations on the Sacred Writings of the Hindús*, 15–17, 36 e seguintes.

(2) Fergusson and Burgess, loc. cit., 468.

(3) Opus cit., 35.

Aos lados do portico lavrado d'esta capella estão dois formidaveis gigantes *(Divârpâla)*: o da esquerda, em *a*, tem $4^{m},11$ de altura; o da direita, em *b*, tem $3^{m},88$. Aos lados de ambos estão outros idolos mais pequenos, representando os *Pisâchas*, ou diabos-anões, sobre cujas cabeças descançam as mãos dos gigantes.

A' direita e esquerda da capella da *Trimurti*, e symetricamente dispostos em relação á linha norte-sul, estão outros dois compartimentos tambem muito interessantes. O de leste *(I)* representa *Ardhânarí* ou *Ardhanarishvárá*, isto é, Siva na forma hermaphrodita: — Siva unido a Umá (Parvatí). A parte da direita do idolo androgyno é a masculina, e a da esquerda a feminina, tendo a esculptura $5^{m},10$ de altura. É, pois, das mais altas do templo.

Não podemos alongar a descripção da Elephanta, por não ser esse o objecto d'esta memoria; mas devemos frizar aqui o conhecimento que da mythologia hindú tiveram os nossos escriptores quinhentistas — Garcia da Orta e Diogo do Couto. Menos ingenuos, sob este ponto de vista, do que D. João de Castro, que quiz ver na construcção dos famosos monumentos subterraneos de Salcete e Elephanta a directa e prodigiosa influencia do demonio, vão rastejando de muito perto a verdade quando indicam a significação de alguns dos idolos da Elephanta. Hoje ainda ha problemas a resolver no interior d'esses templos, apezar dos profundos estudos de tres gerações de sabios orientalistas, e causa por isso mesmo maior admiração, como por exemplo Couto, em 1601, escrevesse a respeito do idolo que notou n'esta ultima capella: *Este idolo tinham os antigos por meio homem, e meia mulher, porque tem uma só teta á maneira*

das antigas Amazonas (1). Ora, elle representa, como dissemos, a encarnação androgyna de Siva, tendo o busto da esquerda o caracteristico sexual distinctivo, um unico seio, e sendo commum o penteado alto e caprichoso da cabeça unica. A um exame mais attento não escapa tambem a flexibilidade da anca esquerda, de um lançado exaggeradamente feminino (2). O idolo tem 4 mãos (cada metade do idolo duas das quatro que deveria ter, pois se representa Siva com oito mãos, e assim n'esta sua encarnação, que representa a metade de cada sexo unida pela columna vertebral, temos as duas mãos masculinas do lado direito e as duas femininas do lado esquerdo) e uma das masculinas assenta sobre a cabeça do touro sagrado de Siva, do *Nandi*, tendo a outra um *Naga*, a cobra de capello. Uma das mãos femininas segura um escudo (3) e a outra está de ha muito partida.

Sobre este idolo houve controversia entre os modernos orientalistas—querendo uns que elle representasse a encarnação feminina de Siva (Parvatí ou Durga), e outros a sua representação hermaphrodita. Foram estes que tiveram razão. O Conde de Ficalho salientou a desconfiança de Garcia da Orta e a affirmação de Diogo do Couto (4), mas esqueceu-se de referir á opinião de D. João de Castro, que visitou o pagode quatro annos depois de

(1) Loc. cit., 258.

(2) Que um recente auctor inglez classificou assim; «*the main figure of this panel, with its left side projecting into a huge breast and hip, is only a monstruosity*». Ed. Carpenter, *From Adam's Peak to Elephanta* (London, 1903), pag. 308.

(3) Couto diz espelho, mas, pela convexidade que apresenta, parece antes um escudo.

(4) *Coloquios*, II, 347; *Garcia da Orta e o seu tempo*, 254.

Garcia da Orta, e portanto 15 annos antes de Diogo do Couto, e diz claramente: *Em outra capela está huma molher de grande corpo como giganta, toda nua, e somente tem a teta esquerda e da direita nenhum sinal parece, assi como he escrito das Amazonas* (1). O futuro Vice-Rei da India evidenceia já aqui a influencia da leitura dos classicos latinos; assim como pouco depois mostra a ingenuidade medieval de bucolico serrano de Cintra quando escreve: *tam maravilhosa obra que parece impossivel ser feita per mãos de humanos . . . parece sahir já dos termos da natureza . . . salvo se lhe tirar o preço parecer que os homemis nam saom capazes, nem debaxo de seo intendimento e poder cabia arteficio e possebelidade de a fazer, mas que ela seja feita per espiritos e arte diaboliqua: o que quanto a mi nam ha duvida* (2). Ao espirito religioso do edificador da ermidinha da *Penha Verde* de Cintra repugnava acreditar n'esse esforço cyclopico dos hindús; mas, por singular coincidencia, é perto d'esse proprio testemunho da sua viva fé christã que parece existir ainda hoje a unica recordação que ha em Portugal da Elephanta. Extravagante coincidencia, na verdade, á qual adeante nos referiremos mais de espaço. Agora continuemos com o templo.

(1) *Roteiro* cit., 68, 265; Conde de Ficalho op. cit.; Couto, op. cit. 258.

(2) *Roteiro,* 66, 76. O nosso phisico Garcia da Orta não tinha opinião muito differente, pois escreveu:— «*parece que o diabo poz ahi todas suas forças e saber, pera enguanar a gentilidade com sua adaraçam*» —(*Coloquios,* II, 341). Com um pouco de materialismo sceptico, que já então devia ir bem a um naturalista, punha de remissa o que ao futuro amigo e confidente do Santo Xavier não offereceria duvida alguma acreditar, com a maior boa fé, quatro annos depois.

A capella de oéste (J) representa Siva e Parvati ou Umá. Siva tem quatro mãos das quaes duas partidas. Da sua cabeça sahe um busto feminino de tres cabeças que representa o *triveni* ou juncção sagrada de tres rios: Ganges (*Gangá*), Jumna (*Jamuná*), e Sarasvati, que se encontram idealmente em *Prayága*, perto da moderna Allahabád. A sua altura é de $4^{m},87$ e a de Parvati, que está á sua esquerda, é de $3^{m},65$. Esta esculptura representa Siva e Parvati como os progenitores da raça humana, ou melhor, talvez, de toda a vida animal. A capella está regulamente conservada, assim como os variados idolos que cercam o par sivaíta.

Aos lados d'estas duas capellas estão as duas cellas (*K* e *L*) que serviam de casas de habitação aos sacerdotes encarregados da guarda permanente do templo. Nada offerecem de interessante e são as taes cellas dos *Santões* (Jogues) a que se refere Lopes de Lima (1).

Está assim descripto o templo de Elephanta seguindo o passeio feito, ha trezentos e cinco annos, pelo nosso Diogo do Couto. E' esta a gruta maior da ilha que pelos porticos de léste e oéste communicam respectivamente com duas dependencias do templo principal. A de léste tem uma plataforma circular ao centro do atrio, que se vê na planta, aonde devia estar o *Nandi*, ou touro sagrado de Siva, que em todos os templos sivaítas se representa assentado com a cara voltada para o *Linga*, cujo altar fica aqui em frente d'esta plataforma, para o poente. Para o sul d'este atrio abre-se um portico com alguns degráus que dão accesso a um pequeno *Chaytia* com o altar do *Linga* em frente e duas capellas aos la-

(1) Cit. *Jornal da Viagem* etc., 35.

dos: a do poente com o idolo do *Ganeç* e a do nascente vazia hoje. A ala de oéste contém a cisterna a que já nos referimos, uma outra capella do *Linga*, e algumas esculpturas. Ambas estas dependencias tinham porticos de serventia especial para o norte, que desabaram ha muitos annos e cujos aterros estão sendo removidos hoje.

Além dos idolos e columnas lavradas notam-se no templo maravilhosas esculpturas talhadas nas paredes rochosas das grutas, que mais parecem *debuxadas*, como diziam os nossos autores quinhentistas, do que esculpidas em tão dura materia prima (1). Muitas d'estas imagens estão estragadas pela acção do tempo e algumas pela maldade dos homens. Dos gigantes que sustentam as cimalhas dos porticos ha alguns em bom estado. Dentro do templo existem algumas imagens de elephantes e na capella de *Ardhanarí* observa-se, proximo de Siva, o idolo de *Indra* (deus do firmamento) montado no elephante celeste ou *Airaváti* que é o seu *vahan* (2).

O templo não está hoje aberto ao culto dos hindús mas ahi se festeja annualmente Siva no seu grande dia, o *Sivarátri*, em que adeante fallaremos, e então se faz na

(1) D. João de Castro falla em *romanos* e *istorias de romanos*, que o seu commentador Kopke diz seria o equivalente ao nosso actual *relevo*. Na primeira forma de escrever é possivel; na segunda antes nos parece quereria significar mythologia ou paganismo romano, referindo-se aos *motivos* das esculpturas parietaes do templo. Cf. *Roteiro*, 67, 69 e 77; *notas*, 267.

(2) Na mythologia hindú cada encarnação divina tem o seu *vahan*, ou montada favorita, representada por um animal, que por seu turno se torna objecto de culto. *O vahan* de Indra é o elephante branco —Airaváti, — assim como o de Siva é o boi branco — Nándi.

ilha uma feira muito concorrida de banianes (1). Desde que os marathas se apossaram d'elle (1737-1739) cahiu o pagode no esquecimento dos sectarios de Siva (2) e pouco depois passou a ser nas mãos dos inglezes um monumento archeologico, a principio descurado e actualmente cuidadosamente conservado, sendo todos os annos votada uma certa verba especialmente destinada para esse fim e custeio de novas pesquizas archeologicas na ilha (3). Com permissão especial, ou munindo-se o visitante com um bilhete de admissão, comprado no *Apollo Bunder* ou na propria ilha, é facil visitar-se o templo todos os dias (4). O desembarque nem sempre é facil, a despeito de um molhe de abrigo ou ponte-caes, feito na angra da ilha ao *NW.* e á curta distancia da

(1) Burgess, *Elephanta*, 3.

(2) «*But it is at last probable that the Portuguese, in their fanatical zeal against the Hindú form of idolatry, desecrated the temple in the early part of the sixteenth century* ?». (loc. supracit.). Isto não é bem assim, pois quando tomamos Baçaim já os mussulmanos tinham afugentado os crentes hindús da costa do Concão. A tolerancia mahometana não foi superior á christã, apezar de o parecer á primeira vista, e n'este ponto se tem enganado mais de um escriptor portuguez como a seu tempo provaremos, e d'este mesmo nosso trabalho se concluirá.

(3) De 1898 a 1901 dispenderam-se n'esses serviços 6838 rupias, como se pode ver nos *Reports of Archaeological Survey*, d'esses annos.

(4) Cada entrada custa 4 annás (100 réis). O preço de cada bote *(jolly-boats* ou *dhinghis)* é de 6 a 8 rupias (2$400 ou 3$200) de Bombaim á Elephanta. Ha tambem lanchas a vapor dos principaes hoteis e é este o processo que aconselhamos, vindo a custar cada passagem dez rupias, muito bem empregadas.

principal gruta. A força da corrente das marés e o embate do mar agitado damnificam continuamente esse caes, construido ha muitos annos quando o duque de Edimburgo visitou Bombaim. O trajecto do desembarcadouro até á entrada da gruta é que se faz hoje com toda a commodidade graças ao lanço de escadaria construido em 1854 até ao *NE.* da collina aonde começam as galerias subterraneas (1).

Perto do desembarcadouro, para *W.*, fica a pequena aldeia Shetbandar aonde se pode obter agua e fazer um pequeno alto, para quem se não quizer utilisar dos bons officios dos guardas do templo, que são amaveis *ciceronis.* No sopé da collina do extremo *NE.* da ilha procede-se a excavações archeologicas por ordem do governo inglez. No extremo sul ainda se mostra o local em que existia o elephante de pedra escura que deu o nome á ilha, e ao *NW.* d'elle, e á pequena distancia, ficam as ruinas da *torre de vigia* construida pelos portuguezes na primeira metade do seculo XVII (2). Essa torre ficava um pouco ao *SW.* da aldeia de Gharapuri e as suas

(1) Estas escadas foram construidas pela devoção de um *lohana* (negociante) de nome Karamsi Ranmal e custou doze mil rupias,—*Elephanta*, de Burgess, 1 e 27 (nota 6).

(2) Bocarro diz: *O senhorio della* (ilha do Elephante), *que he o dito capitão de Caranjá* (Fernão de Sampayo da Cunha), *tem feito a torre, que se mostra pera a defender dos muitos parós, que por alli andão*; *e no mais alto tem posto hum mastro, com que faz sinal ás embarcações que navegão por aquellas partes, desenrolando huma bandeira quando ha parós, com que diz tem impedido fazerem prezas*,— cit. *Livro das plantas das Fortalezas da India*, no *Chronista de Tissuary*, III, 261.

ruinas foram assignaladas por Cousens em 1901 (1). Ahi forma a ilha uma reintrancia aonde se fazia o desembarque antigamente, constituindo o portinho de *Rajbandar* (2) de que naturalmente se serviram os primeiros portuguezes que saltaram na ilha; e ao arvoredo que ahi ha se referiria D. João de Castro, quando escreveu que *dentro de hum mato está hum grande alifante de pedra* ... (3).

Na ilha encontram-se indicios de antigas muralhas e edificações em pedra que constituem campo para mais investigações historico-archeologicas de que se estão occupando os inglezes. As actuaes habitações das tres aldeias ahi existentes são pobres e pertencem aos cultivadores dos arrozaes semeados nas encostas das montanhas. Terá hoje a ilha pouco mais de cem habitantes. Além das palhotas dos indigenas, existem casas modernas, construidas pelo governo inglez para moradia dos empregados das grutas, de que hoje muito se cuida, repetimos, em especial depois do notavel impulso dado á archeologia indiana por Lord Curzon, o notavel estadista que ultimamente governou a India.

---

(1) *Archaeological Report*, 1901, pag. 9.

(2) *Bandar* é palavra hindú derivada do persa *Bunder* que significa «caes», «logar de desembarque», e assim teriamos *Rajbandar* ou *Rajá bandar* = «o caes do senhor» (da ilha?). Os portuguezes corromperam *bandar* para *bandél* e d'ahi, por exemplo, o *bandel* dos Malemos (pilotos) de Gaspar Corrêa, o *bandel* de Comorão, de Bocarro, e o *bandel* de Elephante. Cf. *Hobson-Jobson*, 58 e 127; *Lendas*, II, 582, IV, 168; *Decada 13*, II, 511. Vid. tambem o nosso artigo no *Oriente Portuguez*, II, 93 (nota 3).

(3) *Roteiro* cit., 65.

*
* *

Vejamos agora qual a epocha da construcção das famosas grutas e a que religião pertencem os idolos ahi esculpidos. Occupar-nos-hemos só da gruta maior.

Durante muitos annos correram as mais variadas e caprichosas versões a respeito da edade do templo e da nacionalidade dos seus fabricadores. Pela distribuição geographica, porém, dos templos indianos abertos na rocha, nove decimos dos quaes existem no Concão, devemos hoje suppor que se trata de uma manifestação potente de ardor religioso d'um povo trabalhador e numeroso. Obedecem a regras communs, não só as aberturas d'essas immensas galerias subterraneas, como a disposição das divisões, dos conductos de agua, e das allegorias mythologicas esculpidas nas paredes. Esses trabalhos artisticos subordinam-se, por grupos, a uma unica escola architectonica, inspiram-se em *motivos* religiosos parecidos ou communs. Mas, antes dos estudos do seculo XIX e desde a conquista portugueza, portanto durante quasi tres seculos, visitaram os europeus de preferencia a Elephanta, desconhecendo ou conhecendo muito imperfeitamente as outras grutas: — Ellóra, Ajunta, Kaneri etc. D'ahi a variedade das suas opiniões aggravada pelo desconhecimento das theogonias orientaes.

D. João de Castro atirou com a responsabilidade da construcção das grutas de Salcete e da Elephanta, simples e exclusivamente, para o demonio, como já dissemos, e d'essa opinião participou tambem o nosso Garcia da Orta, como tambem já vimos. Diogo do Couto,

que escreveu quasi meio seculo depois, deu como constructor do pagode da Elephanta o rei *Banasur*, o qual identifica com *Bimelamenta,* que construiu as grutas de Kaneri, como veremos, quando tratarmos da inscripção da Elephanta (1). Ora, Bimelamenta fôra o pae de Bhuda *(Budon),* e assim temos Couto a rastejar a verdade (2).

---

(1) Cf. *Decadas,* VII, Part. I, 247–249, 250 e 260–261.

(2) A respeito das grutas de Kaneri dizia Couto que tinham sido construidas pelo rei *Bimelamenta*, que parece-nos seria o monarcha bhudista Asóka. Mais adiante, porém, falla no principe *Drama Rayo*, filho de *Bimelamenta* que depois ficou santo com o nome de *Buddon.* O pagode fôra feito por *Bimelamenta* (o pae do principe em que falla Couto), *e Santo Josafat, que Barlão converteu á Fé de Christo.* Faz assim, um pouco confusamente, a approximação entre o santo christão e Sakya Muni; entre o bhudismo e o christianismo. Ora esta digressão do nosso Couto, que já fôra salientada por Gerson da Cunha e Ficalho, reputamos hoje de grande importancia para o estudo comparativo das religiões. A conversão de S. Josaphat por Barlão é contada na vida de S. João Damasceno e no *Flos Sanctorum* (dia 27 de Novembro), e o erudito professor Dr. Vasconcellos Abreu menciona dois MSS. portuguezes, dos seculos XV e XVI, que *são recensões da vida de Barlaão e Josaphat.* O primeiro (códice 266 de Alcobaça, existente hoje na Torre de Tombo) principia: «Aqui se começa auida do honrado Iffante Josaphat filho de El-Rei Auenir. Em o começo q' os mosteiros começarão a ser fectos e os monges começarão a suir anoso senhor em terra dindia». O segundo (códice em latim n.º 54 de Santa Cruz de Coimbra, existente hoje na Bibliotheca Municipal do Porto) começa assim: «Incípit liber gestorum barlaam et iosaphat serur.dei.editus greco sermone a iohanne damasceno uiro sco, et emerito». A comparação d'estes MSS. e dos modernos trabalhos inglezes e francezes mostrarão que Couto

O primeiro viajante que visitou Elephanta parece que foi o china Fa-Hian, no seculo IV ou principio do VI. Não existiria então o actual templo da ilha, mas sim qualquer das outras grutas hoje derruidas. É esse monge sinologo quem pelo menos falla em um *vihára* de *Pha-lo-nai* (Benares), com a forma de um elephante, e em autor inglez que nos passou pela mão, lemos a affirmação de que Fa-Hian estivéra na Elephanta. As suas viagens á India realisaram-se de 399 a 414 A. D., publicando-se em 1836 a traducção franceza das suas curiosas relações com os hindús (1). A primeira referencia, porém, directamente feita á Elephanta, antes das dos tres autores portuguezes que indicamos acima, deve-se ao franciscano Odorico de Pordenone, que em 1322 menciona a cidade costeira de Thana, proxima de Bombaim, como a capital do rei Porus que, oppondo a resistencia hindú á invasão grega, travara a memoravel batalha decisiva com Alexandre o Grande. D'esta affirmação erronea nasceu a lenda de que a Elephanta fôra cons-

---

não phantasiára a historia de *Drama Rayo*, a lenda de Bhuda a approximação da philosophia christã e bhudista, que merece palavras tão pensadas ao citado e douto professor portuguez. Cf. *Sancti Joannis Damasceni Opera* (cit. de Ficalho), 558; *The book of sir Marco Polo*, de Yule, II, 256; *Decadas*, VII, P. I, 246-249; H. Zotenberg, *Notice sur le livre de Barlaam et Josaph;* Max Müller na *Contemporary Review*, Julho de 1870; Gerson da Cunha, *The Origin of Bombay,* 114; *Garcia da Orta e o seu tempo,* 256-257; Vasconcellos Abreu, *Summario das Investigações em Sanscritologia*, 19, 43, 48-50; Balfour, *Cyclopaedia of India*, verb. «Barlaam», «Jataka» e «Lalita».

(1) Cf. E. Charton, *Voyageurs Anciens et Modernes,* I, 356-392.

truida pelo grande monarcha macedonio, como monumento grandioso erigido no limite das suas conquistas no Oriente, e a confusão etymologica entre *Puri* ou *Pori* e o nome do rei hindú Porus (1). Alexandre não chegou ao Concão quando invadiu a India. Depois de atravessar o Hydaspes (actual rio Jehlum), e travada a grande batalha com Porus, retrocedeu para o Afghanistan sem ter passado para o sul do Punjaba e do Rajputana. Nearchus e outros generaes de Alexandre é que descreveram o Indus e chegaram até á costa do Guzerathe e depois talvez mais ao sul até ao Concão (2). No emtanto o erro de frei Odorico foi seguido por outro escriptor e viajante italiano, Gasparo Balbi, que escreveu em 1580 (3).

No seculo XVI começa-se a fallar mais detidamente nos templos subterraneos da India cavados em rocha; augmenta a curiosidade dos viajantes europeus e complica-se a solução do problema: — em vez de se procurar os autores das cyclopicas galerias, começa-se a

---

(1) Assim se exprime Pordenone no seu *Mirabilia Descripta* (traducção ingleza de Yule publicada pela Hakluyt's Society: — *Haec terra est optimè situata .... et fuit règis Pori, qui cum rege Alexandro praelium magnum commisit.* — Hakluyt's *Voyages*, II, 143.

(2) A localisação do campo da batalha entre Alexandre e Porus tem dado logar, como se sabe, a discussões eruditas entre geographos e orientalistas. Hoje pode-se considerar o assumpto sufficientemente esclarecido depois das modernas investigações de Vincent e Mc. Crindle. Cf. *The Early History of India*, 71-78; *Ancient India*, 31; *History of Gujarát*; no *Bombay Gazetteer*, I, Part I, 532; Elphinstone, *The History of India*, 262 e seguintes.

(3) *Viaggio dell'Indie Orientali*, (ed. de 1590), fls. 62 v.-63.

querer decifrar o que significàvam os frescos dos *Viháras* e as esculpturas dos *Daghobas*. A theogonia hindú era muito mal conhecida dos europeus e, portanto, estes escreviam ao sabor da erudição occidental que lhes servia de guia. Assim Groose (1757) julgou vêr o Julgamento de Salomão em uma das esculpturas da Elephanta (1), influenciado pela leitura da Biblia, acrescenta Douglas (2). Um seculo antes (1675), Fryer dava margem á versão anterior quando escrevia que as grutas de Elephanta tinham sido feitas no reinado de Salomão, por artistas embarcados nos navios que do porto de Egion vinham a Ophir (3). Claudius Buchanan (1808) (4)

(1) *A Voyage to the East Indies.* Groose confundiu a esculptura da capella *B* da planta (*Bhairavá*) com o julgamento biblico. Wilson mais tarde identificou *Bhairavá* com a estatua do *Infanticidio*. Como se sabe, algumas tribus do Kathiawár matavam as crianças recemnascidas do sexo feminino, para se livrarem de futuros apertos para as dotar, inventando para isso certos preconceitos religiosos. O governo inglez perseguia humanitariamente tão barbaro costume, e graças aos esforços dos Agentes politicos do Kathiawár, Walker e Willoughby, tal pratica se extinguiu em 1835. O mesmo se fez no sul da India, onde se matavam os recemnascidos do sexo masculino, filhos da casta das bailadeiras dos pagodes (*nautch-girls*, em inglez) que não poderiam servir para a profissão das mães! Ora já dissemos que aquella capella elephantina não representa propriamente esta allusão em especial, e muito menos a biblica.

(2) *Bombay and Western India*, II, 199.

(3) Cita de Forbes, in *Oriental Memoirs*, I, 276.

(4) *Christians Researches in Asia* (1811), cita de Douglas, loc. supracit. Buchanan foi um missionario inglez que muito pugnou pelo christianismo na India e estabelecimento de bispados inglezes no Hindustão. Cf. Buckland, *Dictionary of India Biography*, 58.

identificou a *Trimurti* de Elephanta com a Santissima Trindade, e por esse facto quiz ver n'esse templo subterraneo uma maravilha, só comparavel ás pyramides do Egypto (1). Forbes (1765), que tanto escreveu sobre o Concão e o Guzerathe, faz salientar a semelhança architectonica entre a Elephanta e as grutas do Egypto, cita Strabão quando descreve o templo de *Elephantina*, no Nilo, e não lhe repugna que os egypcios tivessem copiado os hindús, invertendo a evolução historica das duas civilisações, e atendo-se só á problematica semelhança entre as mythologias das margens do Nilo e a da do Indus (2). Poucos annos antes (1761), dizia o geographo inglez James Rennell, depois de examinar attentamente os idolos de Elephanta, que o templo parecia ter sido feito por Sesostris, na sua expedição á India (3). Por essa epoca escrevia o grande francez Anquetil du Perron sobre o zoroastrismo, e no seu famoso e erudito prefacio ao *Zend-Avesta* falla de Elephanta (*Galipouri*), reivindicando mais adiante para os hindús a feitura das grandiosas cavernas (4).

Era este, em resumo, o estado dos conhecimentos

---

(1) A esculptura triforme de Elephanta está hoje perfeitamente identificada com a *Trimurti* brahmanica, como já dissemos atraz. A este respeito é interessante a leitura de um artigo publicado no *Times of India*, de 22 de fevereiro de 1905, e traduzido por Ismael Gracias na revista *O Oriente Portuguez*, II, 117-120.

(2) *Oriental Memoirs*, I, 282.

(3) MS. citado por Burnell, *Hobson-Jobson*, 342.

(4) *Zend-Avesta*, I, Discours Préliminaire, CCCCXXXIII, 419-432. Vinte e cinco annos depois publicava Du Perron, de collaboração com o padre Tieffentaller e Jacques Rennell a monumental obra ácerca da India — *Les Recherches Histori-*

historicos a respeito de Elephanta ao fechar o seculo XVIII.

No começo do seculo immediato principiam as investigações archeologicas na India a tomarem um caracter accentuadamente scientifico. Em 1780 escrevêra já William Hunter ácerca do templo de Elephanta um artigo notavel (1), seguido de outro de J. Goldinghan, em 1795 (2), que considerava o templo como absolutamente hindú; porém, é em 1818 que se publica a notavel conferencia feita por William Erskine, em Bombaim, a 2 de novembro de 1813 (3), que para este nosso estudo é documento notabilissimo como adiante veremos. Estes estudos, de grande probidade scientifica, não resolviam comtudo muitos dos problemas que se ligavam á construcção dos templos indianos excavados na rocha; mas representavam já um grande avanço em relação ás anteriores theorias phantasistas. Apparecem pouco depois os bellos trabalhos de Burgess (4), o patriarcha da ar-

---

ques et Géographiques sur l'Inde – (Berlim, 1786, 3 vols). Mal falla n'ella, porém, sobre Elephanta.

(1) *Archaeological Survey*, VII, 286.

(2) *Some Account of the Caves in the Island of Elephanta*, in *Asiatic Researches*, IV, 409.

(3) *Account of the Cave-temple of Elephanta*, in *Transactions of the Literary Society of Bombay*, I, 214-270. Foi impresso, em *separata*, em Londres, 1818, e reimpresso em Bombaim no anno de 1877, por V. N. Mandlik com annotações de Gerson da Cunha. As notas a respeito de Garcia da Orta estão a pgs. 269, e a ellas se refere Cunha no seu *Antiquities of Chaul*, etc., pgs. 204.

(4) *Elephanta or Gharapuri* (Bombay, 1871); *Bandha Rocktemples of Ajanta* (Bombay, 1879); *Cave-Temple Inscriptions of Western India*, associado com o pandita Bhagvanlal Indraji (Bombay, 1881); *Bhudist Cave Temples and their Ins-*

cheologia indiana, que começam a fazer uma completa revolução nas hypotheses até então aventadas, e oppõe um dique formidavel a todas as phantasias de escriptores, tão ignorantes do assumpto que versavam, como audaciosos nas opiniões que architectavam. A bibliographia elephantina entra na decisiva phase scientifica, que, poucos annos depois, tem uma consagração brilhante no notavel livro de Burgess associado a Fergusson, o grande historiador da architectura indiana (1).

Uma das causas de admiração ao comtemplar-se as profundas galerias excavadas em rocha durissima, e as ornamentações esculpidas nas suas paredes e columnas, era o tempo e o pessoal que se deveria ter empregado para vencer a resistencia passiva da natureza, a difficuldade de execução de tão grandiosos projectos; pois Fergusson veio provar que a empreza nada tinha de estupenda. Mais difficil é a construcção de muitos monumentos levantados á superficie da terra, que admiramos de passagem, sem a veneração que tributamos aos templos subterraneos de Ellóra ou de Elephanta. Toma para exemplo o grandioso templo monolithico de Kailássa, em Ellóra, e faz a arrojada affirmação de que muito mais difficil e dispendiosa seria a construcção de identico edificio erguido á superficie da terra, fundamen-

---

criptions (London, 1883); *Elurā Cave Temples and the Brahmanical and Jaina Caves in Western India* (London, 1883). São estas as obras que conhecemos e consultamos para este estudo, além de muitos artigos em revistas.

(1) *Cave-temples of India* (London, 1880). Devemos notar que, antes das obras de Burgess, publicára Fergusson, em 1864 (Londres) um trabalho sobre as grutas indianas com o titulo *Rock-Cut Temples of India*, com illustrações.

tando essa asserção com argumentos technicos. (1) Com britannica frieza derruba as phantasias bordadas durante quatro seculos de admiração por esses cyclopicos trabalhos de sapa, levados a cabo pela espantosa tenacidade da fé hindú; mas tal a força da tradição que, se ainda hoje são visitados com empenho o *Jama Masjid* de Delhi, a mesquita de *Devi* em Jaunpura, o famoso palacio de Jahangir e o *Taj-Mahal* de Agra, por *tourists* endinheirados que procuram as sensações da Arte, não desprezando os commodos processos da viação accelerada, ainda fica uma legião de antiquarios impenitentes que não desiste das estopantes caminhadas para admirar Elephanta, Orissa ou Ajanta. Se o avarento Pyke fosse hoje vivo, não se lastimaria dizendo, como em 1712, que na Elephanta se não podia *fazer dinheiro!* (2) Mas continuemos.

O primeiro inglez que teve a desconfiança de que os templos subterraneos da India nem eram obra do demonio, nem de egypcios, nem de gregos, foi Henry Salt (3), que esteve na India com lord Valen-

---

(1) *In reality, however, it is considerably easier, and less expensive, to excavate a temple than to build one. Take, for instance, the Kailas, the most wonderful of all this class..... The excavating process would probably cost about one-tenth of the other. The sculpture and ornament would be the same in both instances, more especially in India, where buildings are always set up in block and the carving executed in situ,* — Fergusson, *History of Indian and Eastern Architecture*, 338.

(2) Cf. A. Dalrymple, *Archaeological Survey*, VII, 323; Douglas, *Bombay and Western India*, II, 199.

(3) Escreveu *Voyage to Abyssinia in 1809-1810*, pub. em Londres em 1814. Sahiu de Inglaterra para Bombaim, em 1802, como desenhador e secretario do Visconde de Valentia.

tia (1) em 1803, e depois em 1810, visitando os templos bhudistas, especialmente as grutas de Kaneri e fazendo estudos minuciosos ácerca das esculpturas d'esses templos. Quando regressava á Inglaterra, em 1805, teve á mão alguns desenhos de *dhagobas* e de estatuas de Bhuda de Ceylão, e impressionado com a semelhança que notava entre essas pinturas e o que vira nas grutas da India; assim o participou á *Bombay Literary Society* e forneceu os primeiros elementos de verdadeira pista a W: Erskine, que pouco depois fazia a notavel conferencia a que atraz nos referimos. Os templos subterraneos de Elephanta, Kaneri e Ellóra eram trabalhos hindús:—de brahmanes ou bhudistas. Restava só discriminar a epoca das suas construcções, fazer a classificação architectonica d'esses templos de rocha. Essa missão foi levada a cabo por Fergusson e Burgess.

Antes, porém, de chegarmos a ésta phase do problema, temos de fazer uma pequena reivindicação patriotica que não vae mal em trabalho d'esta ordem. Foi realmente Salt o precursor da solução pratica do problema? Não. Foi um portuguez de que alguns escriptores inglezes se lembram e que muitos ignoram por completo. Referimo-nos a Garcia da Orta.

No coloquio quinquagesimo quarto — *Do turbit* —, diz o autor, fallando do pagode do Elephante: *E alguns dizem que fizeram isto os Chins, quando navegavam por esta terra. E bem póde isto ser verdade, segundo vai*

(1) Autor da estimada obra *Voyages and Travels in India, the Red Sea, Abyssinia and Egypt, in 1802-1806;* 3 vols., Londres, 1809-1811. No 2.º vol., de pags. 199 em diante, falla de Elephanta.

tam bem fabricado, e segundo os Chins sam sutis (1). Ora aqui não ha uma affirmação categorica sobre a influencia bhudista nas grutas da India, é facto; mas sabendo-se que os chinas foram convertidos á religião de Sakya Muni pela India, nos primeiros seculos da nossa éra (2), e que elles tiveram, desde a mais remota antiguidade, frequentes communicações commerciaes com ella por mar (3), já isto faz resaltar a desconfiança de que Orta rastejára a verdade muito antes de Sait ser ins-

---

(1) *Coloquios*, edição da Academia Real das Sciencias, II, 341..

(2) Se bem que as relações politico-commerciaes pela fronteira terrestre, entre a China e a India, fossem anteriores á éra de Christo, a introducção do bhudismo no imperio celeste data do reinado do segundo seculo da nossa éra, apezar de alguns autores opinarem pelo anno 219 A. C.

(3) São de antiguissima data as relações maritimas entre a China e a India, e quando escrevemos o capitulo do nosso livro em preparação (*Historia de Diu*) relativo á historia d'esta ilha, antes da conquista portugueza, tratámos desenvolvimente d'este interessante assumpto, pois foi o porto de Diu um grande centro de commercio com a China, o que não é muito conhecido dos nossos escriptores. Foram os guzerathes os primeiros hindús que se aventuraram a longas viagens por mar para a Persia, Arabia e Africa oriental. Segundo Vincent, o commentador illustre das antigas viagens ao Oriente, no anno 200 A. C. era nas mãos dos guzerathes que estavam os portos da Arabia e de Ceylão; 47 annos depois prolongam os hindús as suas viagens para o sul de Zanzibar, e estabelecem tambem uma colonia em Socotorá. Do seculo IV ha a referencia ás relações diplomaticas entre os piratas da costa de Diu e Constantino o Grande, a que se refere Mc. Crindle, o continuador da obra de Vincent. Depois extendem as suas viagens ao estreito de Singapura, e os chinas trazem directa-

pirado pelos desenhos do Bhuda singalez. Isto foi primeiro notado pelo commentador dos *Coloquios*, tambem

---

mente por mar os seus productos a Diu, que nos seculos VII e VIII é o porto de maior commercio em toda a costa do Kathiawár. N'este ultimo seculo escrevem os lettrados chinas da dynastia dos Thangs que o porto de *Tiyu* (Diu) era de escala obrigada para as suas viagens ao golpho Persico *e que ficava a dez dias de um outro Tiyu* (referiam-se a *Diul* ou *Debal*, o actual porto de Karachi, que D'Herbelot confundiu com o de Diu, como já frisámos atraz). No seculo IX tornam-se famosos os corsarios de Diu e de Somnáth-Patane, e no XI ainda são notaveis as viagens dos da costa de Diu até á China, como menciona o geographo arabe Alberuni. Em 1270 ainda é Somnáth que disputa a primazia do commercio com a China. Depois são os hindús subjugados pelos arabes que dominam em absoluto nos seus mares e costas do Guzerathe ao Malabar, e mais tarde pelos portuguezes, ao raiar do seculo XVI.

As aventuras do nosso Fernão Mendes Pinto no *Catáio* passam a ser a reproducção das dos do Guzerathe oito seculos antes; o trafico dos *banianes* no interior de Moçambique é a continuação secular das relações entre os de Cambáia e os do Monomotapa, e é curioso lembrar tambem que o piloto que primeiro deu noticias da costa da India (Cambáia) a Vasco da Gama, foi um *mouro* de Cambáia (costa de Diu), o ultimo a attestar o limite sul africano á navegação directa com a India. Veiu depois a acção portugueza, o exclusivisimo, o *cartáz*, oppressivo, o monopolio da pimenta, e todo esse influxo de uma civilisação extranha, impondo-se pela ciumeira de concorrencia alheia.

Um quadro ligeiro, mas bem traçado, das relações da China com os portos da India, pode-se ver no tantas vezes citado livro do Conde de Ficalho, que aqui completamos na parte referente a Diu, aonde, na verdade foi menos intensa a acção religiosa dos chinas do que no Concão. Aqui predominou o jainismo como religião dissidente.

um escriptor portuguez, o fallecido Conde de Ficalho, As considerações feitas por este academico terminavam assim — «*As viagens dos chins eram um acontecimento relativamente recente, cuja memoria se conservava viva na tradição; por outro lado existia a noção um tanto vaga de que os pagodes subterraneos pertenciam a uma religião antiga, excluida da India, mas continuando a ser seguida na China. D'aqui uma certa confusão, bastante natural, entre chins e budhistas, attribuindo-se aos primeiros, o que de facto — pelo menos em Kanheri — tinham feito os ultimos*» — (1). Esta referencia do naturalista portuguez *doublé* de um consciencioso escriptor — em quem se não sabe o que mais admirar, se o saber profissional, se os profundos conhecimentos do Oriente, adquiridos em boa e variada leitura portugueza e estrangeira — foi mais tarde tambem mencionada por um escriptor inglez, James Douglas (2).

O viajante hollandez H. Van Linschoten, que esteve na India em 1583 como famulo do bispo D. Frei Vicente da Fonseca, tambem dá a nota bhudista aos subterraneos da Elephanta; Burgess, porém, considera-o, injustamente, como o primeiro escriptor europeu que lançou tal teoria na imprensa em 1579 (3). O livro de Linschoten é de 1596 (4) (ha, pois, um palpavel anachronismo de Burgess) e a primeira edição dos *Colo-*

---

(1) *Garcia da Orta e o seu tempo*, 259.

(2) *Bombay and the Western India*, II, 218.

(3) No *Elephanta* de Burgess vem copiado (*ipsis verbis*), na página do rosto, o trecho de Linschoten sobre o pagode.

(4) Edição de Amsterdam: *Itinerarie Voyage ofter Schipvaert van Jan Huygen van Linschoten*. Foi traduzido em inglez em 1598 e reimpresso pela Hakluyt Society em 1885.

quios foi impressa em Goa no anno de 1563. O autor hollandez escreveu, pois, trinta e tres annos depois de Garcia da Orta, como já o havia notado Ficalho e Gerson da Cunha (1). Fica portanto assente que foi Garcia da Orta o europeu que publicou um dos mais antigos livros, em que se fallou na Elephanta, e o primeiro que se approximou da verdadeira origem do seu pagode. E' bom não deixar esquecer isto, que faz com que o douto companheiro de Martim Affonso de Sousa em Diu mereça bem a consagração posthuma que lhe fez o seu illustre commentador — «*entre os viajantes era um erudito*; *entre os eruditos um viajante*» — (2), e que é tambem mantida por escriptores estrangeiros de renome (3). E' isto, ao menos, consolador para nós, portuguezes, cujo nome tão mal se costuma vincular á historia de Elephanta.

Como dissémos, foram Fergusson e Burgess que publicaram estudos mais desenvolvidos ácerca dos templos subterraneos da India e os classificaram, por grupos, em relação a epochas de construcção e estylos architectonicos. Segundo Fergusson os templos excavados na rocha, ao sul da India, dividem-se em cinco classes: 1) *Viháras*, ou mosteiros, caracteristicamente bhudistas; 2) *Chaityas*, ou templos contendo no centro o *daghoba*

(1) Ficalho, op. cit., 253, nota 1; Gerson da Cunha *Origin of Bombay*, 22. Douglas refere-se, e bem, á epoca em que Linschoten escreveu, mas a respeito de Orta dá o anno de 1550, que nem é o da 1.ª ediçaõ dos *Coloquios*, nem o da 1.ª visita á Elephanta (1534). E', pois, tambem um engano de Douglas (cita supra).

(2) Op. cit., 382.

(3) «A most valuable book, full of curious matter and good sense». — *Hobson-Jobson*, pags. XXXV.

para a adoração do Bhuda; 3) Excavações brahamanicas, que em alguns detalhes se parecem com os anteriores, mas não tem os *frescos* dos primeiros que são substituidos por esculpturas representando motivos da mythologia hindú; 4) templos brahamanicos trabalhados inteiramente em grandes blocos rochosos, em parte á superficie da terra; 5) as pequenas grutas jainistas, que apparecem mais raramente, e são as mais antigas excavações conhecidas na India. Todas estas excavações foram feitas pelos brahamanes, jainas e bhudistas, e desde Asoka (250 A. C.) até ao seculo VIII, se bem que ha indicio de que algumas das cavernas jainas datam de doze seculos antes de Christo; mas estas não são na costa do Concão.

Ao todo são hoje conhecidos na India mil templos excavados em rocha, e, d'estes, novecentos existem na presidencia de Bombaim, que bate, portanto, o *record* na especialidade:—possue nove decimos do total geral. No Kathiawár ha tambem grutas bhudistas e jainas, algumas transformadas mais tarde em templos sivaitas, em Junaghad e em Sana, perto de Diu, ao *NE.* de Unã. As grutas de Sana devem datar de 150 A. C. e são das mais antigas da peninsula guzerathina (1).

Além das differenças architectonicas caracteristicas, que se salientam nos grupos considerados acima, sálta tambem á vista a diversa applicação que deveria ter um *vihára* e um *chaitya:* o primeiro seria o nosso — «convento» — o segundo a — «egreja» — No *vihára* de *Ma-*

(1) Cf. *The Cave-Temples of India*, por Fergusson e Burgess, 202-203, onde se pode ver o mappa com a distribuição geographica das grutas indianas, entre pgs. 36 e 37.

habalipura (1), trinta e cinco milhas ao sul de Madrasta, havia cellas para dez mil sacerdotes e neophitos. Estes levavam um internato de cinco annos para completarem os estudos de philosophia e theogonia hindús. No *pagode* de Elephanta só havia as duas camaras escuras que serviam aos sacerdotes guardas do templo (2).

Em geral incluem-se nas duas classes que indicámos os templos subterraneos bhudistas; na terceira os essencialmente brahamanicos; na quarta os de transição, ou participando de caracteristicas dos anteriores; finalmente na quinta os templos jainas. A' primeira pertencem, como typo de construcção, as grutas de Ajanta e são tambem notaveis as de Dhervará (Ellóra) e de Kaneri, dos seculos V a VIII; á segunda as grutas de Karli, entre Poona e Bombaim, começadas 78 A. C.; á terceira categoria pertencem Elephanta e as principaes excavações de Ellóra, de 725 a 775 A. D.; á quarta o formoso monolitho de Kailássa (Ellóra), do anno 800 de Christo; á quinta as cavernas de Khandagirí, no Cuttack (Orissa), que parece datar dez seculos antes de Christo.

A Elephanta é, pois, um templo caracteristicamente brahamanico e construido no seculo VIII. E' no que se

---

(1) A que os inglezes chamam *Seven-Pagodes*. Uma bella gravura d'este sumptuoso templo se pode vêr no *Early India*, de Vincent Smith, em frente da pag. 350.

(2) Os *jogues* em que falla Couto, e os *santões* de Lopes de Lima, são os sacerdotes guardas de Elephanta e os ultimos monges bhudistas de Salcete (Kaneri) *que se sustentavam de muitas esmolas*. Cf. Couto, *Decadas*, VII, P. I, 239; L. de Lima, *Jornal da Viagem* etc. 35; G. da Cunha, *The Origin of Bombay*, 113-114; Pearse, *Guide to Elephanta*, 21.

está por em quanto. E'diremos assim, porque ainda se não disse a ultima palavra sobre elle. As excavações continuam a revelar lentamente algumas susprezas e a epigraphia elephantina é ainda um mytho.

Já dissemos que o actual superintendente dos serviços archeologicos da India Ingleza nega á ilha de Elephanta a honra de ter sido a séde de uma importante monarchia hindú no meado do seculo VI, com a sua capital em *Puri*, já anterior séde de um ramo da dynastia dos Mauryas de Pataliputra, fundada (315 A. C.) por Chandragupta (1). Mas o dr. Gerson da Cunha sustenta no seu ultimo livro, tantas vezes aqui citado, a existencia ahi da capital de um dos ramos d'essa dynastia e adduz para isso:—a inscripção chaulukya do começo do seculo VII, a identificação da actual aldeia *Morch*, ao NE. da ilha com o termo *Maurya*, e a descoberta de um sello em cornalina, que o autor possuia na sua collecção archeologica e aonde estavam gravadas letras dos seculos V ou VI. (2) O dr. Cunha acompanhou de perto as excavações feitas ha 38 annos ao NE. da ilha

---

(1) Gerson da Cunha diz 322 A. C., mas nós preferimos a data de Mabel Duff. Essa dynastia teve por fundador o rei *Sandrokottos* ou *Sandrokoptos* dos historiadores gregos, que William Jones identificou com Chandragupta dos Puranas e dos MSS. singalezes. N'este synchronismo se foi buscar a base para a reconstituição da historia indiana entre os seculos III e VI A. C.; é essa pois uma data fundamental da chronologia indiana, em especial para a historia do Concão e do Guzerathe. Cf. *The Origin of Bombay*, 20; M. Duff, *The Chronology of India*, 10-11; Mc. Crindle, *Ancient India*, 43; *Corpus Inscriptionum Indicarum*, I, 7.

(2) Vid. o que atraz dissemos a este respeito, — nota (4) a pag. 39.

e ahi encontrou tambem provas anthropologicas em apoio á sua affirmativa historica (1). Ora, no mappa de H. Cousens (2) chama-se á *Morch* do dr. Gerson *Mora*, e no texto do seu relatorio nega que na ilha se tivesse estabelecido a capital *Puri* dos chefes Silaháras; mas não nega as identificações etymologicas suggeridas pelo sabio escriptor indo-portuguez. Parece, pois, que se não disse a ultima palavra sobre a ilha, como ainda se não disse sobre o templo, apezar dos profundos estudos de Fergusson e Burgess, não obstante os perigos afrontados por apaixonados pelo estudo das cavernas da India (3) e por vidas inteiras passadas entre esses formidaveis monumentos de uma religião ainda mysteriosa para os occidentaes (4). Falta o auxilio da epigraphia elephantina totalmente desconhecida. Em ella se descobrindo, se se descobrir, muitas duvidas se esclarecerão, muitas das actuaes hypotheses virão por terra.

---

(1) *The Origin of Bombay*, 22 ; *Journal of the Anthropotogical Society of Bombay*, II, 243.

(2) *Archeological Survey of W. India*, 1901, pag. 9.

(3) Foi um portuguez quem primeiro se perdeu no labyrintho de Kaneri. Falla n'isso largamente o nosso Diogo do Couto, quando trata do franciscano Fr. Antonio do Porto que andou sete dias (e não cinco como escreveu o Conde de Ficalho) nos interminaveis subterraneos do *Pagode de Canari*. O arrojo de Fr. Antonio foi então tão admirado, como hoje se considera imaginario. Cf. *Decadas*, VII, P. I, 240-241; Gerson da Cunha, *Antiquities of Chaul and Bassein*, 190-191, e *Origin of Bombay*, 113; C. de Ficalho *Garcia da Orta e o seu tempo*, 251. E' tambem referido por alguns escriptores inglezes.

(4) Na ilha de Elephanta passou a vida um sabio antiquario hindú o Dr. Bhau Daji. Nas grutas de Ajanta passou o melhor de 30 annos o major inglez R. Gill, e ahi perto mor-

Os antigos visitantes diziam que a Elephanta era para Bombaim o que as Pyramides são para o Egypto(1); no final do seculo XVIII era o unico attractivo que demorava n'essa cidade o estudioso amante da Arte (2); ainda hoje é o monumento archeologico por excellencia, que todo o viajante culto não deixa de ir admirar(3). A sua historia está intimamente ligado o nome portuguez e por isso aqui nos demorámos com tanta minucia a ella referente.

*

* *

A bibliographia elephantina internacional é extensissima e ainda não está feita. Raros são os livros inglezes que mais a fundo tratem dos templos indianos excavados em rocha, que não fallem na Elephanta, e aquel-

---

reu, trabalhando sempre em estudos sobre as grutas da India, fazendo sondagens, tirando photographias, levantando plantas etc. O pintor Wales, autor dos primeiros desenhos de Elephanta, foi assassinado em 1795 quando desenhava Kaneri. Em 1832 morreu de malaria, contrahida nas grutas de Salcete, o botanico francez Jacquemont, etc.

(1) «*Bombay without Elephanta would be Egypt without Pyramides*» — Douglas, op. cit., I, 408.

(2) «*The travellers who come to Bombay nowadays do not inquire much. To do Bombay, a day and a half is enough. So they visit Elephanta, and then go away*». — Douglas, op. cit., II, 129.

(3) Cf. o recente livro de Carpenter — *From Adam's Peak to Elephanta*, 304-311. Ahi estão as mais modernas photographias de Elephanta.

les que em especial descrevem este templo, dão, em concisas notas, noticias dos escriptores que d'elle se teem occupado, esquecendo, na maioria dos casos, de todos ou de alguns autores portuguezes que escreveram tambem a seu respeito. Não ha um resumo bibliographico completo (1), nem nós o pretendemos fazer aqui; mas vamos tratar dos escriptores portuguezes e dos extrangeiros que, escrevendo sobre Elephanta, de qualquer maneira se refiram a portuguezes. É esta a particularidade que nos importa no presente trabalho.

O primeiro escriptor que se occupou do templo de Elephanta (em livro impresso) foi, repetimos, Garcia da Orta. Esteve na ilha com Martim Affonso de Sousa, quando este commandava a *Armada do Norte,* e, poucos dias depois, assistia á entrega de Baçaim aos portuguezes, feita por Bahadur, sultão do Guzerathe, representado por Xacoez. Este memoravel contracto foi assignado a bordo do galeão S. Matheus a 23 de dezembro de 1534 (2), pelo punho do proprio Governador da India, Nuno da Cunha. E' no *Coloquio do turbit* que o *phisico* portuguez se refere a essa visita:— « *Outro pago-*

(1) As relações mais completas (em autores não portuguezes) podem-se ver nas obras citadas de Burgess e Fergusson: — *The Elephanta* (notas, *in fine*) e *The Cave Temples of India,* 465; e no *Bombay Gazetteer*, XIII, P. II, 109–114.

(2) No *Tombo da India*, de Simão Botelho, publicado nos *Subsidios* de Felner, vem *jb^c Riij* (1543), data errada e rectificada por Felner nas *Noticias preliminares,* nota 10 a pg. XII. No precioso MS. que temos presente, *Tombo da fortz.^a de Dio,* escripto em 1592 e assignado por Francisco Paes e Diogo Vieira, *tresladado do proprio*, se diz, a fl. 1: — *Em hu Liuro m^to antigo de tombo feito pello v.^or da faz.^da simão Bo-*

de milhor que todos ha em huma ilha chamada Pori, que nós chamamos a ilha do Elefante..... e no anno de trinta e quatro, que eu vim de Portugal, estava cousa muyto pera ver; e eu o vi, estando Baçaim de guerra connosquo, e loguo o deu elrey de Cambaia a Nuno da Cunha» — (1). A primeira edição dos *Coloquios* é de 1563 (2), portanto impressa 29 annos depois da primeira visita do seu autor á Elephanta.

Esta primazia portugueza tem sido contestada, ou melhor esquecida ou ignorada, dando-se essa honra ao hollandez Linschoten; mas já atraz vimos (pags. 75) o nenhum fundamento d'esta versão. A descripção d'este autor deve até ser copia da de Orta. (3)

Poucos annos depois esteve em Elephanta D. João de Castro, que fez um minucioso exame ao templo e dá d'elle uma descripção mais detalhada. Em geral é ignorada esta visita, tanto de escriptores portuguezes como

---

telho está por elle lansado, os contratos adiante escritos pella manr.ª seguinte.... (seguem-se varios documentos historicos sobre Diu que daremos em outro trabalho). E a fl. 3 se diz: *Aos vinte tres dias do mes de dezembro do dito ano (do nacim.to de nosso s.or jesu x.o de mil quinhentos e trinta e quatro anos) em cambaia no porto de baçãy no galiam são mateus...* Aqui fica a prova *authentica* do erro do copista do *Tombo* de Botelho, que Felner commentou.

(1) *Coloquios dos Simples e Drogas da India* (edição de 1891–1895, da Academia Real das Sciencias de Lisboa), II, 341–342.

(2) «Impressos em Goa por Joannes de Endem aos X dias de abril de 1563 annos» = *Fac-simile*, no vol. I, pag. 1 da edição acima citada.

(3) Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o seu tempo*, 253, nota 1; Gerson da Cunha, *The Origin of Bombay*, 22.

de extrangeiros, o que attribuimos a ser relativamente recente a publicação do livro do grande portuguez, que d'ella se occupa. Foi na viagem de Goa para Diu, como capitão de uma galé da armada que, em 1538, o Vice-Rei D. Garcia de Noronha mandou de soccorro a esta fortaleza, a qual acabava então (novembro de 1538) de soffrer os embates do primeiro cerco, que D. João de Castro escreveu o segundo dos seus tres famosos *Roteiros* (1), e n'elle falla da ilha e do templo. Essa memoravel visita foi feita no mez de dezembro de 1538, de 10 a 18 (2). D. João de Castro descreve o templo, dá as suas medidas, e fallando da gigantesca esculptura de *Ardhanari*, a confunde com uma das antigas Amazo-

---

(1) *Primeiro Roteiro da Costa da India, desde Goa até Dio*, publicado por Diogo Kopke, Porto, 1843. Sobre os *Roteiros* de Castro são curiosas as eruditas notas dos seus commentadores, Nunes de Carvalho, Kopke e Andrade Corvo, que os editaram, sem ser pela ordem chronologica por que o autor os escreveu. Assim o 1.º é o de *Lisboa a Goa* e foi o ultimo a ser impresso (1882); o 2.º é o de *Goa a Diu*, impresso em 1843, e o 3.º é o do *Mar Roxo*, e foi o primeiro impresso, em 1833 (tratámos de edições nacionaes). O nosso bom amigo e erudito lente da Escola Naval, snr. Almeida d'Eça, a quem devemos os melhores incentivos para a continuação dos trabalhos historicos que temos entre mãos, que nos desculpe uma rectificação ao seu bello opusculo *Algumas Cartas Ineditas do Visconde de Santarem*. Ahi se diz (nota 1, a pag. 104) que a edição de Kopke é de 1863, quando é de 1843. Este lapso se commetteu tambem nos *Boletins da Soc. de Geographia*, onde primeiro se publicaram as *Cartas* (n.º 12 de 1905, nota 1 a pag. 428).

(2) *Ha 10 dias Dezembro nos fizemos á vela de Chaul.... ... Ha 18, de Dezembro se fez o Viso-Rei á vela do Rio do Paguode de Baçaim.* Cit. Roteiro, 54, 90–91.

nas, como atraz já salientámos. Este seu engano foi em grande parte esclarecido pelo seu commentador, Diogo Kopke, ao escrever: *outros inclinão-se a que é hum Hermaphrodita, formado de Siva e sua mulher* (1). A respeito da opinião do futuro Vice-Rei sobre o autor ou autores do templo, já tambem dissemos qual ella era (2).

A seguir a estas duas descripções, apparece a de Diogo do Couto, considerada a melhor de todas e da qual muito se serviram e se servem ainda escriptores nacionaes e estrangeiros. É reputada a obra classica por excellencia de bibliographia elephantina, e com toda a razão. Occupa um capitulo inteiro das suas *Decadas* (3), foi escripto em 1601 (4) e impresso em 1616 pela primeira vez (5). O autor escreveu de memoria; elle

---

(1) *Roteiro* citado, 265. Não foram só Orta, Castro e Couto que tomaram *Ardhanari* por uma *Amazona*. Mais de dois seculos depois, affirmava o mesmo Carsten Niebhür (1774), o viajante dinamarquez a quem se deve a notavel expedição scientifica á Arabia (de 1762-1764) e costa de Bombaim. Segue essa opinião Forbes, que visitou Elephanta em 1774, e ainda em 1842 dizia o mesmo Lopes de Lima. Cf. Niebhür, *Voyage en Arabie*, II, 25-35; Forbes, *Oriental Memoirs*, I, 272; Lopes de Lima, *Jornal da Viagem*, 35.

(2) Vid, pag. 57.

(3) O XI, do liv. III, da *Decada* VII.

(4) E não em 1603 como escreveu o Conde de Ficalho. A carta de Couto a Filippe II, remettendo a sua septima *Decada* é effectivamente datada *de Goa a 6 de Novembro de 1603 annos*, mas n'ella diz explicitamente o autor: — *e esta setima que foi na Armada de 601, que os Inglezes tomaram na náo São Thiago, e que agora torno a mandar reformada.* — Cf. *Garcia da Orta* etc., 254; Pref. á *Decada* VII.

(5) Innocencio, *Diccionario Bibliographico*, II, 154.

mesmo o diz:—*Agora faz cincoenta annos que fui ver este estranho Pagode; e como não entrei nelle com a curiosidade com que hoje o podia fazer, não notei muitas cousas, que se acabáram já* (1). Mas no seu tempo ninguem o fez melhor e ainda hoje, em muitos detalhes, é o unico guia que encontram os autores estrangeiros que se esquecem, quasi sempre, de o citar. A visita de Couto á Elephanta foi em 1553 (2), portanto 19 annos depois de Garcia da Orta, e 15 depois de D. João de Castro.

Em 1644 escrevia Antonio Bocarro o seu *Livro das Plantas das Fortalezas da India*, e tratando de Baçaim diz alguma cousa sobre o nosso assumpto com o titulo —*Descripção da Ilha do Elephante*—. Dá as dimensões do templo, que já mencionamos atraz, e uma rapida resenha do que notou no pagode que reputa *obra extraordinariamente grandiosa, com retretas de camara, casinhas, e buracos, e almarios; o que tudo a quem o não vio se lhe não pode representar na forma que he* (3). Fica-se, pois, na mesma depois da leitura do trecho de Bocarro, cujo manuscripto foi publicado em 1868 por Cunha Rivara; quanto ao templo, pois em relação á ilha já vimos que são mais valiosas as suas informações.

Passados dois seculos, foi Elephanta visitada por outro portuguez que deu d'ella uma descripção detalhada com o livro de Couto á vista. Foi o ex-governador

---

(1) *Decada* cit., 258.

(2) Ou em 1551, se ao reformar a sua 7.ª *Decada* se esqueceu de fazer, n'esta altura, a correcção do intervallo de tempo que mediou entre as duas copias do MS.

(3) *Chronista de Tissuary*, III, 261–262.

geral José Joaquim Lopes de Lima, official de marinha, que, emquanto esteve em Bombaim, aguardando transporte para a Europa, por ter sido deposto da governação da India por uma revolta militar (1), empregou bem os seus momentos de aborrecimento na cidade ingleza, indo—«*com minha Espoza, o meu ajudante d'ordens, o padre Agostinho do Rozario Lourenço, administrador do nosso collegio do Culabo*»—visitar o templo de Elephanta no dia 30 de maio de 1842 (2). Fez a descripção, comparando o que viu com o que mencionára Couto, fazendo peqtienas rectificações.

D'essa epocha temos tambem noticia de uma das primeiras gravuras do templo, publicadas em Portugal com a descripção das esculpturas do pagode de Elephanta; mas não as vimos, e por isso não sabemos se se referem ao trabalho de Lopes de Lima, ou se se trata de algum escripto avulso (3).

---

(1) Do *Batalhão provisorio*, que, havia pouco, chegára de Portugal. Deu-se a 26 de abril de 1842, e na madrugada de 27, Lima entregou o poder ao conselho do governo e embarcou na corveta *Infanta Regente*, que largou da Aguada no dia 2 de maio.

(2) *Jornal da viagem de José Joaquim Lopes de Lima, de Goa para Lisboa, em 1842*—Lisboa, 1843, pg. 28. Trata de Elephanta de pg. 28 a 38. Possuimos este folheto, hoje raro, adquirido no leilão de livros do fallecido numismata Teixeira de Aragão, em 1904.

(3) Na revista *Archivo Popular* de 1842. As primeiras gravuras de Elephanta appareceram em Inglaterra em 1718, enviadas pelo governador de Bombaim Charles Boone, e depois, no começo do seculo XIX, levadas por Forbes e desenhadas por Daniell,—Douglas, *Bombay and the W. India*, I, 5; Forbes, *Oriental Memoirs*, I, 265.

E' curioso notar aqui que o antecessor de Lopes de Lima, no governo da India Portugueza, fôra o Barão do Candal que viéra de Lisboa em 1839, com o secretario geral Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda, e embarcára em Bombaim com destino a Goa na mesma corveta que, tres annos depois, devia fazer viagem inversa com Lopes de Lima. O secretario Lagrange, illustre e erudito precursor de Rivara, Thomaz Ribeiro e Balsemão, publicou em 1844 a relação circumstanciada da viagem de Lisboa a Goa, em uma serie de artigos de revista (1), que, depois da sua morte, foram reunidos em volume (2) e impressos em Goa por Filippe Nery Xavier, com importantes e curiosas annotações que constituem a segunda parte da obra (3). — Se bem que Lagrange estivesse em Bombaim antes de Lopes de Lima, citamo-lo depois, porque a impressão do seu trabalho é posterior á d'este autor. N'elle se refere ás ilhas de Salcete e Elephanta e diz que sobre as suas *fabricas maravilhosas — nem ao menos podemos escrever o — eu ví — de hum viajante consciencioso, porque não houvemos occasião de as visitar! — Dia para dia se vão apagando, por desleixo de homens, para os quaes nada val o que não he cambiavel, esses restos tão mysteriosos, como os do Egypto, dos monumentos de uma civilisação, que não tem outras memorias!* (4) — Esta falta é supprida pelo editor do livro que

(1) *Revista Universal Lisbonense,* de julho de 1834 em diante.

(2) *Uma Viagem de duas mil leguas*, Goa, 1848.

(3) *Diccionario Historico-Explicativo de alguns nomes proprios*, etc.

(4) Op. cit., 89.

dedica algumas linhas á Elephanta, dando pequenas noticias historicas e copiando trechos de Couto e Lima (1).

Em 1855 visitou Cunha Rivara o templo e a ilha, quando da sua viagem de Lisboa a Goa. A visita realisou-se a 30 de outubro em companhia do almirante inglez Leeke, e d'ella se occupa o autor em um folheto impresso no anno seguinte (2), em que se limita ás versões de Couto e Lopes de Lima com ligeiras notas. Encontrou já feita *uma bella rampa e caminho desde a praia até ao Pagode, obra recente;* effectivamente tinha sido construida no anno anterior, como acima dissemos. Em 1870 visitou o então Visconde de S. Januario a Elephanta, e em 1871 ahi esteve parte da sua comitiva, havendo impressa uma referencia a essa visita (3). Visitou-a tambem, a 16 de fevereiro de 1888, o governador geral, contra-almirante A. C. Cardoso de Carvalho, a quem Lord Reay, governador da presidencia de Bombaim, proporcionou essa agradavel excursão (4).

As descripções de Couto e Lopes de Lima foram ha 26 annos compiladas de novo por João Filippe de ainda Gouveya, ex-official do exercito do reino (5), em um pequeno folheto, resumindo muito as descripções dos dois citados autores e indicando alguns nomes notaveis

---

(1) Cit. *Diccionario*, 52–58.

(2) *De Lisboa a Goa. Carta circular, que a seus amigos da Europa dirige Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.* Nova Goa, 1856.

(3) P. G. Mesnier, *Viagem ás Praças do Norte*, 26–28. Nova Goa, 1871.

(4) *Boletim Official*, n.º 21 de 25 de fevereiro de 1888, pg. 152.

(5) Vid. *O Oriente Portuguez*, II, 117, nota 1.

de nacionaes e estrangeiros que tinham visitado o templo, sem annotações (1).

Publicado por autores portuguezes na India ou da India nada mais conhecemos, a não ser as eruditas referencias do dr. Gerson da Cunha (2) e o que, ha pouco tempo, escreveu o sr. coronel Fernando Leal no seu *Glossario Portuguez-Oriental* (3), cuja publicação está parada. A esse seu artigo nos referiremos mais de espaço, quando tratarmos das inscripções de Cintra. De publicações portuguezas fóra da India é digno de especial registo o que escreveu o fallecido Conde de Ficalho (4), com notavel erudição, como se fôra habilissimo cultor dos estudos orientalistas. Tambem devemos notar o que Diogo Kopke tentou esclarecer na sua edição do *Roteiro* de D. João de Castro (5). É possivel que se tenha escripto em Portugal mais alguma cousa

---

(1) *Ilha do Elephante. Sua descripção por Diogo de Couto e depois corroborada por Lopes de Lima.* Edição de J. F. de Gouveya, Bombaim, 1880. Impresso por D. B. Almeida.

(2) *Notes on the History and Antiquities of Chaul and Bassein, Bombay,* 1876, pgs. 13, 204-206; Notas e commentarios a W. Erskine, in *Transactions of the Literary Society of Bombay* (1877), vol. I, 214-270; *The Origin of Bombay* (1900), pgs. 20-23, 170-172 e 205-206.

(3) Jornal *O Heraldo*, de Nova Goa, n.º de 28 de abril de 1905.

(4) *Garcia da Orta e o seu tempo*, Lisboa, 1886, pgs. 90, 252-259; *Coloquios*, de Garcia da Orta, Lisboa, 1891-1895, vol. I, 222; vol. II, 346-348.

(5) *Roteiro de Goa até Dio.* No fim apparecem as annotações de Kopke (*Observaçoens e Notas*) nas quaes se occupa de Elephanta de pg. 262 a 269, antecedidas por uma grosseira gravura da *Trimurti*, que suppomos ser a reproducção dada por Goldinghan, em 1795, in *Asiatic Researches*, IV, 409.

sobre Elephanta; mas não conhecemos e quer-nos parecer que, havendo, deve ser cousa de pouca monta, escripta em jornaes ou artigos ligeiros de revistas.

E' a que demos, em resumo, a contribuição portugueza para a bibliographia elephantina, que pela primeira vez se tenta fazer entre nós.

Dos autores estrangeiros parece que o primeiro que fallou dos templos subterraneos da India, foi o viajante chinez Fa-Hian, como atraz mencionámos, e o primeiro que se referiu á Elephanta foi o celebre geographo arabe Al Masúdi, autor do *Murújul-Zahab*, que vem a ser a relação pormenorisada da grande viagem por elle feita pela costa da India, em 915 A. D., até Ceylão e á China. Os inglezes traduziram esse precioso livro com o titulo *Meadows of Gold* (1), que corresponde á traducção franceza *Les Prairies d'Or* (2). Nos excerptos em francez e inglez que possuimos (3), não encontramos a referencia á Elephanta que indicámos pela citação de Douglas (4); parece, porém, certo que, no tempo de Massúdi, eram perfeitamente conhecidos dos escriptores arabes alguns dos templos bhudistas da India excavados em rocha (5). Os viajantes mussulmanos dos seculos IX e X prolongaram as suas viagens da costa da Arabia pelas da India, Ceylão e China, e as particularidades que mais notavam, eram as referentes ao culto externo das

(1) Edição do Dr. Sprenger, 1841.

(2) Por Barbier de Meynard e Pavet de Courteille, 1861-1877.

(3) Charton, *Voyageurs Anciens et Modernes*, II, 147; Elliot, I, 18-25.

(4) *Bombay and Western India*, I, 450.

(5) Elliot, *History of India*, I, 504-505.

religiões que observavam. Sabendo-se que a Elephanta dáta do meiado seculo do VIII, não admira que Massúdi, minucioso observador como era, désse fé do templo.

Em seguida aos viajantes chinez e arabe, esteve na India o italiano frei Odorico de Pardenone, que se referiu á Elephanta em 1321-1322 (1), como dissemos já. Depois veio Gasparo Balbi em 1580 (2), e não Linschoten que escreveu em 1596 (3), melhor publicou n'este anno o seu livro escripto certamente depois de Balbi. Começam a seguir os autores inglezes de mistura com outros europeus: primeiro Fryer em 1675 (4), Ovington em 1689 (5), Pyke em 1712 (6), o capitão Hamilton em 1720 (7) e Grose em 1750 (8). Apparece então na India o insigne orientalista francez Anquetil du Perron que visita Elephanta no dia 7 de dezembro de 1760 (9). Seguem-se-lhe o geographo inglez Renell em 1761 (10), o

---

(1) *Mirabilia Descripta,* in Hakluyt's, II, 143; Yule, *Cathay,* pg. V.

(2) *Viaggio dell' Indie Orientali,* (1590) fols. 62 v.–63.

(3) *Itinerarie Voyage ofter Schipvaert van Jan Huygen van Linschoten*, T'Amstelredam (1596), in Hakluyt's, *Voyages,* I. 291.

(4) *A new Account of East India, 1672-1681*; (1698) pgs. 75 e seg..

(5) *A Voyage to Suratt in the year 1689*; (1696), pgs. 158 e seg..

(6) *Archaeologia*, VII, 323 e seg. (cita do *Hobson-Jobson*).

(7) *A new Account of East India,* (1727), I, 240 e seg..

(8) *A Voyage to the East India,* (1766), I, 59 e seg..

(9) *Le Zendavesta* (1771), discours préliminaire, pgs. CCCCXXIII e seg..

(10) MS. de 1761, citado no *Hobson-Jobson*, 342.

explorador dinamarquez Carsten Niebhür, em 1764 (1), o incansavel Forbes em 1774 (2), o polaco Dr. Hové em 1788 (3) e J. Goldinghan fecha o cyclo de taes publicações, no seculo XVIII, em 1795 (4). No principio do seculo immediato apparece em 1803 o livro de Lord Valentia (5), segue-se a celebre conferencia de Erskine a que nos referimos a pg. 69, depois apparecem os trabalhos monumentaes de Fergusson (6), Burgess (7) e Wilson (8), cingindo-se em especial ao estudo das grutas indianas sob o ponto de vista historico-archeologico. Dos tempos modernos raro é o livro de viagens na India que, tratando de Bombaim, não falle na Elephanta (9). Dos guias especiaes trataremos á parte e das publicações officiaes inglezas citaremos a magnifica collecção do

---

(1) *Voyage en Arabie* (1774), II, 25 e seg..

(2) *Oriental Memoirs*, (1834), I, 265–285; II, 383.

(3) *Tours in India*, pg. 188. Não conhecemos. Citamos pelo *Bombay Gazetteer*, XIV, 88.

(4) *Some Account of the Caves in the Island of Elephanta*, in *Asiatic Researches*, IV, 409 e seguintes.

(5) *Voyages and Travels to India*, (1809), II, 199 e seg.

(6) Cit. a pg. 70, nota (1).

(7) Cit. a pag. 69, nota (4).

(8) *Cave-temples and Monasteries of Western India*, separata do *Journal Bombay Branch Royal Asiatic Society*, III, P. II, 41 e seg., IV, 341 e seg. John Wilson é tambem autor do livro *Religious Excavations of Western India*, com interessantes annotações.

(9) Mencionaremos: *Chow-Chow*, da Viscondessa de Falkland (1857); *Bombay and the Western India*, de J. Douglas (1893) e *From Adam's Peak to Elephanta* (1903), que temos á mão..

Bombay Gazetteer (1) e os relatorios annuaes da *Archaeological Survey of Western India* (2), dos quaes colhemos preciosos dados para este estudo.

Tirante, pois, os guias especiaes da Elephanta e os da cidade de Bombaim, é esta, em resumo, a bibliographia elephantina internacional que conhecemos. Não será completa; suppomos, porém, não a haver mais bem feita.

*
* *

No presente estudo não nos interessam as descripções que tantos viajantes fizeram do magestoso templo; mas sim a forma, nem sempre justa, como apreciaram os primitivos possuidores europeus de Elephanta.

Esclareçamos o assumpto.

Quando Nuno da Cunha tomou posse das terras de Baçaim, em 23 de dezembro de 1534, não recebeu do sultão de Guzerathe nenhum pedido especial a respeito do uso amplo da nossa religião nas suas antigas jurisdicções. Nas clausulas do contracto de cessão ha, porém, uma referencia expressa á continuação do culto de Mafoma nos seus templos:— *que com as Mesquitas das terras de Baçaim, a prégações que nellas se fizessem, não entenderia pessoa alguma, nem se faria nisso inouação*

---

(1) *Gazetteer of the Bombay Presidency*, vol. I, P. I, 107, 458, e P. II, 9, 13, 101; XIII, P. II, 426 e 428; XIV, 59-97.

(2) *Progress Report*, em especial o do anno de 1901, a pg. 9-10.

alguma (1)—. Estatuia-se até que certas rendas de Baçaim, destinadas ao sustento das mesquitas, continuariam a ser mantidas pelos portuguezes para o mesmo fim. Não havia uma palavra relativa á tolerancia do culto hindú (2). Pensava, o sultão, mais nos cavallos que poderia deixar de importar da Arabia, e nos *cartazes* que iriam refrear o commercio de Meca com os portos do golpho de Cambaia, do que nos pagodes que poderiam ser profanados pelos portuguezes e nas conversões a que nós obrigariamos os *gentios* de Baçaim, Salcete e Bombaim. Explica-se isto.

Bahadur era mussulmano e a faxa do Concão cedida ao Vice-Rei portuguez tinha já perdida a intensa tradição religiosa hindú. Ao lado de cada mesquita existia, é certo, um templo brahamanico, um pagode, mas estava ahi deslocado. As mesquitas firmavam-se mais e mais, pelo receio aborigene da onda invasora e dominante do islamismo na faxa maritima do Malabar (3): —ao norte os descendentes dos turcomanos, ao sul as

---

(1) Pazes e entrega de Baçaim, nos *Tratados da India*, de Biker, I, 65.

(2) Sobre os tratados com o Guzerathe faz o sr. Constancio Roque da Costa umas lucidas considerações sob o ponto de vista politico; parece-nos, porém, incorrecto quando diz que no tratado de Baçaim, a que nos referimos, se estatuia a tolerancia para *o livre exercicio do culto dos indigenas.* Todos os indigenas ? Não, só os mahometanos. Falla-se em *mesquita* e não em *pagodes.* Cf. C. R. da Costa, *Historia das Relações Diplomoticas de Portugal no Oriente,* 83, 86.

(3) A influencia islamica na India, á data da conquista portugueza, pode-se ler com agrado e proveito nas eruditas introducções do sr. professor do Curso Superior de Letras, David Lopes, aos seus dois livros —*Chronica dos Reis de Bis-*

colonias maritimas arabes. O credo hindú recuára para a India central e meridional. Quando Portugal entrou, pois, na posse de Elephanta, o seu templo era uma instituição tolerada, mas já profanada pelos mahometanos (1); desapparecera já d'elle o culto fervoroso e intransigente do sivaismo. Continuava a adoração do *linga*; mas sem o enthusiasmo com que ainda então se praticava, por exemplo em Somnath-Patane, ás portas de Diu, que ainda não conseguiramos conquistar. Arrendadas por nós as terras de Salcete, começou a acção religiosa dos franciscanos, nos *viháras* de Kaneri, a afugentar o hindú timido e supersticioso.

A ilha do Elephante era pouco productiva, *somente abastada de aves de muitas sortes, principalmente de pavões, adens, rolas; e toda a terra he chea de arvoredos silvestres*, dizia D. João de Castro em 1538 (2), quatro annos depois da posse portùgueza. Era pois, um antigo logar de romagem e não já um centro de população. O seu pagode era pouco frequentado e depois passou a ser esquecido. Em 1664 escrevia Bocarro: *e assi se o dono desta ilha não fora portuguez, ou consentira que os gentios fizessem romagem a este pagode, ainda que por isso puzera qualquer tributo, fora grandissimo o concurso dos gentios, que a elle virão, porque he notavel a superstição*

---

naga e *Historia dos Portuguezes no Malabar*. Um estudo similar, em relação á costa oriental da Africa, foi tambem feito, ha um anno, com notavel proficiencia pelo nosso amigo e camarada, Ernesto Jardim de Vilhena, nos caps. II e III do seu livro — *Rel. e Mem. sobre os territorios da Companhia do Nyassa*.

(1) Cf. Gerson da Cunha, *Antiquities of Bassein*, 205.

(2) *Roteiro* cit., 65.

com que o venerão (1). Quer isto dizer, que já então se não permittia as peregrinações ao pagode; era só da tradição que vivia o seu nome.

Vieram depois as convulsões politicas do seculo XVIII e os marathas apossaram-se da ilha. O templo continuou profanado até passar para as mãos dos inglezes, no fim d'esse seculo. Isto é: quando os portuguezes receberam Elephanta era frouxa a acção religiosa no templo, quando perderam era o *linga* elephantino um symbolo a avivar a curiosidade occidental do visitante da pardacenta ilhota do porto de Bombaim. Nada mais.

Vejamos agora as depredações porque passou o templo. Em 1563 dizia Garcia da Orta: — *Verdade he que aguora está muito danificado este pagode com gado que lhe entra dentro, e no anno de trinta e quatro que eu vim de Portugal, estava cousa muyto pera ver; e eu o vi...* (2) — Diogo do Couto verbera pouco depois os estragos feitos no pagode, attribuindo-os á *travessura dos soldados que alli vam das Armadas* (3). Não viu o templo senão 17 annos depois da nossa posse, escreveu 67 annos depois d'ella, e diz mais adiante: — *a fabrica deste grande Pagode, que está desfeita em muitas partes; e isso que deixárão os soldados, tão maltratado, que he magoa ver assim destruida huma das cousas admiraveis do Mundo* (4). Dando toda a força de autoridade historica a estes dois escriptores coevos da nossa posse, não

(1) *Livro das plantas* etc. no *Chronista de Tissuary*, III, 262.

(2) *Coloquios*, II, 341–342.

(3) *Decadas*, VII, P. I, 253.

(4) Ibid., 258.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

se pode deixar de concluir que tanta razão ha para affirmar que fossem os soldados, que mutilaram as figuras do pagode, como para se suppôr que esses destroços foram feitos pelo gado que n'elle se encurralava então. Esta segunda hypothese tem até mais probabilidades de ser a verdadeira. E' facil de se figurar o quadro que frequentemente se deveria observar, ao cahir da tarde, quando o gado do *senhor da ilha* voltava do trabalho ou regressava da pastagem: — manadas de bois e rebanhos de ovelhas, correndo de tropel por entre as avenidas escuras, formadas por essas formosas columnas do pagode; da claridade já hesitante dos campos passavam á escuridão pronunciada das grutas; iam de encontro ás columnatas, aos idolos, aos lavrados arrendilhados das capellas. No dia seguinte, ao romper da manhã, os destroços da vespera serviriam para apressar a partida do gado para a labuta diaria e pastagem nos outeiros. Projectados por mão iconoclasta de pastorinho vigilante, iriam fazer entrar em obediente formatura algum novilho repontão, alguma cabrita mais dorminhoca...

Mas, fosse como fosse, ha, pois, duas autoridades affirmando que o templo não foi muito cuidado por nós. Não approvamos, é claro, o proceder havido, pensando com o criterio do seculo em que escrevemos; desculpamol-o remontando á epocha em que o triste facto se dava. Reprovamos o abandono do templo, ou sua apropriação a curral; não acceitamos, porém, a imputação feita *aos portuguezes* de terem destruido os idolos. Muito bem disse Diogo Kopke, referindo-se ao habito dos escriptores inglezes fulminarem os portuguezes com allusões injuriosas, sempre que se trata da Elephanta: *Temos tanta authoridade para negar o facto, como elles*

tem para o asseverar (1). Criteriosamente se exprimiu tambem a este respeito Gerson da Cunha quando escreveu: *The Portuguese have already had too many sins to account for, and there is no need to add to the list others they never committed* (2). Vamos provar, d'aqui a nada, que ambos tinham razão, pois é preciso não esquecer que se tem abusado da sentença de Bacon — *Audaciter calumniare, semper aliquid haeret* —; mas, antes de exhibirmos os textos estrangeiros, e portanto insuspeitos, a favor da nossa these, não podemos deixar de apresentar um exemplo de casa. Aqui mesmo, aonde escrevemos estas linhas, temos a prova de que, ainda no seculo XIX, (note-se bem) os inglezes seguiam orientação bem peor do que a nossa no pagode de Elephanta, tres seculos antes.

Em uma das lapides esculpidas na frontaria da capella de S. Thiago, no castello de Diu, se lê:

Estta Igreja ten
do servido de go
daõ d'mantim tos
Armazem d'Vinho
dos Ingl.zes e Qel do
Regimto tornou
a Ser Reidificada
EM 1810. (3)

(1) *Roteiro,* cit., notas, pg. 267. E' curiosa a observação do bispo inglez Reginal Heber a respeito de Baçaim, em 1825, comparando á acção civilisadora portugueza a indifferença britannica de então, que ahi se pode ler a pg. 268.

(2) *Antiquities of Chaul and Bassein*, 205.

(3) Rivara, *Inscripções de Dio,* n.º 98, pg. 39; Jeronymo Quadros, *Diu*, inscripção XCIX, pg. 78. Ahi mal transcripta.

O que é mais condemnavel: adaptar uma gruta, que se dizia ao tempo ter sido feita com o auxilio mysterioso do demonio, a estabulo; ou transformar um templo christão, ainda aberto ao culto, em adega? E dando-se o primeiro facto no seculo XVI e o segundo no XIX?

Sabem o que representava a capella de S. Thiago? Um monumento de piedade religiosa portugueza, erguido no local em que se feriram as luctas mais accesas e por vezes estupendas do *Segundo Cêrco* (1); um padrão a perpetuar o esforço insigne dos sitiados de Diu, contendo as numerosas hostes islamicas já a dentro da Fortaleza, convertida em um montão de ruinas; o ultimo baluarte de resistencia dos portuguezes indomaveis de Diu, em vesperas da chegada de D. João de Castro. Não se sendo lido nas chronicas portuguezas, admitte-se

(1) Essa capella, hoje em total ruina, vae ser reparada agora a nosso pedido, em seguida á visita feita ao districto, em março d'este anno, pelo sr. Governador Geral, conselheiro Arnaldo de Novaes, e segundo orçamento por nós elaborado então. A obra já está superiormente approvada (*Boletim Official,* n.º 52) e deve entrar brevemente em execução. No corpo da capella fizemos erguer um pequeno monumento funebre ás ossadas encontradas por nós nas excavações, a que procedemos, nas ruinas da antiga Sé do Castello, para descobrir o tumulo de D. Fernando de Castro. Suppomos ter encontrado o tumulo e talvez os ossos, mas a lapida (que com certeza existiu) já foi tirada, assim como tantas outras que ahi existiam! Cento e trinta cestos de ossos, quasi pulverisados, ficam no alicerce do modesto monumento e n'este as ossadas encontradas nos covaes, agora descobertos atraz da capella-mór da historica egreja de S. Thomé. Inaugurou-se solemnemente o monumento no dia 10 de agosto, a data da morte gloriosa de D. Fernando na explosão do baluarte de S. João. Os ossos d'esses portuguezes já não estão atirados ao abandono nos es-

a ignorancia do motivo historico da capella; havendo um pouco de respeito pelas crenças occidentaes, não se

---

combros da velha Sé. Agora, sim; *dormem com saudade maior da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabastro deixárão de huma vida sem nome ociosa memoria*, como disse Jacinto Freire de Andrade. Ahi mandamos gravar a seguinte inscripção:

AQUI JAZEM AS HONRA-
DAS CINZAS DOS HEROI-
COS BATALHADORES DE
DIU

TRASLADADAS OFFICIAL E SO-
LEMNEMENTE, DAS EXCAVAÇÕES
FEITAS NAS RUINAS DA SÉ D'ES-
TA FORTALEZA, EM 10 D'AGOSTO
DE
1906
P. N. A. M.

Esta nota é escripta depois de estar prompto para a imprensa o presente trabalho, e não a queremos fechar sem dar mais uma noticia interessante ao assumpto. Para se acabar com a lenda do *Monumento de D. Fernando de Castro*, contra a qual sempre temos protestado, mandamos demolil-o até ao alicerce, que é em rocha viva do *terreiro* do Castello. Nada se encontrou dentro! Depois de cuidadoso exame (a 26 de setembro) foi tudo collocado como estava, inclusivé a lapida apocrypha, ahi posta em 1883, em momento de infelicissima inspiração! Cf. *Relatorio de Diu*, de 1899-1900, do autor, pp. 34-35; Rivara, *Inscripções de Dio*, pag. 31; Mesnier, *Viagem do Governador V. de Sam Januario ás Praças do Norte*, 8; Lopes Mendes, *A India Portugueza*, II, 276; Luciano Cordeiro, *Boletim da Soc. de Geographia*, 15.ª serie, 216; e o recente artigo, aqui escripto por J. Quadros, no *Oriente Portuguez*, III, 49-60. A lapida posta em 1883, pode-se vêr no livro do sr. Quadros — *Diu* — a pg. 71.

desculpa o desconhecimento do symbolo christão que se erguia, como ainda hoje, no cimo do seu frontespicio. Pois em 1808, ahi se encanteiraram pipas de vinho e de wisky, saccas de trigo e barricas de carne salgada! Os inglezes, já a esse tempo os nossos desapiedados e injustos censores de Elephanta, foram os infelizes autores da transformação (1). A lenda portugueza da Elephanta perde-se nas paginas ignáras dos guias de viajantes; a profanação historica dos inglezes em Diu perpetua-se na lapida do Castello. A publicidade ingleza será maior; o effeito da pedra de Diu é mil vezes mais suggestivo.

Não é este um trabalho de polemica, mas sim um estudo de investigação archeologica e de reivindicação historica, e, por isso, é aqui bem cabido o parallelo que acabamos de fazer, e que bem poucos conheceriam. Nada affirmamos n'estas paginas gratuitamente, tudo provamos, indicando com minucioso escrupulo a origem da prova. Assim fizessem os inglezes que, a nosso respeito, tantas vezes se abrigam no irresponsavel *It appears*... Mas continuemos. Vejamos como os autores britannicos reforçaram as supposições de Diogo de Couto que, repetimos, não viu fazer os estragos na Elephanta.

Foi o medico John Fryer, que escreveu as suas impressões de viagens na India e Persia, de 1672 a 1681, quem primeiro asseverou que os portuguezes tinham

(1) Os inglezes tiveram tropas europêas aquarteladas em Diu, durante parte das campanhas peninsulares. Em 1808 retiraram-nas, *á vista da muita gente que perdiam por molestias*. Vid. *Supplemento á collecção de tratados*, de Borges de Castro, XV, 183.

degolado alguns dos idolos : *Defaced by the Portugals, who have this island also* (1). Pyke, empregado da companhia das Indias, confirmou em 1712 o emprego das grutas para curraes, e falla em um fidalgo portuguez a dar tiros de peça dentro d'ellas, para se divertir com os echos produzidos ao mesmo tempo que derrubava alguns idolos que lhe serviam casualmente de alvo! Assim se exprime: *One of their Fidalgos, to divert himself with the echo, which is here most admirable, fired a great gun with several shot, which has broken some of the pillars* (2). Infelizmente não indica o nome do iconoclasta portuguez. Apparece depois Henry Grose, outro empregado da companhia (3), que viu em 1750 alguma agua nas grutas, e diz que as imagens estiveram em toleravel estado de conservação até que os portuguezes quebraram barbaramente algumas, não sem custo, em vista da dureza da pedra: — *Not suffering any idls but their owns, they must have been at even some pains to maim and deface them, as they now remains, considering the hardness of the stone* (4). Esta versão é tão phantasiosa como malevola e foi annos depois desmentida pelo francez Anquetil du Perron e pelo grande e honrado es-

(1) *A New Account of East India and Persia*, 75. A visita á Elephanta fôra feita em 1673.

(2) *Archaeologia*, VII, 329. Pyke era um capitão de navios ao serviço da Companhia das Indias, escreveu as suas impressões de Bombaim a bordo de um navio da Companhia, e a 10 de fevereiro de 1780 fazia A. Dalrymph, em Londres, uma conferencia na *Society of Antiquaries,* que depois se publicou na obra acima citada.

(3) Cf. Buckland, *Dictionary of India Biography* (1906), pag. 181.

(4) *A Voyage to the East India,* I, 60.

criptor inglez Campbell, o erudito compilador da monumental collecção do *Bombay Gazetteer,* que diz a este respeito: — *Grose is always ready to spread tales against the Portuguese* (1).

Estas são as obras classicas da bibliotheca elephantina lusophoba.

A onda do descredito não ficou por aqui. Sahiu do remanso das estantes de estudiosos para obras de vulgarisação ao alcance de todos. Ha muito de cruel no que se tem feito e que não pode ficar sem um protesto. São raros os artigos de jornaes inglezes ou livros de viagens modernos referentes ao templo de Elephanta, que não tragam allusões offensivas ao nome portuguez, sem os seus autores se se lembrarem de que a dois passos da famosa *urbs prima in Indis,* estão as soberbas ruinas portuguezas de Baçaim, que teem agora merecido tantos cuidados aos inglezes, como a nós mereceram — ha quatro seculos — as de Elephanta (2); ahi perto teem tambem Salcete e Thana; mais ao sul encontram as lapidas das egrejas de Cochim a atapetarem as ruas, como, ainda ha pouco d'ahi, se mandava dizer para um jornal de Bombaim (3). Ora, nem todo o viajante é um erudito, em geral é até o contrario que se observa n'aquelles

---

(1) Campbell, *Thana* (no *Bombay Gazetteer*, vol. XIV), 87, nota 1; Gerson da Cunha, *Antiquities of Bassein*, 205; Burgess, *Elephanta*, 55; Du Perron, *Le Zendaresta*, I, CCCCXXIV.

(2) Note-se que, ao tomarmos posse de Elephanta, parte das suas grutas estavam em completa ruina.

(3) «As lapides tumulares e as inscripções portuguezas que ainda hoje, á fulgurante luz do seculo XX, tão respeitador de antiguidades, jazem criminosamente profanadas por

que se apressam a lançar em livro as suas impressões: —aonde falha o senso esthetico ou a inspiração phantasiosa, sobram os erros geographicos, avolumam-se os dislates historicos. D'onde vem, pois, esse synchronismo aggressivo dos autores inglezes? *Quid inde?* Dos famosos *guides* de Bombaim, em grande parte, da tradição secular a restante, e serve, quasi sempre, para mascarar a impotencia investigadora dos taes escriptores feitos á pressa. Vamos a um exemplo quanto á primeira causa.

Em 1897 publicou-se em Bombaim um Guia para o visitante da Elephanta, resumindo mal o que Fergusson e Burgess disseram sobre o templo, dando rapidos conselhos sobre a melhor fórma de se visitar a ilha e exhibindo tres imperceptiveis gravuras das entradas do pagode e da *Trimurti.* Até aqui vá, pelo preço do folheto,—uma rupia. Mas o autor metteu-se a critico historico, faz estilo, rethorica, philosophia historica, ou como se lhe queira chamar, e, então, não poupa os portuguezes; lá vem a insidiosa referencia. Tratando das reliquias preciosas, que devem ainda existir sepultadas nos escombros do templo velhissimo, falla na inscripção que provavelmente deveria existir n'esses formidaveis subterraneos e responde a si proprio:—*This may perhaps be done after the inside is destroyed by the Iconoclasts of European so-called, civilization, who have not even the religious plea of the old Portuguese to excuse their igno-*

---

estas ruas de Cochim moderna.....». Carta de Cochim, commemorando o quarto centenario da sua fundação, pub. no *Anglo-Lusitano*, de Bombaim, n.º 1.037, de 2 de junho d'este anno.

rance. If the Gharapuri cattle had been the only visitors many a mutilated statue would have a nose, an arm, or leg, that may now be in some lumber room in Europe and labelled «Piece of a Statue from Elephanta» — (1).

Esse *lumber-room* (2) europeu não existe em Lisboa, affirmamos ao angustiado autor. Deve-se procurar em algum cantinho de Londres, aonde se amontoam centenas de authenticos Sesostris, e outras tantas veridicas mumias de dynastias completas de Pharaós, piedosamente transportados das margens do Nilo para as do Tamisa, transitando por alguma d'essas famosas fabricas de Berlim ou de Hamburgo, encarregadas de dar a côr archeologica aos artefactos destinados ao snobismo britanico, ou á prodigalidade *yankee*. Ahi, sim, é que poderá encontrar algum pedaço da Parvati ou da Ardhanari elephantinas, devidamente etiquetado:— *True piece of Elephant's Parvati*». Em Lisboa não, nada encontrará. A propria lapida de Cintra constitue um problema, e isto, confessámos, é com magoa que o dizemos. É possivel que essa pedra traga em si mesmo o rotulo a attestar a origem; mas ainda tal não está assente, infelizmente.

Procurámos por todos os diccionarios bibliographicos anglo-indianos o nome de M^r^. Pearse, e baldada foi a nossa curiosidade. Fomos ás encyclopedias indianas, o mesmo resultado. Folheamos os catalogos das livrarias e bibliothecas de Bombaim, e a mesma decepção.

---

(1) *Guide to Elephanta*, by James Pearse, Bombay, third edition, 1897, pg. 13–14.

(2) Propriamente — «quarto de cacaria» —, corresp. ao *bric-à-brac*.

Percorremos os nossos variadissimos canhenhos-mnemonicos e sempre o mesmo arreliador mutismo. Tinhamos de confessar que M.r Pearse era autor contemporaneo, ignorado no gremio das lettras; ou então seria algum modesto erudito, cujo nome só *post-mortem* seria devassado pela bisbilhotice bibliographica? Estavamos n'isto quando providencialmente examinamos a parte posterior da capa do opusculo; ahi estavam, emfim, na lista das suas obras, os titulos litterarios e o nome do nosso homem. Aqui damos, na integra, o suggestivo *address:*

James Pearse & C.°
Restaurant
73, Apollo Street, Fort,
Bombay
Breakfasts, Dinners, Wines & Spirits etc.

O nosso autor era um tasqueiro, ahi para os lados do *Apollo-Hotel !!!* Ficamos comprehendendo então toda a philosophia do seu pamphleto, toda a agudeza do seu estilo, todo o resaibo da espirituosa penna. Aqui fica o aviso: ninguem queira visitar a Elephanta sem primeiro beber na taverna-litteraria de Pearse & C.° as origens puras da historia elephantina. Elle lá diz, no folheto, que o nosso Diogo de Couto (*De Conta* lhe chama o maroto!) não é muito de fiar, quando falla do templo famoso: *In many instances it is hard to believe that the authors have ever visited the places they describe.* E pouco mais acima: ... *as related by De Conta; but whether he relates it from his own knowledge, or from hearsay, it is difficult to say* (1). A este respeito só poderia ter

(1) Op. cit., 13.

duvidas não lendo as *Decadas*, como seguramente não leu, pois ahi vem muito claramente: *fui ver este estranho Pagode ... achei huma capella* etc. etc. (1), ao passo que se percorre o pamphleto de Pearse & C.º e fica-se na convicção de que o nosso *bar-manager* é que nunca lá poz os pés, ou, se foi á Elephanta, não viu com olhos de vêr. Com respeito a Couto damos-lhe a nossa palavra, que é um facto historico a sua visita ao pagode, como até é reconhecido por dezenas de escriptores inglezes, um pouco mais lidos em historia, quiçá menos sabidos ... nas provas do whisky.

Demoramos esta citação semi-bibliographica, porque são palpaveis os damnificios causados por tal amador de litteratura amena. E' n'esses *guides* que muitos dos modernos autores inglezes vão buscar a lama com que salpicam injustamente o nome portuguez. *Et voilà justement comme on écrit l'histoire!*

Vejamos agora o reverso da medalha, isto é, as versões lusophilas. Mas primeiro mencionaremos duas publicações de propaganda que nos não insultam, guardando o prudente silencio de Conrado a respeito das ruinas do templo e das suas causas. São os guias de Bombaim, de Maclean (2) e Pinder (3), que descrevem Elephanta e accidentalmente fallam em nós sem nos melindrar, nem nos insultar.

Dos escriptores antigos temos o dinamarquez Niebühr que, referindo-se á lenda dos tiros de artilheria

(1) VII, P. I, 258.

(2) James Mackensie Maclean, *A Guide to Bombay*, Bombay, 1904, pg. 358-360.

(3) D. A. Pinder, *Visitor's Illustrated Guide to Bombay*, Bombay, 1904, pg. 97-101.

dentro das grutas, espalhada por Pyke, e que acima démos, diz: *Ces huit figures sont fort endommagées aux pieds, mais non point par le canon des Portugais, comme quelques voyageurs le prétendent, mais par l'eau de pluye qui ne fait que couler dans le temple depuis plusieurs années dans la saison pluvieuse, et y reste ordinairement fort long temps. Si les Portugais avoient effectivement eu le dessein de ruiner ces figures payennes, ils auroient agi d'une façon peu sensée, s'ils avoient voulu trainer pour cet effect des pièces d'artillerie sur une si haute montagne là, où cela pouvoit si faire à beaucoup moins de fraix au moyen d'un marteau, et peut-être s'en est on effectivement servi, à l'egard de plusieurs figures* (1). O celebre explorador dinamarquez visitou Elephanta em 1765, e em 1788 dizia o polaco Dr. Hové que encontrára as imagens arruinadas pelos officiaes do almirante inglez Cornish (2). Note-se, portanto, que ás hypotheticas travessuras dos soldados portuguezes, em que fallou Diogo de Couto no seculo XVII, temos aqui a contrapor o vandalismo dos officiaes inglezes no seculo XVIII, authenticado por testemunha coetanea.

Um escriptor inglez de renome, Lord Valentia, escreveu no seculo passado: *There is no appearence of any great violence having been used to injure the figures. Had cannon been employed by the Portuguese for that purpose, the marks of the balls would have been visible, and the destruction would have been among the figures. As it is, the pillars are more rapidly decaying than any*

(1) *Voyage en Arabie*, II, 26.

(2) *Tours in India*, 188 (cita do *Bombay Gazetteer*, XIV, 88).

other part (1). A visita foi feita em 1803 e é tambem ás chuvas, á humidade e á má qualidade da rocha, que Valentia attribue a decadencia do pagode.

A lenda de Pyke é, pois, falsa. Mas, ha melhor. Em 1718, epocha muito proxima d'aquella em que Pyke escreveu, o capitão Alexandre Hamilton dava tiros de espingarda dentro das grutas da Elephanta para espantar serpentes! É elle mesmo que o diz: *I fired a fusee into one of the room* (of the Elephanta), *but I never heard cannon or thunder make such a dreadful noise, which continued about half a minute, and the mountain seemed to shake. As soon as the noise was over, a large serpent appeared, which made us take to our heels, and got out of the cave at one door, and he in great haste went out at the other. I judge him about fifteen feet long and two feet about. And these were all that I saw worth observation in that Island* (2). Ao imaginario fidalgo portuguez de Pyke temos a oppôr o authentico *skipper* Hamilton, a confessar que o echo prolongado e estridente do tiro de espingarda e o salto violento da serpente foram as cousas dignas de nota que observára na Elephanta! Por essa epocha tambem ainda o templo servia de curral para gado: *and serves only to feed cattle* (3). Conhecem-se, pois, as imaginarias depredações dos portuguezes, que ficam com a carga tambem das authenticas travessuras dos inglezes em que se não falla. Lembra um pouco Virgilio: *Hos ego versiculos feci, tulit alter honores.* Ora, pois!

Um recente autor inglez examinou cuidadosamente

(1) *Voyages and Travels to India*, II, 200.
(2) *Account of the East Indies*, 349.
(3) Ibid.

as ruinas de Elephanta e opinou muito bem que se deveria attribuir á acção das chuvas os principaes estragos nos seus idolos. Affirma muito claramente: *Nay more, we are told that this is sufficient to account for all its decay, and that Portuguese iconoclasts and English seamen did it no violence whatever* (1).

Tem razão este escriptor. As ruinas da Elephanta não se devem attribuir aos portuguezes. Construido o templo no seculo VIII, foi bem cuidado até ao final do XIII em que os Yadávas foram conquistados por Ala-uddin Khilji e se firmou o dominio mahometano na costa norte do Concão. A ilha do Elephante passou para o sultão de Ahmedabad e o templo foi profanado, ou pelos mussulmanos do Guzerathe, ou quem sabe se por qualquer seita hindú heterodoxa. Depois passou para a nossa posse, na primeira metade do seculo XVI, e já vimos qual era a importancia religiosa do templo n'essa epocha. Pela nossa parte não cuidamos muito d'elle, é certo; mas tambem já vimos as razões que militaram a nosso favor, e não ha, assim, motivo para tão ignominiosamente sermos tratados por um desleixo e nunca um proposito de malevola destruição.

A seguir veiu a dominação ingleza, e as grutas de Elephanta continuaram abandonadas de cuidados, e sendo um simples logar de rara peregrinação archeologica, entregue por completo á população gentilica da ilha. O templo não estava aberto ao culto e o gado continuava a augmentar os destroços causados pela infiltração das chuvas seculares. A isto tudo junta-

(1) *Bombay and Western India*, por J. Douglas (1893), II, 216.

va-se a má qualidade da rocha que fraca resistencia podia oppôr á influencia climaterica. Hoje os inglezes confessam isto claramente.

Em 1850, 1860 e 1868 partiram-se alguns idolos (1), e certamente não foram os portuguezes, os barbaros iconoclastas. Os autores deviam ser alguns dos convivas de *pic-nics* constantes, que os inglezes faziam na ilha, e acabavam muitas vezes por famosas orgias em frente da nudez perturbadora dos idolos elephantinos. Fizeram epocha os jantares do Natal e Anno Bom dados na Elephanta pelos governadores de Bombaim no seculo XVIII (2); ficou historica a illuminação das grutas quando, em 1875, o actual rei Eduardo VII visitou a India Ingleza, e o governador de Bombaim (sir Edmond Wodehouse) offereceu um banquete ao Principe e comitiva dentro do templo hindú. Assim escreve Maclean:—*And after the dinner, the features of the principal groups of statuary were shown to the Prince by the aid of blue-lights. The effect was, in point of art, a failure, as the caves did not stand the glare of so strong an illumination* (3).

Mais tarde convenceu-se o governo inglez de que os *pic-nics* e jantares nas grutas eram origem de muita desmoralisação e de vandalismos; restringiu essas permissões e augmentou os guardas do templo. Hoje são as grutas de Elephanta muito bem cuidadas e reparadas. O pagode maior é um verdadeiro templo da Arte, um precioso museu de archeologia e de architectura.

---

(1) Cf. *Bombay Gazetteer*, XIV, 88.
(2) Cf. *Bombay and Western India*, II, 221.
(3) Maclean, *Guide to Bombay*, pg. 360.

Concluimos, pois, affirmando que não foram os portuguezes que arruinaram o pagode: — este soffreu das vicissitudes do tempo, do abandono a que foi votado pelos hindús, das profanações dos mussulmanos, dos estragos dos marathas no seculo XVIII. Á parte uma ou outra mutilação de autor ignorado — que não representou proposito apoiado em plano assente de destruição systematica, por intolerancia religiosa ou espirito malevolo de raça — nem os portuguezes, nem os inglezes podem ser culpados, como solidariamente responsaveis d'esses destroços. Os periodos que atraz transcrevemos, imparcialmente, são os argumentos historicos, de toda a probidade, que adduzimos em apoio d'esta affirmação, a qual temos todo o empenho em aqui consignar clara e terminantemente.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

III

A ADORAÇÃO DO LINGA

Tanto o pagode de Somnath-Patane como a gruta de Elephanta são templos hindús, da seita dos sivaítas. N'elles a principal imagem venerada é o *Linga*, que segundo Couto é a *figura de hum idolo, que por deshonesta se deixa de nomear* (1). O chronista da Torre do Tombo sabia, pois, o que representava essa encarnação de Siva; mas podia descrever o idolo que nada tinha de deshonesto á vista, pela forma como se adorava na Elephanta. D. João de Castro, que escrevêra alguns annos antes, assim o menciona: *No lugar onde em nossas igrejas pomos o altar-mór está neste templo huma capela quadrada . . . De dentro desta capela está hum altar posto no meio e em cima huma grande bola que deve senificar o mundo* (2).

A bola não representava o mundo, mas sim Siva no seu *avatár* mais commumente espalhado no Hindustão, entre os crentes do brahamanismo: o *Linga*.

---

(1) *Decadas*, VII, P. I, 254.
(2) *Roteiro* cit. 66-67.

Os nossos escriptores quinhentistas que vieram á India, ou sobre ella escreveram, não eram simples e charros chronistas ao gosto da epoca; muitos d'elles foram observadores profundos e são ainda hoje considerados verdadeiros homens de sciencia. João de Barros foi um geographo erudito e economista clarividente. Couto, menos pomposo no estilo, foi um impiedoso critico de costumes, na epocha já dissolvente do nosso fugaz Imperio indiano; a philosophia com que encarou mais de um lance decisivo para a consolidação mais estavel das nossas conquistas orientaes, ainda hoje encanta e convence. Gaspar Corrêa, com a chateza da sua linguagem, de pronunciada origem plebea, acompanha de perto os nossos primeiros successos no Oriente e tira mais effeito do estudo dos homens do que dos factos; é assim um biographo indispensavel para a historia da conquista da India. Mas não se julgue, á leitura das primeiras paginas das suas *Lendas*, que é um simplorio; bem ao contrario: — ha periodos pequenos, n'esse seu precioso repositorio de descripções, encerrando conceitos mordazes que definem *les dessous* de muitas emprezas escabrosas no começo da nossa dominação indiana; que photographam em admiraveis instantaneos o caracter de mais de um illustre compatriota, a quem não quiz desagradar, mas de quem..... só pôde fallar pouco. No laconismo da sua critica acerada o grande merecimento de muitas passagens das *Lendas*, que têm originado os sensacionaes e palpitantes episodios de mais de um romance-historico da actualidade.

Estes são os historiadores mais conhecidos. Mas ha as soberbas paginas de D. João de Castro nos seus *Roteiros*, as observações de Duarte Barbosa, Fernão

Mendes Pinto, Pedro Teixeira e tantos outros, aonde se encontra muita opinião justa ácerca dos usos e costumes hindús, que só seculos depois foram notados por escriptores inglezes e francezes, muitos dos quaes prestam galhardamente o seu tributo de admiração aos quinhentistas portuguezes. Quem quizer conhecer hoje o valor dos trabalhos litterarios dos primeiros escriptores portuguezes na India, ha de enfronhar-se n'esses soberbos monumentos de archeologia-historica, mandados publicar pelo governo da India Ingleza; ha de manusear os glossarios anglo-indianos; ha de conhecer as bibliographias indo-franceza e indo-germanica, e, só então, verá quanto se deve aos portuguezes como pioneiros da civilisação europea no Oriente. A viagem de Vasco da Gama, de Lisboa a Calicut, dobrando o Cabo, não é uma banalidade geographica com que os escriptores extrangeiros recheiam de citas eruditas os seus livros. Elles encaram esse facto em toda a grandeza da sua significação historica: — hoje na India não se dá um passo no estudo da acção scientifica, litteraria, guerreira e religiosa de europeus entre os hindús, que se não recorra aos livros portuguezes, e manuscriptos portuguezes archivados em bibliothecas francezas e inglezas. E, infelizmente, a nossa bibliographia indiana é mais conhecida dos inglezes que de nós proprios. O esforço que entre nós se tem feito ultimamente já não pode compensar os effeitos perniciosos do descuro anterior.

Ora, aonde a observação dos antigos escriptores portuguezes mais se prendeu, foi no exame minucioso do culto externo consagrado pelos hindús aos milhares de deuses da sua complicadissima theogonia. Ha paginas de Barros e Couto que valem volumes inteiros de

modernos publicistas e commentadores das religiões orientaes. Mais ingenuas são as descripções de Duarte Barbosa; mas não menos interessantes, nem menos verdadeiras. Todos elles notaram as singulares praticas dos hindús e salientaram a immoralidade de muitas d'ellas; mas não podendo profundar as suas origens mythologicas, contentaram-se em reproduzir as informações que os sacerdotes brahmanicos lhes forneciam, e a descrever algumas das cerimonias mais extravagantes. O desconhecimento que então havia, entre os occidentaes, dos livros védicos, explica cabalmente as difficuldades que os nossos chronistas teriam para poder fornecer qualquer outra indicação além da tradição verbal. Hoje tal não succede.

O conhecimento dos *Védas* e dos *Puranas* mudou para o escriptor europeu a face das cousas.

A primitiva religião hindú é conhecida hoje mais desenvolvidamente, graças ás traducções dos hymnos do *Rig-Véda,* cujos *rishis* patenteam a pureza de costumes e infantilidade imaginativa dos primeiros immigrantes árycos (1) no Hindustão. Vida pastoril, sociedade patriarchal, ausencia completa do regime divisionario de castas, o hindú de então acreditava na existencia de *Indra,* o Ente Supremo e de brilhantismo fulgurante, que vive no céu, ou melhor:— que personifica a aboba-

(1) A *theoria aryana* está sendo hoje duramente combatida na França e Allemanha. Tambem não acreditamos n'ella, sob o ponto de vista ethnographico, mas para facilidade de exposição, n'este trabalho, conservaremos a velha terminologia. A este respeito são valiosos guias os ultimos estudos de Finot. Cf. *Le Préjugé des Races* (1905) e *Le Fantôme Aryen,* na *Revue,* n.° 21 de 1904; Bergaigne, *La Réligion Védique.*

da celeste. É o deus do céu, emfim. Abaixo d'elle existem outros: *Agni,* deus do fogo, os diversos *Adityas*, ou personificações do sol. É, pois, um polytheismo extremamente simples, a religião do primeiro periodo védico.

Dão-se depois as luctas titanicas dos tempos heroicos, cujos echos tão distanciados chegam até nós graças ao *Mahabaratha* e ao *Ramayana,* extensissimos repositorios das confusas lendas e tradições populares d'essa epocha da historia hindú. Já o sacerdote brahmanico corrompera a ingenuidade da primitiva theodicéa védica; as *leis de Manú* haviam codificado as confusas concepções philosophicas e religiosas da classe sacerdotal; estabelecera-se definitivamente o regime castista na India; á simplicidade do pensar primitivo impunha-se agora uma theogonia de complicadissima erudição e uma philosophia opposta ao naturalismo da religião védica. A idéa de Deus complicava-se: era agora o symbolismo de *Brahma neutro*, alma do universo não materialisada em nenhuma encarnação terrestre. O povo não comprehendia esta evolução da religião naturalista dos primeiros Védas para o pantheismo idealista dos brahmanes; mas, submettera-se a essa nova theodicéa que os sacerdotes prégavam á sombra já de um evangelho: — o codigo de Manú.

A submissão era apparente e não pôde durar muito. Assim que se ouviram os primeiros rebates da nova doutrina de Sakya Muni, os sacerdotes brahmanicos comprehenderam que não poderiam impôr á consciencia desconfortada dos hindús uma religião que não comprehendiam, que não satisfazia a nenhuma das suas aspirações idealistas. Para o brahmanismo orthodoxo

poder vencer o bhudismo nascente, teve de capitular em muitas das suas primitivas imposições philosophicas, e o sacerdote brahmane offerece então ao hindú, descontente d'essa religião de intricadas abstracções dogmaticas, o culto naturalistico de Siva e Vishnú, que melhor vae ao temperamento dos indios, mais quadra aos ardores sensualistas do clima. Apparece a *Trimurti*, a trindade hindú, mostrando o deus Brahma com o triplice aspecto de — Creador, Conservador e Destruidor; materialisa-se o Deus das anteriores abstracções brahmanicas; a cada encarnação primaria correspondem os *avatáres*, novas encarnações divinas; o horror pela metempsychose, doutrina de transmigração fria e calculisticamente prégada pelos sacerdotes, suavisa-se um pouco, admittindo-se o *yoga* que nos eleva até Deus (ao menos em pensamento), como os bhudistas admittiam e prégavam victoriosamente o *nirvana*. Ao codigo de Manú succede o *Bagaváta-Gitá*, que encerra os preceitos philosophicos da doutrina protestante, ou dissidente como hoje se diria entre nós.

D'esta evolução, que caracterisa o terceiro periodo da religião hindú, nascem as seitas dos *sivaitas* e dos *vishnuitas*, disputando-se a primazia como religião orthodoxa a dentro do brahmanismo. Perdem os *Védas* a autoridade primitiva, são os *Puranas* que constituem o novo evangelho hindú. Se os poemas védicos eram por vezes confusos, os puranicos são sempre embrulhados e cheios de lendas extraordinariamente inverosimeis e complicadas, que bem mostram o recurso que era preciso pedir ao cahos para encubrir, de qualquer maneira, a brécha funda que ao brahmanismo causára a doutrina bhudista! Á mythologia já compli-

cada do periodo védico succede um systema quasi illimitado de deuses de diversas classes, olympos de differentes categorias, encarnações de variados poderes. Depois apparece e firma-se o culto orgiastico e licencioso, como a perfeição suprema d'essa religião que, ha dois mil annos, vem soffrendo os embates mais rudes de uma lucta incessante, mas que ainda hoje subjuga o pensamento de setenta por cento da população da India, ou sejam 207.147.026 almas (1).

Tem soffrido algumas reformas o hinduismo, não ha duvida; mas são clareiras pequenissimas n'essa densa floresta de deuses terriveis, sacrificios crueis, praticas immundas, lendas inextricaveis. Á idolatria hindú não fica, na verdade, mal a classificação de *demonolatria*, como sustenta o P^e^. Courtenay, com alguma ingenuidade, mas parece que com religiosa convicção (2), á vista da forma como o culto hindú se exerce, em mais de um templo e em honra de mais de uma divindade brahmanica.

Mas qual a força de resistencia d'esse systema racional e moralmente tão condemnado? Qual o segredo da sua estabilidade? Quanto a nós, é a satisfação que

---

(1) Censo de 1901.

(2) *Le Christianisme à Ceylan*, 24-28. É curiosa a forma com que n'este recente livro (1900) se encara o culto brahmanico no seu estado actual. A sua leitura, além de ser agradavel a um portuguez, por ser uma apotheose indirecta à nossa acção civilisadora na India (em especial em Ceylão), é instructiva, áparte certas theorias radicaes do autor, que suppomos ser o proprio Delegado Apostolico e Bispo de Thebas, Mgr. Zalesky, que modestamente imprimiu esse extenso e valioso trabalho com o pseudonymo de Pe. Courtenay.

dá ao egoismo sensualista do hindú; é o resultado da transigencia gradual que, em ultima analyse, faz com as diversas castas indianas. Para a classe sacerdotal a maior possibilidade de gosos materiaes, com a minina responsabilidade social dos seus actos; para as outras offerece duas seitas religiosas em constante antagonismo, e varias subdivisões, evitando uma formidavel conflagração de crenças, que produza uma reacção invencivel. Repellido o bhudismo para além do Himalaya; suffocado o jainismo, que ainda ficou na India como um protesto de consciencias tyrannisadas; o brahmanismo divide-se em *religião de mão direita* e *de mão esquerda*, na pittoresca phrase de Hopkins (1), e assim vae contentando os que se recordam da orthodoxia dos Védas e contemporisando com os heterodoxos, que encontram nas praticas libidinosas, dos cultos de Siva e de Vishnú, motivo para se esquecerem dos antigos rigorismos da incomprehensivel theodicéa brahmanica.

Mas, não fujamos ao nosso assumpto.

Como vimos, a primitiva religião hindú era polytheista, mas candida e nada immoral; seguiu-se o pantheismo brahmanico e depois o naturalismo sectarista. Das successivas encarnações terrestres em que se divide a potencia divina do Brahma, nasce a deificação dos heroes lendarios, dos animaes irracionaes e até dos objectos inanimados. Cae-se em um fetichismo selvagem, descamba-se n'uma idolatria exaggeradamente grosseira. Ora é justamente esta paradoxal evolução do

(1) E. Washbhurn Hopkins, *The Religions of India* (1902) p. 490; Murray Mitchell, *The great Religions of India* (1905), p. 94.

hinduismo que causa maior admiração aos portuguezes. Couto recorda-se da mythologia da Assyria, da Grecia e de Roma, e faz os seus parallelos com a da India; Barbosa descreve, minuciosamente, as praticas orgiasticas dos brahmanes do reino de Bisnagá e ingenuamente esclarece, pela primeira vez, os sacrificios das virgens hindús immoladas no altar de Parvatí. E com que colorido de minucias o faz! (1). Ambos curam pelo que ouvem e observam, a nenhum foi dado o ler as complicadas versões dos *Védas* e dos *Puranas*. Maior é, pois, o merecimento do que escreveram.

*
* *

Das duas encarnações do Ente Supremo representa Siva a potencia destruidora e Vishnú a conservadora. Brahma é o principio creador. Estas encarnações, que muito confusamente fazem lembrar as primitivas especulações philosophicas do hinduismo védico, formam a trindade brahmanica, a *Trimurti*. A cada uma d'ellas seguem-se outras secundarias, terciarias etc., e o todo forma essa extravagante theodicéa dando razão de ser á complicada mythologia indiana. A cada um d'esses deuses corresponde outras tantas *devakis* — as deusas—; cada um d'elles tem a sua *sakti* — a favorita; cada um a sua côrte celeste, o seu paraiso. A *sakti* de Siva é Parvati; mas, a *devaki* sivaíta tem outras encarnações, ou melhor outras formas na adoração que fanaticamente lhe tributam os sectarios do seu divino esposo:— é a mãe

(1) *Livro de Duarte Barboza*, 296-306.

do nascimento, a protectora da maternidade, com o nome de *Matá-Janavi;* é a deusa da abundancia com o nome e attributos de *Anna Purna Devi;* é a deusa dos casamentos na forma aterradora de *Durga;* preside aos horrorosos *satis* das infelizes viuvas hindús com o nome de *Kâli,* e, n'esta forma, é a divindade querida dos *thugs.* É branca, da immaculada pureza da neve, quando representa *Umá;* é amarella, da côr do desespero, como *Durga;* e negra, da côr da morte, do lucto, quando invocada como a impiedosa *Kâli!* É ao mesmo tempo a Juno dos gregos e romanos e a Isis dos egypcios, é Ceres, Pallas e Proserpina; é a Rhea de Hieropolis e a Cybeles da Phrygia; mas, acima de tudo é a consorte querida de Siva, a *Mahadevi,* a deusa potentissima do pantheon hindú. Como elle, symbolisa tambem a energia procriadora, na forma feminina. O seu paraiso é *Kailasa* e vive n'elle com Siva em pacifica communhão de vida e interesses conjugaes!...

Foi no paraiso sivaita que nasceu a adoração do *linga.* Tem uma origem tão obscena como abjecto é o culto que se lhe tributa, mas não deixa de ser curiosa, e a ella se refere o *Linga-Purana* (1).

Um certo dia exercia Siva os seus deveres maritaes, quando recebeu no *Kailasa* a visita dos seus collegas Brahma e Visnhú, acompanhados de um numeroso e illustre séquito de bem intencionados penitentes, á frente

---

(1) Cf. *Hindu Manners, Customs and Cerimonies*, by the Abbé J. A. Dubois, translated by Henry K. Beanchamp (Oxford, 1906) 628-631; Kennedy, *Hindu Mythology*, 299-300; Wilkins, *Modern Hinduism*, 333; *Hindu Mythology*, 280-281.

dos quaes ia o erudito Vasishta (1). O momento era, na verdade, pouco propicio para tão prosaica entrevista, pois certamente se iria tratar de alguma prédica de bons costumes, ou se tentaria modificar alguma passagem obscura dos textos brahmanicos. Siva não se deu ao incommodo de interromper o acto que praticava, e os seus hospedes tiveram de assistir áquillo de que Camões disse:—

«Melhor he experimenta-lo, que julga-lo»
«Mas julgue-o, quem não pode experimenta-lo».

Uma tremenda indignação explodiu dos labios dos visitantes, que amaldiçoaram o par impudente, lançando em rosto a Siva as ultimas imprecações. No furor das invectivas distinguiu-se Vishnú que comparou Siva a um animal irracional, possesso de brutal sensualidade, e indigno de figurar, d'ahi em diante, entre gente limpa. A côrte de Kailasa acudira á algazarra dos visitantes, que abandonavam o paraiso sivaita enojados do acto a que assistiam. Escandalosamente se violára um dos primeiros artigos do codigo de Manu:—*O marido que recata sua mulher, honra a sua casta, a sua familia, a si mesmo, seus costumes e seu dever* (2).

A verdade é que Siva estava perdido de bebado, pelo uso immoderado que fizera, pouco antes, de licores excitantes. D'ahi a pouco adormecia, como qualquer mortal, nos braços estonteadores da amorosa Parvati.

---

(1) Famoso *rishi* ou sabio do periodo védico. Autor de muitos hymnos do *Rig-Véda* e de um codigo de leis.

(2) *Leis de Manú*, trad. do francez (*Livres Sacrés de l'Orient*, de Pauthier) por J. Vasconcellos Guedes de Carvalho, Nova Goa, 1859, pg. 44.

Esta, fiel á absoluta submissão que lhe impunham as leis brahmanicas, não contrariára o mau proceder do poderoso marido, talvez por se lembrar que Manu lhe déra em partilha: *a concupisciencia, a colera, as más propensões, o desejo de farer mal, e a perversidade* — só por ser ... mulher (1)! Quem sabe se foi esse o primeiro protesto passivo do feminismo!! N'essa scena do Kailása entrechocavam-se os textos das leis brahmanicas, patenteava-se a inefficacia dos rigorismos sacerdotaes. Quem sabe se Parvati — mulher — vingava-se ...!

Quando Siva despertou tinha uma idéa confusa de que fôra profanado o recato da sua divina alcova; inquiriu dos guardas sobre o que se passára, e estes contaram-lhe o escandalosissimo successo a que haviam assistido. O par divino não pôde resistir á vergonha immensa e morreu na mesma posição em que fôra surprehendido.

Mas um deus hindú não morre sem deixar de si eterna recordação; por isso Siva, antes de em tal consentir, voltou-se para os seus e disse-lhes em voz de trovão: — «A vergonha por que passei matou-me, mas, em compensação, deu-me uma nova vida, uma forma nova, que é a do meu *linga*. Vós, miseras creaturas, subditos humildes, deveis encaral-o, de hoje em diante, como a minha propria pessoa. Sim, o *linga* sou eu mesmo; a elle deveis os mesmos sacrificios, a mesma adoração, o mesmo respeito e temor, que a mim proprio. Eu sou o Ser Supremo, e o meu *linga* tambem». — Assim desappareceu o Siva impudente e começou o culto phallico dos hindús.

(1) Op. cit., artigo 17 da segunda parte. Patentea este artigo a inferioridade psychologica da mulher, segundo Manú.

O *Linga* encarna Siva como potencia creadora, como energia reproductora masculina, e, por isso, se adora na forma do *membrum virile*, como a energia reproductora feminina é representada por Durga na forma de *yoni*, significando *pudendum muliebre:* — as duas allegorias do culto naturalistico hindú. É certo que Siva é, na *Trimurti*, o deus destruidor; mas na theogonia hindú não se acredita no aniquilamento: nada se destróe, tudo se transforma. Não ha destruição completa no mundo material, ha só mudanças de fórma. Destruir é regenerar com outras apparencias. Não faz isto lembrar a celebre lei de Lavoisier; não nos dá idéa do transformismo de Lamarck; da famosa theoria da evolução darwiniana?

Quatro mil annos, pois, antes das audaciosas concepções dos biologistas modernos, prégava-se nos Védas a lei da evolução animal, na encarnação divina de Siva concupiscente e borracho! De transigencia em transigencia cahia o brahmanismo sonhador e honesto n'um materialismo frio e immortal; descia do olympo soberbo das prédicas primárias dos *rishis*, para ser amarrado ao potro ignominioso do *lingaismo*, a pratica sivaita que conta maior numero de crentes no hinduismo actual.

Siva é o deus mais reverenciado dos hindús, porque sendo o mais rancoroso e vingativo é justamente aquelle que é preciso trazer mais contente (1). Os outros são mais benevolos e indulgentes; mas Siva é feroz e a sua consorte Kali impiedosa: — para elles, pois, todas as attenções, todas as reverencias, todas as offrendas. O culto sivaíta é, portanto, tambem um culto de terror.

(1) Cf. Edward Sellon, *Annotations on the Sacred Writings of the Hindüs*, Londres, 1902; pg. 7-8.

Pobre hindú! Aos golpes fundos do bhudismo parecia ter cahido o dogma aterrador da metempsychose, com que o brahmanismo orthodoxo subjugára cruelmente os seus adeptos; na concessão forçada da *Trimurti* lá apparece, porém, Siva a encher de constantes pesadelos a sua imaginação pueril e sonhadora. Sempre a incerteza, a duvida cruel e obsidiante, o terror da finalidade! Se então era a alma condemnada a penar atravez de seculos incontaveis, e sob as formas mais abjectas da creação, hoje é ainda o corpo, a materia, nada socegada n'este mundo, e sujeita continuamente, e sob varios pretextos, á vingança de Siva, aos maleficios de Kali. Por isso o espoliado hindú voltara-se cheio de esperança para a doutrina mais branda de Sakya Muni, preferindo á fatalidade inevitavel da transmigração a gélida frieza do nada; fugindo da obcecante metempsychose brahmanica para concentrar, de quando em quando, o seu pensamento sonhador no *nirvana* bhudista; lançando-se, de bom grado, na visão do aniquilamento eterno a acreditar na eterna existencia terrestre, sob as formas mais rudes da animalidade impensante. Por isso elle supporta, semi-feliz, a dominação europea que prohibe os *satis*(1), persegue os *thugs*(2) e acabou os *johárs*(3). Pobre hindú, subjugado pelos tentaculos d'essa *pieuvre*

---

(1) Do sanskrito *sati* — «uma boa mulher», «esposa verdadeira». O sacrificio da viuva hindú se deixar arder na mesma pyra em que se queima o cadaver do marido. É rigorosamente prohibido pelos inglezes.

(2) Do hindustani *thag* «um burlão». Seita de ladrões que assassinam as victimas ganhando primeiro a sua confiança. Hoje perseguida.

(3) O costume de se sacrificar durante a guerra as mu-

gigantesca que mancha a carta mundial na vasta superficie terrestre que constitue a India — em que ha as minas de Golconda e correm as aguas lustraes do Ganges famoso; onde é endemico o cholera e reinam periodicamente a fome e a peste...

*

* *

Á origem celeste do lingaismo corresponde a lenda terrestre da sua adoração. Quando Siva se encarnou no *linga* procedeu como um deus omnisciente e o *linga* appareceu na terra, por si mesmo, aos olhos crentes dos sivaítas. Siva escolheu doze logares para receberem os *lingas* principaes ou os *grandes lingas*, que foram:— Somnáth-Patane no Kathiawar,—Mallikarjuna, Mahakálá e Omkará, na India central,—Amareswará em Ujayai(?): Vaidya, em Deoghár (Bengala),—Ramásá, na ilha de Rameswará, no estreito de Palk, ao norte de Ceylão,—Benares (em sitio hoje desconhecido), — Tryambaka, nas margens do Gumti (Oudh), — em Gamtamasá(?) e finalmente Kedarnath no Himalaya, ao norte de Srinagár. D'estes doze templos são ainda hoje muito conhecidos e visitados por peregrinos e curiosos os de Somnáth, que é o primeiro em todas as listas, Deoghár e Kedarnáth(1).

---

lheres e creanças, quando se julgava impossivel a resistencia. Fazia-se uma grande fogueira e n'ella se atiravam todos! Muito usado pelas tribus rajputs do Guzerathe.

(1) Com algum trabalho podemos localisar alguns dos templos e corrigir assim as listas dos doze lingas primordiaes. Cf. *Cyclopaedia of India*, II, 716; *Annotations* cit., 38; Bird, *Hist. of Gujarát*, 37; *Rás Mála*, 16; *Bombay Gazetteer*, VII, 609.

Quando Mahmude de Ghazni destruiu o templo de Somnáth, não quiz acreditar que o *linga* estivesse no centro do templo sem nenhuma suspensão, como affirmavam os brahmanes; isto é, existisse ahi por si mesmo, sem intervenção humana. Conta o geographo arabe Al Kazwini (seculo XIII) que os principaes mussulmanos que acompanhavam Mahmude lhe disseram que o idolo devia estar aguentado por algum supporte occulto. Ordenou o sultão que se destruisse tudo em baixo do *linga,* mas depois d'isto ainda elle continuou no mesmo logar. Um dos assistentes ponderou então que naturalmente o *linga* era de ferro e o docel seria uma grande armadura magnetica que o trazia suspenso. De facto, tiradas algumas pedras da parte superior do docel, o *linga* inclinou-se primeiro para um lado, depois para outro, e tiradas mais algumas pedras estatelou-se no chão como qualquer vil corpo terrestre (1).

Todos os escriptores mahometanos e christãos, que visitaram o Guzerathe desde a expedição de Mahmude, fallam no idolo de Somnáth e são concordes em dizer que elle não tinha a forma do phallus. Era um cylindro de pedra negra de cinco jardas de altura, duas das quaes enterradas no chão, segundo os autores arabes do *Tarikh-i-Alfi* (2), ou de tres pés de altura sobre um pedestal quadrado de dois pés, terminando no extremo superior em forma arredondada (3). Não affrontava, pois, a vista (4), se bem que a sua significação fosse da mesma

(1) Cf. *Asarul-Bilád*, in Elliot, I, 98–99, e *Kamilul-Tawarikh,* Ibid. II, 468,

(2) Elliot, II, 471.

(3) *Râs Mâla*, 16.

(4) D'Herbelot escreve: — «L'Idole étoit d'une seule pier-

maneira immoral. Hoje não se pode fixar precisamente quando é que a adoração do *linga* deixou de ter a relativa simplicidade primitiva para descahir na repugnante forma do culto externo que hoje se lhe vota, e que já estava em pleno vigor no começo da invasão mussulmana no Guzerathe. Não se pode dar credito historico ás versões neo-védicas e puranicas sobre a encarnação phallica de Siva; mas o que se deprehende da mythologia comparada dos povos orientaes é a intima relação entre as praticas orgiasticas dos egypcios, gregos, romanos e judeus e as cerimonias lingaitas. O symbolo de *linga* é identico ao phallus de Atys, o gentil Adonis do culto da Aphrodite da Syria, a Belphegor dos Moabitas, ao Priapo dos egypcios, gregos e romanos. O gnosticismo hindú parece, pois, uma adaptação de outras religiões naturalistas, até na fórma sexual dada á adoração da suprema potencia creadora. Temos o Siva na forma androgyna, masculina e feminina. Na Elephanta já vimos que existe o idolo de Siva na forma hermaphrodita (a estatua de *Ardhánari);* a adoração do lótus não significa tambem outra cousa senão a forma typica da divindade de caracter androgyno (1). A adoração da *sakti* de Siva, de Parvati, constitue o reconhecimento da forma feminina da energia creadora:—é o *yoni* dos hindús; representa, na sua philosophia cosmica, a energia passiva fecundada pelo *linga,* o principio activo.

---

re & avoit cinquante coudées de long; mais il n'en paroissoit que la hauteur de trois & les quarante-sept autres étoient dans terre», — *Bibliotheque Orientale*, II, 520, (verb. *Mahmoud*).

(1) Cf. Sellon, loc. cit., 36.

Narayaña, o filho do homem primitivo Nara, move-se nas aguas do mar, com a primitiva forma masculina, no cahos *(tamas);* depois excita-se ao contacto do *yoni* pelo poder vivificante que estava no estado latente. Da união dos dois principios nasce a fecundação animal, confusa e dogmaticamente explicada pelos brahmanes. São sivaítas os adoradores do *linga,* são vishnuítas os do *yoni;* mas na theogonia hindú, Narayana e Siva coexistem, confundem-se. Narayani é Lakshmi, a *sakti* de Visnhú; mas tambem pode ser Parvati, a consorte de Siva. A eterna embrulhada fazendo o desespero de gerações inteiras de panditas eruditos.

Já dissemos que o nome de Siva anda sempre associado ao de Parvati, o culto do *linga* tambem anda ao do *Yoni*; ha, porém, no sivaismo uma seita que só adora o *linga*, outra só presta culto ao *yoni*, e ainda uma terceira que adora tanto o principio activo da creação, como o passivo. É conhecido na India o pagode de *Iswárá-Mahadeva*, em Barolli, a antiga Dholpura (no Rajputana) onde se adora a juncção dos dois principios creadores, sem que a maioria dos sivaítas desconfiem o que o idolo representa! (1)

Ha templos em que o idolo se apresenta com forma triplice *(telinga),* ou quadrupla; os primeiros ao norte de Madrasta, os segundos em Ellóra. Em geral todo o templo sivaíta tem um sanctuario, o principal, dedicado ao *linga* (como já descrevemos na Elephanta); mas á volta do templo principal ha outros mais pequenos, promessas piedosas de devotos e de devotas, contidos em nichos de pedra lavrada, como succedia em Somnath-

(1) Balfour, II, 717.

Patane. Ha pagodes, porém, contendo milhares e milhões de *lingas*, cuidadosamente esculpidos no emblema monolithico e fazendo recordar o symbolo de Bacho, nas orgias do Egypto e de Grecia (1). Ha uma aldeia ao sul de Karván (Guzerathe) que ainda hoje tem o nome de *Linghtali*, — «logar do linga», onde existiam outr'ora milhares em volta do pagode principal (2). Na Elephanta e em Somnath o *linga* é unico. O de Somnath desappareceu como já dissemos, o de Elephanta caracterisa a forma disfarçada da conjuncção do *linga* e *yoni* — uma pequena base quadrada d'onde emerge o cylindro de pedra (3); a fórma mais inesthetica de representar o acto phisiologico que precede a fecundação.

Não ha duvida que o culto sivaíta faz recordar os festins de Bacho e as praticas mysteriosas de Eleusis, mas entre o sacerdote e o crente sivaíta as cousas passam-se, ostensivamente, de uma forma limpa. O brahmanismo é uma religião propicia para os *accommodements*, permitta-se o gallicismo; e para isso nada de melhor conhecemos do que o sivaismo. As suas praticas exotericas só se notam pelo atrazo de pensamento que patenteam, as esotericas revelam um acume que nem gregos nem romanos foram capazes de rastejar. Vejamos.

De todas as cerimonias *lingaítas* da antiguidade ficaram celebres as de Somnath-Patane. O rendimento de dez mil aldeias estava enfeudado a Siva; todos os dias chegavam á cidade sagrada do Kathiawár as flores

(1) Ibid.; *Bombay Gazetteer*, I, P. I, 461.
(2) *Bombay Gazetteer*, I, P. I, 84.
(3) Fergusson and Burgess, op. cit., 469.

mais viçosas da região e agua trazida directamente do Ganges, para se purificarem os crentes em frente do *linga*. Mil sacerdotes brahmanes faziam o serviço religioso do templo e trezentos barbeiros rapavam as cabeças dos peregrinos, antes d'estes terem ingresso no pagode. Trezentas e cincoenta dançarinas, virgens e formosas, revesavam-se no culto divino (1). Os peregrinos vinham de todos os pontos da India, faziam as suas offertas ao idolo milagroso e retiravam abençoados pelos brahmanes ardilosos, que se locupletavam com as oblatas, e eram os felizes companheiros das *ghopis* do templo! A maioria das devotas vinham pedir filhos para os seus maridos estereis, e o milagre raras vezes se deixava de operar (2); quantas mães, tambem, não faziam a promessa de offerecer a primeira filha, que tivessem, ao serviço perpetuo do altar de Parvati?! Á semelhança dos vishnuítas que por suas mãos levavam as mulheres a prostituirem-se para conceberem, graças á divina intervenção de *Venkateswará* no templo de Tirupáti, quantos sivaítas não foram a Somnáth prostituir ignobilmente a propria esposa, não se recordando de que deuses de pedra não carecem de mulheres de carne, como diz maliciosamente o abade Dubois?! (3). E' que, no fun-

(1) Ibn-Asir, in Elliot, II, 469.

(2) Cf. Dubois, *Hindu Customs*, 594.

(3) O artigo 59.º do 9.º livro das *Leis de Manú*, diz: — «Não havendo filhos, a desejada progenie pode obter-se por meio da união da esposa, convenientemente autorisada, com irmão, ou algum outro parente *sapinda* (até 6.º gráo) do marido». — O art. 62.º diz: «Conseguido o fim d'esta commissão, as duas pessoas, irmão e cunhada, se portem um para com outro como um pae e uma enteada». — Hoje não estão em

do, a alma d'este culto é a obscenidade, como acrescenta Hopkins, descrevendo as praticas naturalisticas do hinduismo (1). As bailadeiras dos templos *(nautch-girls)* são pobres raparigas votadas desde o berço á irremediavel prostituição por um ferrete de origem: — pertencem á *casta* das sacerdotisas dos templos e ahi vivem desafiando, em estudados e sensuaes ademanes choreographicos, a concupiscencia de hindús ricos e piedosos, para quem os templos se transformam em commodos bordéis, nos dias mais festivos da seita.....

O grande dia de adoração do *linga* é o *Sivarâtri* ou *Maha-Sivarâtri* (2), que literalmente significa — «a grande noite de Siva».—Recae a 27 de fevereiro, ou melhor no 14.º dia de lua do mez de *Magha* (3). E' a grande festividade sivaita. N'esse dia não se pode dormir, beber, nem comer; a mais rigorosa vigilia e o mais rigoroso jejum são exigidos. De tres em tres horas, de dia e de noite, offerecem-se *pujas* (orações) a Siva, e todas as castas se juntam nas adorações ao idolo, podendo até as mulheres fazerem as *mantras* (litanias, ladainhas), as cabalisticas invocações do ritual brahmani-

---

vigor estas disposições, porque, na verdade, a primeira tinha tanto de monstruosa, como a segunda de inexequivel. *Difficilem rem postulasti!* Hoje são os sacerdotes que fazem as vezes de... parente *sapinda* dos maridos lôrpas.

(1) *Religions in India*, 490.

(2) Em guzerathe: — *mahá* + *Sivá* + *rátri*, «a grande noite de Siva».

(3) É o decimo mez do anno hindú, quando a lua cheia está proxima do asterismo de *Mágh* (janeiro-fevereiro) e o sol entra no signo de Capricornio. O *Sivarátri* é, pois, uma festa movel.

co (1). Os differentes nomes de Siva são repetidos em frente do *linga* e a cada uma d'essas invocações colloca-se uma folha de *bilva* (margosa) sobre elle. Continuam ininterruptamente as momices em frente do grotesco symbolo, dando os devotos estalos com os dedos, prostrando-se em reverencias humilhantes, e deixando aos pés do altar as suas offerendas piedosas. N'esse dia é o *linga* banhado com leite e adornado com as mais custosas joias do pagode; os sacerdotes recebem tambem as melhores esmolas do anno (2).

É este o culto exoterico dos *lingaitas* (3), que n'esse dia limpam e purificam os seus amuletos e os cobrem de novos envolucros. Esses amuletos usam-se ao pescoço ou nos braços, em pequenos envolucros metallicos, ás vezes artisticamente trabalhados em ouro ou prata, e compõe-se de um pequeno cylindro de pedra escura, representando a miniatura do *linga*. Usam-n'os tanto os homens como as mulheres e a elles se referem Duarte Barboza e Diogo de Couto (4). As mulheres teem grande fé n'esse amuleto e tomam-n'o tanto como o protector da maternidade, como dos recemnascidos (5), usando-o

(1) Hopkins, op. cit., 453.

(2) Dubois, op. cit., 568.

(3) O seu resumo está bem feito no *Elephanta*, de Burgess, 28–29.

(4) *Livro de Duarte Barboza*, 303; *Decadas*, VII, P. I, 254. Barboza chama ao amuleto *Tambarane*, o que é confusão com *Pandarane*, que vem a ser um asceta pedinte da religião de Siva, ou melhor um *jogue* lingaíta.

(5) «Sequuntur turpia atque obscena quædam fascina exære, quæ Etruscæ feminæ collo suspensa gerere consueverunt, ut sibi fecunditatem a *Priapo Deo* facilius impetrarent. Ea etiam persæpe taurius capiti adiuncta sunt: quæ etiam puerorum — collo tamquam remedium præbiave appenderunt, loco

bem á vista. Uma recordação, pelo menos glottologica, que d'estas praticas ancestraes ficou aos nativos de Goa christãos é o *langotim* (1).

A pratica do lingaismo, como adoração da potencia geradora, masculina constitue a parte principal do exoterismo sivaíta, ficando para a adoração da *sakti,* de Parvati, a parte orgiastica do culto; o que de resto suc-

---

amuleti et fascini, quod Plinius *infantium custodem* adpellat». Antonio Francisco Gorius, *Museum Etruscum exhibens insignia* etc., II, 141, in Sellon, 40.

(1) Derivado do sanskrito *linga* — o penis — e *gupta* — escondido, corrompido para *langóti*, segundo Gerson da Cunha. O uso d'esta especie de tanga dos hindús tem dado logar a varias versões. Burnell deriva do hindustani *langoti*, a forma mais summaria de esconder as partes viris do homem. Aqui em Diu temos em guzerathe o *langôt*, correspondente ao *dhoti* (*hind*), o panno ou vestuario que encobre a parte inferior do corpo, e o diminuitivo *langoti*, que serve para encobrir as partes viris, no banho ou em trabalhos mais rudes de lavoura, e corresponde ao concanim *langoti*. (Em Diu ninguem usa o langotim na rua nem em casa. É costume não em voga no Guzerathe, como o é no Concão). De la Boullaye-le-Gouz define bem: «*Langouti* est une pièce linge dont les Indous se seruent à cacher les parties naturelles». O nosso Bocage deu-lhe o valor geometrico no soneto formoso, que acaba:

«Vão para as varzeas, leve-os o diabo!
Andem como os avós, sem mais enfeite
Que o langotim, diametro do r.....»

Fiquemos, porém, em que a melhor etymologia é a do dr. Gerson da Cunha. Cf. *The Origin of Bombay*, 55; *Hobson-Jobson*, verb. *Lungooty*; De la Boullaye, *Voyages et observations*, 547; Fernando Leal, *Glossario Portuguez Oriental* (no *Heraldo* de Goa), verb. *Langotim;* Rodolpho Dalgado *Diccionario Portuguez-Komkani*, verb. *Langotim.* O soneto de Bocage está transcripto — das suas *Obras* — nos *Volcões de Lama,* (ed. de 1886), pg. 117 em nota.

cede tambem com o vishnuismo, em que a adoração de Lakshmi excede tudo quanto a mais depravada imaginação puder conceber. As praticas esotericas da adoração do *yoni*, no culto de Siva, começam por mysteriosas libações do licor divino, o *soma*, a que acima nos referimos largamente já, e seguem-se pouco depois as bachannaes orgias com as dançarinas dos templos de Durga, que então se transformam em verdadeiras casas de alcouce. Para maior impudor ha festas annuaes em que concorrem aos templos familias inteiras, e ambos os sexos se lançam no exercicio de mais desenfreada bestialidade. Os fatos são atirados para um monte commum, e os corpetes de gala das raparigas são encerrados pelos sacerdotes em uma caixa d'onde, no fim das rezas, são tiradas á sorte pelos homens: aquelle a quem pertencer a *juliá* de uma certa rapariga, fica sendo o seu abençoado companheiro do resto da orgia noctivaga; por este processo o proprio incesto é publica e religiosamente sanccionado nos pagodes sivaitas!! Recusa-se a penna a seguir esse cumulo de desenfreada immoralidade, mantida em todas as suas minucias pelo hinduismo ainda triumphante na India ... (1).

É certo que praticas naturalistas existiram na Assyria, Babylonia, Egypto, Grecia e Roma; mas ahi, ao menos, a par da immoralidade em que cahiam, havia a subtileza das concepções mythologicas primarias, e d'ellas ficaram as admiraveis obras de arte que ornavam os seus templos grandiosos e bellos e as ruinas architectonicas d'esses proprios templos. Na India não. Os

(1) Cf. Dubois, *Hind. Manners and Customs*, 308-311, 593-595; Hopkins, *Religions in India* 490-492; Mitchell, *Great Religions in India*, 94; Sellon, *Annotations*, 55-59.

pagodes do brahmanismo orthodoxo ficam muito áquem dos templos das religiões protestantes:— dos *chaytias* bhudistas ou dos *viháras* jainistas, que em si encerram a quintessencia da arte hindú.

Ficaram as lendas amorosas do templo de Mylita, o sanctuario da Venus babylonica, que Herodoto e Strabão descreveram magistralmente como a Deusa-Mãe, symbolo da Astartea dos phenicios. Ficaram as reproducções artisticas da Venus antiga nas soberbas estatuas de Florença, de Napoles, e do Vaticano, realçando a divina formosura da Aphrodite grega. Ficaram as descripções bachicas dos festins de Babylonia e de Roma, como lembranças de um culto exaggerado da Natureza, lentamente substituido pelas prédicas moraes e depurativas do christianismo nascente. Mas do hinduismo esoterico nada pode ficar que não seja a copia grosseira do sensualismo greco-romano, mal disfarçado pela exegése védico-puranica. Nada mais! Entregues ás mãos cuidadosas do inglez dominador os templos antigos, como recordações artisticas de um passado longiquo, dos actuaes pagodes sivaitas e vishnuitas nada ficará que não seja a lembrança de uma religião, em que a jogralidade do culto se casa bem com a pobreza architectonica dos sanctuarios, em cujos recantos envergonhados ainda se pratica o esoterismo brahmanico.

Do gnosticismo hindú é a adoração do *linga* a melhor prova. É a esse culto que foram dedicados os pagodes de Somnath-Patane e Elephanta, por isso a elle nos referimos em especial, como esclarecimento aos dois capitulos anteriores, melhor comprehensão do seguinte, rapida annotação aos textos de Barboza, D. João de Castro, Couto, Kopke e Lopes de Lima, que se occuparam do symbolo sivaita.

IV

AS ESTÉLAS DE CINTRA

Existem na *Romantica Ermida de Penha-verde sobre os rochedos branqueando entre a verdura dos bosques* (1). Esta ermida faz parte da actual quinta da Penha-Verde que D. João de Castro constituiu, em 1545, morgadio da familia dos *de Castro* (2). A ella se refere, em termos carinhosos, o austero Vice-Rei, quando escreveu no seu testamento, dias antes de partir para o governo da India (3):

Eu tenho hüa quinta a par de Cintra, q̃ se chama, quinta da fonte de El-Rey, a qual eu fis, e lhe tenho

---

(1) *Cintra Pinturesca*, Lisboa, 1838, pg. 58. Sem nome de autor, que se sabe ser o Visconde de Juromenha.

(2) O primeiro morgado foi seu filho D. Alvaro, o heroe de Diu. O timbre de brazão dos Castros que se vê no tecto da Sala dos Brazões, do Paço de Cintra, é o dos Castros do morgado de Penha-Verde, — Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra*, 189.

(3) Elevado a V. Rei por carta régia de 3 de outubro de 1547, a noticia chegou a Goa dias antes da morte grande por-

grande afeiçom pella faẓer, e por ser em terra, onde meu Pay e avós se criarão; digo que eu tomo esta quinta em minha terça....., *e faço de toda minha terça morgado p.ª sempre.....*, *e sendo caso que Deos nam mande, que eu faleça sem de mim ficarem desçendentes, barões, nem femeas, quero que herde o d.º morgado o meu parente mais chegado, que desçender, e se chamar de Castro* (1).

Essa quinta da *Fonte d'El-Rei* é a actual da Penha-Verde, aonde o heroe de Tunis e de Tanger se recolhia *a filosofar já depois de ser de quarenta annos, cortando todas as arvores de fruito que tinha, em cujo lugar feẓ plantar outras agrestes, e peregrinas, e feẓ alli debaixo de huma lapa huma Ermida muito devota* (2). A ermida é a mesma em que acima fallamos, e que tem sido reparada pelos descendentes de D. João de Castro.

Quando este a construiu, já tinha estado na India e conhecêra então a Elephanta, como dissémos acima, e visitára a costa de Diu com a armada de D. Garcia de Noronha, devendo ter conhecido n'essa famosa viagem o templo de Somnáth, em Pôr-Patane, como então se escrevia. O que é certo é que, na sua quinta de Cintra, já se notavam *raridades* no seculo XVI. Seria o seu

---

tuguez, que foi a 6 de junho de 1548. O testamento tem a data de 19 de março de 1545 e a partida de Lisboa a 28 d'esse mesmo mez.

(1) Christovam Ayres, *Testamento de D. João de Castro*, 12, 14. Impresso em 1901, por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, com valiosas annotações do erudito academico e nosso amigo sr. Christovam Ayres de Sepulveda.

(2) Couto, *Decadas*, VI, P. II, 71. Vid. tambem Jacintho Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. I, § 14.

fundador que as levára para lá, como lembranças das suas estadas em Africa e na India? É possivel, e vejamos porquê, pois esta questão interessa-nos sobremodo e pena é que não tenhamos á mão material para um inquerito mais minucioso.

D. João de Castro era um espirito culto e esclarecido, um amante das bellas-artes e das bellas-lettras; foi um cosmographo insigne para a sua epocha; provou ser tão habil mareante como prudente e valoroso guerreiro. No seu tempo poucos o egualariam em saber e valentia e, certamente, nenhum mostrou excedel-o. Não é para aqui um resumo biographico do vulto portuguez, se bem que não podemos deixar de lastimar que de tantos autores modernos, que quizeram fazer a bio-bibliographia do ultimo heroe da India, nenhum a levasse a cabo, dispersando-se por varias bibliothecas publicas e particulares preciosos manuscriptos, para esse fim reunidos, e que muita luz fariam sobre certos pontos controversos da sua vida e esclareceriam alguns factos historicos mal narrados pelos chronistas coevos (1). Infeliz-

(1) A biographia de Jacintho Freire de Andrade é hoje um livro do qual se não aproveita senão o estilo elegante, que por vezes attinge a perfeição descriptiva. Ficou sendo um livro escripto em bom portuguez, para passar a ser um mau livro de historia. Foi Fr. Francisco de S. Luiz quem deu o primeiro rebate com as annotações e documentos, que appensou á edição da Academia, de 1835. Depois appareceram os annotadores dos *Roteiros*, Kopke e Corvo. Alexandre Herculano e o Dr. Nunes de Carvalho tambem escreveram por essa epocha a respeito de Castro, mas nenhum levou a effeito a promessa de um estudo completo. Ainda ha pouco, o sr. Almeida d'Eça, referindo-se ao trabalho de extraordinaria erudição, publicado em 1838, em Paris, pelo Visconde de

mente muitos d'esses manuscriptos têm ido parar ao estrangeiro! O que desejamos consignar n'este logar, é que hoje não se nega já a D. João de Castro nem uma profunda vocação pelas letras, nem um grande saber em cosmographia, geographia e nas applicações da mathematica á navegação, e tambem o seu amor pelos documentos antigos e pelas *velharias*, no amplo sentido da palavra.

D. João de Castro não —«*amava as letras por obediencia, e as armas por destino*»—, nem —«*despresou, como pequena a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinação, em seus avós exemplo*»— como disse o seu panegyrista n'um d'esses assomos de contradicção, victima do gosto ingrato das antitheses. Este uso do livro de Jacintho Freire já foi salientado pelo seu erudito commentador, assim como outros foram aclarados por Cunha Rivara, e bastantes virão á publicidade, documentadamente rectificados, em obra historica que temos entre mãos. Hoje está provado, por documentos que

---

Santarém, com o titulo: — *Mémoire sur les connaissances scientifiques de D. Jean de Castro, auteur de l'Itinerarium Maris Rubri*, acrescentou: «talvez mais tarde publiquemos a traducção d'elle».— Seria um importantissimo serviço que o douto professor prestaria ás letras do paiz, sentindo nós não possuir a autoridade do nome, nem da edade, para o incitarmos, com enthusiasmo, a que sacrificasse algumas horas da sua vida trabalhosa de lente de inexcedivel competencia profissional (por experiencia propria, de tempos saudosos, o sabemos) na annotação e publicação d'esse trabalho patriotico de Santarem. Pela nossa parte esperamos publicar em breve uma série de documentos inéditos que possuimos, e que muita luz farão sobre a acção guerreira de D. João de Castro na India. São documentos de alto interesse historico.

Freire não conheceu, que o seu biographádo fôra um latinista erudito e um investigador scientifico de verdadeira eleição (1). Quem sabe se foi prevendo o pouco apreço em que os seus contemporaneos teriam a sua vasta illustração (para a epocha) que o immortal conquistador de Diu deixou uma das paginas do seu precioso manuscripto, *Itinerarium Maris Rubri*, com a seguinte expressiva sentença de S. Lucas: — «*Nemo propheta acceptus in Patria sua!*» (2) — Era a legenda dantesca — *Lasciate ogni speranza...* — gravada no portico d'esse seu templo de saber, que o autor confiára á guarda discreta de mudas estantes. Ahi a iria desencantar, seculos depois, quem accreditasse nos seus conhecimentos do latim, na sua erudição tão profunda quanto modesta.

Para os do seu tempo — que amavam só as armas por destino — bastavam as façanhas de Marrocos e os louros de Diu; esses, antes de abrir as primeiras paginas do seu manuscripto valioso, deviam perder as ultimas esperanças de encontrar n'elle qualquer novella cavalheiresca em que o autor se figurasse cruzado ungido pelas legiões celestes, brandindo com lusitana fereza o montante adestrado nos lombos da mourama de Tanger ou de Cambaia. Seria então tempo perdido o que hoje é prazer grandissimo para quem n'esta mesma Diu, re-

---

(1) Cf. Barros, *Decadas*, II, P. II, 260-266; Couto, *Decadas*, VI, P. II, 70-72; J. Freire, *Vida de D. João de Castro*, Nota XIV, do Cardeal Saraiva; *Roteiro do Mar Roxo*, pgs. IV, VIII e X do prefacio; *Roteiro de Goa até Dio*, pgs. XII e XIII do prefacio; *Roteiro de Lisboa a Goa*, 384; Conde de Ficalho, *Coloquios*, II, 114; Almeida d'Eça, *Algumas Cartas Inéditas do Visconde de Santarém*, 104, etc.

(2) *Roteiro do Mar Roxo*, pg. VI.

feita pelo genio militar do grande portuguez, não se cansa de admirar as paginas soberbas dos seus escriptos immortaes. Á sentença desconfortante que vimos de citar, nada melhor se oppõe do que a justeza do conceito de Pedro Mariz: — *Dom Joam de Castro, o qual sendo grandissimo Mathematico, e em outras scientificas excellencias illustrissimo, era tambem de sua pessoa tam esforçado, como em letras insigne* (1).

A seu respeito escrevia tambem o historiador San Roman: — *Hizo otros Commentarios muy curiosos de Lisboa a Goa y de alli a Dio, desenterrando grandes curiosidades, y antiguallas, que ha sido una de las cosas curiosas que andam de aquella jornada* (2). Referia-se aqui ao Roteiro do Mar Vermelho, que, como se sabe, foi escripto em 1541, portanto antes de Castro vir governar a India.

Depois da celebre victoria de Diu, o já então Governador, mandou *aleuantar hum arco como triumphante junto á igreja da misericordia, feito de pedras lauradas, que pera isso trouxera da Misquita de Diu..... e leões de pedra com o escudo das suas arruelas nos peitos* (3). Pouco depois d'isso volta a Diu e destroe as cidades de Patte e Patane (Somnath-Patane), devendo ter tido aqui conhecimento do famoso templo hindú e das suas inscripções antiquissimas. E' possivel que então (1547) levasse para Goa alguma ou algumas das *pedras lavradas* do pagode, pois já mostrámos o gosto do Governador pelas antiguidades.

---

(1) *Dialogos de Varia Historia*, fl. 328 v. (ed. 1598).

(2) *Historia General de la India Oriental*, 640 (ed. 1603).

(3) Padre Lucena, *Historia de S. Francisco Xavier*, 390 (ed. 1600).

Esse seu amor pelas velharias revela-se até no afan com que procura os livros velhos, as antigas chronicas persas de Alexandre *(Sikandar* ou *Ascandar)*. Uma edição rara foi o melhor presente que lhe mandou Luiz Falcão em 1540, sendo capitão de Ormuz (1), e em virtude do muito interesse que por tal livro mostrava o Governador. Juntando a tudo isto o caracter bucolico do grande portuguez, teremos, talvez, a explicação das grutas e ermidinhas de que elle semeava os picos de Cintra (2). Seriam aquellas umas recordações do que vira nas grutas pagãs de Kaneri e Elephanta? É possivel, pois foi depois da sua primeira estada na India que *fugio das honras populares ao retiro de Sintra, ou tão modesto, ou tão altivo, que não avaliava suas acções por dignas de si mesmo*, como dizia o seu panegyrista, que mais adiante acrescenta: *Tornado a Portugal, se*

(1) «Aleyxos de carvalho pediu a elrey e goazil hemires hum lyvro da ystoria dalyxandre, com muyto trabalho acharão hum que lhe mandão», dizia Garcia de la Penha em carta de 5 de fevereiro de 1540 a D. João de Castro, e em 1 d'esse mesmo mez dizia-lhe Falcão: —«Alleyxos de carvalho me dixe da parte de vosa s. que lhe mãodase allyxandre em parsyc, la lho mando haimdaque has escreturas destes mouros tenho-as por menos autentes que as nossas».— Cf. *Vida de D. João de Castro,* doc. n.º 60 de Fr. Francisco S. Luiz; Sousa Viterbo, *O Orientalismo em Portugal*, 327-328, no *Bol. da Soc. de Geogr.*, 12.ª serie; Conde de Ficalho, *Coloquios,* 113-114.

(2) «On rencontre dans les jardins, de petits temples et des grottes». Murphey, *Voyages en Portugal,* II, 201. O Visconde de Juromenha diz: «Por baixo desta Ermida dentro da mata chamada de S. João está huma gruta entre penedos, fabricada pela natureza». *Cintra Pinturesca*, 76-77.

retirou á sua quinta de Sintra, descansando na lição dos livros, sempre exemplar, no ocio e na occupação (1).

Que n'esse seu retiro de Cintra já de ha muito eram notadas as preciosidades artisticas, accumuladas com tão bom gosto quam grande isenção de caracter (2), é prova o que confessava, em 1575, *el Pelegrino curioso,* quando relata a sua celebre entrevista com El-Rei D. Sebastião, em Cintra: — *De alli nuestro pelegrino quizo ir a besar los manos al Rey, y hallole eu la Quintana de Don Francisco, que llamam, yes una casa do campo á media legua de Sintera (Cintra). Es pequeña, mas bien labrada; tiene una cerca grandissima, con muchas curiosidades en una capillita que alli hay* (3).

Esta *Quintana de Don Francisco* é a actual quinta da Penha-Verde (4) que mereceu grandes cuidados ao neto de D. João de Castro, o Bispo Inquisidor D. Francisco de Castro, *o qual reedificou a casa, e aformoseou a quinta com mais arvoredo e varias fontes* (5). Na epocha a que se refere Villalba, era D. Francisco de Castro bispo da Guarda e Inquisidor Geral do reino (6), e com o

---

(1) Jacintho Freire, op. cit., liv. I, § 30 e liv. IV, § 110.

(2) «Os donativos, que recebia dos Principes da Asia, mandava carregar na fazenda Real, virtude, que louvarão todos, imitarão poucos». *Vida* cit., liv. IV, § 110.

(3) Bartholomé de Villalba y Estañ, *El Pelegrino curioso y grandezas de Espãna* (Madrid, 1889), II, 94. Cit. do *Paço de Cintra*, 119.

(4) O sr. Conde de Sabugosa diz, em nota: — Suppômos ser Penha Verde ou talvez S. Tiago. Será a Quintinha?» *O Paço de Cintra*, nota 2 a pag. 119.

(5) *Cintra Pinturesca*, 74–75.

(6) Teixeira de Aragão, *Descripção Geral das Moedas*, III, 136.

seu nome devia ser conhecida Penha Verde com a *cerca grandissima* e a *capillita*, que é a ermida de Nossa Senhora do Monte. Dentro da quinta havia mais ermidas e entre ellas a de S. Braz, em cujas paredes *se via huma pelle de jacaré e outra de giboia* (1). Em uma das salas do solar se notava um osso, que se dizia ser a canella de um gigante, o que foi depois contestado no tempo de D. João V, que o mandou analysar *na presença do physico-mór e homens da faculdade, que concordarão ser de corpo humano* (2). Por toda a parte, pois, *antiguidades* e *curiosidades*.

Quando D. João de Castro recommendava ao Rei os seus companheiros dos feitos de Diu pedia para elles grossas compensações monetarias, honrarias e empregos publicos disputados; para si supplicava um rochedo com seis arvores para arredondar o perimetro do seu retiro de Cintra. Este rochedo, que teve o suggestivo nome de *Monte das Alviçaras*, representava o premio material pela victoria retumbante de Diu, ambicionado pelo integro Governador, e n'elle construiu D. Francisco de Castro a ermida de Santa Catharina, em memoria do lance cavalheiresco passado á vista do Monte Sinai, quando D. Estevam da Gama armou cavalleiro a D. Alvaro de Castro (3) sob o patrocinio da virgem Santa

---

(1) *Cintra Pinturesca*, 75.

(2) Ibid.

(3) E não a D. João de Castro, como diz Juromenha. D. Alvaro adoptou, como lembrança d'esse facto, a roda de navalhas como timbre das suas armas, e na sepultura de D. Estevam, na Vidigueira, se lê:... *Foy Cavalleiro no Torrom* (porto de Tor), *Nhum mosteiro de Frades da ordem de Santa Catharina do Monte Sinay*... Cf. J. Freire, *Vida* etc., liv. I,

Catharina do Monte Sinai. N'esta ermida nota-se a imagem da santa e um retabulo de azulejos, uma peça das *polychromicas preciosidades de Penha Verde*, no dizer conceituoso e autorisado do sr. Conde de Sabugosa (1). Os herdeiros de D. João de Castro continuavam, pois, as tradições do fundador da quinta, e se ahi se não accumulava parte do *producto do commercio e da rapina oriental* (2), para ahi convergiam honestamente os fructos das investigações persistentes, tanto litterarias como artisticas e scientificas, do grande Vice-Rei.

Este, ao brindar a rainha D. Catharina com o benjoim de boninas, que tanto a encantára (3), é muito provavel que enviasse a D. Leonor Coutinho alguma recordação da India, que, não tendo grande valor intrinseco, merecesse, comtudo, muita estima ao seu estudioso e illustrado marido. O grande amigo e protector de D. João

---

§ 20; *Roteiro do Mar Roxo,* liij; Esteves Pereira, *Dos Feitos de D. Christovam da Gama*, Introducção, XVII; Aragão, *Moedas*, III, 131; *Cintra Pinturesca,* 77.

(1) *O Paço de Cintra,* 205.

(2) *O Orientalismo em Portugal,* 321.

(3) «Com o bejoim de boninas, e com todas as mais cousas, que me enviastes por Lourenço Pires de Tavora, recebi muito prazer, por ser tudo tão bom».— Carta da Rainha a D. João de Castro, doc. n.º 30 da *Vida*. A data do *original,* indicada pelo Cardeal Saraiva, é 18 de março de 1547, e a data de Freire é de 30 de outubro. As cartas d'essa *monção,* da côrte para o Governador, approximam-se d'esta data. Ha uma carta do Rei, datada de 20 de outubro, outra de Infante D. Luiz, de 22. Diogo do Couto dá para estas duas cartas as mesmas datas que Freire, mas não menciona a da Rainha. Não haverá confusão em Fr. Francisco S. Luiz? Cf. *Vida*, liv. IV, §§ 95 a 97, e doc. 30; Couto, *Decadas*, VI, P. II, 55-61.

de Castro nó paço dizia-lhe que acabasse de pôr em ordem os negocios da India e viesse para Portugal a *encher estes picos da serra de Sintra de Ermidas e de vossas vitorias* (1). Á piedade religiosa do Vice-Rei não ia, porém, mal pensar tambem um pouco profanamente na sua quinta, á qual tinha tão *grande afeiçon pella fazer* (2); e se para ella mandou a primeira laranjeira que fructificou na Europa (3), se para Lisboa mandou a

---

(1) Carta do Infante D. Luiz, de 22 de outubro de 1547.

(2) *Testamento de D. João de Castro*, 12.

(3) Escreve Murphey: — «On dit qu' à son retour (de l'expédition à l'entreé de la mer Rouge) il apporta dans sa patrie le premier oranger qu'on eût encore vu en Europe, et d'où sont provenus tous ceux que nous y possédons aujourd'hui. Quand il n'aurait rendu que ce seul service à l'humanité, il lui donnerait des droits à notre reconnainssance». Esta versão, ainda que exaggerada, não deixa de ser curiosa porque ha, effectivamente, quem indique Portugal como o primeiro *habitat* europeu para a laranja da India. Já antes, porém, da volta da primeira viagem de Castro ao Oriente, era essa fructa conhecida na Syria, como tambem em Sevilha e n'isto falla Massúdi no seculo X (930 A. D.), chamando-lhe *al-arangi*. Foi o botanico allemão Hehn que, ha poucos annos (1883), suppoz, com certo fundamento, terem sido os portuguezes os primeiros cultores na Europa da laranja da China, chamada laranja doce em opposição á acida da Sevilha, ahi por 1548. E' a *citrus aurantium dulce*. No seculo XIV fallava Albufeda nas famosas laranjas de Cintra (*Shintara*), que Reinaud traduziu: — «à Shintara (dependence de Lisbonne) on recueille des pommes admirables pour la grosseur et le gout». Esta passagem de Albufeda foi assim vertida por Reiske: — «poma stupendae molis et excellentissima». O principe mogol Babar Shah na sua autobiographia (seculo XV) falla na laranja com a denominação de *Sangtarah*, que o coronel inglez Jarrett deriva de *Cintra*, e outros de *Santra* (nome

celebre *peça de Diu* (1) e outras recordações para o seu dilecto amigo e condiscipulo, o Infante D. Luiz (2), não repugna acreditar que para elle tambem tivesse mandado algumas *pedras lavradas* e entre ellas as duas inscripções, de que em especial nos vamos occupar agora aqui. Elle que em Diu *vencêra como Christão, mas que triumphára como Gentio,* no dizer expressivo da rainha D. Catharina (3), bem poderia ter enviado para Cintra alguns louros gentilicos d'esse triumpho soberbo (destruição de Patane), alguma recordação profana d'essa *gentilidade,* que da côrte tanto se lhe recommendava que extinguisse.

O facto d'elle nada referir nas suas cartas a este respeito não é argumento dirimente da probabilidade que suggerimos, porque, além de não serem conhecidas todas as cartas de Castro, sabe-se quam remisso era o Governador em fallar de si ou nos seus affectos. A este seu silencio allude o sr. dr. Sousa Viterbo quando escreve: — *E' para notar que D. João de Castro não fizesse a menor allusão á remessa das pedras para Portu-*

---

hindú da laranja silvestre) corrompido para *Shangtarah* ou *Santrabári* (montanha da alta India, no Bhutan). A forma, porém, dos pregões das collarejas lisboetas depõe a favor da proveniencia chinesa: — «Mérca laranjas da China»! e nunca da India. Cf. *Voyages en Portugal*, II, 201; Reinaud, *Mémoire sur l'Inde,* 244; Reiske, na *Büschings Magazin,* IV, 230; Leiden and Erskine, *Memoirs of Baber*, 328–329; *Hobson-Jobson*, 642–643.

(1) A *peça de Diu* não foi mandada para Lisboa por D. João de Castro, como provamos na nossa *Historia de Diu*, em preparação.

(2) Carta de D. João de Castro ao Infante Dom Luiz, de 16 de março de 1547, doc. n.º 31 da *Vida* de J. Freire.

(3) Couto, VI, P. I, 320.

gal, achando-se ellas na sua quinta. Seria, porém, mais tarde, e quando governador da India, que elle as obtivesse, se foi elle, effectivamente, que as remetteu para Portugal (1). Para nós, em quanto não apparecer prova clara em contrario e depois do que acabamos de dizer, não ha duvida de que ha todas as probabilidades historicas de que foi D. João de Castro que mandou as pedras para Cintra; para a sua quinta, ou para o infante D. Luiz, que as teria cedido á familia do Vice-Rei para as conservar na residencia querida do heroe portuguez. E devemos tambem notar que alguns factos, que são expressamente indicados como praticados por D. João de Castro, são aquelles que hoje exactamente bem se prova, á face de documentos, que não foram tal por elle commettidos. Mais uma razão, pois, para nos quedarmos no nosso raciocinio, em auxilio do qual até poderiamos chamar a classica quinta regra de critica historica de Lenglet (2). Mas não é isso preciso.

D. João de Castro fôra o primeiro europeu que descrevêra com certa minucia o templo de Elephanta; fôra elle que ordenára a destruição das cidades maritimas do Kathiawar, de Diu até Mangrol (3), postas a saque apezar de abandonadas pelos seus habitantes, que tinham fugido *para o sertão com medo do açoute Portu-*

---

(1) *O Orientalismo em Portugal*, 321, nota 2.

(2) *Méthode pour étudier l'histoire*, (1772), I, P. I, cap. IX, por N. Lenglet-Dufresnoy.

(3) E não Mangalor, como erradamente escrevem os autores modernos. Este porto fica ao sul de Goa, na presidencia de Madrasta, e o de Mangrol ao *NW.* de Diu, no estado nativo de Junaghad. Os chronistas escreviam indistinctamente. *Mangalor*, *Manglor* e *Mangrol*, d'ahi a confusão.

guez (1). Da Elephanta teria recolhido, em 1538, a estela que hoje se admira em Penha Verde; em Patane teria escolhido, como recordação do famoso pagode de Somnath, uma das pedras inscripcionaes do templo, em 1547, já governador da India. Não parece isto bastante acceitavel, sabendo-se o gosto de D. João de Castro pelas raridades orientaes, e o empenho que fizéra em levar para Goa as portas de Patane? (2). Nenhum chronista nem escriptor coevo fallou n'isto, porque se não tratava de presa que aguçasse a cobiça interesseira de companheiros de saque. Não eram os thesouros de Bahadur, lendariamente accumulados nos paços de Diu, e de que tão mal se pedia contas a Nuno da Cunha (3); não eram os montões de pardáos de ouro acenados por Martim Affonso de Sousa á voracidade criminosa dos seus famintos e esfarrapados soldados, quando da expedição vergonhosa aos pagodes do Malabar; só se tratava de *pedras lauradas*, mas não diamantes, nem rubis, nem esmeraldas, só pedras de construcção com *letreiros de letras*, que mal se percebia constituissem mercadoria negociavel. No emtanto, o capitão, primeiro, e o governador, depois, desejava-as para si e os companheiros

(1) Couto, *Decadas*, VI, P. I, 399; Balsemão, *Os Portuguezes no Oriente*, II, 3; Bocarro, *Decada 13.ª*, I, 208.

(2) «As portas (da cidade de Pate) eram de madeira mui grossas, todas chapeadas, e atravessadas de barras de ferro, grandes e fortes, que *o Governador desejou de mandar levar pera Goa*; *mas não pode ser por sua grandeza, e os soldados as tirarão de seus couces, e as lançarão no mar*», — Couto, loc. supracit., 400. Vide atraz, pag. 17, nota (3).

(3) Vej. o nosso artigo no *O Oriente Portuguès*, vol. II, 344-346.

d'essas historicas expedições de Castro tomariam esse seu incomprehensivel empenho, como mais uma *madureza* do grande portuguez. E foi por isso que nem Gaspar Corrêa, nem Diogo do Couto, nem Jacintho Freire, fallam na remessa d'essas pedras com letreiros para Portugal.

Não asseguramos que D. João de Castro levasse em pessoa para Portugal as duas inscripções. As epocas que marcam as suas estadas em Elephanta e Somnath-Patane são distanciadas entre si. E' possivel que levasse uma comsigo (a da Elephanta) e mandasse a outra mais tarde; ou que tivesse mandado as duas estando na India, ou juntas, ou uma de cada vez, o que não faz muito á nossa questão. Antes, porém, de fallarmos sobre o seu valor archeologico, vejamos o que ha escripto sobre a proveniencia d'ellas.

*
* *

Foi Diogo de Couto que originou a questão, ainda hoje embrulhada, ao escrever: — *Quando logo os Portuguezes tomáram estas terras de Baçaim, e de sua jurdicção, que foram ver este Pagode, lhe tiráram huma formosa pedra, que estava sobre a porta, que tinha hum letreiro de letras mui bem abertas, e talhadas, e foi mandada a El-Rey, depois do Governador da India, que então era, a mandar ver por todos os Gentios, e Mouros deste Oriente, que já não conhecêram aquelles caracteres; e El-Rey D. João o III trabalhou muito por saber o que estas letras diziam, mas não se achou quem as lesse, e assim ficou a pedra por ahi, e hoje não ha já memoria della* (1).

(1) Couto, VII, P. I, 259.

Portanto, segundo esta versão, foi Nuno da Cunha que mandou a pedra para Lisboa a D. João III, ahi de 1533 a 1535, pois o contracto de cedencia de Baçaim foi assignado a 23 de dezembro de 1534, como já dissemos atráz. Mas antes de posse definitiva de Baçaim e sua jurisdicção, na qual se comprehendia o porto de Bombaim e portanto a ilha do Elephante, já os portuguezes tinham feito varias incursões n'essa parte da costa do Concão, de 1508, quando D. Francisco de Almeida vingou em Dabul a morte de D. Lourenço, a 1529, quando Lopo Vaz de Sampaio se dirigia para a conquista de Diu, e travou nas aguas de Bombaim rijo combate com os navios de Ali Sháh, sob o commando de um filho de Kamal Malik (o *Camalmaluco* dos nossos chronistas), ao tempo governador da ilha de Diu. N'esta occasião (1) mais uma vez se distingue o bravo Heitor da Silveira a quem se deve a victoria sobre a esquadra de Bahadur. Lopo Vaz retirou-se então para Goa, por saber da proxima chegada do seu successor — Nuno da Cunha — entregando o commando d'uma esquadra a Heitor da Silveira, que, de março a maio de 1529, arraza Baçaim e outros portos proximos, continuando a devastação pelo norte até ao golpho de Cambaia. N'essa epocha é chrismada com o nome de *ilha da boa vida* a de Bombaim, porque ahi descansavam os soldados de Silveira nos intervallos das rijas luctas com os navios

(1) Sobre os successos que precederam de perto a tomada de Bombaim, cf. Castanheda, *Historia do Descobrimento e Conquista da India*, VII, 225-230; Barros, *Decadas*, III, P. I, 71; IV, 202-216; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 289-297, 301-302; Couto, *Decadas*, IV, P. I, 352-369; Andrade, *Chronica de D. João III*, vol. II, 207-223.

do Guzerathe, e então deveriam ter sido visitadas as restantes ilhotas do grupo (1), e entre estas a do Elephante. E' possivel, pois, que n'esse anno de 1529 se tivesse dado com a lapida, e a tivessem mandado para Goa e d'ahi para Portugal.

É de notar que Garcia da Orta, assistindo ao contracto de Baçaim e visitando n'esse mesmo anno Elephanta (2), nada diga a respeito da lapida. O mesmo se dá com D. João de Castro, que ahi esteve quatro annos depois, na armada de D. Garcia de Noronha, para levantar o primeiro cerco de Diu (3), e a quem não passou despercebida uma inscripção que n'essa epocha existia no *chaytia* de Khaneri:— *A hum cabo* (do pagode de Salcete) *estam duas capelas lavradas de obra romana, com huma grande bola muito redonda, que he ho orago da adoração; e em meio desta alpendorada hum letereiro casi apagado da longura do tempo* —, nem os *15 letereiros que todos se podem bem ler* (4), que observou no *vihára* de Salcete. Nada diz, porém, sobre a inscripção da Elephanta. Já a esse tempo teria sido arrancada do seu logar?

Essa inscripção não se perdera, como suppunha Couto; estava em Cintra, e como D. João III não foi dos

---

(1) Gerson da Cunha, *The Origin of Bombay*, 75. Quando mandavamos para a imprensa este nosso trabalho, lemos um resumo da conferencia feita em Bombaim na *União Goana*, a 28 de julho, pelo sr. dr. João Godinho sobre *Os Portuguezes em Bombaim*, em que se falla n'esta visita dos portugnezes aos arredores de Bombaim. Vej. *O Bombaense*, n.os 292 e 293 de 1906.

(2) *Coloquios*, vol. II, 342.

(3) *Roteiro* cit., 65–69.

(4) Ibid., 77 e 80.

monarchas que menos frequentou o formoso paço real da villa, e ahi e na quinta da Penha Verde convivia a miude com D. João de Castro (1), é tambem muito possivel que aqui tivesse notado a lapida e procurasse quem a pudesse traduzir. A ignorancia total do sanskrito n'essa epocha explica o insuccesso a que se refere Couto. Harmonisa-se assim, tanto quanto possivel, a nossa opinião e a d'esse chronista.

Depois da menção do continuador das *Decadas*, lemos no livro de Juromenha (1838), que ambas as pedras da Penha Verde eram *trophéos alcançados na India por D. João de Castro e d'ella por elle importados* (2). Conheceu, pois, ambas as lapidas e considera D. João de Castro como o autor da remessa para Portugal das duàs. Em seguida apparece a referencia fundamentalmente erronea de Diogo Kopke, que affirmou, com notavel falta de criterio historico — em autor que passava por distinguir intelligentemente *a verdade da impostura, ou da impericia e inadvertencia* (3) —, escrevendo em 1843: — *Ora esta pedra é evidente a mesma que hoje em dia se vê em Cintra* ... (4) — referindo-se á traducção de Wilkins, de que adiante nos occuparemos largamente. Sobre quem tivesse trazido essa pedra para Portugal diz: — *Segundo Couto foi Nuno da Cunha, segundo outros, foi o Vice-Rei D. Constantino de Bragança*; — *e ha quem queira que fosse o proprio D. João de Castro* (5). Mas não

(1) *Cintra Pinturesca*, 60; *O Paço de Cintra*, 104.

(2) Op. cit., 60.

(3) *Revista Litteraria*, tom. V., pag. 499. Cita de Innocencio, II, 160.

(4) *Roteiro* cit., 266.

(5) Ibidem, 267.

indica, infelizmente, os autores das duas ultimas versões e ficamos, portanto, só sabendo que já houve quem pensasse como nós ácerca do assumpto.

Apezar dos incitamentos de Kopke, ninguem mais se importou com as exoticas pedras de Cintra. Ninguem— dizemos mal. Fóra de Portugal, n'essa admiravel cruzada patriotica que, com tanto sacrificio quanto desusada constancia entre nós, emprehendêra o Visconde de Santarem, não escapava a este o problema historico da lapida oriental da Penha Verde. Referia-se só a uma, pois era a unica que até então merecêra uma tentativa de traducção. Em carta de Paris, datada de 8 de dezembro de 1845, dizia elle a seu sobrinho— o Conde da Ponte — que o Nuncio em Paris, Mgr. Fornari, mostrára desejo a Mr. Langlois— *um dos mais habeis Sanschritistas do Instituto*— de obter uma traducção completa da inscripção de Cintra, publicada por Murphey segundo a versão de Wilkins, que era incompleta, estando tambem Langlois convencido de que a copia de Murphey era infiel. Aconselha o Visconde os melhores processos para o decalque *(calque)* e pede ao sobrinho, com empenho, que interceda junto do Conde de Penamacor (herdeiro dos Castros) para obter a copia desejada. A respeito da proveniencia d'essa lapide escreve Santarem: —*monumento que D. João de Castro, o grande Vice-Rei, trouxe da India como tropheo, segundo uns, e segundo outros trazido por D. Constantino de Bragança e mesmo no parecer de outros por Diogo do Couto* (1).

O Visconde de Santarem conhecia, pois, a traducção de Wilkins e, não indicando quaes os autores das versões

(1) Almeida d'Eça, *Algumas Cartas Inéditas do Visconde de Santarém*, 103.

relativas á remessa da pedra para Portugal, reedita o que já expozemos dando só a novidade a respeito de Couto, que é possivel ser confusão com Nuno da Cunha, se bem que, na verdade, da exposição de Couto não se conclua que este a não tivesse mandado. Tambem é aqui opportunidade para notar que, tendo D. Constantino de Bragança governado a India de 1558 a 1561, e tendo vindo Couto do reino em 1556, e servido com este Vice-Rei, não diga expressamente que fôra este que mandasse a pedra para Portugal.

Em um trabalho recente do sr. professor Sousa Viterbo sobre *O Orientalismo em Portugal*, trata o erudito archeologo portuguez d'esta questão, mas affirma desanimadoramente:— *Quando estas pedras viessem para Portugal e qual a sua procedencia, crêmos que são dois pontos por emquanto indicifraveis* (1). Ora o conscienciosо investigador mostra, no seu interessante e attrahente estudo, conhecer a maior parte da bibliographia que temos compulsado para esta nossa tentativa, em levantar uma ponta do véo mysterioso que envolve as sibyllinas pedras da Penha Verde; é, alem d'isso, um orientalista de comprovado merecimento; causa, por isso, *prima facie*, certa extranheza não ter querido demorar-se um pouco mais no estudo da questão, nem fornecer algum dado para a solução do problema. Em duas linhas do seu estudo se explica esta attitude: prefere deixar o caso como está, a enredal-o mais com opiniões não apoiadas em documentos sérios, ou filhas de um estudo aprofundado sobre o problema. Quando escreve: — *Diogo Kopke infere, sem outro testemunho que o*

(1) *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 12.ª serie, 321.

autorise, que esta pedra devia ser evidentemente a que está em Cintra (1), mostra que não acredita na versão do professor portuense e fez muito bem. Essa pedra de Cintra *evidentemente não é* de Elephanta, dizemos nós agora e passaremos a provar d'aqui a nada.

Pouco antes de se publicar o estudo do sr. professor Sousa Viterbo, appareceu um importante trabalho do sabio lente do Curso Superior de Letras, o sr. dr. Vasconcellos Abreu. É o unico escripto portuguez de valor, occupando-se das lapidas orientaes de Cintra; intitula-se *Summario das Investigações em Sanscritologia desde 1886 até 1891*, e foi publicado n'este ultimo anno. O autor não trata da proveniencia das inscripções, mas só se occupa d'ellas sob o ponto de vista philologico.

Aqui, na India Portugueza, nada de importante se escreveu sobre o assumpto (2), a não ser a opinião do sr. coronel Fernando Leal, que no seu *Glossario Portuguez-Oriental* (3), verb. *Elephanta*, dá uma passageira resenha bibliographica, tanto nacional como estrangeira, e não se occupando do problema relativo á remessa das pedras para Lisboa, commette um erro grave quando

---

(1) Ibid.

(2) Como já dissemos acima, Lopes de Lima transcreveu Couto na parte descriptiva do pagode; Filippe Nery Xavier ampliou a versão de Couto e falla na lapida; Rivara dá as versões de Couto e Lima, referindo-se, em nota, ás duas passagens de Couto sobre as inscripções de Khaneri e Elephanta; e, finalmente, Filippe de Gouveya segue, em resumo, Couto e Lopes de Lima. Cf. *Jornal de Viagem de Goa para Lisboa* (1843), 30–38; *Huma Viagem de duas mil leguas* (1848), 55, *De Lisboa a Goa* (1856), 68; *Ilha do Elephante* (1880), 1–27.

(3) Publicado no *Heraldo* de Goa, em parte.

julga que a inscripção de Cintra, em que fallou Murphey, é de Elephanta. O illustre poeta e vigoroso jornalista não menciona Garcia da Orta, nem Diogo Kopke, mas refere-se ao trabalho d'este autor sobre D. João de Castro. É possivel, porisso, que erre por sua conta e não levado pela opinião de Kopke, quando escreve: *Desappareceu do seu logar uma lápide inscripcional d'este pagode. E' a inscripção sanscrita de Cintra, que lá vi, em 1891, na quinta da Penha Verde, que pertenceu a D. João de Castro* (1). Nada mais terminante, portanto, e nada mais erróneo tambem. E o que mais nos impressionou, ao relêr aquelles dois periodos, foi o ficarmos sabendo que o sr. Fernando Leal conhecia outra versão, pois que escreve a seguir: — *Um pandita cujo nome não me occorre (escrevo de memoria), opina que a inscripção é de um templo (creio de Samanta* (sic)*) do Catiavar, e o sr. Vasconcellos Abreu concorda com elle.* — Sabia, pois, da versão exacta e engeitou-a, naturalmente por conhecer *de visu* a inscripção discutivel.

Ignorando nós se o sr. Fernando Leal sabe sanskrito, e tivesse assim firmado a sua convicção na leitura da lápida; não indicando no seu artigo qualquer autoridade em que estribasse a sua maneira de vêr; conhecendo nós a versão da *pandita* Bhagvanlál Indragi, que se refere, como veremos, á inscripção de Cintra, mas sem de nenhuma maneira suppor que pertencesse á Elephanta; não sabendo então aonde se poderia lêr a opinião do sr. Vasconcellos Abreu, que se nos afigurava decisiva, acima de tudo; escrevemos ao autor do *Glossario,* com quem mantinhamos amistosas relações de cortezia,

(1) *O Heraldo,* de Pangim, n.º 1540, de 28 de abril de 1905.

manifestando as nossas duvidas. Infelizmente o illustre autor dos *Relampagos* adoecêra gravemente e a isso attribuimos a falta da resposta á carta.

Tomámos então a liberdade de escrever directamente ao sr. professor Vasconcellos Abreu, fazendo uma consulta ácerca da leitura de uma lápida oriental que aqui descobriramos, havia pouco tempo, no tecto de uma das minas do Castello(1), e formulando as nossas duvidas ácerca da classificação das inscripções da Penha Verde. Não conheciamos pessoalmente o sabio professor portuguez, se bem que desde os tempos de estudante eramos um admirador do seu formoso talento, mas tinhamos esperanças de que a sua erudição viria até nós, em um rasgo de benevolencia, tão propria dos verdadeiros sabios em auxilio d'aquelles que, não

(1) Sobre os caracteres d'esta lápida nada nos poude informar o sabio sanskritólogo portuguez, naturalmente pela má reproducção photographica que lhe enviámos, pois o mesmo aconteceu com o sr. professor David Lopes, de Lisboa, e Mr. Lucien Bouvat, secretario da *Société Asiatique* de Paris, consultados, a nosso pedido, pelo nosso bom amigo e illustre academico, sr. Christovam Ayres. O sr. David Lopes só affirma: «O que é incontestavel é que ella é em caracteres arabes». Ultimamente tiraram-se novas photographias, tanto d'esse lápida como de outras orientaes que aqui descobrimos, e que se estão a gravar, por ordem do sr. conselheiro Arnaldo Novaes, em Goa, para serem publicadas no catalogo do *Museu Archeologico de Diu*, fundado por nós em 1902. Aos illustres homens de sciencia e ao nosso tão benevolo amigo o sr. Visconde de Wrem, prestigioso Consul Geral em Bombaim, aqui agradecemos, muito penhorados, o empenho que mostraram em nos auxiliar n'esse tão interessante quanto ingrato trabalho de investigação archeologica.

os podendo imitar em talento, procuram seguir-lhes os honestos e persistentes processos de trabalho. E não nos enganamos. Recebemos a resposta desejada, acompanhada de palavras de captivante amabilidade e da valiosa offerta do trabalho que acima citamos. N'esta pagina patenteamos a s. ex.ª o nosso grande reconhecimento, sentindo só não poder corresponder ao que de nós espera em escriptos futuros.

Não conhecia o sr. professor Vasconcellos Abreu (á data da sua carta) o escripto do sr. coronel Fernando Leal e, portanto, ficamos sem saber ainda qual o pandita que pensou como o erudito professor do curso superior de letras. Mas isso não faz já muito ao nosso caso. O que temos de importante é o sr. Vasconcellos Abreu concordar terminantemente com a nossa maneira de vêr, ao escrevermos-lhe: *A inscrição (podemos dizer a unica, por tamanho e importancia) de Sintra é do Catiavar.* Hoje duvida alguma pode haver sobre a nossa maneira de encarar assumpto *ab initio.*

*
* *

Não foi só o trecho citado das *Decadas* que originou a confusão entre os nossos escriptores que se teem occupado das estélas de Cintra. Essas duas pedras jazeram esquecidas na Penha Verde até que um viajante estrangeiro as veio descobrir no fim do seculo XVIII, e tendo então apresentado uma grosseira copia de uma das inscripções, os autores portuguezes, seguindo Köpke, começaram a attribuir essa pedra ao templo de Elephanta, não se dando ao trabalho de estudar a mythologia hindú,

nem tão pouco reparando que, havendo duas inscripções a decifrar (é ao lado uma da outra!), era ainda discutivel qual d'ellas, por simples inducção historica, pertenceria a esse templo. O criterio historico, porém, nada tinha de fazer então com o assumpto principal, que se resumia a um problema philologico:— o que significavam os caracteres exoticos das duas pedras? Ora, esta orientação scientifica só lhe foi dada pelo sr. Vasconcellos Abreu, que poz de parte a commoda recordação do nosso Diogo do Couto, fraco polyglotta, para se nortear pelo seu saber de glottologia árica. Fôra isso, justamente, o que se não fizéra. Honra, pois, ao professor portuguez que tão precioso contingente veio dar aos modernos estudos dos sabios orientalistas Sénart, Darmesteter, Cunningham, Erskine, Fleet, Forbes, Tod, Burgess, Bühler, Bhagvanlal Indragi e Bhandarkar!

Se é com certa mágua, para o nosso orgulho de portuguez, que vêmos os autores inglezes notarem que foi preciso ir um extrangeiro a Portugal para tornar conhecida a preciosidade archeologica da Penha Verde (1) é, com muito jubilo, que vimos mostrar hoje que houve um culto portuguez que de tal se occupou tambem, com maior proficiencia que o extrangeiro tão celebrado. E a esse portuguez esperamos que, em breve, se deva o estudo completo da outra pedra da Penha Verde, que ainda está por ser lida e á qual ligamos ainda mais importancia. Adiante insistiremos n'este ponto.

Foi o architecto inglez James Murphy, que viajou em Portugal nos annos de 1789-1790, quem primeiro

(1) «The honour of this search and the discovery of this slab are entirely due to an Englishman»,—William Erskine, in *Account of the Cave-temple of Elephanta*, 270.

copiou uma das duas inscripções com caracteres orientaes que viu na quinta da Penha Verde. A sua obra appareceu primeiro em Londres, em 1795 (1), e depois foi traduzida em francez publicando-se a edição em Paris, em 1797 (2). Esta obra é citada pelos seguintes autores portuguezes, que consultamos para este trabalho:— Pinto de Sousa, Antonio Nunes de Carvalho, Visconde de Juromenha, Diogo Köpke, Visconde de Santarém, Conde de Sabugosa e Fernando Leal (3). Só o primeiro cita tanto a edição ingleza, como a franceza; Santarém a franceza, e Sabugosa e Leal a ingleza só. Os outros parece que conheciam só a traducção franceza. Nós possuimos a edição franceza e consultámos em Lisboa, na Bibliotheca Nacional, a edição ingleza, que pertenceu á livraria do convento de Alcobaça. De todos quem cita melhor o livro, para o nosso caso especial, é Juromenha e os que fazem referencia ao merecimento litterario da obra são Pinto de Sousa e Santarém. Este escrevia ao Conde da Ponte (carta de 8 dezembro de 1845):—*O celebre architecto Inglez Murphy que escreveu,*

---

(1) *Travels in Portugal through the provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alem-Tejo,* by James Murphy, Architect.—London, 1795.—1 vol., 4.° gr., ill.

(2) *Voyage en Portugal à travers les Provinces* etc. Paris, 1797, 2 vol., 8.°; planches.

(3) *Bibliotheca Historica de Portugal e seus Dominios Ultramarinos*, Lisboa, 1801, addições, 13-22; *Roteiro do Mar Roxo,* XLVII; *Cintra Pinturesca,* 61; *Roteiro desde Goa até Dio*, 266; *Cartas*, 103; *O Paço de Cintra,* 210; *Glossario*, no «Heraldo» citado. O sr. Christovam Ayres extracta no seu *Testamento de D. João de Castro*, (pgs. 19-22) uma parte do livro de Juromenha, omittindo a traducção que Wilkins deu a Murphy.

e publicou nos fins do seculo passado uma magnifica obra sobre a sua viagem scientifica em Portugal ..... e em PS. continúa: — *Muito necessitava ter um desenho em ponto maior do que o dado por Murphy na sua magnifica collecção, dos Escudos das armas que estão sobre a porta do Convento da Batalha* etc. (1). Por estes extractos se conclue que Santarém tinha em alto apreço o trabalho de Murphy, se bem que citasse a incorrecção da leitura de Wilkins.

---

(1) Almeida d'Eça, *Cartas do Visconde de Santarem*, 103–105. E' pena não ficarmos sabendo se o Conde da Ponte chegou a satisfazer os pedidos do tio relativos a uma nova copia da lapide da Penha Verde e dos brazões da Batalha. O primeiro pedido interessa-nos muito de perto para o presente estudo, o segundo é possivel que viesse fornecer qualquer esclarecimento para resolver a celebre questão relativa a saber-se quem foi o primeiro architecto da Batalha, ao que tambem se refere o sr. Conde de Sabugosa no seu excellente *Paço de Cintra* (pag. 210), quando allude a Murphy. Que de coincidencias de factos e de nomes em tão poucas linhas!

Na mesma carta, acima citada, diz Santarém que o orientalista francez Langlois começara o ensaio relativo á lapida de Penha Verde e conseguira «traduzir muitas partes que Wilkins não tinha entendido» e sobre os escudos da Batalha acrescenta: — «Nem Frei Luiz de Souza na *Historia de S. Domingos*, nem o defuncto Patriarcha na *Memoria* que escreveu sobre a Batalha dizem cousa alguma sobre os taes escudos. Um bom desenho viria reforçar os argumentos que fiz nas minhas *Recherches sur la Priorité des découvertes des Portugais* a pg. 39». Na carta de 1 de fevereiro de 1846 concorda com o sobrinho sobre as difficuldades de se obter os dois desenhos pedidos. Na de 22 de março mostra-se contentissimo com «o bom resultado que tiverão os meus peditorios relativamente á copia da Inscripção de Penhaverde (*sic*), e das armas que se achão sobre a porta da Batalha», e ter-

Murphy é dos escriptores estrangeiros que escrevendo a respeito de Portugal menos calumnia os portuguezes, como fôra já notado no seu tempo (1). Além do seu livro, a que em especial nos referimos n'este estudo, escreveu uma interessante memoria illustrada sobre o convento da Batalha (2), que é a obra a que o Visconde de Santarém acima se refere, e mais um livro de impressões do nosso paiz (3), em que o autor tem mais de phantasista do que de observador. Nas *Travels in Por-*

---

mina accusando a carta do C. da Ponte de 12 de março, — «mas ainda o Addido Miguel Martins Dantas não chegou e portanto não recebi o calque da Inscripção de Penha Verde. Farei a este respeito tudo quanto me recommenda. Por outro correio agradecerei directamente ao Conde de Penamacor», — Infelizmente segue-se uma interrupção desoladora de 4 annos nas *Cartas* publicadas por Almeida d'Eça e não se fica sabendo, se o sr. conselheiro Martins Dantas realmente teria entregue os desenhos, ou pelo menos a copia da inscripção. Só o venerando embaixador portuguez poderá informar hoje visto que os papeis de Santarém foram desastradamente dispersos. (A este respeito vej. no *Boletim da Sociedade de Geographia*, n.º 3 d'este anno, 91–92, as cartas trocadas entre os srs. Camara Manoel e Almeida d'Eça). Parece porém, que o Conde de Penamacor por sua parte satisfizéra o pedido. Teria Langlois publicado alguma cousa a respeito da inscripção da Penha Verde?

(1) Cf. *Voyage Du Ci-Devant Duc Du Chatelet en Portugal* etc. par J. Fr. Bourgoing, Ci-Devant Ministre Plenipotentiaire de La République Françoise en Espagne, Paris, 1798, tom. II, 95. E' obra toda cheia da fel contra nós.

(2) *Plans, Elevations, Sections, and Views of the Church of Batalha*, London, 1795.

(3) *A General Vue of the State of Portugal*, London, 1798.

tugal versa Murphy assumptos muito interessantes e achamos curiosas as suas descripções de Cintra e de Alcobaça, das egrejas de Lisboa, da *Peça de Diu* etc. Murphy era um tanto ingenuo e vê-se que era jocosamente enganado por algum malicioso cicerone lisboeta; por exemplo quando escreve, com pormenores inverosimeis, a forma como se namorava então nas egrejas de Lisboa, servindo de intermediarios entre os amantes e namorados os proprios meninos do côro! A respeito do convento de Alcobaça, extranha a falta de livraria a não ser que se dê tal nome (acresenta) a um pequeno compartimento, no qual notára só tantos livros quantos os barris de vinho que observára na adéga (1). Ora, é conhecido de todos a fama da livraria de Alcobaça e para castigo do autor era d'essa livraria o volume das *Travels in Portugal*, que hoje existe na Bibliotheca Publica de Lisboa. Não era, pois, tão ordinaria que não tivesse até livros inglezes, o que para o tempo era digno de se notar (2).

---

(1) *Voyage en Portugal*, I, 150–151.

(2) Seria um nunca acabar se nos alongassemos a narrar as ingenuidades de Murphy, ou as perfidias de tantos escriptores extrangeiros quando se referem a Portugal, em especial nos seculos XVII e XVIII. Uma das grandes *indignações* do acima citado Chatelet diz respeito á nossa boa convivencia com os inglezes, de quem *até* tomamos os pessimos costumes ..... dos brindes aos jantares e do uso do chá pela manhã e á noite!! O classico chá portuguez do qual Tolentino disse

.....

«De cansado chá, que ferve
Com esta, a setima vez:»

.....

do chá e torradas que mereceu ao sr. Alberto Pimentel algu-

Os escriptores inglezes que se referem a este seu compatriota não abonam os conhecimentos orientalistas d'este, nem o saber em sanskrito de Wilkins, a quem aquelle deu o decalque para traduzir. Erskine diz: — *Although he* (Mr. James Murphy, Architect) *did not known what it* (the slab) *was about* (1), e Burgess escreve: — *The rough translation given by Sir Charles Wilkins in Murphy's work is of no value, and the transcript on the plate, having been made by a person quite ignorant of Sanscrit, contains many errors* (2).

Ora estas opiniões autorisadas começaram a ser cochecidas quando Wilkins (3) deixára de ser o patriarcha da sanskritologia e os nossos autores, seguindo unicamente Murphy, já tinham feito correr mundo a versão de que a lápida em questão era de Elephanta. Quando se começou a fazer o cadastro á epigraphia indiana no-

---

mas tocantes paginas. (Vid. *Espelho de Portuguezes*, vol. I, 7–14). Sobre o conceito que os extrangeiros fizeram de Portugal e dos portuguezes, é interessante a leitura da obra de Manuel Bernardes Branco, *Portugal e os estrangeiros* (Lisboa, 1879) e as considerações da já citada *Bibliotheca Historica* a pg. 333–361 e «Addições», de pg. 13 a 58.

(1) *Account of the Elephanta,* in *Transactions of the Literary Society of Bombay,* I, 270 (Bombay, 1877, reprint).

(2) *Notes on the Bhandha Rock-Temples of Ajanta,* in the *Archaeological Survey of Western India,* n.º 9, pg. 104.

(3) Sir Charles Wilkins nasceu em 1749 e foi o primeiro inglez que conheceu o sanskrito, publicando uma grammatica em 1779. Traduziu o *Hitopadexa* (1786) e compoz um *Diccionario persa* (1806). Morreu em 1836, quando o sanskrito tinha tomado um grande desenvolvimonto na Europa. Cf. Buchland, *Dictionary of Indian Biography,* 451–452; Balfour, *Cyclopaedia of India,* III, 1074.

tou-se a grande importancia historica das inscripções de Somnath-Patane, e desconfiando-se que a de Cintra (então só se fallava em uma) poderia ser d'esse antigo templo, reviu-se a leitura de Wilkins e pouco depois não restava duvida de que essa pedra era de Somnath-Patane e não de Elephanta. No emtanto, para as bandas do Occidente, gemiam ainda os prélos dando diversa origem á vetusta pedra. E com que criterio!

Murphy mencionou só uma lápida, mas já ahi devia estar a outra, ao tempo da sua visita a Cintra. No livro do Visconde de Juromenha diz-se claramente:— *Antes de se chegar ao recinto da Ermida no principio da escada se veem duas pedras com letreiros Asiaticos, trophéos alcançados na India por D. João de Castro e della por elle importados. O que se vê do lado esquerdo tem huma figura ... Segue-se abaixo a Inscripção ... A que se vê no lado direito, he huma Inscripção em lingua Sanscrita* (1), etc. Descreve, pois, as duas lapidas e declara que a segunda é a que foi copiada por Murphy e traduzida por Wilkins.

O sr. Vasconcellos Abreu tambem escreve, no seu recente folheto: *Em Portugal temos unicamente, que eu até hoje pudesse conhecer, duas inscripções indianas. Existem ambas em Sintra (ou Cintra) na quinta que foi de Dom João de Castro, e se denomina Quinta da Penha Verde. Estão metidas nas ombreiras d'uma especie de pórtico ao subir para a capella. A inscripção da direita é maior ..... Da inscripção menor, a qual tem baixos relêvos, ...* (2).

(1) *Cintra Pinturesca*, 60–61.
(2) *Summario das Inscripções em Sanscritologia*, 52–53.

Não ha duvida. Existem na Penha Verde duas estélas; ambas indianas; ambas com inscripções.

Não estão na capella ou Ermida de Nossa Senhora do Monte, mas sim na escadaria que para lá conduz. A capella destinára-a o austero e piedoso Vice-Rei para sua sepultura, segundo dizem Couto e Freire (1), e no caminho para a ultima moradia terrestre projectada, estão as duas mudas testemunhas do seu passado na India. Fóra do recinto sagrado da Cruz contemplam ellas — ha tres seculos e meio — a piedade christã do grande *rajah-franghe* (senhor europeu), que na cimalha da porta da Ermida mandára collocar a historica lápida, que ainda hoje se pode ler ahi:

Joanes Castrensis cum viginti annos in durissimis bellis ..... mandavisset
Christi numine salvus domum rediens
Virgini Matri Fanum ex voto dicavit
anno 1542.

Alem d'esta lápida, existem outras na Ermida mandadas gravar por D. João de Castro antes de partir para a India como Governador, o que é mais uma prova do seu amor pela epigraphia e, portanto, para suppormos que foi elle tambem quem mandou as duas pedras indianas para a sua propriedade de Cintra, as quaes elle mesmo ou algum dos seus herdeiros teriam collocado no sitio em que hoje se podem admirar (2).

---

(1) *Decadas,* VI, P. II, 70; *Vida de D. João de Castro* liv. IV, § 103.

(2) Juromenha diz que esta ermida mandára o Vice-Rei *fazer para sua sepultura.* Ora isto temos nós como certo; a forma, porém, como Couto e Freire escrevem, citando o testamento, é que é erronea, pois em tal documento nada se men-

Posto isto, vejamos agora se podemos localisar, para cada uma das lápidas, a sua origem e a importancia historica de cada uma d'ellas. Trataremos de cada uma em separado, servindo-nos do estudo resumido em cada um dos capitulos anteriores d'este trabalho.

*

* *

A inscripção primeiro traduzida por Wilkins (1795) á vista do decalque de Murphy, refere-se ao templo de Somnáth-Patane.

Alem d'esta traducção, conhecemos a de Burgess (1879) feita sobre uma photo-lithographia do *pandita* Bhagvanlál Indraji (1), que representa uma transcripção em sanskrito da copia de Murphy; isto é, uma rectificação da leitura de Wilkins, mas feita sobre o mesmo decalque que a este servira originariamente. É mais perfeita do que aquella, mas padece do grande defeito da origem.

A melhor traducção é a do dr. Bühler, feita sobre o decalque do sr. professor Vasconcellos Abreu, depois de 1890, pois assim escreve este: — *Offereci em publico testemunho do meu respeito ao grande epigra-*

---

ciona sobre o enterro, nem a trasladação. Cf. *Cintra Pinturesca*, 60; Christovam Ayres, *Testamento de D. João de Castro*, 6 (notas 3 e 4) e 7.

(1) Cit. *Archaeological Survey*, 104, Appendix *B*, *Sanskrit Inscription from Cintra*. Traz tambem a reproducção lithographica do decalque de Murphy com o titulo: *Sanskrit inscription in the garden of Don João de Castro at Cintra in Portugal*.

phista de Vienna d'Austria, o sr. G. Buhler, a copia que eu tirára em tamanho natural d'essa inscripção maior. O sr. Buhler deu-lhe cuidados de estudo, e em alguns pontos (rarissimos) ainda elle mesmo conjectura (1).

Foi o sr. Vasconcellos Abreu quem deu a primeira gravura da inscripção (que nós saibamos) em Portugal, segundo desenho seu e photographia de Camacho em escala de $^1/_4$, depois reproduzida em phototypia nas officinas da Imprensa Nacional de Lisboa por Cosmelli, com o titulo *A Inscripção maior Sanscritica da Quinta da Penha Verde, Sintra.* Vem entre paginas 52 e 53 do seu citado trabalho.

Sobre ella diz o autor: *A inscripção da direita è a maior; li=a, mas não pude traduzil=a toda, pôsto levasse muito mais longe o conhecimento do seu theor do que até então se havia conseguido. N'esta conformidade o expliquei na ultima sessão do Congresso de Christiania em 1890* (2). Não nos diz, porém, o illustre professor, em que e sobre qual das versões anteriores avançou, nem qual a sua interpretação, Só na sua citada carta nos diz:— *Apresentei=a, li=a e traduzi=a quasi toda na Universidade de Christiania em 1889 por occasião do Congresso dos Orientalistas. É do Catiavar* (3).

A lição de Bühler (4) é a mais perfeita de todas que

(1) Cit. *Summario,* 52.

(2) Ibidem.

(3) Carta de Lisboa, de 29 de janeiro de 1906.

(4) Johann Georg Bühler nasceu em Borstel, Hanover, em 1837, estudou sanskrito em Paris, Londres e Oxford, foi professor no *Elphinstone College* de Bombaim (1863), foi depois Superintendente dos estudos de Sanskrito em Poona (1866) e então prestou relevantissimos serviços archeologicos, descobrindo e coordenando mais de cinco mil MSS.. Reti-

conhecemos (1), visto que o pandita Indraji não chegou a dar a promettida tradução no *Indian Antiquary* (2).

Em Portugal a primeira tradução da leitura de Wilkins appareceu no livro de Juromenha (3) e depois na edição que Köpke fez do *Roteiro* de D. João de Castro (4); mas aqui não se dá a copia d'ella e só se fazem referencias isoladas e de nenhuma autoridade.

Nós daremos uma versão differente de todas as existentes, e só em pontos importantes faremos comparações com os textos de Wilkins e Bühler. Diremos já como e porque procedemos assim.

Bühler refere-se á copia do sr. Vasconcellos Abreu nos seguintes termos, muito honrosos para o professor portuguez: — *Still I believe that a new edition, according to an excellent pencil-rubbing kindly presented to me by Professor G. de Vasconcellos Abreu of Lisbon, will not be superfluous;* mas acrescenta a seguir: *The lan-*

---

rou-se da India em 1880 e foi para Vienna d'Austria, em cuja Universidade regeu a cadeira de Philologia e Archeologia Indiana. Morreu afogado no lago Constança em 8 de abril de 1898. Os seus trabalhos estão sendo hoje brilhantemente continuados pelo sabio *pandita*, Ramkrisna Gopal Bhandarkár, cujas investigações sobre a historia antiga do Guzerathe nos teem sido preciosas, tanto para este estudo, como para a *Historia de Diu*.

(1) Cf. *Ephigraphia Indica and Record of The Archaeogical Survey of India*, edited by J. Burgess, Calcutta, 1890, P. V e VI, pg. 271 a 287.

(2) Cf. *Archaeological Survey of Western India*, n.º 9, pg. 104; *Ephigraphia Indica*, 271. Indraji falleceu antes de dar a promettida traducção.

(3) *Cintra Pinturesca*, 61–72.

(4) *Roteiro* cit., 266–267.

guage is not quite correct Sanskrit .... Towards the end some Gujarâti words and Gujaraticisms occur in the list of the benefactions; likewise a number of difficult expressions not traceable in the Sanskrit dictionaries (1). Occorreu-nos, portanto, visto vivermos no Guzerathe, obter uma traducção em guzerathe e sobre esta fazer uma versão portugueza. Seria isso um avanço precioso na leitura da valiosa inscripção e suppomos que tivemos a felicidade de o conseguir, ainda que com bastante trabalho.

Descobrimos em Diu um brahmane lettrado, um *pandita* authentico, disfarçado em trajes pouco em harmonia com o profundo saber do dono, tanto em sanskrito como na lingua guzerathe. Chama-se elle Hirgy Ramgy, é da casta brahmane-sarasvát, e é considerado entre os banianes com um sabio astrologo e um *pandita* afamado. Em toda esta costa do Kathiawár é reputado o primeiro sanskritólogo. Tinha, porém, para nós, que não sabemos o guzerathe, um grave defeito, não saber elle uma palavra do portuguez. Remediamos este inconveniente entregando-lhe a gravura devida ao sr. Vasconcellos Abreu, pedindo-lhe a sua traducção para o guzerathe corrente, e mandando verter esta para o portuguez, por intermedio do brahmane Sivelál Emotramo, interprete da administração do concelho, antigo director do correio, e funccionario que conhece rasoavelmente a lingua portugueza. Feita esta traducção grosseira, demos-lhe a forma corrente com o auxilio dos nossos conhecimentos da historia antiga d'esta região e da mythologia hindú. Por vezes sacrificámos a gram-

(1) *Epigraphia Indica*, 271.

matica; mas desejamos interpretar o mais fielmente possivel o texto do *Prasásti* (1) de Somnath-Patane que hoje está em Cintra, e só assim o poderiamos fazer.

Durante toda a versão, em que consumimos dias seguidos, não quizemos compulsar o texto de Bühler, ao qual só nos soccorremos quando o trabalho estava prompto e para se salientar as differenças mais notaveis. Ao texto de Wilkins não quizemos recorrer, para esclarecimentos complementares, porque quasi todo elle é phantastico. O melhor processo do leitor estudioso se certificar d'isto é comparal-o com o nosso! Incidentalmente lhe faremos referencias. Em appendice damos a leitura em sanskrito, do *pandita* portuguez Ramgy, segundo a gravura Vasconcellos Abreu, e a sua traducção á letra para o guzerathe (caracteres *balbhôdh*) feita pelo mesmo *pandita*.

A inscripção de que nos occupamos é escripta em verso (*shlokas*) sendo a conclusão em prosa. Os versos não principiam no começo de cada linha, mas estão separados por numeros e são 76 ao todo. A pedra é preta e parece que as letras foram douradas(2). Mede, segundo a gravura Vasconcellos Abreu, $0^{m},57 \times 1^{m},10$. É escripta

(1) Derivado do substantivo sanskrito *prasásta*, significa «espaçoso», «liberal», «justo», «puro», «legitimo» (Vid. Patell, *Gujaráti-English Dictionnary*). Aqui tem o sentido de — «descripção de acções louvaveis praticadas por alguem» — «apotheose», «panegyrico etc. em inscripção. Vid. adiante a significação de *sasana*. Fleet traduz sempre *prásasti* ou *prásastih* por «elogio» e diz que só uma vez encontrou este vocabulo significando uma inscripção em chapa de cobre. Cf. *Corpus Inscriptionum Indicarum*, III, 87 (nota 10), 201, 208 e 286; *Indian Antiquary*, XIII, 121.

(2) *Cintra Pinturesca*, 61.

em caracteres devanagari (1) do seculo XIII segundo Bühler e contém 66 linhas, das quaes algumas estão incompletas na gravura, como se vê nos Appendices a este trabalho. Desappareceram quatro syllabas no meio da linha 18,—4 e 12 syllabas respectivamente nos extremos das linhas 23 e 28,—e 2 e 5 no começo das linhas 49 e 53. Felizmente faz-se o sentido completo da bella inscripção.

Vejamos, antes de mais, a traducção portugueza feita sobre a versão á letra em guzerathe e para depois as considerações sobre o valor historico da pedra.

Numeramos os versos, separando-os assim:

I—«Venero a Siva. Aquelle Deus, tão joven, elegante e aureolado de raios brancos, livre de pezar o vosso coração; o qual Deus, permanecendo nos corações dos crentes e dos magnanimos, d'estes se torna visivel nos extasis de suas contemplações».

II—«O deus Siva, que nos mostra parte da sua cabeça resplandecente com o brilho da lua de que está ornado, tem a mão posta sobre uma fiada de folhas esparzidas de almiscar, as quaes cobrem uma parte do coração de Parvati, como se esta estivesse sobre um tapete de flôres de lótus».

III—«O deus Ganpatí (2) vos conceda muita felicidade, riqueza e paz. Ganpatí é a alegria dos tres mun-

---

(1) Do sanskrito *nágări*, os primitivos caracteres do sanskrito, litteralmente —«da cidade»—. D'ahi o termo *devanágări* ou *devanagari* —«lettra da cidade divina» —ou —«linguagem dos anjos» —. Juromenha emprega a forma ingleza *nagaree*, por copiar Murphy e Wilkins.

(2) *Ganpati* ou *Ganapati*, é o deus Ganez, filho mais velho de Siva e Parvati. É o deus da sabedoria, e em geral

dos(1), é filho de Mahadev(2), é formoso com esse unico dente(3) que mostra, é o causador do jubilo de Kapardí(4), e é quem nos livra de todo o mal».

IV—«Appareceu na terra um homem valente, joia de todos os principes, chamado Vishvamáll, ornamento dos Chaulúkyas, cuja espada de dois gumes era pelos inimigos considerada de cem, na guerra».

V—«Esse valente foi chamado Rajánarayana; e foi o destruidor de thronos poderosos e o creador de um unico reino, para o que as suas mãos trabalharam como raios, tornando-se o senhor do mundo».

VI—«Por graça de Vaidijanâth-Xancár (5), ornamento dos Kshatriyas, esse rei Rajánarayana, para acabar com a discordia no mundo, entrou a reinar em todo elle, cobrindo-o com a sua protecção e justiça».

VII—Este rei teve por esposa Nagâldevi, a qual com tanta amizade vivia junto do marido, que os dois pareciam a Victoria e a Felicidade unidos. Essa união tornava-a bella como o brilho da lua»(6).

---

os livros hindús começam por uma saudação a elle. Tambem se escreve *Ganesa* de *Gana*+*isa*, isto é «Senhor» (de *Isa*, um nome de Siva) «de multidão» (de *Gana*, hostes).

(1) Do sanskrito *Triloka*, ceu, terra e inferno ou região subterranea. São os tres mundos da theodicéa hindú.

(2) Siva.

(3) O Ganez representa-se com cabeça de elephante e um unico dente (presa), d'ahi um dos nomes hindús por que é conhecido: — *Eka-danta*, «de um só dente».

(4) *Kapardi*, nome de Siva. Derivado do sanskrito *kapárd*, trunfa de cabellos, e, effectivamente, como vimos já, Siva representa-se com um alto penteado.

(5) O deus Siva. Vid. Patel, *Gujarati-English Dictionary*.

(6) Bühler dá outro sentido a este verso, — *Epigraphia Indica*, I, 272.

VIII — «Este rei Vishvamáll, cujo nome é Rajanarayana, tinha um irmão mais velho (1) chamado Pratapmal; o qual rei governou sobre toda a terra heroica e imparcialmente, qual chapeu de sol (sombreiro) aberto» (2).

IX — «Este Vishvamáll depois de fazer sentar no seu throno a Arjunadeva (3), filho de seu irmão mais velho Pratapmall, partiu para sugar o nectar dos labios das mulheres celestes....» (4)

X — «Este rei Arjunadeva, que resplandecia no seu throno qual lua cheia, praticando heroicidades no meio de seus inimigos, como se fosse uma parte da encarnação do deus Damadôr Shrikraxna (5), reinou sobre o mundo auferindo muitos rendimentos, como se estivesse ordenhando a vacca Camdûga» (6).

---

(1) Bühler diz: — *Younger brother was Pratapamalla*, quando na lápida está escripto que Pratápmâll é que tinha um irmão mais novo, segundo a translitteração em guzerathe da inscripção.

(2) Isto é, à sombra do seu sombreiro (poder) viveram todos os povos da terra.

(3) Já vimos atraz (cap. I) a resumida genealogia dos Chaulukyas de Anahilvará (Patane). Arjunadeva era, na verdade, sobrinho de Visaladeva ou Vishvamáll, um *vaghelá* de Dholká. Cf. *Epigraphia Indica*, I, 21–24; *Indian Antiquary*, VI, 188 (nota), 191–212; Bhandarkar, *Early History of the Dekkan*, 111; Duff, *Chronology of India*, 189, 282.

(4) Quer dizer, litteralmente. Foi para o *Svarga* (ceu de Indra) sugar o nectar dos labios das virgens celestes; isto é, morreu. *Adhrâmrat*, significa «o nectar de labios». Vid. Suriagy Rau, *Diccionario Maratha-Portuguez*, verb. अधरामृत.

(5) Melhor talvez Damodara Shri-Krishna, um dos nomes de Visnhú. Damodara significa «amarrado com uma corda». Vid. Wilkins, *Hindu Mythology*, 127.

(6) Vacca sagrada abundante em leite. Ou *Kama-duh*, a

XI—«Este Arjunadeva, destruidor de todos os inimigos, e sob cujas mãos estava toda a terra em volta, pelos seus actos de beneficencia e liberalidade, como se fosse a encarnação de Krishna, ultrapassou a fama da arvore do ceu, Kalpavrakshá (1), e protegeu todos os seus subditos».

XII—«Arjunadeva teve um filho, chamado Sarangdeva (2), tão poderoso como o deus Sarangdhar (3), o qual obteve sempre victorias, tanto em terra como no mar, vivendo muito satisfeito da riqueza e tranquilidade que conquistára para o reino de Gurjara (4)».

XIII — «Sarangdeva, com as forças que possuia venceu o rei de Malvá, tal como o chefe das aves — Garuda (5)— havia vencido, em combate, o elephante e a tartaruga».

XIV—«Da geração d'este rei nasceu Bhatarckaxil,

---

vacca que satisfaz todos os desejos. Em sentido figurado— «a varinha do condão».

(1) Ou *Kalpa-Vrisksha,* propriamente o freixo. Na mythologia hindú a arvore divina que dá tudo que se lhe pede, a arvore dos desejos entre os bhudistas.

(2) É exacto, segundo a genealogia dos Chaulukyas de Patane.

(3) Nome de Vishnú, que se representa com o *sarangue* (violino).

(4) *Gurjara,* ou melhor *Gurjjára,* nome sanskrito do Guzerathe.

(5) *Garuda* é o *vahan* de Visnhú. Representa-se metade como aguia, metade como homem. Na mythologia hindú é curiosa a lenda do combate entre um elephante de 160 milhas de comprido e uma tartaruga de 80 milhas, separados pelas garras potentes de Garuda e de que falla o *Mahabaratha.* Cit. *Hindú Mythology,* 452.

encarnação de Mahadeva (1), que possuia forças de relampagos e fazia milagres aos penitentes».

XV—«Os quatro filhos de Brahma, com a maldição de seu pae, tornaram-se môchos e foram viver em Karohana (2) no Latdesh . . .»(3).

XVI—«Depois d'isto nasceram quatro filhos de Brahma, cujos nomes eram Cushik, Garguia, Caurush e Meitreia, apresentando-se na côrte d'aquelle rei (4), a fim de propagar a devoção de Pashupatvrat» (5).

XVII—«Depois do nascimento d'estes quatro penitentes elles ornamentaram com quatro seitas a terra, que era cercada por quatro mares».

---

(1) Siva.

(2) Este shloka está incompleto na copia e o sentido de *Karohana* é duvidoso. Bühler identifica com a actual Kárvan 50 milhas ao sul de Barodá; segundo o texto guzerathe traduz-se por *karohánám*, «parte superior» ou «outeiro» (de Latdesh). Cf. *Epigraphia Indica*, I, 274 (e nota 8); *Bombay Gazetteer*, I, P. I, 83 (e nota 1); *Indian Antiquary*, XVIII, 176.

(3) A parte sul do antigo Guzerathe, das margens do Mahi ás do Tapti. Corresponde á *Larike* de Ptolomeu e *Lár* e *Lardes* dos antigos geographos arabes. *Látadesh*: «o territorio de *Láta*» ou «de *Lar*». Cf. Vincent, *Periplus of the Erythrean Sea*, II, 354–356; *Bombay Gazetteer*, I, P. I, 7; Fleet, *Corpus Inscriptionum Indicarum*, III, 80, 84 (2.ª parte); Balfour, *Cyclopaedia of India*, II, 681, 685; *Hobson-Jobson*, verb. *Lar*.

(4) Bhatarckaxil.

(5) *Pasu-Pati* em sanskrito significa — «o senhor dos animaes «e é uma das denominações de Siva; é n'esta accepção que o pandita Hirgy traduz *Pashupatvrat*; Bühler, porém, traduz por *Passupáta*, uma escola philosophica fundada por Lakulissa ou Nakulissa, uma encarnação de Siva. Este assumpto não é sufficientemente esclarecido pelo sabio epigra-

XVIII — «Com o apparecimento d'aquelles benemeritos, n'esse reino, surgiram ahi grandes felicidades ....» (1).

XIX — «Da geração de Garguia nasceu Cartikrashi (2) como grande ornamento da sua seita e assemelhando-se a uma agglomeração de virtudes, o qual com o seu olhado tirava os peccados dos seus dependentes».

XX — «Perante este rei (3) appareceu Valmikirashi o qual, por vontade d'aquelle, tinha as mãos de flôr de lotus (4) e santificava os seus discursos e as pégadas dos seus passos nos caminhos por onde andava (5), e tanto as suas mãos como os pés eram virtuosos como a sua alma».

XXI — «Valmikirashi concedendo uma graça a Cartikrashí disse-lhe que era egual a elle proprio, que era pregador de virtudes a homens puros, era um joven penitente, era o proprio Tripurantaka (6), e que as suas

---

phista austriaco, que francamente declara que «depends on the results of further discoveries».» — Cf. Vasconcellos Abreu, *Summario*, 53; *Epigraphia Indica*, I, 274-275; *Bombay Gazetteer*, I, P. I, 83-84, 190.

(1) Não se poude ler o decalque na parte restante.

(2) De *Cartic+rashi* (*rishi*), á lettra o «padre Cartik»; e por isso Bühler traduz *abbot* (abbade).

(3) Cartikrashi.

(4) Isto é, era uma encarnação de Siva.

(5) Era um virtuoso pregador e fazia muitas romarias a logares de devoção.

(6) Que se pode de compor assim: *Tripura* (tres cidades de Tripurarsura, tia de Ravana) + *Antaka* (nome de Jama, «o Destruidor), ou *Tripurantáka*, o destruidor de tres cidades, nome com que se designa Siva. É este o sentido do verso que diverge do de Bühler, o qual toma Tripurantaka como um mancebo virtuoso.

mãos, de flor de lotus, tocando em qualquer pedra, esta se tornaria um idolo verdadeiro» (1).

XXII — «Valmikirashi dizendo ao seu protegido que tinha um bello nome — que é Tripurantaka — este passou a purificar os quatro lados (2), com o fim de ambos irem peregrinar».

XXIII — «Os peregrinos chegaram á floresta chamada Deudharûvan (3), onde habitavam as esposas dos *rishis*, e para onde se tinham dirigido para satisfazer os desejos d'estas, que já se haviam mostrado agradadas da apparencia elegante de Siva (4), quando este ahi estivera em uma peregrinação anterior».

XXIV — «Depois d'isto, nos extases das suas contemplações .... (5), começaram a adorar Kedarnath» (6).

XXV — Ahi reconhecendo em Deus o soberano sacerdote (7) do mundo, elles ficaram extremamente satisfeitos ....» (8).

XXVI — «Sahindo d'ahi chegaram a Prayaga, onde se purificaram nas aguas dos rios Ganges e Jamuna, que ahi se reunem ...» (9).

XXVII — «Depois, esse rei (10), o brilho de todos os

---

(1) Isto é, santificava os idolos tocando-lhes com as mãos.

(2) Isto é, os quatro pontos cardeaes.

(3) *Deudharûvan* floresta de cedros, de *deodar*, «Cedrus deodara» (de Loudon). *Rishis*, sabios, penitentes.

(4) Não se poude lêr o resto do declaque.

(5) Idem.

(6) Templo no Himalaya onde existe um dos 12 principaes *lingas*.

(7) *Jagát-Gurú* isto é «Padre maior do mundo».

(8) Mutilado no decalque parte d'este verso.

(9) Não se percebeu o resto do texto.

(10) Cartikrashi.

homens santos, percorrendo todos os montes visinhos, acabou por adorar o deus Mallinâtha-Mahadeva (1) e ficou muito satisfeito».

XXVIII — «Depois chegaram ao monte Vindhya-châlla (2), cuja pedras estavam já sagradas pelo contacto dos pés de Agastrushi (3), e onde passa o rio Narmadá» (4).

XXIX — «Passando alegremente o tempo da jornada seguiram o caminho que leva ao rio Godavery, onde adorando os deuses da floresta (5), que estavam ahi, se sentiram alliviados da fadiga ...» (6).

XXX — «D'ahi, caminhando com o pensamento no deus Rameshvará (7), chegaram ao sitio da sua adoração, d'onde descobriram a ponte construida na noite da morte de Ravana» (8).

---

(1) Siva, um dos doze *jotirlings* ou *lingas principaes* que existem por si proprio, sem intervenção humana.

(2) A cordilheira dos Vindhyas.

(3) Agastya, um *rishi* santo, considerado na mythologia hindú como filho de Varuna e da nympha Urvasi, diante do qual os Vindhyas se abaixaram para o deixar passar para o sul da India, em cujo céu brilha como a estrella Canopus.

(4) O Narbada que desagua, em Baroche, no golpho de Cambaya.

(5) Do sanskrito *Vàn* + *deva*, «uma floresta» e «deus», *Vandeva*.

(6) Incompleto o texto.

(7) De *Rama*+*Iswrá* um dos 12 *jotirlingas*, em Ramisseram.

(8) Monstro que raptou Sita (esposa de Rama). Tambem rei de Lanka ou Ceylão. O pagode de Ramisseram fica, como dissemos no cap. III, entre Ceylão e o sul da India no estreito de Manaar (na passagem de Palk), e a uma ponte antiga se refere a fabula hindú relativa a Ravana.

XXXI —«D'ahi seguiram, em direcção ao poente (1), para Deunaghar (2), a fim de se banharem nas suas aguas sagradas, e chegando ahi viram lindas mulheres com bellas nadegas e mamas, com o que ficaram muito satisfeitos».

XXXII —«D'ahi foram para Prabhás (3), situado á beira-mar, que sempre brilha com a lua que existe na cabeça do deus Someshwará» (4).

XXXIII — «Este sitio de Prabhás é o ornamento do mundo e o seu melhor logar de purificação, por isso brilha tanto como o brilho da lua».

XXXIV — «Aqui está o proprio Umákanta-Mahadeva (5), cujo templo aqui foi construido como o sexto

---

(1) O texto (guzerathe) diz *paschimá*, oeste. Bühler diz *NW.* por inducção, pois Dwarká fica, realmente, ao *NW.* de Ramisseram.

(2) Dwarkã, ao *NW.* da peninsula do Kathiawár, de cujo porto escreveu Camões:

«Olha a terra de Ucinde fertilissima,
«E de Jaquete a intima enseada,
«Do mar a enchente subita grandissima,
«E a vasante, que foge apressurada». (X, CVI);

e onde os peregrinos tiveram tão concupisciente encontro!

(3) Isto é, Somnath-Patane, como se disse no cap. I.

(4) Somnath, senhor da lua. No decalque Vasconcellos Abreu está mutilado este verso que Bühler (texto sanskrito) leu assim: — «Chegaram a Prabhás, que é formosa (cidade) pela união das aguas do rio Sarasvati com o oceano, e brilha como o brilho da lua que está na cabeça de Someshwará».— Effectivamente, perto de Somnath (Deo-Patane) deasagua o Sarasvati.

(5) Marido de Umá (Siva).

pagode grande, e tambem está o illustre Ganda-Brihaspati» (1).

XXXV — «Admirando aquelle santo logar ficaram muito satisfeitos, e ainda mais porque todas as quatro seitas (2) prestavam ahi suas homenagens» (3).

XXXVI — «No meio da sua alegria, disse Cartikrashi que em Prabhás existe o Mahadeva-Tripurantaka (4), que tinha na cabeça uma corôa de pedras preciosas, com cujo brilho os pés dos deuses, que o cercavam, pareciam-se com flôres de lotus, e que tinha praticado tão milagrosos feitos que nem os Vedas podiam historiar».

XXXVII — «O rei Cartikrashi, vendo aquelle logar sagrado, distribuiu dinheiro pelos pobres mais necessitados, considerando que a riqueza é tão variavel como os olhos de uma mulher luxuriosa» (5).

---

(1) Encarnação de Siva (ou sacerdote do templo?). Bühler dá diversa interpretação a este verso. Adiante explicamos a confusão.

(2) Brahmanes, Kshastris, Vaayshias e Sudras.

(3) A interpretação da palavra Châturjatâka é aqui dubia. Pode ser o nome de um sacerdote (como parecem indicar os shlokas 60, 63 e 64), ou significar as 4 raças (seitas), de *chatur,* quatro e *jataka,* seita, casta. Bühler dá differente interpretação a este verso.

(4) Aqui Tripurantáka está claramente como encarnação de Siva.

(5) São celebrados os adagios populares do Guzerathe, cheios de agudeza philosophica e profundo conhecimento do caracter humano. Aqui quer dizer: — A mulher luxuriosa parece, pelo brilho dos seus olhos nos espasmos amorosos, querer dar tudo; passado esse brilho (i. é. satisfeitos os seus desejos) esquece-se facilmente do homem adorado. Assim é variavel a riqueza humana: pode durar o tempo da constan-

XXXVIII — «Este rei tinha uma esposa de nome Ramá, que era a sua mulher mais formosa do mundo, pois Deus, fazendo reviver a Kamdeva (1), a quem Siva encolerisado queimára em vida, lhe deu a maxima belleza e luxuria, como se fosse Lakshmi» (2).

XXXIX — «As acções d'este rei magnanimo, sempre leaes, ficaram gravadas em todos os quatro lados do mundo, ao ponto da deusa Sarasvati (3) se ter mostrado muito satisfeita com isto».

XL — «Do lado do norte foram mandados construir, por este rei caritativo, cinco pagodes, perto do velho relogio existente no *mandáp* (4) do pagode de Sri Someshvara de cinco caras» (5).

XLI — «Pela felicidade de sua mãe Môlhân-devi, mandou elle construir o pagode do deus Môlhân-eshva-

---

cia da mulher amorosa; passando para outras mãos com a maior facilidade. Como se vê, a deliciosa canção do *Rigoletto* era já trauteada no Kathiawár 564 annos, pelo menos, antes da immortal composição do inspirado Verdi causticar a leviandade feminina!

(1) Ou *Kâmadeva*, filho de Vishnú e de Lakshmi, o deus da luxuria entre os hindús. Corresponde ao Eros dos gregos, ao Cupido dos romanos. Foi fulminado por Siva.

(2) A deusa *Sri*, mulher de Vishnú.

(3) Mulher de Brahma, deusa da sabedoria. Adora-se como deusa e como um rio sagrado.

(4) Pórtico de um templo hindú. E o mesmo que *mantapa* ou *mandapam* e corresponde ao vestibulo do templo onde se colloca o *linga* em dias de procissão. trazido do seu *mindra* ou sanctuario. E' propriamente o *hall*, inglez, do pagode.

(5) *Sri-Someshvár*, nome de Somnáth. Siva tambem se adora com cinco caras *Punchnâna;* ou cinco boccas, *Punchmúk.*

rá — Mahadev (1) cuja magnanimidade estava gravada nos corações de todos os fieis».

XLII — «Mandou construir um pagode a Umápatí (2) com o nome, de Gand-Brihaspatí, com sã consciencia egual á dos homens dos tempos de *Satya-Yug* (3).

XLIII — «Em memoria do nascimento de Umá — mulher de Brihaspatí — e para a sua propria felicidade (4), como o maior dos homens virtuosos, mandou construir o pagode de Uméshvará.

XLIV — «N'este mesmo logar, mandou construir em seu nome um pagode de Tripurantakeshvár (5), e outro em memoria de sua esposa, com o nome de Rameshvár» (6).

XLV — «Este rei, cujo pensamento estava sempre em Siva, fez ahi construir mais cinco pagodes (7): — de Go-

---

(1) Siva.

(2) Marido de Umá; isto é, tambem Siva.

(3) *Satya*, «verdade», *yug* «tempo», d'onde *Satya-yug*, a era hindú denominada a edade d'ouro, «epocha aurea». O pagode fôra edificado com toda a pureza de intenções, como se usava praticar na edade aurea.

(4) De Cartikrashi.

(5) Do «senhor» Tripurantaka. Nome do proprio rei Cartikrashi, como encarnação de Siva (vej. *shloka* 21).

(6) De Rama, mulher de Kartikrashi (vej. *shloka* 38).

(7) Temos duvidas sobre esta versão. No texto não ha a palavra «pagode», mas tambem não ha nenhuma com a significação de «estatua» ou «idolo», que Bühler suggere dizendo que cinco estatuas, com os nomes, que damos como dos cinco novos templos, foram collocados nos *antarâlas* (vestibulos interiores) dos templos de que fallam os *shlokas* 41 a 44. Este ponto fica ainda confuso.

rakshâk (1), de Bhairâv (2). de Anjaneya (3), de Sarasvaty e de Sidhhi-Vinayâck» (4).

XLVI—«Pela entrada dos ditos pagodes, do lado do norte, fez construir um portico, sustentado por magnificas columnas».

XLVII — «Para banhos diarios a todos aquelles deuses ajustou o serviço de conducção de dois *Kavâds* (5) de agua, e *kolini* (6) para varredura diaria dos pavimentos dos pagodes».

XLVIII—«Para esses dois serviços foi ajustado um

---

(1) Fundador da seita dos Jogues. Ha um celebre templo de Gorakhnath em Gorakh-pura, ao norte de Benares, que a tradição hindú dá como fundado pelo proprio Siva.

(2) Nome de Siva, como symbolo do terror, e tambem de um dos guardas d'este deus (*gûn*). Talvez aqui esteja n'esta accepção.

(3) Nome materno de Hanumam, o deus macaco dos hindùs, filho de Pavân (o vento) e Anjana. Este nome anda muito ligado ao de Rama.

(4) Ganez.

(5) Do guzerathe કાવડ. Bambú que os carregadores trazem aos hombros com pesos nos extremos, suspensos por cordas ou fundas. E' ao que em Macàu chamam *patinga*. Corresponde ao hindustân *bahangi* e ao maratha *banji*; ao tamil *kavádi* e ao sanshrito *vivadha*. No Guzerathe representa a carga de dois calões de agua.

(6) Esta palavra tem aqui um sentido dubio. O pandita Ramgy dá-lhe, na versão guzerathe, a significação de mulher da casta côlle, contractada para varrer os pagodes, e Bühler traduz por equivalente de *kolamayi*, feito de *kola*, isto é, de ramos da jujuba, macieira da India (*jujuba ziziphus*), dando-lhe a significação de vassoura. Esta forma é, talvez a melhor, em vista do sentido do verso 48.

batuk (1) intelligente, com a paga mensal feita tres partes em *naivedya* (2) e a quarta em dinheiro».

XLIX — «Para diariamente fornecer a esses pagodes o sandalo necessario (3) aquelle rei caritativo estabeleceu a oblata mensal de oito *drumms*» (4).

L — «Para fornecimento de flôres contractou com os jardineiros, que ahi moravam, a entrega diaria de duzentos *sattapatra* (5) e dois mil *kanavira*» (6).

LI — «Para trazer flôres de jardim estabeleceu seis *drumms* por mez ao . . .» (7).

LII — «Dois *manácks* (8) de arroz com casca, um *manách* de mugo, quatro *karshás* (9) de manteiga e egual porção de azeite para luzes» (10).

---

(1) Rapaz, garôto.

(2) Comida que depois de offerecida em sacrificio diario a Deus se torna sagrada e é em seguida offerecida ao pessoal do pagóde. Em hindustani *Nai Vedya*.

(3) Não se poude ler o resto do texto. Ha uma palavra — *mapagaka* — que se não poude traduzir.

(4) *Drumm*, moeda antiga do Guzerathe cuja equivalencia não nos foi possivel estabelecer.

(5) Rosas brancas (flor de lotus?).

(6) Lirios.

(7) Não se poude ler o texto restante.

(8) Medida do Guzerathe. Aqui deve ser — «um calão» — egual a 5 manás, derivado do guzerathe *mân*, «vasilha de barro».

(9) Peso antigo correspondente a 180 grãos *troy*, ou 11,^{grs}660, ou a um *tolá*, que é o peso de uma rupia. Aqui vale o dobro, segundo as autoridades citadas por Bühler, isto é, a 4 *Karshás*=*8 tolás*.

(10) Os *shlokas* 52 53 formam um unico verso e, por isso, só o segundo dá o sentido completo da oração.

LIII —«Cinco arecas de boa qualidade. Todos estes objectos devem ser fornecidos diariamente do deposito ahi existente ao *pujari* (1) — um juizi mparcial dos merecimentos dos outros».

LIV —«Para os mesmos pagodes, estabeleceu o fornecimento de duas mãos de *gugôl* (2), por mez, para incensar. Nestes termos é que este rei poderoso exercia a caridade».

LV —«Tambem contratou com um *Mhér* (3) o fornecimento diario, para estes pagodes, de 50 folhas boas de betle (4) para *vidós*» (5).

LVI —«Para sustento dos animaes d'esses pagodes deve-se entregar ao *pashupâl* (6) ... trazendo do deposito» (7).

LVII — «Deve-se entregar todos os dias ao *pashupâl* um *manáck* de arroz ... (8) em dinheiro e dois *karshás* de manteiga» (9).

---

(1) Ou *pajali,* sacerdote, do sanskrito *puj*, «adoração hindú».

(2) Incenso gommoso. Do sanskrito *guggulu.* Corresponde ao *bdellium* dos antigos escriptores gregos. É o *Balsamodendron Mukul* de Hooker, o *mukl* dos geographos arabes.

(3) No texto *Mehara*, a casta *Mhér* do Kathiawár.

(4) Ou betel, o *Piper betel* de Linneu que Garcia da Orta tão bem descreve nos *Coloquios.*

(5) Do sanskrito *bîták.* Folhas de betle dobradas em triangulo e contendo areca, cal, cardamomo etc. muito usado por todos os indios. É o actual e cortez *pán-sûparí.*

(6) Em sanskrito e guzerathe significa pastor, mas aqui deve ser *pashupâti*, sacerdote, ministro da seita dos *Pashupátas.*

(7) Illegivel.

(8) Ib.

(9) Bühler falla aqui em duas medidas de mugo.

LVIII — «Todos esses artigos devem ser offerecidos aqui como *naivedya* e as comidas devem ser bem e cuidadosamente cosinhadas pelo *batûk*».

LIX — «Depois de se fazer *naivedya* de toda esta comida, deve ella ser dada ao *pashûpal* e ao *batûk*» (1).

LX — «Elle, o maior dentre os homens virtuosos, instituiu que, por ordem do sacerdote Chatûrjaták, se desse diariamente um *drùmm* ao *choquikarnar* (2) do *mandâp*» (3).

LXI — «Aquelle rei virtuoso e magnanimo tambem estabeleceu o salario mensal de nove *drûmms* ao *batûk* ...» (4).

LXII — «Ao sacerdote, para fazer orações bem feitas, fixou a mensalidade de quinze drûmms».

LXIII — «Para a familia do sacerdote Chaturjaták e seus filhos foi estabelecida a mensalidade de quinze *drumms*» (5).

LXIV — «O mesmo rei, em signal de sua alegria, comprou tres *hatdãs* (6) e os entregou ao sacerdote Chaturjatáka».

LXV — «D'estes tres *hatdãs,* o illustre Chaturjatáka, que tinha fé em Deus, deu o melhor aos jardineiros para n'elle guardarem flôres e outros objectos de devoção diaria».

---

(1) Não se percebe o resto do texto.

(2) Guarda do templo, sypae.

(3) No sanskrito *Mandapika-shitaqui,* guarda do *mandâp*, que Bühler traduz por alfandega (*custom house*). Parece-nos melhor a versão guzerathe.

(4) Faltam palavras.

(5) Bühler dá outra versão.

(6) Boticas, pequenas lojas ou vendas de mantimentos.

LXVI — «Os *mahajan* (1) tambem deram um *drumm*, por cada uma das suas boticas, como *pavitradan* (2) para concorrer para as festas dos dias de lua de *Chaitra* (3) e *Bhâdravô*» (4).

LXVII — «No dia de *Sivarátrí* (5), deve-se dar ao Chaturjaták areca do deposito, e o betle para *vidó* deve ser dado pelo *Mehrán*» (6).

LXVIII — «Tres *Vanikas* (7), com intenções puras, devem ornamentar as suas boticas com rozarios de flôres, côcos e figueiras, nas tres procissões do Sri-Somnáth» (8).

LXIX — «O *Pashupâl* (9) deve fazer as adorações,

---

(1) Negociantes, mercadores, litteralmente «um grande homem» (Balfour).

(2) Do sanskrito *pavitraka*, «puro» e *vistaram*, esmola; em guzerathe *pavitradân*, dadiva pura, sem interesses reservados.

(3) Mez de *Chait* entre os hindús, quando o sol entra em Piscis, corresponde a março abri entre nós.

(4) Mez hindú de *Bhadrapada*, quando o sol entra em *Sinha*; corresponde ao sanskrito *Varsha*, a terceira estação do anno solar hindú.

(5) Vid, cap. III, *in fine*.

(6) Homem de casta *méhr*, que vende betle.

(7) Ou *wanika*, é propriamente o nome de uma tribu africana da costa de Suhaili, mas aqui significa o mesmo que *mahajan*, o banqueiro ou mercador *baniane*; do sanskrito *vanij* «um mercante». Em guzerathe *vanyo* ou *vannio* de que nós, portuguezes, fizemos *banianes* do plural *vâniyan*. Em mahráta *vani* ou *wani*.

(8) Glorioso (deus) Somnáth.

(9) Aqui é claro o sentido d'esta palavra. Vej. nota (6) ao verso 56.

segundo o rito usual, ao deus Somnath, e depois é que deve subir as escadas do glorioso Deus» (1).

LXX — «Aquelle rei (2) deu a Chaturjataka um *dharmsthan* (3) para occorrer ás despezas dos concertos necessarios nos pagodes, depois das festividades dos mezes de *Chaitra* e de *Bhadravô*.

LXXI — «Aquelle rei, com a sua riqueza, adquirida honestamente, fez este *dharmsthan* e esta *sasana* (4), e porisso a bandeira da sua fama, adquirida com a pratica d'estes actos benemeritos, resplandece como a lua cheia».

LXXII — «Aquelle rei construiu uma capella á deusa da sua particular veneração (5), no centro do pagode onde se celebra a fama do illustre Ganda Ranaka

---

(1) Isto é, feitas as orações deve subir as escadas da capella do *linga*.

(2) Cartikrashi, encarnado em Tripurantaka (Siva).

(3) Do sanskrito *dharma* (caridade, virtude, acquisição da virtude e merito religioso) e *sthan* (logar, estação) e d'ahi *dhramsthan*, terras cujos rendimentos são destinados a obras pias; assim como *dharmasala* significa edificio construido para um fim religioso e caritativo (o *karavansará*, para descanso de viajantes).

(4) Do sanskrito *shasana*, sign. propriamente uma pedra, chapa de cobre ou latão, em que se gravam inscripções, edictos dos reis, etc.. Aqui refere-se ás prescripções estatuidas nos versos anteriores e tem a significação de «ordem». Vid. o classico vocabulario sanskrito, *Amarkosha of Amarshing*, publicado pelo *pandita* Ramashwarapa Bholanath (Bombay, 1899). A significação literal será a de *prasásti*. Vid. pag. 175, nota (1).

(5) Bühler diz «deus da sua propria adoração»; isto é Siva.

Brihaspáti (1), que é ornamento das margens do lago do rei Sarang, e um *vilasgraha*» (2).

LXXIII — «Recordando as excellentes qualidades d'este santo homem (3), tanto Vishnú como Lakshmi e outros deuses ficam alegres».

LXXIV — «O mundo inteiro ficou purificado com as devoções d'este rei, gosando todos de uma felicidade que brilhava como a lua cheia em noite de terral» (4).

LXXV — «Com as boas expressões que sahiam da bocca de Somarca, como se fossem raios da lua, foram compostos os versos d'este *prasasti* por Dharnidhar, filho de Dhamdhá».

LXXVI — «Este *praṣasti* foi escripto pelo *Mantri* (5) Vikram, filho de Puransingh, e gravado pelo artista (6) Punsingh, filho de Nahad (7).

Segunda-feira, quinto dia da primeira quinzena do mez de Magh de 1343 de Vickram-Samvát (8).

---

(1) Bühler traduz *ganda* por padre (*priest*) e cita a opinião de Indraji a proposito do *shloka* 43, mostrando haver dois *gandás* com o nome de Brihaspáti: um do tempo de Jayasinha e de Kumarapala, e outro (o da nossa inscripção) do reinado de Sarangdeva. Ora isto é exacto, como já vamos mostrar; porém ambos os Brihaspátis teem o nome proprio de Ganda, e d'ahi a confusão apparente de Bühler. Cf. *Epigraphia Indica*, I, 276; *Chronology of India*, 158; *Bombay Gazetteer*, I, P. I, 189, 190 e 193.

(2) De *vilás*, «prazer» e *graha*, «casa», «casa de recreio».

(3) Cartikrashi.

(4) *Sarád ratrí*, noite do tempo frio (terral).

(5) Secretario.

(6) Do guzerathe *karigár*, artifice.

(7) Aqui acaba o ultimo verso. O resto é em prosa.

(8) Segundo os calculos do Dr. Schram corresponde á

Por esta inauguração do *Linga*, ficou sendo este dia de grande regosijo».—

*

* *

É esta a primeira vez que se dá uma traducção completa da inscripção sanskrita da Penha Verde (1) e temos a satisfação de o fazer em portuguez.

Por ella salta á vista a phantastica versão de Wilkins e, se não nos atrevemos a corrigir o mestre da epigraphia indiana—Bühler—, damos noticia da significação vernacula (guzerathe) de alguns termos que elle, com grande probidade scientifica, confessou ignorar. Referindo-se em especial á relação das deixas feitas por Cartikrashi (Tripurantaka) diz Bühler:—«*I believe that the only chance of clearing up all the difficulties would be enquiries on the spot among the priests of Somnâth and of other Saiva establishments in Kâthiâvâd and Gujarât. As I am not able to institute such, my translations and explanations must remain in some cases merely tentative, and in other cases I have to confess my ignorance*» (2).

Foi o que nós fizemos, consultando os dois brahmanes de Diu, cujas versões damos em appendice. É a nossa traducção perfeita? Não; pois ha lacunas no decalque e caracteres mal copiados. Mas o sentido do

---

segunda-feira, 20 de janeiro de 1287 A. D., e não a dezembro de 1286, como disse Wilkins.

(1) Bühler não dá as traducções dos *shlokas*, 1–3, 23–33, 36–46 e 73–76 e Wilkins fez o mesmo de 24–29, 48–69 e 73–76, o que mostra a importancia relativa da nossa versão.

(2) *Epigraphia Indica*, I, 276–277.

valioso *prásasti* não é sensivelmente prejudicado com isso e o nosso estudo não pode deixar de ser considerado como um subsidio apreciavel para a lição final e decisiva.

Da leitura da inscripção não pode ficar duvida alguma de que ella se refere á construcção de templos em Somnáth-Patane. O *shloka* 40 é explicito:— foram cinco os pagodes construidos e é ao de Tripurantaka (*shloka* 44) que a lapide se refere em especial. Fica assim totalmente excluida a idéa de que a pedra pudesse ter pertencido á Elephanta; mas como as leituras de Wilkins e Bhagvânlal Indragi foram incorrectas e a de Bühler ainda é discutivel em alguns pontos (1), será bom acompanharmos o *prásasti* desde o começo, cotejando a presente versão com aquellas tres.

Começa por uma pequena saudação, em prosa, a Siva, no estilo corrente hindú, e os tres primeiros versos formam um *mangala* (2). Segue-se a genealogia dos reis da dynastia dos Chaulukyas do Guzerathe até Sárangdêva, e isto occupa na inscripção até o verso 13. N'elles ha de importante o estabelecer-se a identidade entre Visaladeva e Vishvamâll, tio de Arjunadeva (3), o que é um ponto importante para o estudo das dynastias dos Chaulukyas e Vaghelás, que se prendem com a historia antiga de Diu. A referencia á seita dos Pasupatas parece-nos confusa, se bem que o sr. professor

---

(1) Infelizmente não possuimos a leitura do sr. Vasconcellos Abreu.

(2) Propriamente é a oração matutina do hindú, aqui significa «saudação», «poemas de bençãos»,—Patel, *Dic. Guzerathe*.

(3) Vid. nota (3) a pg. 178.

Vasconcellos Abreu considera-a como um ponto interessante para a historia litteraria da India (1).

Do verso 19.º até ao 22.º se conclue a genealogia e merecimentos do autor das construcções celebradas na lápida, que vamos agora vêr claramente quem era, pois se tem feito grande confusão com o seu nome. Segundo Indragi é o *Ganda* Tripurantaka quem dedica um templo a *Tripurântàkéswara* (2); segundo Bühler é um asceta sivaíta chamado Tripûrantaka que ergue cinco *lingas*, portanto cinco templos, em Somnath-Patane (3). A nossa versão desfaz o engano: — quem constróe os cinco pagodes é Cartikrashi, que é uma encarnação de Tripurantaka, representando este nome uma das encarnações de Siva (4). Wilkins traduzia mal o *shloka* 22 mas no anterior approximou-se bastante da versão exacta (5). O facto de Bühler não ter traduzido integralmente o *shloka* 44 concorreu para que o engano não ficasse esclarecido, como agora fica com a versão completa d'esse *shloka* e dos numeros 21 e 22.

A peregrinação de Valmikirashi e Cartikrashi devia começar em Anahilvará-Patane e o percurso indicado nos versos 23 a 33 esclarece o local da existencia puranica de alguns dos doze *lingas* principaes, ou *jotirlings*, em que fallámos no capitulo III. Em notas a esses versos esclarecemos alguns pontos aos leitores menos versados na mythologia indiana; pois este nosso trabalho

---

(1) *Summario*, 53.

(2) *Archaeological Survey of Western India*, n.º 9, pg. 104.

(3) *Epigraphia Indica*, I, 271.

(4) Vid. versos 21–22 e nota (6); verso 44 e nota (5).

(5) *Travels in Portugal*, verso 21–22, sobre o decalque de Murphy.

não é só escripto para os especialistas, mas é uma monographia de vulgarisação.

Um outro ponto a esclarecer agora (1) é o relativo á entidade Brihaspáti, que Bühler não explica cabalmente e que o nosso estudo especial sobre a historia antiga do Kathiawár póde resolver aqui. No verso 34 falla-se no *sexto pagode grande*, existente em Prabhás (Somnáth), onde está *tambem* o illustre Ganda Brihaspáti Ora istò mostra já, claramente, que esta personagem é anterior á epocha dos successos a que se refere o *prasásti* que estamos a discutir, e, portanto, é individuo diverso d'aquelle a que se referem os versos 42 e 43. — Indraji dá-lhe o nome de Ganda Bhâva Brihaspáti e acrescenta *who lived in the time of Kumarapála* (2); Bühler não desiste de traduzir *ganda* (sic) por sacerdote e estabelece a differença entre os dois Brihaspátis pelos nomes diversos das suas respectivas mulheres: — a do mais antigo chamava-se Mahâdevî, filha de Sodhala (3); a da personagem da nossa inscripção chamava-se Umá (4). Ambos teem razão; mas ha melhor argumento para estabelecer as respectivas identidades e Bühler, parece-nos, traduz mal *Ganda* — por nome commum.

Ganda Bháva Brihaspáti é o brahmane de Kanój que governou em Somnath-Patane, como logar-tenente do rei do Guzerathe, quando Kumarapala, a instigações do *acharya* Hemachandra (5), resolveu reconstruir o

---

(1) Vid. *shloka* 72, nota (1), a pg. 194.

(2) Cit. *Archaeological Survey*, 104.

(3) Verso 35 do *prasásti* Somnâthpattan (sic), in *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, III, 8.

(4) Vid., *shlokas* 42 e 43.

(5) Vid. cap. I, pg. 18-19.

pagode (principal) de Somnáth. Foi elle o presidente do *pánchakula* (1) encarregado de assistir e dirigir a reconstrucção do famoso templo e foi quem recebeu a historica visita de Kumarapala, no dia da sua inauguração, e durante as grandes festas ahi realisadas. Pertenceu á seita philosophica dos Pashupátas, foi preceptor espiritual dos reis de Malvá e grande amigo de Sidharája Jayasinha (2). A este Brihaspáti (3) se refere uma outra inscripção de Somnáth, no templo de Bhádrákali, datada de 1169 A. D. (4). Foi elle um dos que protestou mais vehementemente contra a conversão de Kumarapala (5) ao jainismo, mas teve de prestar depois obediencia a Hemachandra, e, em seguida á sua morte, os seus descendentes continuaram a ser sacerdotes do templo de Somnáth (6). Isto passava-se um seculo antes de ser gravado o *prásasti* que estamos a estudar, e cujo *shloka* 34 se refere bem claramente ao assumpto. O Brihaspáti do *shloka* 42 é um descendente de Ganda Bhava Brihaspáti, que herdára o cargo de sacerdote de Somnath e chamava-se Ganda Ranaka Brihaspati, como explicitamente se diz no *shloka* 72, que Bühler traduz antepondo

---

(1) Conselho dos cinco.

(2) Filho de Karnadeva I e antecessor de Kumarapala.

(3) Ou Vrihaspati, que Wilkins traduziu mal com a graphía ingleza Vreeshapatee (Vreehaspati). Bühler e Duff conservam a forma Bhava Brihaspáti. Cf. *Epigrahia Indica,* I, 276; *Chronology of India,* 158.

(4) Cf Tod, *Travels in Western India*, 504-505; *Rajast'han,* I 705; Forbes, *Ras &Mala*, I, 190-191; Dosabhai, *History of Gujarát*, 35.

(5) A este respeito cf. Vincent, *Early History of India,* 161.

(6) *Early History of Gujarát*, no *Bombay Gazetteer,* I, P. I, 190, 193.

ao nome proprio *Rânaka* o qualificativo *ganda* (1), o que causou a confusão que acabamos de salientar.

Da má leitura que Wilkins fez do grosseiro decalque de Murphy, resultou, a este respeito, a grande confusão que Kopke faz com relação a Brihaspáti, a quem chama Ganda-ranaka-vrihaspati (sic), que dá como o provavel fundador da Elephanta! (2). Fica agora liquidado este assumpto.

A data da inscripção tambem foi materia de varia discussão. Wilkins deu-lhe a correspondencia de dezembro, 1286 A. D. (3), que foi seguida por Köpke (4), e Bhagvanlál Indraji verteu assim: — *Vikram Samvat era 1343, 5th Mágha S'uda* (5). A palavra *S'uda*, ou *Sudi* em hindustani, significa, ao pé da letra, — «o crescimento do brilho da lua na metade do mez lunar» —, portanto, o periodo que vae da lua nova á lua cheia. O sr. professor Vasconcellos Abreu leu *Vikrama Sãvat 1343* (6), onde Wilkins lêra — «Sree Vickrama 1343 a 5 da nova lua do mez de magha» — E' a mesma cousa, e aos leitores menos familiarisados com a chronologia hindú dizemos aqui que a éra de Vickrama, correntemente empregada ainda hoje no Hindostão, começa 57 annos A. C. (7) e toma o seu nome do principe Vickramá-

(1) *Epigraphia Indica*, 279.
(2) *Roteiro* cit., 266.
(3) *Cintra Pinturesca*, 68.
(4) Op. cit.
(5) Cit. *Archaeological Survey.*
(6) *Summario*, 53.
(7) Muitos autores anglo-indianos contam esta éra a partir do anno 56 A. C.; mas seguimos a autorisada opinião do sábio *pandita* Dr. Bhandarkár, que marca a origem exacta no

ditya, que então reinava em Ujain. Por abreviatura diz-se usualmente *Vikrama-Samvat,* do sanskrito *Samvatsara* — «um anno» — A lápida tem, pois, a data de Vikram Samvát 1343, ou

V. S. 1343–57 = 1286 A. D.

Vejamos agora a data correcta. Os annos hindús são lunisolares e o mez de *Mâgh* corresponde ao decimo mez do anno hindú, quando o sol entra no signo de Capricornio, que é, como se sabe, a 21 de dezembro do nosso calendario. Mas, segundo o anno lunar (e é este o computado para o nosso caso) corresponde á epocha em que a lua cheia está proxima do asterismo de *Mâgh*, que é entre janeiro e fevereiro; portanto o quinto dia da primeira quinzena do mez de mâgh de V. S. 1343 não pode ser em dezembro, como traduziu Wilkins, mas sim deve ser na ultima quinzena de janeiro ou primeira de fevereiro. Além d'isso, a contagem da era de Vickram é um pouco differente no sul e no norte da India (1) e, feitas essas correcções, achou o dr. Schram (2) que a data correcta da nossa inscripção é:

Segunda feira, 20 de janeiro de 1287 A. D.

A importancia principal d'esta lápida não é sob o ponto de vista chronologico, mas sim genealogico. Por ella se estabelece claramente a successão da dynastia dos Chaulukyas do Guzerathe, no ramo intruso dos

---

anno 57 A. C.—Cf. *Report on Sanskrit Manuscripts, 1883–84*, pg. 158–160; Elphinstone, *History of India*, 158, 229: Balfour, *Cyclopaedia of India,* III, 515; M. Duff, *Chronology of India,* 18, etc.

(1) Cf. *Corpus Inscriptionum Indicarum,* 84–88, vol. III.

(2) *Epigraphia Indica,* I, 279.

Vaghelás (1), e o *prasásti* de Cintra recebe, graças aos trabalhos do portuguez Vasconcellos Abreu e allemão Bühler, a consagração scientifica na valiosa epigraphia indiana (2). A sua importancia chronologica não é, porém, tão pequena como Bühler quer indicar (3). É, como todas as inscripções de Somnath (Viravol), de grande valor historico, para o Kathiavar em geral e para Diu em especial. Como já dissemos (4) foi o coronel inglez Tod quem descubriu e primeiro estudou as inscripções de Somnath, em 1822, e deu d'ellas traducção commentada em 1829, que mais tarde completou (em 1839) (5), sem fallar na inscripção de Cintra, que só em 1879 foi mencionada por Bhagvanlâl Indraji (6). De todas as inscripções de Somnath a mais importante, sob o ponto de vista chronologico, é a encontrada por Tod

---

(1) Vid. *shlokas*, 8, 9, 10, 12 e13 e cap. I, 21–22.

(2) Com o nome de *Cintra prasásti* é citada por Duff, na *Chronology of India*, 204; e Indraji a cita como prova historica para a genealogia dos Vaghelás do Kathiawar, no *Bombay Gazetteer*, I, P. I, 205. Entre nós ou era desconhecida ou citada, erradamente, como sendo da Elephanta.

(3) *Epigraphia Indica*, 279: »This date is not of great historical importance, because according to the chronicles, Saranga ruled for 20 or 22 years until 1296–97 A. D,» — Ora esta data é que, precisamente, foi esclarecida pela nossa lápida e só depois é que se estabeleceu, na lista dynastica dos Chaulukyas do Guzerathe, o reinado de 1274–1296 A. D. para Sarangdêv.

(4) Vid. atraz pags. 8-9.

(5) *Rajas'than* (*Annals of*), I, 705; *Travels in Western India*, 352, 419.

(6) Burgess, *Archaeological Survey of Western India*, n. 9, P. 104.

no templo de *Harsata* (1), com a data escripta em quatro eras differentes, uma das quaes apparecia em diversos manuscriptos do Guzerathe sem se poder, até então, converter para a éra de Christo:— o anno *Valabhi*. A lápida refere-se tambem a Somnath e a certos tributos e isenções annexos ao templo (2) e tem as datas:

662 do Propheta, 1320 do rei Vickram,
945 da famosa Valabhi e 151 do illustre Simha.

Estas quatro datas correspondem-se, na verdade, representando a primeira a maneira de contar dos mussulmanos, a cuja religião pertencia o autor da inscripção, Piróz, um armador de navios de Ormuz que construiu uma mesquita em Somnath, para ser mantida com certas taxas impostas ás casas de commercio de Somnath-Patane (Viravol); a segunda representa a maneira de contar da região, a antiga Saurashtra (Kathiawar); Valabhi é o nome da provincia (3) e Simha da localidade. Assim, temos, para o meiado de 1264 A. D.:

1264 A. D. = 1320 V. S. = 662 H.

A éra de Valabhi começa em 318—319 A. D., e a de Simha em 1113 A. D., portanto:

945 V. S. + 319 = 1264 A. D.
151 S. S. + 1113 = 1264 A. D.

---

(1) Ou Harsutá. Cf. *Corp. Inscrip. Ind.*, 84; *Bomb. Gazet.*, 203.

(2) A traducção, muito commentada, d'esta importante lápida pode-se vêr nas citadas obras de Tod. Raro é o livro de historia da India que hoje não falle n'ella. Um estudo moderno e completo pode-se vêr no *Corpus Inscriptionum Indicarum*, vol. III, 84-90, por J. Fleet. Cf. tambem, B. Indragi, *Early Hist. of Gujarát*, 204; *Indian Antiquary*, XI, 241 e seg., XVI, 147, 148; e *Chron. of India*, 202.

(3) A inscripção diz litteralmente — «cidade famosa» —

Feitas todas as correcções, achou Fleet (1) que a data completa da curiosa pedra é:

Domingo, 25 de maio de 1264.

A conversão das duas ultimas éras seria ainda um problema a resolver se não fosse a descoberta e leitura d'esta pedra de Somnath, que só tem mais 23 annos que a da Penha-Verde.

Ainda mais um assumpto a resolver. A que templo de Somnath pertencia a lápida de Cintra? Parece que não pertencia ao templo grande, ao *sexto pagode grande* a que se refere o verso 34 da inscripção, mas sim ao templo de Tripurantaka ou de Tripurantakesvár, a que se refere o shloka 44. E' possivel, porém, que ella estivesse no pagode principal quando os portuguezes a tiraram de Patane (Pôr Patane), pois algumas ahi se teem encontrado recentemente que pertenciam originariamente ao grande pagode de Somnath. Assim a inscripção do templo (2) de Bhadrakali (3), a que atraz nos referimos, encontrava-se tirada do seu logar primitivo, e Tod, em 1822, mencionou mais duas, em Billawull (Viravôl); uma de 1246 A. D. e outra de 1264 A. D., ambas pertencentes ao templo de Somnath (4).

---

referindo-se a Valabhî ou Balabhî qne Tod traduziu; — «Balabhi, the Balhara kings of Nehuvalla», — (*Rajas'than*, 706, vol. I).

(1) Cit., *Corpus Inscriptionum*, 90.

(2) Propriamente um *mundum*, ou *mundava*, recinto aberto para adoração de certa divindade hindú, correspondente aos nossos *passos*, nas procissões.

(3) Do sanskrito *Bhadra* (deus)+*Kali* (a *sakti* de Siva, Kali).

(4) «Originally taken from the temple of Somnath», *Travels in Western India*, 506-507.

Modernamente tambem parece que os inglezes ahi representaram o papel que tão exaggeradamente nos attribuiram na Elephanta, pois Briggs censura alguns compatriotas seus que tiraram inscripções do templo (1). Antes d'elles andamos nós, portuguezes, por lá, e d'isso é prova irrefragavel a lápida da Penha Verde, cuja importancia acabamos de salientar.

Já vimos que fôra um inglez, Wilkins, quem primeiro notára em Cintra a pedra indiana e foi tambem um inglez, Burgess, quem primeiro tornou do dominio publico a leitura do *pandita* Indraji, em 1879, com o fim de incitar os competentes a obter um decalque mais perfeito do que o de Murphy, ou uma copia photographica do original (2). Antes d'elle já o Visconde de Santarém tentára isso, como vimos, em 1845, mas não sabemos se o sanskritólogo francez Langlois chegou então a apresentar algum trabalho n'esse sentido (3). Á chamada de Burgess veio o sr. professor Vasconcellos Abreu, cujo trabalho foi aperfeiçoado por Bühler e aqui tentámos completar, acabando com a lenda de Elephanta que ainda em 1905 acompanhava a bella pedra, cuja importancia historica já vimos.

Não teve, pois, razão Kopke quando afiançou, peremptoriamente:— «*Ora esta pedra é evidente a mesma que hoje em dia se vê em Cintra e cuja inscripção, escrip-*

(1) *Transactions of the Bombay Geographical Society*, 1844-46, art. I, cit. por H. G. Briggs, in *The Cities of Gujarashtra*, 198, nota.

(2) «The inscription is produced here to direct attention to it, and if possible to lead to the securing of a good rubbing, or photograph of the original»,—Burgess, art. *Sanskrit Inscription from Cintra*, no cit. *Archaeological Survey*, 104.

(3) Almeida d'Eça, *Cartas do V. de Santarem*, 103, 104, 110.

ta em lingua Sanscrita e no caracter Diva-nagari (sic), *sendo resumidamente traduzida por Charles Wilkins, vem copiada com essa traducção, nas Viagens de James Murphy em Portugal. Della se conclue que o Templo foi feito ahi pelos annos de 1286*» (1).

A pedra refere-se a Somnath e não á Elephanta. Nem este nem aquelle templo foram construidos em 1286. A data do *prasásti* de Cintra refere-se a um templo que tinha já, pelo menos, tres seculos de existencia. Por Kopke não conhecer a theogonia hindú, nem a historia do Guzerathe é que cahiu tambem na incorrecção de affirmar que a inscripção «*explica muitas das figuras em relevo que no templo* (de Elephanta) *se veem*» e em outro logar que «*Vrihaspati fosse o primeiro edificador, e que Tripurantaka depois dotou e...ornou o templo*» (2). São dois dislates avançados á tôa e só com o fito de identificar a pedra com o templo de Elephanta; pois nem em Somnath havia já os relevos a que se referia Kopke (se é que ahi existiram algum dia), nem Brihaspati foi um edificador por conta propria, mas sim um executor de Kumarapala na reconstrucção de Somnath, depois do *raid* de Mahmude.

Tambem não tem razão o sr. coronel Fernando Leal quando escreve, referindo-se á procurada lápida de Elephanta: — «*E' a inscripção sanscrita de Cintra, que lá vi em 1891, na quinta da Penha Verde*» (3). Já provamos que ella não era de Elephanta e acabamos de mostrar que não foram tambem — *tentativas vãs de traduc-*

(1) *Roteiro de Goa até Dio*, 266.
(2) Loc. cit.
(3) *O Heraldo*, de Pangim, atraz citado.

ções fantasistas da inscripção de Cintra, copiadas pelo engenheiro inglez das «Travels in Portugal» (1) — que fizeram com que chegassemos a esta conclusão. A traducção de Wilkins foi, na verdade, muito phantasiosa em alguns pontos, mas não deixou margem para a conclusão do sr. Fernando Leal; a de Indraji, feita mais de um seculo depois, avançou bastante sobre a de Wilkins, e só annos depois, mas 15 antes do escripto do sr. coronel Leal, é que appareceram as lições do sr. Vasconcellos Abreu e Bühler, feita sobre o decalque do primeiro d'estes sanskritologos. Como veremos d'aqui a pouco, o sr. Fernando Leal tambem não é feliz no *methodo geometrico* que propoz para resolver a duvida ácerca da lápida de Cintra, que diz conhecer de vista.

E aqui terminamos com o estudo da lápida de Somnath-Patane, existente em Cintra, na celebre quinta de D. João de Castro.

*
* *

Não são tão completos os dados que colhemos relativos á origem da inscripção indiana, que está á esquerda do caminho que conduz á ermida da Senhora do Monte, na Penha Verde. Não as conhecemos *de visu* e, portanto, não podemos fazer uma comparação relativa á apparencia das duas pedras. Tambem não ha um desenho, nem photographia d'esta lápida mais pequena. A este respeito escreve o sr. professor Vaconcellos

(1) Já dissemos atraz (pg. 160) que o sr. Fernando Leal tinha conhecimento da opinião do *pandita*, que indicava a lápida como sendo de Somnath. Esse pandita era Bhagvanlâl Indraji.

Abreu: — «*Da inscripção menor, a qual tem baixos relevos, hei de tentar brevemente tirar uma photographia, porque as estampagens, que d'ella tenho feito, não se podem aproveitar no estudo*» (1). A pedra mereceu, pois, já a attenção de um erudito portuguez; mas infelizmente parece que o seu máu estado de saude fez com que elle não continuasse as suas investigações (2). Estamos, portanto, reduzidos a simples conjecturas.

Ha um autor portuguez que affirma ter sido enviada para Portugal uma inscripção que existia á entrada do templo de Elephanta:— é Diogo do Couto. Outros, tanto portuguezes como estrangeiros, seguiram essa opinião que tem, pois, valor historico e firma a convicção de que a pedra ou se perdeu, ou existe esquecida em algum recanto de Portugal. Sabe-se, e nós o salientamos atraz, o amor de D. João de Castro pelas antiguidades orientaes; reparou elle na inscripção do *vihára* de Salcete = «*e em meio desta alpendorada hum letereiro casi apagado da longura do tempo*» (3) =, e nas dos *dhagóbas* que existiam perto = «*e nestes edeficios avia 15 letereiros, que todos se podem bem ler*» = (4); e apezar de nada dizer a respeito de qualquer inscripção no pagode de Elephanta, isso, quanto a nós, não destróe a hypothese d'elle a ter mandado arrancar do seu local e enviado para Lisboa. Apparece depois uma pedra oriental precisamente na propriedade dilecta do Vice-Rei, a qual parece approximar-se do estylo das construcções

(1) Citado *Summario*, 53.

(2) Cit. carta de 29 de janeiro ultimo, do sabio professor ao autor d'este estudo.

(3) *Roteiro* cit., 77.

(4) Ibidem, 80.

indianas notadas por elle =«*lavrados dobra romana*»=(1); isto é, contendo baixos relevos artisticamente cinzelados. Ha, além d'isso, a opinião seguida por muitos autores de que fôra o proprio D. João de Castro que mandára para Lisboa a inscripção da Elephanta. Pergunta-se, pois: — não será essa desejada pedra o «*letreiro Asiatico que se vê do lado esquerdo*» (2), na Penha Verde, contendo figuras em baixo relevo, que o Visconde de Juromenha descreve resumidamente? A sua summária descripção não evoca a lembrança d'essas soberbas imaginações que ornam as paredes e *capellas* de Elephanta?

Pelo menos, ha fundadas desconfianças que sim e, por isso, rejeitamos a hypothese, que tambem formulámos, da possibilidade de ter a mesma origem que a lápida maior que se vê á direita, e affirmámos que aquella deve ser a famosa lápida da Elephanta, que alguns escriptores confundem com a de Somnath, suppondo haver na Penha Verde só uma inscripção em sanskrito, e outros (a maioria) a ignoram ainda por completo. Aqui fica esclarecida a confusão, que tem dado logar a tão lamentaveis erros de critica historica.

Ainda outra duvida a resolver: — a pedra da Elephanta seria uma *estela* ou lápida inscripcional? Não ha razão para se hesitar na resposta: é uma inscripção, com ornamentações esculpturaes. Lá diz o nosso Couto: «*lhe tiraram huma formosa pedra, que estava sobre a porta, que tinha hum letreiro de letras mui bem lavradas, e talhadas ...*» (3). Juromenha explica mais detalha-

(1) Ibidem, 67, 69, 77, 80.
(2) *Cintra Pinturesca*, 60.
(3) *Decadas*, VII, P. I, 259.

damente, referindo-se á lápida menor da Penha Verde: —«*O* (letreiro) *que se vê do lado esquerdo tem huma figura de corpo maior, com huma no centro e duas aos lados de mais pequeno talhe abraçando-se todas mutuamente, cuja figura suppomos ser emblema da natureza. Mais abaixo hum circulo e huma meia lua que conjecturamos representar o sol e a lua ou o dia e a noite. Segue-se abaixo a Inscripção, e por baixo termina em hum quadro em que hum animal quadrupede se está amamentando aos peitos de huma mulher que parece afagallo, o que talvez represente o emblema da caridade*» (1).—Já acima dissemos que o sr. Vascsncellos Abreu confirma que a pedra tem uma inscripção com baixos relevos. Sobre este ponto não pode, pois, haver a menor duvida.

Só á vista dos baixos relêvos da lápida é que poderiamos conjecturar, com probabilidades de acerto, sobre a significação das suas imagens; mas, no emtanto, quernos parecer que Juromenha não rastejou a verdade. Quiz approximar os motivos da mythologia hindú da grega, com a qual, na verdade, muito se parece na significação, mas da qual muito discorda tambem na forma allegorica. O grupo de tres figuras não deve ser o emblema da Natureza, mas sim a indicação de que o templo era dedicado ao culto de Siva na forma masculina e feminina, isto é, Siva e Parvati, que devem ser duas das imagens do grupo, sendo a terceira Brahma, o sacerdote que os une matrimonialmente. É, como já dissemos, complicadissima a mythologia hindú e só conhecendo-se a fundo todos os recantos do seu vasto pantheon é que poderiamos fazer uma affirmação cate-

(1) *Cintra Pinturesca*, 60.

gorica a respeito do grupo em questão; mas parece-nos que andamos mais perto da verdade do que Juromenha. O circulo e a meia lua não devem representar o sol e a lua, isto é, *Surya* e *Chandra,* que tem allegorias definidas na mythologia hindú. Quanto a nós significa, respectivamente, *Argha* e *Sacti,* como representações menos obscenas do *Linga* e de *Yoni* (1).

O animal quadrupede amamentando-se aos peitos de uma mulher carinhosa, suppomos ser *Nandi*, o *vahan* de Siva, alimentado por alguma das encarnações inferiores de Parvati, na forma da divindade *Annapurna*, uma das sympathicas encarnações da deusa do Kailasa. Conhecendo-se a adoração especial dos sivaitas por *Nandi,* e recordando as legendas de Apis, no templo de Memphis, e de Mnevis, no de Heliopolis, não deve repugnar a approximação hindú da idolatria egypcia e grega. Mas não insistamos sobre isto, pois que se trabalha fundado em hypotheses não illustradas por documentos de vista. Os templos da India excavados em rocha são já hoje tão conhecidos que a comparação das photographias de Elephanta, Ellora e Ajanta com uma boa reproducção — em photogravura — da pedra enigmatica da Penha Verde resolveria o problema das allegorias mythologicas n'ella esculpidas.

Para o nosso caso o que fica assente é que Diogo do Couto assevera que existiu uma inscripção á entrada da Elephanta, a qual foi mandada para Lisboa; não sendo até hoje conhecidas outras inscripções indianas em Portugal, além das duas de Cintra, e sabendo-se, demais, que uma já foi traduzida e não é de Ele-

(1) Vid. cap. III, *passim.*

phanta, resta a hypothese muito provavel de que a outra o possa ser. Dos relevos que ornamentam esta pedra resalta tambem grande suspeita de que ella pertenceu a um templo sivaíta; o local onde hoje se encontra vem, finalmente, confirmar as desconfianças anteriores; isto é, que essa pedra deve ser a famosa inscripção elephantina.

O que dirá a pedra? Parece impertinencia a pergunta feita; mas hypotheses sobre o seu texto não teem faltado. Indicaremos duas.

Couto, fallando do *vihára* de Salcete (Khaneri), diz que praticára com varios banianes de Cambaya os quaes conheciam de vista os templos do Dekan, Guzerathe e Punjab e estes lhe haviam affirmado que á entrada d'esses *Pagodes famosissimos* havia uns letreiros dizendo: — «*Este Pagode* mandou fazer El-Rey Bimelamenta» — e que elles os haviam lido assim muitas vezes (1). Depois, referindo-se em especial ao templo de Elephanta, acrescenta: *E se assim he, a pedra que estava sobre a porta do Pagode do Elefante, que tinha aquellas letras, que se mandou a El Rey Dom João o III, que nunca se achou quem as pudesse lêr, devia de ter este mesmo letreiro de Bimelamenta.*

Do que diz Couto não se pode concluir, ao certo, quem fosse — *o rey Gentio chamado Bimelamenta, que havia mais de mil e trezentos annos reinára em todos os Reynos deste Oriente . . . que viveu trezentos annos, e que destes reinou cento e tantos . . . mandára fabricar infinitos Pagodes de admiravel artificio, e que este do Caneri, e do Elefante era obra sua . . . fazer muitos e formosos*

(1) Cit. *Decada*, 243.

tanques, e alguns tamanhos, que mais se podiam chamar grandes alagôas (1). — Mas é quasi certo que o nosso chronista se quiz referir ao imperador *Asoka-vardhana*, da dynastia dos Mauryas, que dominou em todo o norte da India, do Afghanistan ás margens do Narbada, e da fóz do Indus ao golpho de Bengala. Asoka reinou 41 annos, e pouco depois de acclamado imperador converteu-se ao bhudismo, de que foi fervente sectario, enchendo a India de 84.000 templos, entre *chaytias, daghobas* e *mundums*; foi o autor dos celebres edictos, exaltando os preceitos do bhudismo, que ainda hoje existem no monte Girnar (Junaghad) perto de Diu; e impropriamente apontado por quasi todos os historiadores indo-europeus como o imperador Constantino da religião de Sakya Muni (2). Governou de 272 a 231 A. C. (3) e

(1) Ibid., 242-243.

(2) Constantino teve de se submetter á religião de Christo, a qual no seu reinado era já uma força que se impunha aos romanos; ao passo que Asóka, por fins politicos, exaltou a philosophia de Sakya Muni elevando a á religião do Estado e forçando os seus subditos a seguil-a. O christianismo impoz-se a Constantino, Asóka impoz o bhudismo aos hindús. Eis a fundamental differença que nos faz discordar da opinião d'um erudito professor portuguez — o sr. Consiglieri Pedroso — cuja bella obra, já citada atraz, necessita de pequena revisão para collocar, na nossa humilde opinião, a par dos modernos conhecimentos orientaes; — «*up to date*» — como diriam os inglezes. O sabio professor que nos perdoe esta passageira referencia ao seu livro, que tanto admirámos. Cf. *O Mundo Oriental,* 207; M.c Crindle, *Ancient India,* 43; Vincent, *Early History of India,* 168; Hunter, *Indian Empire,* 189; Balfour, *Cyclopaedia of India,* II, 186.

(3) São divergentes as opiniões ácerca do nascimento, rei-

havia, pois, mais de mil e trezentos annos que reinára na India, quando Couto escrevia ácerca do *vihára* de Khaneri.

Resta ver se a pedra da Penha Verde pode referir-se ao tempo do imperador bhudista.— Apezar dos *viháras* de Asoka serem anteriores á éra fixada para as grutas de Elephanta, de quasi mil annos, é sabido que alguns dos templos bhudistas (e até jainas) foram mais tarde apropriados ao culto brahmanico e, além d'isso, na propria ilha do Elephante se encontram vestigios de templos antiquissimos excavados em rocha, de éras desconhecidas, em local proximo do templo brahmanico descripto por Couto. Pertenceria ao systema d'essas excavações a gruta que mais tarde se adaptaria ao culto de Siva? É bem possivel, e n'este caso a suspeita de Couto é aceitavel. Os tanques a que elle se refere, devem ser as cisternas dos *chaytias* bhudistas, os *pondhús* indianos, que tambem se notam em Salcete e na Elephanta, e que na realidade Asoka mandou construir em grande numero, como ainda hoje se nota no Kathiawar (Junaghad, por exemplo) (1).

Mas, repetimos, só a lápida da Penha Verde poderá esclarecer estas duvidas e ella, ha quatro seculos, que desafia, na poetica Cintra, a curiosidade dos orientalistas, escondida na modestia do seu tamanho, e sem a

---

nado e morte de Asoka, e isto ainda é um ponto controverso entre os epigraphistas indianos. Seguimos a chronologia puranica admittida por Vincent. Cf. *Early India*, 41, 173–174; Duff, *Chronology of India*, 11–12; Elphinstone, *History of India*, 151.

(1) Vid. Amarji, *Tarik-I-Sorath*, 26.

bibliographia que já conta a sua visinha de Somnath-Patane (1).

Houve um escriptor inglez que não se importou de dar-lhe uma significação intensamente mercantesca. Essa pedra deve perpetuar um rasgo de liberalidade de algum rico commerciante de Supára ou Chemul (2) que, a exemplo do que outros mercantes tinham feito na Syria e Epheso, erguendo sumptuosos edificios, cujas ruinas ainda hoje se admiram, teria mandado excavar as grutas de Elephanta, como outros negociantes hindús tinham excavado algumas de Khaneri, segundo se conclue de lápidas recentemente decifradas. Desconfia até que a colossal figura da *Trimurti* não representa a encarnação da trindade religiosa hindú, mas simplesmente o symbolo das riquissimas transacções de gomma, de seda e de incenso da India! Como prova adduz os exemplos das modernas construcções monumentaes de Bombaim, feitas por parses, mouros e hindús:—hospitaes, universidades, bibliothecas, sanatorios, etc. O autor a que nos estamos a referir, é James Douglas, que assim

---

(1) O facto mencionado por Couto, de ninguem ter percebido, nem aqui nem em Portugal, os caracteres da lápida não admira, pois o sanskrito começou a ser conhecido nos meiados do seculo XVIII. A sua primeira grammatica, como se sabe, appareceu em 1790 e pouco antes se conheceram todos os caracteres. Sobre os diversos alphabetos hindús citaremos aqui o curioso trabalho de Burgess no *Archaeological Survey of Western India,* vol. IV, int. *Bhudist Cave Temples and their Inscriptions,* desde o alphabeto Maurya, 250 A. C., até ao Rashtrakuta, 812 A. D. — (*Indian alphabets,* pg. 74-75).

(2) Supára fica a 6 milhas ao norte de Baçaim, foi antiga cidade e porto dos Silaháras do Concão. Chemul, ou Chemuli, é o actual Chaul, antiga capital dos Silaháras.

se exprime, textualmente, ao perguntar quem teria construido o templo de Elephanta: — *But the oracle is dumb, as the stone on which it is presumed that all this was inscribed was sent to the king of Portugal by his Viceroy as far back as 1650. We need not very much regret it, as there is every probability it recorded the fact that it was the gift of a merchant, some millionaire of Supara, or Chemul in adjecent Trombay* (1).

É Douglas o unico escriptor que dá tão jogral significação á mysteriosa lápida de Elephanta; outros, porém, se referem ao seu paradeiro provavel, sem nada phantasiar sobre o que dirão os seus até hoje não estudados caracteres.

William Erskine, na sua conferencia atraz citada, faz judiciosas considerações ácerca do que disse Couto da lápida, e acrescenta: *If there was any Viceroy or Governor who took much interest in inscriptions, it was Dom João de Castro. So it would be but natural if one were to look for this lost stone among the spoils or property of that distinguished man. This is exactly what has been done, and the honour of this searche and the discovery of this slab are entirely due to an Englishman, although he did not known what it was about* (2). Segue depois a noticia de Murphy sobre a pedra em sanskrito por elle descoberta na Penha Verde, dando a entender que deve ser a da Elephanta, no que se engana, por não ter reparado bem na versão de Wilkins, ou por serem ainda fracos, então, os conhecimentos europeus ácerca da

(1) *Bombay and Western India*, II, 215.

(2) *Transactions of the Literary Society of Bombay*, I, 270.

antiga historia do Guzerathe (1). Pensa, porém, como nós, ácerca de quem teria levado ou mandado a lápida para Portugal. O erro de Erskine é que parece ter dado logar ao do nosso Kopke, que menciona por alto este trabalho do orientalista inglez, não indicando a pagina e confessando que só o conhecia de alguns extractos (2).

Appareceu depois a versão de John Wilson em 1850, reproduzindo o que escrevera Couto e acrescentando:— *What a valuable acquisition would this inscription be, now that the cave character is so well known. Perhaps, it may be found in some obscure corner of the Royal Museum at Lisbon, or of some of the colleges at Coimbra* (3). Não conhecia, pois, felizmente a descoberta de Murphy, e assim não confundiu a pedra de Somnath com a de Elephanta; engana-se, porém, quando suppõe a desejada inscripção no Museu Real de Lisboa ou em alguma escola de Coimbra; pois, se é a lápida da Penha Verde, ella está em Cintra desde que chegou a Portugal, e ha a prova de Murphy de que já ahi estava, ao certo, quando Wilson escrevia.

Burgess dando, em 1879, a copia da lápida de Cintra, segundo o decalque de Murphy, refere-se *ás duas* inscripções da Penha Verde, e diz:— *It might be expected that one of this inscriptions would be that carried off from Elephanta: but is not this one, which Bhagavanlâl* (sic) *Indraji belives rather to have taken from Somnâth*

(1) A conferencia é de 1813. Como vimos, foi o dr. Gerson da Cunha quem annotou a reimpressão do escripto de Erskine, mas não localisa a pedra de Cintra que desconhecia.

(2) *Roteiro* cit., 268.

(3) *Journal of the Bombay Branch of the Royal Asiatic Society*, XIII, 7 (separata).

Pattan (1). Tivemos conhecimento do seu trabalho depois de assentarmos as nossas idéas ácerca da lápida menor de Cintra e, como se vê, approxima-se a sua opinião muito da nossa, se bem que Burgess e Indraji não affirmam claramente que a lápida maior seja de Somnath; mas a este respeito já provámos cabalmente não poder restar a menor duvida.

A opinião de Indraji é mencionada por Campbell (1882) que, extranhando a falta da inscripção em Elephanta, menciona a versão de Couto (não indicando o nome do autor portuguez), dizendo que D. João de Castro, ahi por 1540, levára para Portugal uma pedra na qual deviam estar os nomes dos constructores e a data do templo, e que essa pedra ainda existia e podia ser decifrada em Portugal. Cita as lições de Erskine e de Burgess, rematando com a affirmação de que a leitura de Indraji mostrára que a pedra mencionada por Murphy era de Somnath-Patane e não de Elephanta (2).

No guia já citado de Maclean falla-se na inscripção de Elephanta, e não mal de todo. Ahi se diz, referindo-se á data provavel da construcção do templo: — *The inscribed stone which was placed at the entrance with a legend describing when and by whom the caves were excavated having, it is said, been carried off to Lisbon by the Portuguese. There is a legend of an inscribed stone from India existing at Cintra in Portugal; and it might be worth while to ascertain if this is the Elephanta stone* (3).

---

(1) *Archaeological Survey of Western India*, n.º 9, pg. 104 (Appendice B).

(2) *Bombay Gazetteer*, vol. XIV, 80, nota (1).

(3) Maclean, *Guide to Bombay*, (1904), pg. 360.

No pamphleto mercantesco de Pearse ha tambem a seguinte referencia: — *This may also account for the absence of any inscription, which is a remarkable feature of this Cave. It has been said that the Portuguese took one away from the entrance, as related by De Conta* (sic) (1). Em seguida põe em duvida se *De Conta* (de Couto) teria ouvido isto ou o saberia por conhecimento visual do celebre pagode, ao que já atraz respondemos.

Á vista, pois, das autoridades que acabamos de citar, quasi todas desconhecidas dos nossos escriptores, parece haver fortes probabilidades, senão a quasi certeza, de que a lápida menor da Penha Verde é a da Elephanta. Infelizmente, de tudo o que atraz escrevemos, resalta a gravissima incuria de a termos deixado sem cuidados de estudo durante quasi quatro seculos; em especial se torna notavelmente desairoso não lhe termos dedicado mais attenção em seguida ás investigações de Murphy e Wilkins relativas á lápida maior, que está na sua frente (2). É chegada agora, suppomos, a opportunidade de valorisarmos scientificamente essa pedra talvez millenaria!.

O sr. coronel Fernando Leal propoz ultimamente um *processo geometrico* para resolver o problema relativo á inscripção de Elephanta; mas, partindo, como já provamos, de um ennunciado errado. Em todo o caso

---

(1) *Guide to Elephanta*, 13.

(2) Já registamos os esforços empregados pelo sr. professor Vasconcellos Abreu, mas esse erudito homem de letras diz: — «é certo que relativamente a este ramo de estudos, vivo isolado» (cit. *Summario*, 54); e doente e avançado em edade talvez já não possa completar o seu patriotico empenho. Que algum dos seus discipulos o auxilie e teremos poupado ao paiz esta vergonha.

essa solução é hoje inexequivel. Vejamos. Diz o illustre escriptor: —*eu proponho um modo simples de o resolver: tiradas as tres dimensões da lápide, verificar se ellas coincidem com o vão deixado no logar respectivo do templo subterraneo..... era facil applicar o mesmo processo geometrico, que proponho, de verificar as medições, no templo do Catiavar* (1). Ora, nem no templo de Elephanta, nem no de Somnath-Patane existem hoje os logares respectivos das inscripções. As destruições que o ultimo tem soffrido, até á sua completa ruina actual, e as modificações de reconstrucção que o primeiro tem experimentado, impedem a applicação do methodo proposto, de cuja proficuidade scientifica, aliás, discordamos por completo pelos erros grosseiros a que poderia conduzir (2).

---

(1) *Glossario Portuguez Oriental,* verb.—«Elephanta»— n'«*O Heraldo*» citado. Quando estava prompto este nosso estudo vimos a reproducção do *Glossario* no jornal de Goa «*O Imparcial*», n.º 16 de 18 de agosto. Ahi vem, com ligeiras variantes, o que o autor disse em «*O Heraldo*» — dá o nome de Indraji e falla no processo que acima citamos e a que chama agora *meio impirico*. A importante alteração que faz, a respeito da lápida, é perguntar: «será a que falta n'um logar do pagode, onde parece ter estado a lapide votiva do templo?» Isto quando se refere á pedra da Penha Verde. Será resultado da nossa carta não respondida? Talvez. Esta nova versão ainda contém materia muito contradictavel, mas fica para outra occasião, por estar prompta a paginação d'este folheto.

(2) Por exemplo: Couto diz que a inscripção estava sobre a porta, mas os unicos vestigios de letras que foram observados no templo existiam no tecto; lá diz Wilson: — «Traces of letters, at one or two places, are distinguishable on the

Pela nossa parte propomos, afoutamente, qualquer dos modernos processos de decalque ou photogravura aperfeiçoada. Se as letras inscripcionaes estão ainda bem conservadas, um cuidadoso decalque será perfeitamente traduzivel, ou mesmo uma boa photographia em tamanho natural. Caso as letras estejam sumidas, ainda nos fica o recurso de uma boa reproducção em photogravura dos baixos relevos ornamentaes, que, comparada com as allegorias do templo, nos esclareceria sobre a identidade da origem.

O sr. Vasconcellos Abreu já tentou a estampagem d'esta inscripção, mas infelizmente com máu resultado, segundo confessa (1). O Visconde de Santarém aconselhou ao Conde da Ponte os methodos empregados por Falbe e sir Granville Temple nos monumentos de Carthago e depois por Botta para as inscripções de Ninive, que consistia em applicar sobre cada linha uma grande banda de papel forte, mas muito molhado, onde as letras ficam exactamente reproduzidas; ou então o processo de daguerreotypia que achava preferivel. Lembrava tambem a applicação a cada linha de um papel

---

roof» — (cit. *Journal of Bomb. Branch Royal As. Soc.*, XIII, 7). Por conseguinte, se ahi houvesse um vão com as dimensões da estella de Cintra concluiriamos, pelo *methodo geometrico*, que esta pertencêra ao templo? Parece que sim, e então se vê o erro que commetteriamos e que o possivel desgaste actual da parte inscripcional da pedra não poderia, talvez, remediar. O methodo, pois, sobre inexequivel hoje (felizmente), seria perigoso de se empregar. N'esta especie de investigações archeologicas é necessaria a maxima cautela e completa isenção de animo.

(1) *Summario*, 53.

coberto de tinta de maneira que as letras das inscripções ficam depois em branco no papel quando este se destaca (1). Aqui ficam reproduzidos esses alvitres, para os menos praticos nas tentativas d'este genero, citando nós tambem o processo que se seguiu aqui em Diu com relação ás inscripções orientaes em pedra, que aqui descobrimos ultimamente, e ás da peça mourisca do Castello que mandamos remover para o *Museu Archeologico,* ha pouco tempo.

Consiste em adaptar á inscripção uma banda de papel absorvente espesso e bastante molhado, apertal-a cuidadosamente e por egual em toda a extensão que se pretende reproduzir por decalque, borrifar com mais alguma agua o papel depois de adaptado, e deixar seccar durante uma noite (é preferivel aqui a noite por causa dos grandes calores do dia e consequente rápida evaporação). Na manhã seguinte discola-se a banda e as letras — ou outros relevos — apparecem rasoavelmente entumecidos na parte superior da banda applicada. Este methodo tem o inconveniente de exigir uma leitura immediata por se não prestar a remessas pelo correio a grandes distancias, especialmente não havendo facilidade de se passar á gravura em local proximo ao do seu emprego. Nos caracteres em baixo e médio relevo tambem se tem empregado o processo caseiro de se pintarem a tinta preta de oleo, com um pincel fino e contornando com minucioso cuidado os caracteres a decifrar; em seguida procura-se uma incidencia favoravel da luz solar e photographa-se

(1) Sr. Almeida d'Eça, *Cartas do Visconde de Santarem,* 103–104.

a inscripção. Não será um methodo a aconselhar, mas, por vezes, foi o que de melhor tivemos á mão, principalmente em lápidas collocadas em logares d'onde entendemos que se não deviam tirar.

Com esses processos de occasião, e a boa vontade de alguns (1) que tivemos a felicidade de interessar n'estas *maduresas archeologicas* (como para ahi já ouvimos chamar a este amor desinteressado pelo passado), alguma cousa de util e patriotico se tem conseguido já, como em tempo opportuno se provará. Temos a intima satisfação de aqui termos iniciado esses estudos em beneficio de tanta velharia que se dispersava e inutilisava ignáramente, com a maior indifferença dos espiritos juvenis e ... tão estupidos na insensibilidade patriotica, como criminosos na saloia desconfiança, com que ainda

(1) Nos trabalhos da *commissão Archeologica* permanente, que aqui fundámos em 1902, tem tido um papel de destaque o seu secretario, o sr. João Jeronymo Lobo de Quadros, sub-delegado do juizo. A elle se deve a installação interna do *Museu,* feita segundo nossas indicações, e a regular e cuidadosa escripturação dos livros, d'onde resultou o catalogo que se está a imprimir por ordem superior. Tem sido o nosso companheiro dedicado, intelligentissimo, e desinteressado, de todos os dias, na descoberta e copia de inscripções e «papeis velhos». É com prazer e justiça que aqui registámos o seu nome, e como nunca esquecemos aquelles que comnosco trabalham com lealdade (por uma invencivel phobia ao *sic vos non vobis,* da lamentação engenhosa do immortal poeta mantuano), tambem devemos lembrar o nome do sr. alferes Faustimo de Mattos Sequeira, cuja natural inclinação artistica e merito de desenhador nos foi muito util n'esta especie de trabalhos. *Suum cuique.*

encaram os beneficios silenciosos mas reaes da nova cruzada aqui empenhada. Perdoe-se-nos este desabafo.

Nada mais podemos dizer ácerca da lápida de Elephanta. Terminamos aqui o seu estudo fazendo um caloroso appêllo áquelles que em Portugal se dedicam a este genero de trabalhos, para que destinem umas horas de socego, á reproducção em papel e consequente exame minucioso — por peritos nacionaes e extrangeiros — d'essa famosa pedra, que estamos convencidos é a que existe na Penha Verde e no local que indicámos.

Para esse fim apresentamos este trabalho; o mais completo, e unico no genero, até hoje publicado.

V

CONCLUSÕES-ALVITRES

Do que fica escripto nos capitulos anteriores, podemos fazer umas certas affirmações peremptorias e apresentar algumas hypotheses, boas de se receber á vista de provas ou indicios atraz desenvolvidos.

Não queremos misturar o certo com o provavel e, porisso, separaremos em duas categorias as conclusões a que somos levados por este nosso estudo.

Podemos affirmar com segurança:

1) Ha duas inscripções em sanskrito, ou melhor duas lápidas orientaes, em Cintra, na quinta da Penha Verde; e não uma só, como muitos autores escreveram.

2) Ambas estão no mesmo local; no caminho que conduz á ermida da Senhora do Monte.

3) Só de uma das lápidas existe traducção moderna.

4) Essa lápida não pertenceu ao pagode de Elephanta; mas

5) Pertenceu ao templo de Somnath-Patane, no Kathiawar, proximo de Diu.

6) Foi um portuguez quem primeiro deu um decalque perfeito d'essa inscripção.

7) É em portuguez que pela primeira vez se dá a traducção integral da mesma.

8) Foi um escriptor portuguez quem primeiro descreveu o templo de Elephanta, e não Linschoten.

9) Não tem fundamento historico a imputação feita aos portuguezes, de terem sido os destruidores malevolos de algumas das imagens d'esse templo subterraneo.

Ha fortes probabilidades para se affirmar: —

1) Pertenceu ao templo de Elephanta a lápida menor existente na Penha Verde, em Cintra, e ainda não estudada.

2) Ambas as pedras orientaes de Cintra foram mandadas para Portugal por D. João de Castro, ou levadas por elle proprio, no seu regresso da India, antes de ser nomeado governador.

3) É muito possivel que a collocação d'essas pedras no logar onde actualmente existem, se tivesse feito depois da morte do grande portuguez; mas, em todo o caso, no seculo XVI.

4) A pedra da Penha Verde, ainda não estudada, deve ser a mesma a que Diogo de Couto primeiro se referiu e, n'este caso, deve conter importantes noticias para a antiga historia hindú, que talvez remontem ao reinado de Asóka (250 A. C.).

5) Os baixos relevos d'essa pedra devem representar allegorias mythologicas hindús, evidenciando o culto sivaita do templo, ou motivos da religião bhudista antes do pagode ter sido adaptado ao brahmanismo heterodoxo.

6) Deve ella ser bastante mais antiga do que a lápida maior.

7) Deve ser mais valiosa sob o ponto de vista historico.

*

* *

Apresentadas estas conclusões, que julgamos desnecessario ampliar, em vista do que minuciosamente expozemos nos capitulos anteriores, passamos a tentar valorisar praticamente este modesto estudo, que foi buscar na novidade de fórma entre nós, e na probidade litteraria com que foi elaborado, argumentos para merecer alguma benevolencia, do leitor estudioso ou patriota. A grande cópia de documentos que citamos, não representa prurido de alardear erudição barata e commoda de livreiro, nem ancia de celebridade de ouropel. Não. Esta memoria, assim lhe chamaremos, synthetisa um laborioso estudo de dois annos, roubado aos nossos deveres officiaes. Significa o *descanso intellectual* que aqui tivemos, no decurso de uma administração sobrecarregada de accumulações officiaes. Como nos desempenhamos d'estas, dirão os competentes na materia; como é feito este trabalho, dizemol-o nós agora.

Foi, como dissemos no começo d'este opusculo, no decurso do estudo da acção portugueza no Guzerathe, durante o seculo XVI, que tomamos uma série de apontamentos e annotamos tambem alguns folhetos onde encontráramos materia contradictoria sobre a Elephanta e Somnath-Patane. Fizemos depois uma demorada peregrinação pelas bibliothecas de Bombaim e adquirimos bastantes publicações inglezas, onde mais nos certificamos que citações portuguezas e inglezas, mal e apressadamente feitas, tinham dado logar ás confusões existentes sobre as lápidas indianas da Penha Verde. Julgamos util desfazer os enganos e proval-os documentada e honestamente. Eis a genése d'este modesto trabalho.

Mas citar livros está sendo hoje tarefa correntia; cital-os a proposito é que, infelizmente, não é tão vulgar. Confunde-se o criterio historico com que determinado autor fez uma referencia, e cita-se esta sem se lêr aquelle! D'aqui a contraproducencia do methodo. E' que muito mais facil é citar livros, autores e edições, do que lêl-os, estudal-os e comprehendel-os; como, porém, é *do bom tom* um rozario de citações feitas a eito, não se trepida e atira-se com elle para o fundo de cada pagina!

O immortal autor do *Dom Quichote* absolve-se de não rechear a sua obra prima, de commentarios e citações de autores celebres, que nunca lêra, e de que não precisára para o seu famoso romance de cavallaria, com a satyra mais causticamente mordente que conhecemos: —é o soberbo prologo ao bello livro que tornou universalmente conhecido e admirado o graciosissimo autor da *Galatéa* (1). Em opposição a elle esforça-se o nosso erudito e probo Visconde de Santarém em salientar a excellencia do methodo allemão, que tem por base provar com citações e autoridades tudo quanto se diz no texto, ao contrario dos que seguem methodo differente—

---

(1) *Dom Quichote de la Mancha,* (edição moderna de Ferreira de Oliveira) vol. I, Prologo. O supposto conselheiro espiritual de Cervantes recommenda-lhe, entre outras cousas: «... tratando por exemplo de liberdade e escravidão, citar a seguinte (sentença):

Non bene pro toto libertas venditur auro,

e logo á margem citar Horacio," ou quem foi que o disse»: Atira-se com o latinorio para o papel e *inventa-se* um autor apropriado ao caso!! Para *charge* não ha melhor!

cuja «*doutrina é commoda para aquelles que pilhão os outros sem os citarem*» (1).

Como se vê, é de longa data a dissidencia entre os publicistas: — d'um lado os honestos e sinceros, de outro os plagiarios ou espalhafatosos. Os primeiros foram seguidos por Santarém; os outros impiedosamente fustigados pela ironia subtilissima de Cervantes. É para estes que humoristicamente se escreveu, em desopilante estilo coimbrão:— «*Ora isto não é para que leia tudo, que para tanto, chegam hoje poucas vidas, mas para dizer estes nomes* (Grocio, Pufendorfio, Vanespen, Anacleto, Febronio, Volter, Russó, Vatel etc.!) *á descarga cerrada, sem citar, nem alegar e sempre em tom de melancia verde*==» (2). Ainda hoje ha *anacletos* que

(1) *Cartas do Visconde de Santarem,* 35-36, 79. Mais diz o grande escriptor portuguez: «Com effeito para que ter o trabalho de ler taes cousas, se se pode ser censor mesmo sem se lerem as obras que se censurão? Eu pela minha parte declaro que antes quero padecer da doença chronica que affecta a tantos tempos os allemães, os sabios inglezes, e italianos, e muitos francezes, do que preservar-me d'ella, vestindo-me com o fato do proximo, depois de lh'o ter roubado, sem jamais dizer ao menos onde o encontrei. Mas as obras d'erudição custão muito a fazer, e os homens que são capazes de as emprehender, assustão muito certas gentes por muitas razões que não podem decerto escapar á penetração de V. S.ª» Guardadas as devidas proporções, é assim que pensamos e procedemos sempre.

(2) *Palito Metrico,* parte terceira, cap. IV—«O Sabio em mez e meio» —na engraçada secção «Peripeciologia Academica». Este é dos taes livros que não é de *boa feição* citar, como dizem os seus jocosos autores, mas aqui impunha-se a referencia. Alem de que temos o exemplo do sr. Candido de Figueiredo, a mais esclarecida autoridade nacional que podiamos desejar em nosso favor, que não desdenha de o citar, de

seguem este preceito litterario e d'ahi vermos citas de almanachs e de ... catalogo antigo! Outras vezes apparecem referencias *in extenso* provando exactamente o contrario do que o apressado autor e improvisado erudito quiz allegar no texto—profusamente inçado dos taes commentarios e citações pomposas, que estiveram para privar-nos hoje da deliciosa novella do amo de Sancho Pança.

Démos a este estudo o sub-titulo de nótulas bibliographicas, propositadamente para lhe tirar a má apparencia do tal ... «tom de melancia verde». Claro é que, tratando-se de bibliographias, occorre logo á mente do leitor apressado a idéa de relações de livros e assim um começo de benevolencia para o autor, que se esforçou por dar a mais completa bibliographia elephantina até hoje escripta, especialmente de escriptores nacionaes. Isto constitue uma parte das citações; as restantes dizem respeito aos textos compulsados para prova das nossas asserções, e ás explicações dos termos indo-europeus, porque o trabalho não é exclusivamente destinado aos orientalistas, e muitos d'estes ignorarão alguns dos empregados, de origem regional — o Kathiawar.

Mais de metade das obras consultadas possuimos na nossa modesta mas escolhida livraria, o restante foi por nós examinado em bibliothecas publicas ou aqui por emprestimo. As citações de autores não lidos por nós levam a indicação das obras d'onde as extractamos e são poucas.

---

sociedade com Bacon e Platão, no *macarronico* latim: «Nos quoque gens sumus, quoque cavalgare sabemus: Irra! super machum totum vult ire caminhum...»! (*Os Estrangeirismos*, nota 4, a pg. 174). Adquiriu, pois, fóros de cidade o aphorismo coimbrão:— *Nos quoque gens sumus*; assim, *tout court!*

Quem esteja habituado a esta especie de estudos, sabe quanto se impõe o socego de espirito para elles, e esse não o tivemos. Quantas vezes largamos este trabalho para dar despacho a um assumpto urgente de serviços, para irmos para o campo examinarmos uma obra, vigiar o serviço do cadastro! Foi por isso feita obedecendo a um plano de exposição, sim, porém sem nenhum methodo de execução. Mas, ainda assim suppomos que alguma utilidade terá, e por isso irá para imprensa em vez de ser arremessado á fogueira, fazer companhia a outros escriptos começados, mas que a falta do tempo e de saude não deixaram concluir. Da revisão cuidadosa dos *Coloquios* de Garcia da Orta resultou essa obra prima de estilo e erudição do Conde de Ficalho — *Garcia da Orta e o seu tempo*; — dos seis primeiros capitulos da nossa *Historia de Diu* proveio este folheto. A genése é, pois, a mesma, os resultados muito diversos, como differentes são o saber dos autores, o alcance pratico dos assumptos versados.

Dito isto, quanto á fórma, vejamos qual o merecimento que pode ter o estudo feito.

Em primeiro logar chamámos a attenção para a lápida mais pequena da Penha Verde, á qual pouquissimo ou nenhum cuidado de estudo se tem consagrado até hoje em Portugal, e é desconhecida no extrangeiro. Em seguida firmámos conclusões que formam a primeira parte d'este capitulo. Mas, ainda pretendemos mais alguma cousa que interessa muito de perto a nossa historia ultramarina:— o cadastro da epigraphia asiatica e africana. Não está feito, é necessario, é urgente que se faça.

Quando estivemos em Zanzibar (janeiro de 1900) disse-nos sir Arthur Hardinge, então alto commissario na

Africa Oriental ingleza e consul geral em Zanzibar (1): — «Você com o seu gosto patriotico pelas velharias vae ficar pessimamente impressionado ao chegar a Mombaça, d'onde regressei ha dias, e cuja velha fortaleza portugueza mandei caiar toda de branco. Ha de alcunharme de vandalo; mas eu vi-me forçado a sacrificar a arte e a archeologia á hygiene das praças europeas e pessoal do caminho de ferro da Uganda, ahi aquartelados, por isso procedi assim e por não haver tempo agora (2) para outras medidas de conservação». Effectivamente, quando uma semana depois aportavamos a Mombaça, vimos as velhas e historicas muralhas portuguezas cobertas de grossas demãos de cal alvissima que tornavam completamente illegiveis as suas inscripções. Mal se distinguia o escudo das quinas que dominára outr'ora o portão da entrada! Pela cidade disseram-nos que havia mais inscripções que tinham levado as mesmas borradelas de cal. Quantas lápidas preciosas se não estarão ahi a perder . . . !

Chegámos depois a Diu e encontramos os seus monumentos tambem *caiados*. Mas aqui não era para encobrir mazélas desagradaveis á vista; era, sim, para preservar esses padrões das inclemencias do tempo actuando sobre a má qualidade da argila com que foram fabricados. Respeitamos a cal e limpámos as inscripções, muitas das quaes tinham já desapparecido sob as camadas protectoras de caliça e pó de pedra. O que se

(1) Transferido depois para Teheran como ministro plenipotenciario junto da côrte do Shá. E' hoje a *persona grata* mais em evidencia junto de Eduardo VII.

(2) Estava-se no mais acceso da guerra anglo-boer, e havia dias que se dera a formidavel derrota de Buller nas margens do Tugélla.

dava com os monumentos não succedia, infelizmente, com as lápidas das velhas egrejas, vetustas muralhas, historicos baluartes. Muitas d'estas tinham sido estupidamente arrancadas dos seus logares e calçavam pavimentos ou serviam de ralos de canos de esgoto! Procedemos então a um exame longo e minucioso de toda a epigraphia diuense; fundámos aqui uma commissão permanente de archeologia; organisámos um *Museu Archeologico*, e para elle foram todas as velharias que não estavam em seus primitivos logares, ou ahi não deviam continuar. Temos fé que os trabalhos por nós encetados continuarão e assim salva-se a epigraphia de Diu, que é extensa e valiosa.

Mas a de Damão, de Baçaim, de Chaul, de Cochim e de S. Thomé de Meliapôr! É desanimadora a resposta!

Em Damão ainda temos o poder temporal; em todas as outras cidades só temos a acção espiritual dos Bispados mantidos pela Concordata; pois é justamente para esta acção, que não é só da religião de Deus, mas sim tambem da Patria, que vamos aqui appellar..... em ultima instancia. Ha algumas inscripções de egrejas d'essas dioceses que estão já publicadas, mas incompletas e mal copiadas; outras que estão fóra dos seus logares e mutiladas; a maioria está-se a perder sem d'ella ficar a menor lembrança para o futuro. Não pode ser, não deve ser. Este desgraçado estado de cousas é devido mais a descuido, do que á falta de sentimentos patrioticos. O que, ha cincoenta annos, seria relativamente facil, hoje já é difficil e ámanhã será impossivel. O alvitre que vamos apresentar, parece-nos, que resolveria a questão cabalmente (1).

(1) A forma da proposta que vamos fazer é inteiramente

Estamos absolutamente convencidos de que se a mais patriotica, benemerita e civilisadora aggremiação, existente em Portugal, tomasse a peito salvar esses restos preciosissimos do nosso passado no Oriente, tudo se faria a bem. Referimo-nos á Sociedade de Geographia de Lisboa. Uma circular patriotica da sua Direcção aos illustrados Prelados de Damão, Cochim e Meliapôr, convidando estes a interessarem todos os vigarios das diversas freguezias espalhadas pelas presidencias de Bombaim e de Madrasta, na catalogação de todas as lápidas sagradas e profanas, existentes nas suas jurisdicções, resolveria o problema.

Lembramos a Sociedade de Geographia e não a Direcção Geral do Ultramar para tirar ao alvitre o caracter official: — que seja feito um convite e não se expeça uma circular official. Que se suggira um trabalho patriotico e voluntario, em vez de se recommendar uma obrigação de serviço publico.

Ao illustre Prelado de Damão ouvimos, mais de uma vez, palavras que traduziam o seu amor pelos

---

nova; mas é de sã justiça e imparcialidade não esquecer, n'esta altura, que já se pensou, e muito bem, na conservação dos *monumentos e padrões* de Goa, Damão e Diu. No *Oriente Portuguez* estão colligidos alguns documentos a isso referentes (I, 1–15); mas, deve-se tambem mencionar, e aqui o fazemos agora, a proposta patriotica do talentoso homem de letras, sr. Ismael Gracias, apresentada na Junta Geral de Provincia, na sessão de 21 de julho de 1890. Foi esse o primeiro grito de alarme, levantado a favor das *velharias em pedra,* que depois, passados 4 annos, teve o apoio official. Cf. *Boletim Official*, Supplemento ao n.º 94 de 1890; Philoteio d'Andrade, *Paginas de Pedra*, Margão, 1896, pg. 8–11.

Hoje vimos generalisar esse culto pelo passado, tornando-o extensivo ao Oriente, Extremo-Oriente e ás duas Africas.

restos do nosso passado na sua extensa diocese, quasi toda em territorio britannico. Nas historicas freguezias de Baçaim, Chaul, Thana, Salcete, Mahim, etc., ha muita lápida valiosa que se devia copiar cuidadosamente o mais depressa possivel. Poucas estão publicadas e estas mesmo não merecem fé historica; contêm erros de copia. A sympathia e amisade que nos liga a esse exmo. Prelado, a cuja diocese pertencem as freguezias d'este districto, dão-nos todo o direito a esperar que S. Ex.ª Rev.ma suscitaria o cabal cumprimento dos desejos da Sociedade de Geographia. Ao sr. Bispo de Cochim ligam-nos laços de parentesco e de muito sincera amisade; conhecemos o grande patriotismo de D. Matheus de Oliveira Xavier, e as suas recentes publicações são prova do seu formoso talento e muita erudição. As lápidas de Cochim seriam conscienciosa e completamente catalogadas. O ex.mo Prelado de Meliapôr, onde existem os restos do fundador da egreja christã no Oriente, é um desconhecido para nós, pessoalmente; mas sabemol-o um Principe da Egreja illustrado e patriota, e não deixará de receber a bem o convite a que nos referimos.

Assim se obteria o cadastro completo da epigraphia luso-indiana espalhada pela India Ingleza, que a Sociedade ou o Governo imprimiria em unico volume, devidamente coordenado com os apontamentos historicos fornecidos pelos illustrados sacerdotes que, *in situ*, tivessem copiado as pedras.

Em Goa trabalha-se hoje com amor e methodo em assumptos archeologicos e o illustre secretario da commissão de archeologia, melhor do que ninguem, poderia reunir em um volume a epigraphia goense, tanto profana como sagrada.

Em Diu já se fez alguma cousa n'este sentido e em breve deve apparecer o catalogo do seu Museu. A epigraphia diuense está a salvo de futuras selvagerias.

A de Damão mereceu ultimamente cuidados de catalogação ao sr. Antonio Francisco Moniz Jr., no primeiro volume da sua monographia ácerca d'esse districto; mas ha algumas lápidas arrancadas dos seus primitivos logares, que não estão mencionadas ahi, nem foram vistas por Cunha Rivara (1); esse trabalho pode ser completado por esse illustrado filho de Damão, onde deve existir tambem um commissão local de archeologia, como a creada aqui em Diu.

Um appello identico ao sr. Bispo de Macau faria colleccionar as inscripções do Estreito de Malaca (temos uma hospitaleira e patriotica casa da Missão em Singapura), de Macau, Timor, Flores, Celebes, Molucas e Philippinas; de todo esse Extremo-Oriente onde implantamos as Quinas e a Crüz. As missões da Companhia de Jesus ajudariam, em territorio estrangeiro, os nossos missionarios da China e de Timor; estamos certos d'isso.

Nas duas costas africanas temos a acção religiosa menos espalhada, mas temos a centralisação administra-

(1) A respeito da lápida relativa a Jorge Nunes, que em Diu matou Rumecão, segundo Couto (*Decadas*, VI, P. I, 283), diz o sr. Moniz, em carta de janeiro d'este anno: — «Esta lapide, como todas as mais d'este convento e as dos outros conventos, foram servidas pelo nosso governo para pedestaes de guaritas, escoadouros publicos, etc. Tudo tem desapparecido. Ainda bem, que um pouco antes da obra de vandalismo pude observar alguma cousa». Triste sorte, na verdade, de tão historica pedra. A este respeito é interessante o artigo do mesmo sr. Moniz no *Oriente Portuguez*, II, 163, nota (2). Cf. tambem *Noticias e Documentos para a Historia de Damão*. I, 92, 99; *Chronista de Tissuary*, II, 146.

tiva em Loanda e Lourenço Marques. Um officio da Direcção geral do Ultramar, ou da Sociedade de Geographia, aos governadores geraes de Angola e Moçambique faria com que estes insistissem patrioticamente junto dos governos districtaes, circumscripções administrativas e commandos militares, para que fossem methodica e escrupulosamente copiadas as antigas inscripções espalhadas por essas vastas provincias africanas.

Com os subsidios recebidos de Goa, Damão, Diu, Cochim, Meliapôr, Macau, Moçambique e d'outras partes, organisava-se um cadastro completo da epigraphia do ultramar portuguez, principalmente do Oriente, salvando-se de um aniquilamento proximo essas paginas de pedra do precioso livro do nosso passado (1).

E' para se obterem todos os elementos da nossa epigraphia ultramarina que suggerimos aqui estes alvi-

(1) Cunha Rivara publicou um grande numero de inscripções de Goa, Damão, Diu, Cochim e Meliapôr, cuja resenha, feita pelo sr. Ismael Gracias, se lê no *Boletim Official* n.º 100 de 16 de setembro de 1897. Deixou um valioso MS., contendo as inscripções de Velha Goa, Pangim e suburbios, o qual, annos depois do seu fallecimento, foi, em 1894, publicado em vol. que constitúe o n.º 8 da 13.ª serie do *Boletim* da Sociedade de Geographia de Lisboa (vide a cit. resenha). No *Bosquejo Historico das communidades* e no *Gabinete Litterario das Fontainhas,* de F. N. Xavier, no vol. III da *Descripção de moedas,* por Teixeira de Aragão, no *Sketch of Goa,* de J. N. da Fonseca, em varios periodicos e almanachs litterarios, encontram-se bastantes inscripções de varias egrejas e logares notaveis de Goa, nem todas fielmente trasladadas. Ha mais os seguintes folhetos em especial que temos á mão: *Inscripções e epitaphios* por Ismael Gracias, 1891, — *Paginas de pedra* por Philoteio Pereira de Andrade, 1896, — *Egreja de Divar* por Peregrino Gomes, 1902, — e *Inscripções e epitaphios,* 1901, Bastorá. Vinte e nove inscripções portuguezas existentes na

tres, que ligamos ao estudo da estella da Penha Verde. Assim os resumimos:

1) Obter uma copia nitida da inscripção hindú mais pequena da Penha Verde e publicar-se já, para ser convenientemente estudada e traduzida pelos orientalistas nacionaes e extrangeiros;

2) Promover a Sociedade de Geographia que pelos Bispados da Damão, Cochim, Meliapôr e Macau, seja recommendada aos vigarios das diversas freguezias das

---

egreja de S. Francisco de Cochim, foram compiladas pelo fallecido Bispo d'aquella diocese, D. João Gomes Ferreira, n'um *Album* publicado pela referida Sociedade de Geographia em 1892. Gerson da Cunha publicou as de Chaul e Baçaim no seu livro tantas vezes citado atraz, e as de Angediva na sua memoria sobre essa ilha.

No *Journal of the Straits Branch of the Royal Asiatic Society*, n.º 34, julho de 1900, artigo de E. M. Merewether, e no opusculo *Historical Tombstones of Malacca*, de R. N. Bland, Londres, 1905, encontram-se tambem varias inscripções portuguezas. No Museu de Colombo estão guardadas não poucas campas de portuguezes, tendo-se recentemente descoberto n'aquella cidade, graças aos esforços de mr. J. P. Lewis, C. S. mais seis de que o sr. Ismael Gracias deu noticia no *Heraldo*, de Pangim, n.º 903, de 22 de janeiro de 1903.

O fallecido coronel Joaquim José Lapa colligiu as de Moçambique no seu opusculo *Paginas de Pedra*, Moçambique, 1893; e em poder do sr. almirante Augusto de Castilho vimos uma interessante collecção de desenhos de lápidas tanto de Moçambique, como da India (onde foi secretario da missão Rivara na questão do Padroado) que é pena não se publicar.

De todo esse material disperso formava-se um bello *Corpo de Inscripções Ultramarinas* á semelhança do *Corpus Inscriptionum Indicarum* de Cunningham e Fleet. É um trabalho importante a fazer-se e de que Luciano Cordeiro já se lembrára, e crêmos mesmo que alguma cousa chegou a publicar n'este sentido.

suas jurisdicções, tanto em territorio portuguez como no extrangeiro, a rigorosa catalogação de todas as inscripções, tanto sagradas coma profanas, com as designações dos logares em que estão, estado de conservação e outras noticias que lhes digam respeito;

3) Pedir, a mesma Sociedade ou a Direcção Geral do Ultramar, aos governos geraes de Angola e Moçambique, a relação de todos os padrões historicos, lápidas de monumentos, egrejas, fortalezas ou edificios publicos e particulares, com as noticias historicas que lhes digam respeito;

4) Reunidas todas essas informações e as já publicadas, de lápidas desapparecidas, formar um *Corpo de Inscripções Ultramarinas,* com todos os commentarios historicos.

Tal é o appello que fazemos ao Governo e á patriotica Sociedade de Geographia.

*

* *

E agora, antes de terminar este nosso modesto trabalho, começado em Malála, *currente calamo*, e interrompido — tantas vezes — pelas exigencias de variados serviços, não queremos fazel-o sem lembrar os nomes d'aquelles a quem devemos tanto auxilio, tanta benevolencia, tão carinhosas provas de amizade, sem o que elle não poderia ficar obra de alguma utilidade.

Em primeiro logar devemos citar o prestigioso Consul Geral na India Ingleza, o nosso bom e muito querido amigo o sr. Visconde de Wrem, que, desde que ideamos esta memoria até que a começamos a escrever, nos auxiliou dedicadissimamente. A S. Ex.ª devemos os melhores expositores inglezes e as mais importantes communicações officiaes das estações competentes; muitas facilidades para a visita á Elephanta, para a procura de traducções das lápidas orientaes de Diu. Ao

seu patriotismo e á nossa velha amisade juntou requintes de amabilidade official que tudo aqui vivamente lhe agradecemos.

Aos illustres bibliothecarios da *Royal Asiatic Society* e da *Bombay Native General Library*, que, por intermedio do sr. dr. M. A. de Heredia, nos facultaram gentilmente a frequencia das suas salas de estudo, aqui consignamos os melhores agradecimentos; salientando, n'esta occasião, o nome do illustre medico portuguez em Bombaim que tão amavelmente, e a despeito de todas as despesas e difficuldades, nos auxiliou efficazmente n'este estudo. Muitas das edições raras indo-inglezas e das obras monumentaes do governo inglez da India foram postas á nossa disposição, aqui, pelo conceituado clinico, favor este inapreciavel para o qual é pouca toda a nossa gratidão.

Do ex.^{mo} conselheiro Governador Geral da India, o sr. coronel Arnaldo de Novaes, e do sr. Secretario Geral, o dr. Peixoto Vieira, recebemos constante e proveitoso auxilio, ao qual patenteamos o nosso muito reconhecimento.

Sem a boa vontade e patriotismo do illustrado Governador Geral da India este trabalho nem se teria começado a escrever, nem seria hoje do dominio publico. Não podemos deixar de o confessar, gratamente.

Prova da nossa mais alta consideração — e de leal e reconhecida amisade — quizemos dar ao illustre Director Geral do Ultramar dedicando-lhe, respeitosamente, este escripto. É um tributo de gratidão á antiga e continua amisade e benevolencia com que sempre nos honrou. A S. Ex.ª pedimos aqui que nos releve a lembrança da offerta, que tem de valiosa o sentimento que a dictou, e o fim a que este trabalho obedeceu.

APPENDICE I.

A inscripção sanskrita de Somnath-Patane existente na quinta da Penha Verde em Cintra.

Copiáda, em caracteres Balbhód, á vista do decalque do Dr. Vasconcellos Abreu, pelo panditta de Diu Irgy Ramgy.

ॐ नमः शिवाय ॥ हृदि स्थितं चिन्मयमात्मवेदिनः समाधिमास्थाय विलोकयंति यम् । स चित्तसंतापमपाकरोतु वः स्तनंधयः श्वेतमयूख-भूषणः ॥ १ ॥ शैलात्मजोरसिजशृंगकुरंगनाभिपत्रावलीनलिनतल्पशयालु-पाणिः । पीयूषभानुकलिकाकलितावतंसो देवः शिवानि वितनोतु दिवा-निशं वः ॥ २ ॥ त्रैलोक्यमंगलमनंगरिपोरपत्यमंकूरितैकदशनोल्लसदान-नश्रीः । देवः प्रपद्य हृदयैकपदिं कपर्दी भूयादनेकपमुखः सुखसंपदे वः ॥ ३ ॥ श्रीविश्वमल्ल इति भूपतिमौलिरत्नचौलुक्यवंशमवतंसयति स्म जिष्णुः । यस्य द्विधारमपि संयति मंडलाग्र्यमारादमंस्त शतधारम-रातिवर्गः ॥ ४ ॥ आबद्धमूलमभितः क्षितिपालजातिमुन्मूलयन् कुलिशवं-शभुवा भुजेन । तत्वस्य यः किमपि धाम जनेन राजनारायणेति जगदे जगदेकनाथः ॥ ५ ॥ यस्मिन्नात्मकलां न्यधत्त सकलक्षत्रावतंसे जग-त्तापाद्यापदपाकरिष्णुमहिमा श्रीवैद्यनाथः प्रभुः ॥ शस्त्रैस्तेन चिकित्सि-

तामृदुचितं विश्वोपकारिव्रतस्नातेन प्रतिभूभुजामपि हृदः प्रोद्दामदग्रं वयः ॥ ६ ॥ नागल्लदेवीति बभूव यस्य जाया जयश्रीरिव देहबद्धा । तया स राजा सुतरां बभासे भासेव देवो हरिणांकमूर्तिः ॥ ७ ॥ आशांतविश्रांतभुजप्रतापः प्रतापमल्लावरजः स राजा । स्वपौरुषोत्कर्षरसातिरेकादेकातपत्रां बुभुजे धरित्रीम् ॥ ८ ॥ श्रीविश्वमल्लः स्वपदेभिषिच्य प्रतापमल्लात्मजमर्जुनं सः । साकं सुधापाक·····नितंबिनीनामधरामृतेन ॥ ९ ॥ राकानिशाकरसनाभिगुणाभिरामो दामोदरांश इव विक्रममांसलश्रीः । भूपालमौलिमणिरर्जुनदेवनामा कामाद्भवीमिव धनानि धरामदुह्यत् ॥ १० ॥ हस्ते विधाय कदनाय दुराशयानां दानावधूतसुरशाखिनि भूमिचक्रम् । तैस्तैरुदारचरितैरनघः प्रजानां रक्षां चकार किल चक्रधरावतारः ॥ ११ ॥ तस्यांगभूर्जयति गुर्जरराज्यलक्ष्मीसंभोगकंदलितसौख्यनिमग्नचेताः । क्षोणीसमुद्ररणकेलिरसोत्तरंगः सारंगदेव इति सार्ङ्गधरानुभावः ॥ १२ ॥ युधि यादवमालवेश्वरादकृतक्षीणबलो बलेन यः । पृथुविग्रहधारिणौ पुरा पतगेंद्रो गजकच्छपाविव ॥ १३ ॥ इतश्च । भट्टारकश्रीलकुलीशमूर्त्या तपःक्रियाकांडफलप्रदाता । अवातरत् विश्वमनुग्रहीतुं देवः स्वयं बालमृगांकमौलिः ॥ १४ ॥ अनुग्रहीतुं च विरंचिपुत्रकानुलूकभूतानभिशायतः पितुः । ललाटमूर्व्यारिवलाटभूषणं समेत्यकारोहणमध्युवास यः ॥ १५ ॥ अवतेरुश्चत्वारः पाशुपतव्रतविशेषचर्यार्थाः । इह कुशिकगार्ग्यकौरुषमैत्रेया इति तदंतसदः ॥ १६ ॥ ततस्तपस्विनां तेषां चतुर्द्धा जातिरुद्गता । भुवं विभूषयामास चतुरर्णवमुद्रितां ॥ १७ ॥ पतिरनुग्रहीतानामन्वयेन महात्मनाम् । निःसीमवैभवं शीम·····कमित्यभूत् ॥ १८ ॥ गार्ग्येयगोत्राभरणं बभूव नृपाधिपः कार्तिकराशिनामा । मूर्त्तस्तपोराशिरिवाश्रितानामालोकमात्रेण हरन्नघानि ॥ १९ ॥ तेन स्वहस्तकमलानुगृहीतजन्मा वाल्मीकिराशिमदियाय दयालुचेताः । वाणीं च तीर्थपदवीं च सदापदानां न्यासैः स्वचित्तकमलाकृतिभिः पुनानः ॥ २० ॥ तेनानुगृह्य समकेति सतां

प्रबोधकारी तपोधनयुवा त्रिपुरांतकेति । साक्षाद्रवंति विबुधाः किल तद्विधानां हस्तांबुजेन दृष्टदोपि कृतप्रतिष्ठाः ॥ २१ ॥ वाल्मीकिराशेः सुगृहीतनाम्नस्तस्यैव शिष्यस्त्रिपुरांतकेति । तीर्थांतरालोकनकौतुकेन पवित्रयामास दिशश्चतस्रः ॥ २२ ॥ पूर्वं तपस्विगृहिणीस्पृहणीयमूर्त्तिर्यो देवदारुविपिने विजहार देवः । आशावधूलवणिमानमनुग्रहीतुं तीर्थावगाहनमिषेण चकार सोयं ॥ २३ ॥ समाधिपूतेन हृदंबुजेन यः·····
·····ततः सुतीव्रं यमलं सरोजे । त्वनर्चकेदारपदारविंदे ॥ २४ ॥ जगद्गुरुत्वेन सदा प्रपद्य योगेश्वरं मूर्त·····प्रसादसंपत्तिलभ्यानि तपःफलानि ॥ २५ ॥ मिथोमिलज्जहुकलिंदकन्यातरंगहस्तोपहृतैः पयोभिः ॥ ससर्ज यः·····प्राप्यमिव प्रयागः ॥ २६ ॥ प्रदक्षणीकृत्य सतां प्रदीपः श्रीपर्वतं यः किल सर्वतोपि ॥ श्रीमल्लिनाथस्य विलोकनेन कृतार्थयन्·····ति ॥ २७ ॥ जंबालितानि कलशोद्भवपादमुद्रानिःकल्मषाकृतिषु विंध्यगिरेः शिलासु ॥ रेवाजलानि गजराजविहारलीला·····पयांसि सेवे ॥ २८ ॥ गोदावरीतीरविहारिणीभिर्वनस्थलीनामधिदेवताभिः ॥ कृतार्थयन् अध्वगदुःखयोजं यो जंगम·····प्यंग·····क ॥ २९ ॥ ततः समाद्वैतरसाभिरामे रामेश्वरं चेतसि चिंतयन् यः ॥ ददर्श लंकाधिपकालरात्रेः प्रस्थानवीथीमिव सेतुलेखां ॥ ३० ॥ श्रीदेवपत्तन····जघनस्तनीनां नेत्रारविंदसुकृतैरिव सानुबंधैः ॥ तीर्थावगाहनधिया दिशिपश्चिमायामायातवानुपशमाय न····· ॥ ३१ ॥ सरस्वतीसागरसंप्रयोगविभूषिताभोगमथागमद्यः ॥ सोमेशचूडावलमानबालचंद्रप्रभासंवलितं प्रभासं ॥ ३२ ॥ *अखिलतीर्थमयीं दधदाकृतिं भुवनभूषणभूतमभूषयन् ॥ नगरमिंदुकलाभरणस्य यः ॥ ३३ ॥ इह साक्षादुमाकांतः श्रीमान् गंडबृहस्पतिः ॥ सार्यमेनं विनिर्माय षष्ठं चक्रे महत्तरं ॥ ३४ ॥ स्थानकं निजविशुद्धचरित्रैरुद्ररित्यतिमहत्तर एषः ॥ इत्यवेत्य मुमुदे हृदि चातुर्जातिकेन गुणजातरसेन ॥ ३५ ॥ अस्ति श्रीत्रिपुरांतकोपि विबुधश्रेणी-

किरीटोपलच्छायापल्लवलालितांघ्रिकमलः कासां गिरामध्वनि ॥ यस्यो-
द्दामचरित्रवैभवनिधेरेषा कियंतं गुणग्रामं धारयतु स्वकुक्षिकुहरक्रोडे
वराकी श्रुतिः ॥ ३६ ॥ धनानि कामाधिकवामलोचना विलोचनप्रांच-
लचंचलानि ॥ ददौ महादौस्थ्यनिपीडितात्मने सतां प्रपन्नार्तिहरा हि
संपदः ॥ ३७ ॥ आमृतस्य पुरुषोत्तमभूयकामजन्मनि समाहितबुद्धेः ॥
अस्य पुण्यघटितस्य रमेति प्रेयसी भुवनभूषणमास्ते ॥ ३८ ॥ सर-
स्वतीमौलिशयालुकेतकीपलासलक्ष्मीसहपांशुकेलयः ॥ महात्मनो यस्य
महोज्वला गुणा दिगंगनानामवतंसतां ययुः ॥ ३९ ॥ सोमेश्वरायत-
नमंडपमुत्तरेण श्रीभाजिजीर्णघटिकालयसंनिधाने ॥ श्रीकंठपंचमुखतास-
मधिष्ठितानि येनाक्रियंत कृतिना यतनानि पंच ॥ ४० ॥ मातुर्मोल्ह-
णदेव्या यः श्रेयसे माल्हणेश्वरम् ॥ सतामध्येयमहिमा तन्मध्ये निर-
मापयत् ॥ ४१ ॥ उमापतेरायतनं नाम्ना गंडबृहस्पतेः ॥ कृती कृत-
युगाचारः कारयामास ते त्रयः ॥ ४२ ॥ श्रीबृहस्पतिभार्याया उमायाः
श्लाघ्यजन्मनः ॥ श्रेयसे यः सतां सीमानिरमासीदुमेश्वरं ॥ ४३ ॥ इह
स्वनाम्ना त्रिपुरांतकेश्वरं महत्तरश्रीत्रिपुरांतको व्यधात् । प्रियाभिधानेन
मनोरमश्रिया रमापतिः संविदधे रमेश्वरं ॥ ४४ ॥ गौरक्षकं भैरवमां-
जनेयं सरस्वतीं सिद्धिविनायकं च ॥ चकार पंचायतनांतराले बालेंदु-
मौलिस्थितमानसो यः ॥ ४५ ॥ आत्मबाहुयुगसौहृदांचितस्तंभसौ-
रभयुतं सुतोरणं ॥ दूरमस्तदुरितस्तदुत्तरद्वारभूपरिसरे चकार यः
॥ ४६ ॥ संमार्जनाय देवानां कावडीद्वयमंभसः ॥ संमार्जनी जगत्याश्च
कोलिनी प्रतिवासरं ॥ ४७ ॥ कर्त्तव्यमेतदुभयं बटुकेन पटीयसा ॥
स्वमासपादकद्रव्यनैवेद्यान्नोपयोगतः ॥ ४८ ॥ श्रीखंडहेतोः शशिखं-
डमौलिपुरानुकूल्येन मपागकं यः ॥ द्रम्मोश्चकार प्रतिमासमष्टमष्टापदो-
त्सर्गनिसर्गपूतः ॥ ४९ ॥ दातव्यं मालिकश्रेण्या शतपत्रशतद्वयं ॥
नवीनकरवीराणां द्वे सहस्रे च नित्यशः ॥ ५० ॥ घाटी वाहायवा-
टीभ्यो गृहीतुं गुटिकां चकेपरि..... षट्द्रम्मान् मासपाटके ॥ ५१ ॥

माणकद्वितयं चोखा मुद्रानामेकमाणकं ॥ घृतं कर्षाश्च चत्वारस्तैलं दीपाय तादृशं ॥ ५२ ॥ जात्यानि पंचपूगानि स्थितको स्थितिशालिना ॥ कोष्टगारगुणज्ञेन प्रत्यहं येन चक्रिरे ॥ ५३ ॥ युग्मं । इहैव धूपवेलार्थं गुग्गुलस्य मणद्वयं ॥ यः पुण्येषु समासक्तः प्रतिमासमकारयत् ॥ ५४ ॥ समानीय च पंचाशत् पत्राणि फणिवीरुधां ॥ मेहरेण प्रदेयानि नित्यं वीटकहेतवे ॥ ५५ ॥ पशुपालजने देयं धर्मस्थानोपहारकं ॥ बद्धं श्री.....कोष्टागारादानीय दातव्यं ॥ ५६ ॥ चोखाभाणकमेकं निर्वापेयस्त्रीकाद्वयं ॥ मुद्रा नित्यं घृतं कर्षौ द्वाविति पशुपालाय दातव्यं ॥ ५७ ॥ इहैव खलु दातव्यं नित्यं नैवेद्यहेतवे ॥ ततस्तदन्नं बटुना पचनीयं प्रयत्नतः ॥ ५८ ॥ पशुपालेन संकल्प्य तन्निवेशं सवीटके ॥ बटुकाय प्रदातव्यं.....विधायिने ॥ ५९ ॥ मंडपिकाया स्थितके चातुर्जातकशासनात् ॥ प्रत्यहं यः सतां सीमाद्रम्ममेकमकारयत् ॥ ६० ॥ अत्रैव कारयामास.....मुदारधीः ॥ स्थितके यो नवद्रम्मान् बटुकग्रासहेतवे ॥ ६१ ॥ पूजामप्रतिमां कर्तुं प्रतिमासमुपेयुषः ॥ देया पंचदशद्रम्मा पशुपालस्य धातवः ॥ ६२ ॥ चातुर्जातकपादानां यः संमीलितपोतके ॥ ततः पंचदशद्रम्मान् प्रतिमासं न्यधत्त यः ॥ ६३ ॥ हट्टानि च विशिष्टानि त्रीणि प्रीणीतमानसः ॥ चातुर्जातकपादेभ्यो वित्तेनादाय दत्तवान् ॥ ६४ ॥ तेषां मध्यादुत्तमं हट्टमेकं देवश्रद्धामालिनामालिकेभ्यः ॥ नित्यं पूजापुष्पजातोपहारैः श्रीमच्चातुर्जातकेन प्रदत्तं ॥ ६५ ॥ चैत्रीमहे भाद्रपदीमहे च पवित्रकं विस्तरणं च कर्तुं ॥ महाजनोपि प्रतिहट्टमेकं द्रम्मं विशेषस्थितके चकार ॥ ६६ ॥ कोष्टागारेण पूगानि मेहरेण दलानि च ॥ शिवरात्रौ प्रदेयानि चातुर्जातकवीटके ॥ ६७ ॥ श्रीसोमनाथप्रभुराजपाटिका त्रये त्रिभिर्हट्टवणिग्भिरात्मनाम् ॥ सप्तालिकेराणि युगाश्च कोमला सदा विधेयानि विशुद्धबुद्धिभिः ॥ ६८ ॥ अमूनि सोमेश्वरदेवरीत्या प्रपूज्य पंचायतनानि पूर्ववत् ॥ अनेन पशुपालकेन श्रीदेवपाल्यामधिरोहणीयं ॥ ६९ ॥ चैत्री

भाद्रपदी भग्नपतितोद्धारहेतवे ॥ चातुर्जातकपादेस्यो धर्मस्थानमदत्त यः ॥ ७० ॥ स्वोपार्जितेन शुचिना विभवेन धर्मस्थानं च शासनमिदं च विनिर्ममे यः ॥ तेनास्य कीर्त्तननिबद्धयशःपताकाराकामृगांकधवलाकृतिरुल्लास ॥ ७१ ॥ श्रीगंडराणकबृहस्पतिकीर्त्तनस्य सारंगभूपतिसरस्तटभूषणस्य ॥ यः श्रीविलासगृहमायतनस्य मध्ये स्वात्मीयदेवकुलिकां रचयांचकार ॥ ७२ ॥ तादृक्विशेषशुचिताधिगमाय संतश्चित्तेषु बिभ्रति यदीयगुणानजस्रम् ॥ पुष्यंति सिंधुतनयाहृदयाधिनाथनाभीसरोरुहमृणालसनाभितां ये ॥ ७३ ॥ निर्व्याजभक्तिरसवासितविश्वनाथमाबिभ्रतः सरिदिवातिगभीरमंतः ॥ एतस्य शारदतुषारमयूखलेखानिःकल्मषाणि चरितानि जगत् पुनंति ॥ ७४ ॥ सोमार्कवक्त्रशशिमंडलतो निपीय पीयूषबद्धसखितानि सुभाषितानि ॥ एषा प्रशस्तिरनवद्यपदार्थबंधा धंधात्मजेन विदधे धरणीधरेण ॥ ७५ ॥ एनां लिलेख मंत्री विक्रम इति पूर्णसिंहतनुजन्मा ॥ उदटंकयदथ शिल्पी नाहडतनयश्च पूनसिंह इति ॥ ७६ ॥ श्रीनृपविक्रमसं १३४३ वर्षे माघशुदि ५ सोमे लिंगप्रतिष्ठामहोत्सवः समजनि ॥

APPENDICE II.

A inscripção de Somnath-Patane existente em Cintra.

Traducção em guzerathe pelo panditta de Diu Irgy Ramgy.

ॐ शिवने नमन करुं छुं ॥ आत्मज्ञानि महात्मा लोकोना हृदयमां रीया ने चैतन्यरूप परमात्माने समाधिकरी जुवे छे ते बालस्वरूपी श्वेतकिरणोथि शोभता परमात्मा तमारा मनना संतापने दूर करो १ पार्वतीना हृदयभागमां रहेल कस्तूरीयुक्त पत्रावलीरूप कमलशय्यामां जेनो हस्त रिहेलछे अने चंद्रमानि कलाये करी जेना मस्तकनो भाग शोभे छे ते शंकर महादेव तमारां कल्याण हमेशा करो २ ते गणपति देव तमने सुखसंपत्ति घणी आपो ते देव केवा के त्रण लोकमां मंगलरूप एवा अने महादेवना पुत्र अने एक दांतनी शोभाथी जेनुं मुख शोभेछे ने कपर्दीने आनंददायक छे अने सकल विघ्नहरनार सुख करो ३ सर्व राजाना मुकुटमणीने जय करनार एवा श्री विश्वमल्ल नामथी प्रसिद्ध अने चौलुक्य वंशना भूषणरूप थिया जेनुं खड्ग बे धारनुं छता शत्रुवर्ग शोधारवारुं संग्राममां मानतो हवो ४ घणा मजबूत एवा शत्रु राजायोने मूलमांथी वज्र जेवा पोताना भुजे करी उखेडी नाखनार अने सकल तत्त्वनुं एकधाम ने जगत्नो एक स्वामी ते राज

नारायण एवे नामे थियो ५ ए राज नारायण नामे राजा थिआ तेमा श्री वैद्यनाथ शंकर पोते सर्व क्षत्रिकुलमां भूषण एवा तेनेविषे सर्व जगत्ना तापने मटाडवासारू पोताना आत्मानी कला जे अंश तेने तेमां राखता हवा पोते शत्रुना हृदयने कंपावनारा ते राज्यनुं रक्षण यथान्याय करता हवा ६ ते राजानी स्त्री नागलदेवी एवे नामे थई जेम जयलक्ष्मी पोताना देहसाथे बंधाई रही छे तेम ते स्त्री स्नेहथी बंधायेली रही जेम पोतानी कांतिये करी चंद्रमां शोभे छे तेम शोभती हवी ७ सर्व दिशामां जेनो भुजप्रताप व्यापी रहो छे अने प्रतापमल्ल नामे पोताना मोठा भाई छे अने आ नाना भाई राजनारायण नामे छे ते पोताना पराक्रमना उत्कर्षरसना अतिरेकथी आ सर्व पृथ्वी एकछत्र छे एवी रीते राज भोगवतो हवो ८ ते श्री विश्वमल्ल पोते पोताना राजमां मोटा भाई प्रतापमल्लना पुत्र नामे अर्जुनदेव ने राजगादिये बेशाडीने पोते स्वर्गनी स्त्रीना अधरामृतपान करवा गीया ९ ते अर्जुनदेव नामे राजा पूर्णीमाना चंद्र समान अने मोटा सद्गुणोये करी शोभतो अने दामोदर श्रीकृष्णनो जाणे अंश होय तेम मोटा पराक्रमे करी युक्त अने सर्व राजाना मस्तकमणी ते आ पृथ्वीने कामदुघानी पेठे दोतो हवो १० सर्व शत्रुनो नाश करनार आ अर्जुनदेव राजा आ पृथ्वीमंडलने पोताना हाथतळे करीने अने दानेकरी कल्पवृक्षने पण मंद करनार अने चक्रधर विष्णुनो अवतार होय तेम पोताना ते ते उदार चरित्रोये करीने प्रजानुं रक्षण करतो हवो ११ ते अर्जुनदेवराजानो पुत्र सांङ्गदेव नामे साक्षात् परमात्मा सारंगधरना जेवुं जेनुं सामर्थ्य छे अने गुजरातनी राजलक्ष्मीना संभोगसुखथी जेनुं मन सदाय आनंदमय छे ते पृथ्वी ने समुद्रमां संग्राम करी सर्वनो जय करनार थयो १२ जे सारंगदेव युद्धमां मालवेश्वरने पोताना बलेकरी जीततो हवो. जेम गरुडपक्षीये गजने अने कछपने जीत्या तेम १३ ते पछी तेज वंशमां भट्टारक शील नामे वज्र जेवी जेनी मूर्त्ति छे अने तपःक्रियाना फलने

देनार एवा आ विश्वना अनुग्रहसारु पोते साक्षात् महादेव अवतरता हवा १४ ब्रह्माना च्यार पुत्रो पोताना पिताना शापथकी घूडना अवतारने पाम्या अने लाट देशमां कारोहण भूमिमां जई वस्या १५ ते पछी तेज च्यार ब्रह्माना पुत्रो पाशुपतव्रत (१) नी चर्या करनारा ते राजानी सभामां कुशीक गार्ग्य कौरुष मैत्रेय एवे नामे थ्या १६ ते पछी ते तपस्वियोना जन्म होवाथी च्यार जाति थई ने च्यार समुद्रोथी शोभती पृथ्वीने शोभावता हवा १७ ते महात्माओना वंशे करीने ते राजमां मोटो वैभव वृद्धि पाम्यो.....(२)१८ ते पछी ते च्यारमां गार्ग्येय गोत्र जे थिउं तेमां मोटा भूषणरूप ने सर्व राजानो अधिपति कार्तिकराशि नामे राजा थियो ते मूर्त्तिमान् तपश्चर्यानो पुंज जाणे होय नी अने आश्रित जनोना पापमात्रने पोतानी दृष्टिये करी हरनार थियो १९ ते राजानी पासे पोताना चित्कमलनी आकृतिये करी ईश्वरावतार रूप महा दयालु अने पोताना पदन्यासे करी तीर्थने पण पवित्र करनार अने पोतानी आकृतिथी पण पवित्र करनार एवा वाल्मीकी राशी आव्या २० ते वाल्मीकी राशिये अनुग्रह करी कउं के तमे मारी समान छो ने सत्पुरुषोने बोध करनार तपोधन युवा साक्षात् त्रिपुरांतक (३) छो जे महात्माना हस्तकमले करी पथर छे तेपण तेना स्पर्शथी प्रतिष्ठित देव थाय छे २१ ते वाल्मीकी राशि पोतानो शिष्य जेनुं सुंदर नाम छे तेने तमे साक्षात् त्रिपुरांतक छो एम कही पछी तीर्थयात्राना निमित्ते करीने च्यार दिशाने पवित्र करता हवा २२ पहेला जे शंकरदेव सुंदर रूपथी देवदारु वनमां फरता हता त्यां ऋषीलोकोनी स्त्रीयो तेने जोई ते पोतानी ईछा तेमा करत्यु हवी तेथी तेना मनोरथनी सिद्धिसारूं तीर्थाटनमिषे करी त्यां पोते आवता हवा २३ ते पछी समाधियेकरी पवित्र मने करी.....(४) केदारनाथना

---

(१) शिवनुं व्रत. (२) शब्दो खुटे छे. (३) त्रणपुरनो नाश करनार शिवनुं नाम छे., (४) शब्दो खुटे छे.

चरणारविंदनुं पूजन करता हवा २४ त्यां जगत् गुरुपणाथी योगेश्वरने पामी.....(१) आनंदमग्न थिया २५ परस्पर भेगी थाति गंगा अने यमुनाना जलतरंगे करी पवित्र थता प्रयागमां प्राप्त थिया .....(२) २६ ते पछी सत्पुरुषमां प्रदीपरूप ते राजा श्री पर्वतने सर्वत्र प्रदक्षिणा करीने त्यां श्रीमल्लीनाथमहादेवना दर्शन करी कृतार्थ थीया २७ तेपछी विंध्याचलपर्वतनी शीलामां पडता ने अगस्त्य ऋषिना पगलानि मुद्रा चिन्हे करी जे शिलाओ निःपाप थयेल छे ते शिलामां नर्मदा नदीना जलने सेवता हवा २८ गोदावरीना तीरमां विहार करनार वनदेवताना विलोकनथी पोताना आत्माने कृतार्थ करता मार्गना परिश्रमने मटाडता.....(३) २९ तेपछी रामेश्वरने पोताना चित्तमां चिंतवन करता ते राजा लंकाधिप केता रावणनी कालरात्रीना प्रस्थाननो मारग जाणे होयनी तेम सेतुलेखा (४) ते देखता हवा ३० ते पछी त्यांथी श्रीदेवपत्तन (५).....(६) तीर्थमां स्नान करवानी बुद्धिथी जे पश्चिमदिशामां छे त्या सुंदर जघन ने स्तन जेना छे एवी स्त्रीयोना नेत्रकमलथी कृतार्थ थाता त्यां आव्या..... ....(७) ३१ त्यांथी सरस्वतीने समुद्रना संगमथी शोभतुं अने सोमेश्वर महादेवना मस्तकमां रहेल बालचंद्रमानी कांतिये करीने प्रकाशमान प्रभास तेप्रत्ये आवता हवा ३२.....(८) सर्व तीर्थरूप आकृतिने धारण करनारुं सर्व जगत्मां भूषणरूप एवुं ने चंद्रनी कलारूप अलंकार जेने छे एवुं आ प्रभास छे ३३ आ प्रभासमां साक्षत् श्रीमान् गंडबृहस्पति नामे उमाकांत (९) महादेव छे जेनुं छठुं मोटुं मंदिर पार्वतीसहित करता हवा ३४ आ स्थान पोताना एटले रुद्रनां शुभचरित्रोथी शोभतुं जोई घणा आनंदने पाम्या. अने सेवा करनार चातुर्जातकने जोईने पण आनंदमग्न थिया ३५ ते आनंदमग्न थई आ रीते

---

(१),(२),(३) शब्दो खुटे छे. (४) समुद्रमां बांधेली पाज. (५) द्वारका. (६), (७), (८) शब्दो खुटे छे. (९) उमाना स्वामी=शिव.

कहेछे जे प्रभासमां त्रिपुरांतक महादेव छे ते केवा के देवतानि पंक्ति तेना मस्तकमां रहेल मुकुट तेमां जडेल रत्नोनी कांतिये करीने लालित छे चरणकमल जेना अने श्रेष्ठ एवा पोताना चरित्र तेनो जे वैभव तेना निधिरूप जे शंकर तेना गुणनो समुदाय तेनुं वेद पण संपूर्ण रीते वर्णन करी शकता नथी ए शंकर त्यां हमेशा रहेछे ३६ ते राजा विचारे छे के धन केवां छें जेम कामेकरी अधीक जे स्त्री तेना नेत्रनो प्रांतभाग तेनीपठे महाचंचल एवां धन छे एम जाणी पछी महादुःखेकरी पीडित लोकोने ते धन देता हवा. कारण सत्पुरुषोनि संपत्ति शरणे आवेलानी पीडाने हरनारी छे ३७ आ राजानी स्त्री रमानाम्नी होती हवी ते केवी के पुरुषोत्तमना पुत्र कामदेव (१) जे महादेवना क्रोधाग्निथी बळेल छे तेने पाछो अवतार आपवो तेम जाणी ते स्त्रीने लक्ष्मी जेवी सर्व भुवनमां भूषणरूप करता हवा ३८ ते महात्मा राजा तेना महा उज्वल गुणो ते दिशारूपी स्त्रियोना कर्णभूषणपणाने पाम्या ते गुणो केवा के सरस्वती पोते तेना गुणो सांभली प्रसन्न थई माथुं हलावे छे त्यां मस्तकमां रहेल केवडो तेनी पडती रजनी साथे क्रीडा करनारा ३९ श्रीसोमेश्वर मंदिरना उत्तरभागमां मंडपने शोभावाळु जुनु घडीयाळ छे तेनी समीपमां श्रीपंचमुख महादेव स्थानथी शोभतां पांच मंदिर ते राजा पुण्यशाली करता हवा ४० पोतानी माता मोल्हणदेवी तेना कल्याणसारू माल्हणेश्वर महादेवनुं मंदिर करावता हवा सत्पुरुषमां जेनो मोटो महिमा छे एवा ते राजा ४१ गंडबृहस्पति (२) एवे नामे उमापति जे महादेव हता तेनुं मंदिर ते राजा करावता हवा महाकुशल ने सत्ययुगना जेवो जेनो आचार छे तेवा ४२ श्रीबृहस्पतिनी भार्या जे उमा हता जेनुं जन्म वखाणवालायक छे तेनुं मंदिर सत्पुरुषना सीमारूप एवा ते पोताना कल्याणने अर्थे उमेश्वरनुं कराव्युं ४३ तेज स्थानमां पोताने नामे प्रसिद्ध त्रिपुरां-

(१) श्रीकृष्णना पुत्र. (२) शंकरनो अवतार.

तकश्वरे माहादेव अने पोतानी स्त्री रमा छे तेथी रमेश्वर ई प्रकारे प्रसिद्ध सुंदर शोभावारा मंदिरो कराव्या ४४ ते राजा बालेदुमौलि (१) मां जेनुं मन छे एवा पांच मंदिरोना मध्य भागमां गोरक्षकस्थान (२) भैरवनुं मंदिर आंजनेयं (३) सरस्वतीनुं मंदिर (४) सिद्धिविनायकनुं मंदिर (५) ए रीते पांच मंदिरो कराव्यां ४५ ते मंदिरोनी आगल ते राजा पोताना बाहुयुगनो मित्ररूप स्तंभ तेणेकरी युक्त तोरणं (६) उत्तरद्वारनी पृथ्वीनी समीपमां करता हवा ४६ ते सर्व देवने नवरावावा-सारू पाणीनी बें कावड हमेश लावे अने ते सर्व पृथ्वीमां वासीदुं ह-मेश करवा कोलिनी तेम ठराव्युं ४७ (७) ते बे काम करवासारू चतुर बटुकने ठराव्यो तेने जे मासनो पगार ठराव्यो तेमांथी चोथे हीसे धन देवुं ने बाकी नैवेद्य खावाने देवुं ४८ अने सुवर्णना दाने-करी पवित्र एवो राजा ते सर्व मंदिरोमां चंदन करवा ते घसी त्यार करवा प्रतिमासे आठ द्रम्म देवानो ठराव करतो हवो ४९ अने माली लोको त्यां फुल देवा रहेछे तेनी साथे हमेश बशो कमलो ने बे हजार करेणनां फुलो देवा बंदोबस्त कर्यो ५० वाडीथकी फुलो लाववाने घाटीने.....(८) प्रतिमास छ द्रम्म देवा ठराव्या ५१ चोखा बे माणक (९) एक माणक मग अनें च्यार कर्ष घृत (१०) तेटलाज कर्ष दीपसारु तेल ५२ सारा पांच सोपारीआं सर्वे त्यां कोठार छे तेमांथी हमेशां पूजा करनारने देवा ठराव कर्यो ५३ आ सर्व मंदिरोमां हमेशां धूप करवासारु दरमासे बे मण गुग्गुल देवो जे पुण्यमां आश-क्तिवालो राजा आ रीते करतो हवो ५४ त्यां हमेश पानना बीडा धर-वासारू सारा नागरवेलना पान पचास मेहरे देवा ५५ आ धर्मस्था-नना पशुमात्रने सांचवनार माणसने.....(११) कोठारमांथी

---

(१) शंकरनुं नाम. (२) गोरखनाथनुं मंदिर. (३) अंजनीनो पुत्र हनुमान. (४) ब्रह्मानी पुत्री. (५) गणपति. (६) मोटो दरवाजो. (७) कोलंण–कोलीनी स्त्री. (८) आमां शब्दो खुटे छे. (९) माणुं. (१०) बे तोलानुं वजन. (११) शब्दो खुटे छे.

लावी देवुं ५६ चोखा माणक एक.....(१) मुद्रा अने बे कर्ष घृत ए रीते पशुपालने देवुं ५७ आ ठेकाणे निरंतर नैवेद्य सारू ते सर्व देवुं ते पछी ते सर्व नैवद्यनुं अन्न बटुये सारी रीते प्रयत्न करी रांधवुं ५८ तेपछी पशुपाळे नैवद्यनो संकल्प करी ते बधुं बटुकने देवुं.....(२) ५९ ते मंदिरोना मंडपनी चोकी करनार माणसने चातुर्जातकना शासनथी एक द्रम्म हमेशां देवानो ठराव सत्पुरुषना सीमारूप राजा करता हवा ६० ते मंदिरोना स्थानमां रहेनार छोकराने नव द्रम्मनो मासीक पगार उदारबुद्धिवालो ते भूप करी आपतो हवो.....(३) ६१ सारी रीते पूजा करवी ए रीते ठराव करी पूजारीने दरमासे पनर द्रम्म देवा नकी करुं....(४) ६२ चातुर्जातक जनोने अने तेना बालक वर्गने प्रतिमासे पनर द्रम्म देवानो ठराव करता हवा ६३ प्रसन्न छे मन जेनुं एवो ते राजा सारा त्रण हाटणा धन खरची वेंचाथी लई चातुर्जातक पूजा करनाराने देता हवा ६४ ते हाटोमांथी एक सारूं हाटडुं देवमां श्रद्धायेथी शोभता श्रीमान् चातुर्जातक तेणे मालि लोकोने निरंतर पुष्पादि उपहार राखवा आप्युं ६५ चैत्रमासनी पुनम अने भाद्रपदमासनी पुनमना महोत्सवमां मदत करवासारु पवित्र दानतरीके महाजने दरेक हाटणादिठ एक द्रम्म आपवा ठराव करयो ६६ शिवरात्रीना दिवसे चातुर्जातकने कोठारमांथी शोपारी ने मेहरे घीडासारु पान देवां ६७ श्री सोमनाथ प्रभुना त्रण वरघोडा वखते त्रण वणीके शुद्धबुद्धिथी पोताना खर्चे पोताना त्रण हाटडा फुलना हारोथी श्रीफलोथी अने कोमल युगोथी शणगारवा ठराव करयो ६८ आ पांच मंदिरोनी पूजा ते श्री सोमेश्वरदेवनी पूजानी रीतीथी करवी तेपछी पशुपालके देवपाटी उपर चडवुं ६९ चैत्र ने भाद्रपदमासना महोत्सवोमां भागेला ने पडेला भागोने समरावावासारू चातुर्जातकने

---

(१) आ शब्द निर्वाप के नि-नो खरो अर्थ समझातो नथी. (२) शब्दो खुटे छे. (३) शब्दोखुटे छे. (४) शब्दो खुटे छे.

एक धर्मस्थान देतो हवो ७० जे राजा पोते यथान्याय उपार्जित पवित्र पोताना वैभवेकरी आ धर्मस्थान अने तेनुं शासन करतो हवो तेथी तेनुं नाम लेवाथी बंधायेल यशोरूपी पताका पूर्णिमाना चंद्र जेवी श्वेताकृति एवी पताका शोभती हवी ७१ जे राजाये श्री गंडराणक बृहस्पतिनुं यश ज्यां गवायलेआने सारंग भूपतिरूप तरावना तटना भूषणरूप जे मंदिर आवेल छे तेना मध्यमां पोतानी कुलदेवीनुं मंदिर अने विलासग्रह करावता हवा ७२ तेवा विशेष पवित्रतानी प्राप्तिने अर्थे सत्पुरुषो पोताना चित्तनेविषे ते राजाना गुणोने निरंतर धारण करे छे जे गुणोना गानथी लक्ष्मी विष्णु प्रस्न थायछे ७३ निस्कपट भक्तिरसथी वासित श्री विश्वनाथ प्रभुने धारण करनार सचिवलोकसहित ते राजाना चरित्रो शरद ऋतुना चंद्रनी रेखानी पठे दोषरहित एवा ते आ जगत्ने पवित्र करेछे ७४ सोमार्कना मुखरूपी चंद्रमंडळथी अमृतरूपी सारी वाणी निकरेल तेने ग्रहणकरीने धंधानो पुत्र धरणीधरे आ प्रशस्तिनी कविता करी ७५ पूर्णसिंहनो पुत्र विक्रमनामे ते राजानो मंत्री ते अधिकारी हतो ते आ प्रशस्तिने लखतो हवो अने पुनासिंह नामे शिल्पी ने कारीगर नाहडनो पुत्र आ प्रशस्तिने कोंतरतो हवो ७६ श्री नृपविक्रम संवत् १३४३ वर्षे माघशुदि ५ सोमे आ लिंगप्रतिष्ठानो महोत्सव थियो ॥

ADVERTENCIA FINAL

Quando se começou a impressão d'este trabalho, deixámos o governo de Diu e não pudemos, por isso, acompanhar a revisão das provas. Por amavel e penhorante deferencia se encarregou d'ella um bom amigo, a quem tributamos aqui os nossos melhores agradecimentos.

A rapidez da composição motivou algumas incorrecções typographicas que serão resalvadas na CORRIGENDA.

Nova Goa, 4-outubro-906.

O Autor.

CORRIGENDA

Pag.	Lin.	Onde es lê:	Lêa-se:
xv	5	Anhilvara	Anahilvara
3 n. (3)	30	*Geographical India*	*Geographical Index*
6	27	precisos	preciosos
7 n. (2) e (3)	30 e 33	*Gazeteer*	*Gazetteer*
8 n. (1)	18	Parvoti	Parvati
17	31	sandálo	sandalo
	32	Madows	Meadows
24 n. (2)	20	novo	nosso
	23	perdermos	perdemos
» n. (3)	26	castigamos	castigavamos
25 n. (2)	29	um	uns
29	2	Sanrashtra	Saurashtra
30	23	»	»
34	14	nas	nos
39	4	faria	fazia
»	11	Manryas	Mauryas
40 n.	18	Manrya	Maurya
44 n. (3)	31	*foris*	*fóris*
45 n.	22	de	da
47	18	servia	serviu
125	5	*farer*	*fazer*
145 n. (1)	25	Fr. Francisco S. Luiz	Fr. Francisco de S. Luiz
148 n. (3)	32		

As outras erratas são de facil correcção na leitura.

00083135

Digitized with financial assistance from

Hermès India

a project facilitated by the Rotary Club of Bombay

on 10 August, 2018